

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE CONSTRUÍDO E
PATRIMÔNIO SUSTENTÁVEL

Ítalo Monteiro de Oliveira Mariano Gomes

Ampliação da trama historiográfica da Arquitetura Moderna: um olhar nos arquivos de 1940 a 1980, com foco nas edificações verticais no bairro do centro em Maceió/AL

Belo Horizonte

2023

Ítalo Monteiro de Oliveira Mariano Gomes

Ampliação da trama historiográfica da Arquitetura Moderna: um olhar nos arquivos de 1940 a 1980, com foco nas edificações verticais no bairro do centro em Maceió/AL

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, do Programa de pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais.

Linha de pesquisa: Memória e Patrimônio Cultural.

Área de concentração: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Barci Castriota

Belo Horizonte

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

G633a

Gomes, Ítalo Monteiro de Oliveira Mariano.

Ampliação da trama historiográfica da Arquitetura Moderna [manuscrito]
: um olhar nos arquivos de 1940 a 1980, com foco nas edificações verticais
do centro em Maceió/AL / Ítalo Monteiro de Oliveira Mariano Gomes. - 2023.
253f. : il.

Orientador: Leonardo Barci Castriota.

Dissertação (mestrado)– Universidade Federal de Minas Gerais, Escola
de Arquitetura.

1. Arquitetura moderna - Teses. 2. Arquitetura - História - Teses. 3.
Lugares centrais (cidades e vilas) - Teses. 4. Maceió (AL) - Teses. I.
Castriota, Leonardo Barci. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola
de Arquitetura. III. Título.

CDD 724.6



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AMBIENTE CONSTRUÍDO E PATRIMÔNIO SUSTENTÁVEL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"AMPLIAÇÃO DA TRAMA HISTORIOGRÁFICA DA ARQUITETURA MODERNA: Um olhar nos arquivos de 1940 a 1980, com foco nas Edificações Verticais no bairro do Centro em Maceió"

ÍTALO MONTEIRO DE OLIVEIRA MARIANO GOMES

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia **dezenove de dezembro de dois mil e vinte e três**, pela Banca Examinadora designada pelo Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Cristiane Souza Gonçalves

Universidade Presbiteriana Mackenzie/UPM

Prof. Dr. Leonardo Barci Castriota - Orientador

Escola de Arquitetura/UFMG

Profa. Dra. Manuella Marianna Carvalho Rodrigues de Andrade

Universidade Federal do Alagoas/UFAL

Belo Horizonte, 19 de dezembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Manuella Marianna Carvalho Rodrigues de Andrade, Usuário Externo**, em 19/12/2023, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Souza Gonçalves, Usuária Externa**, em 19/12/2023, às 16:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leonardo Barci Castriota, Professor do Magistério Superior**, em 26/12/2023, às 12:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2910902** e o código CRC **857EA2D8**.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001".

Dedico este trabalho à minha Vó, Dona Didi, e à minha Mãe, Leda, fontes fundamentais de inspiração e apoio para a realização desta dissertação. Agradeço por todo suporte e incentivo aos meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Finalizar esta dissertação representa mais do que simplesmente cumprir uma etapa rumo à obtenção do título de mestre. Foi uma longa caminhada que teve seu começo em minha terra natal, Maceió/AL, na qual tive o apoio e a companhia de uma série de pessoas, as quais agradeço.

A todos os amigos e familiares que, por meio de financiamento coletivo, viabilizaram meus estudos, minha mudança de Maceió/AL para Belo Horizonte/MG e proporcionaram suporte nos primeiros meses em uma nova cidade. Um agradecimento especial à Nayo, Alvinho, Paulo, Vanessa, Mari, Thaminy e à Tia Eliene por colaborem com suas obras para a vaquinha.

À minha Vó, Dona Didi, e à minha mãe, Leda, pelo apoio incondicional nesse processo. Mesmo com a saudade apertando o peito, nunca deixaram de me apoiar e acreditar nos meus sonhos. Sou muito grato por tê-las em minha vida.

Ao Adonay, agradeço a paciência, carinho e companheirismo ao longo desses anos. Obrigado por ser meu maior incentivador e encorajador.

À Carol e Lívia, minhas amigas e colegas de apartamento. Foram muitas aventuras vividas juntos no grandíssimo 1104. Agradeço os momentos de desabafos e a ajuda na produção desta dissertação. Morar em outra cidade foi mais fácil tendo vocês como companhia.

Aos amigos feitos na Escola de Arquitetura, em especial os do mestrado, Gabi, Bruna, Giana, Sarah e Caroline. Agradeço os momentos descontraídos que aliviaram a jornada, mesmo nos períodos mais desesperadores.

Aos meus amigos de Maceió/AL, que mesmo distante geograficamente sempre estiveram perto e dando suporte. Em especial às minhas amigas Naka e Paula na ajuda da produção dessa dissertação. Mais uma etapa cumprida para nossa dominação. Aos meus amigos da graduação que permeiam minha vida, em especial, à Maísa, Paula Burgos, Sara e Dani pela amizade e momentos de apoio. E aos meus primos, a amizade constituída dentro do leito familiar, por sempre acreditarem e tornaram minha volta à Maceió/AL mais leve.

À Ana Carolina, agradeço a oportunidade de trabalhar na área de patrimônio e por todos os ensinamentos valiosos que contribuíram para o meu desenvolvimento profissional.

À Rhai e ao Fagner, pois foram peças fundamentais para que eu obtivesse acesso aos arquivos da Prefeitura, agradeço serem companhias divertidas dentro daquela sala cheia de pastas azuis com projetos antigos.

À Lúcia Hidaka, por todo apoio na produção dessa dissertação. Hidaka, que esteve presente em vários momentos da minha vida durante a graduação, e não foi diferente no mestrado. Sua ajuda foi fundamental na elaboração deste trabalho através do seu incentivo a seguir o caminho acadêmico.

Ao orientador Leonardo Castriota, agradeço os momentos de escuta e orientações precisas. Às professoras que constituíram minha banca, professora Cristiane Gonçalves, os comentários atenciosos durante a banca de qualificação e a professora Manuella Mariana, que foi quase como minha coorientadora extraoficial, a quem recorri em inúmeros momentos de confusão com a pesquisa, assim como Hidaka, agradeço o incentivo de ingressar no mundo acadêmico.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela oportunidade e apoio financeiro desta pesquisa. Esse suporte financeiro foi fundamental para realização dos estudos, sem ele teria sido significativamente mais desafiador.

Ao PPG-ACPS, professores e funcionários, a dedicação, em especial à Maria Cristina Villefort Teixeira, agradeço as aulas e encorajamentos à minha pesquisa; À Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) por proporcionar um ensino público, gratuito e de qualidade.

Por fim, agradeço ao Centro de Maceió/AL, por ser parte de mim e das minhas vivências e por toda sua história e arquitetura que foram o motor para essa dissertação.

RESUMO

Na construção da historiografia da arquitetura moderna nacional, a produção maceioense está restrita à apresentação feita por Mindlin (1956), no livro “*Modern Architecture in Brazil*” e à obra da arquiteta maranhense formada pela Escola Nacional de Belas Artes (1945), Lygia Fernandes. Esse cenário foi alterado com a publicação do livro “*Arquitetura Moderna: a atitude alagoana*” de Silva (1991) que abordou pela primeira vez as experiências modernas em Alagoas. Mesmo com o reconhecido esforço de Silva (1991), não houve continuidade nos estudos sobre a produção, deixando lacunas a serem preenchidas. Com isso, a presente dissertação objetiva ampliar o panorama da arquitetura moderna no Centro de Maceió entre 1940 a 1980, tendo como ênfase os exemplares verticais. O recorte no bairro do Centro se justifica pela relevância histórica e cultural e pela construção dos primeiros exemplares modernos na cidade. A definição do recorte advém da própria temporalidade da produção moderna ao longo dos anos 1940 a 1980 e, também, de ampliar o panorama dessa produção em Maceió/AL. Para o desenvolvimento da dissertação, foram tomadas como bases principais o livro de Silva (1991) e os arquivos do setor de aprovação da Prefeitura de Maceió/AL, para, a partir deles, ampliar o panorama da produção moderna em Maceió/AL. Foram levantados, ao todo, 105 exemplares, sendo 86 deles não listados em nenhuma das referências regionais sobre arquitetura moderna. A ênfase aos exemplares verticais decorreu da especificidade do Centro de Maceió/AL, que não é totalmente verticalizado, tornando esses exemplares relevantes na paisagem majoritariamente horizontal e referências da arquitetura moderna. Para melhor apresentá-los, desenvolveram-se critérios de seleção relacionados à volumetria, sendo a expressão na paisagem, ao lugar, ligado a implantação da edificação e seu entorno, e a espacialidade, com descrições sobre setorizações em planta e seus usos.

Palavras-chave: arquitetura moderna; história da arquitetura; Maceió/AL.

ABSTRACT

In the construction of the historiography of national modern architecture, Maceio's production is restricted to the presentation made by Mindlin (1956), in the book "Modern Architecture in Brazil" and to the work of the architect from Maranhão formed by the National School of Fine Arts (1945), Lygia Fernandes. This scenario was changed with the publication of the book "Arquitetura Moderna: An Attitude Alagoana" by Silva (1991), which addressed modern experiences in Alagoas for the first time. Even with the recognized efforts of Silva (1991), there was no continuity in studies on production, leaving gaps to be filled. Therefore, this dissertation aims to expand the panorama of modern architecture in the Center of Maceió between 1940 and 1980, with an emphasis on vertical examples. The focus on the Centro neighborhood is justified by its historical and cultural relevance and the construction of the first modern examples in the city. The definition of the cut comes from the temporality of modern production throughout the years 1940 to 1980 and, also, from expanding the panorama of this production in Maceió/AL. For the development of the dissertation, the main bases were Silva's book (1991) and the files from the approval sector of Maceió/AL City Hall, to, then, expand the panorama of modern production in Maceió/AL. A total of 105 examples were collected, 86 of which were not listed in any of the regional references to modern architecture. The emphasis on vertical examples resulted from the specificity of the Center of Maceió/AL, which is not completely vertical, making these examples relevant in the mostly horizontal landscape and references of modern architecture. To better present them, selection criteria related to volume were developed, being the expression in the landscape, to the place, linked to the construction of the building and its surroundings, and spatiality, with descriptions of sectorizations in the plan and their uses.

Keywords: modern architecture; architectural history; Maceió/AL.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotos da Dona Didi e da sua casa no Centro de Maceió.	25
Figura 2 - Mapa de Maceió, o Loteamento Acauã, o bairro do Centro e a Av. Fernandes lima, principal via que os conecta.....	26
Figura 3 - Rua do Sol com o seu conjunto de Bancos.	28
Figura 4 - Mapa com destaque no bairro do Centro, com suas três zonas de proteção, em específico, a área de atuação na Iniciação Científica.	29
Figura 5 - Mapeamento da arquitetura moderna no Centro de Maceió.....	29
Figura 6 - Multiverso da DC Comics.....	31
Figura 7 - Quantitativo de exemplares no Nordeste nos livros canônicos levantados por Zein (2022).....	32
Figura 8 - Levantamento de exemplares modernos no livro de Mindlin (1956) e Bruand (1981).....	33
Figura 9 - Levantamento de exemplares modernos no livro de Segawa (1998).	34
Figura 10 - Levantamento de exemplares modernos no livro de Bastos e Zein (2011).	35
Figura 11 - Quantitativo de obras levantadas em Silva (1991).....	37
Figura 12 - Rua do Comércio, no Centro de Maceió. Em destaque o Banco da Lavoura (1961).....	37
Figura 13 - Edifícios Sede do IAPETEC (1948), à esquerda, e do IPASE (1947) e IAPETEC (1948), à direita.....	38
Figura 14 - Vista parcial do Centro do Mirante de Santa Teresinha.....	41
Figura 15 - Vista da Lagoa Mundaú para o Centro de Maceió e seus edifícios verticais em 2004.	42
Figura 16 - Projetos listados nas referências, mas não encontrados no Arquivo Público da Prefeitura.....	46
Figura 17 - Croquis referente a elaboração das periodizações.....	49

Figura 18 - Listagem dos "Atores da Experiência Arquitetônica Moderna em Maceió".	60
Figura 19 - Obras listadas por Silva (1991) localizadas em Maceió.....	61
Figura 20 - Mapa da distribuição dos exemplares modernos listados por Silva (1991).	62
Figura 21 - Ordem de apresentação no livro de Silva.	63
Figura 22 - Exemplares verticais destacados por Silva (1991).....	64
Figura 23 - Residência Celso Barros Correia (1952), de Israel Correia e a Residência José Lira, (1952), de Lygia Fernandes.....	656
Figura 24 - Reitoria (1961) e Residência Universitária (196?), projetos de Zélia Maia Nobre.	67
Figura 25 - Projeto de Casa Popular em Taipa de Jofre Saint'Yves Simon e o projeto de casa popular de Acácio Gil Borsói (1963) para Jaboatão/PE.....	68
Figura 26 - Projeto de Restauro Igreja do Bonfim (1950), de Jofre Saint'Yves Simon.	69
Figura 27 - Residências projetadas por Zélia Maia Nobre e não levantadas por Silva (1991)......	70
Figura 28 - Comparações históricas entre as fases da arquitetura moderna.	71
Figura 29 - IPASE-AL (1947) e IAPETEC (1948)......	72
Figura 30 - Banco da Lavoura (1961)......	73
Figura 31 - CEPA (1950)......	73
Figura 32 - Comparação das linhas do tempo em cada referência regional e as obras mais citadas.	76
Figura 33 - Exemplares Modernos listados nas referências regionais.	77
Figura 34 - Vista parcial para de Ponta Verde.....	79
Figura 35 - Mapa com as localizações dos mirantes.....	80
Figura 36 - Mapa de Mornay de Maceió em 1841.....	81
Figura 37 - Carros de Boi na Rua do Comércio, sem data.....	82

Figura 38 - Antiga Boca de Maceió, atual Praça dos Palmares, final do sec. XIX.....	83
Figura 39 - Mapa com indicação da Boca de Maceió e sua conexão com o Porto de Maceió.....	84
Figura 40 - Rua do Comércio na década de 1920.....	85
Figura 41 - Mapa esquemática da ampliação da malha urbana de Maceió.	85
Figura 42 - Praça Sinimbú, local de lazer maceioense, em meados da década de 1910, com o antigo leito do riacho Salgadinho.....	86
Figura 43 - Praça D. Pedro II, em 1917, comemorações do Centenário da Emancipação Política de Alagoas.....	86
Figura 44 - Bangalôs ao longo da Av. Fernandes Lima, entre as décadas de 1920 e 1930.	87
Figura 45 - Vista área do Centro de Maceió, em 1900.....	88
Figura 46 - Vista área do Centro de Maceió, nas proximidades da Praça D. Pedro II, início do século XX.....	88
Figura 47 - Rua do Comércio no começo do século XX, ao fundo, a torre sineira da Igreja do Livramento.....	89
Figura 48 - Trecho do Riacho Salgadinho retificado.	90
Figura 49 - Notícia sobre a retificação do Riacho Salgadinho, na década de 1940. .	90
Figura 50 - Rua do Comércio em 1945, com o Cinearte, um dos mais famosos do bairro, sendo o cinema um dos equipamentos urbanos mais usados entre os anos de 1930 e 1950.	91
Figura 51 - Sede dos Correios e Telégrafos na Rua do Sol, década de 1940.	91
Figura 52 - IPASE-AL (1947).....	92
Figura 53 - IAPTEC (1948).....	923
Figura 54 - Fotos das pranchas do IPASE-AL (1947) e IAPTEC (1948).....	93
Figura 55 - Vista área do Centro, em destaque o Palácio Provincial, onde será construído o IAPTEC (1948) e ao lado direito o IPASE-AL (1947).	94

Figura 56 - Vista aérea do Centro de Maceió, ao centro Praça dos Palmares, ao lado direito, as sedes do IPASE-AL (1947) e IAPETEC (1948) e à esquerda o Hotel Bella Vista, década de 1940.....	95
Figura 57 - Residência Unifamiliar, projeto de Anselmo Botelho em 1956.....	96
Figura 58 - (a) Planta de Situação e (b) Perspectiva da proposta inicial do CEPA, de Diógenes Rebouças e Fernando Machado Leal.	97
Figura 59 - Residências Unifamiliares localizados na Av. Fernandes Lima, década de 1950.	98
Figura 60 - (a) Em destaque, área aterrada do leito Riacho Salgadinho; (b) Residência Unifamiliar projetada por Zélia Maia Nobre na Rua Pedro Monteiro e (c) Residência Unifamiliar.	99
Figura 61 - Rodoviária de Maceió (195?).	100
Figura 62 - Delegacia do IBGE-AL (195?), entre o Beco São José e Rua Boa Vista.	100
Figura 63 - Vista do Parque Hotel ao centro, e o Palacete do Barão de Jaraguá à esquerda, no início da década de 1960.	101
Figura 64 - Primeiro projeto de uma edificação com mais de 6 pavimentos em Maceió em 1967, não construído.....	102
Figura 65 - Vista do Edifício Brêda (1958) da Rua do Livramento.	103
Figura 66 - Vista do Edifício Brêda (1958) do Mirante Santa Terezinha.	104
Figura 67 - Sede do Banco Econômico da Bahia (1960), ao fundo, na Rua do Comércio, década de 1960.	105
Figura 68 - Vista panorâmica do Mirante São Gonçalo para o Oceano Atlântico, à esquerda, o Edifício São Carlos (1961), marcando a paisagem.	105
Figura 69 - Av. Paz e o destaque para a altimetria do Edifício São Carlos (1961)...	106
Figura 70 - Escola de Enfermagem (1960).....	107
Figura 71 - Projeto da Sede da AABB (1960), projeto de Israel Correia.	107
Figura 72 - Clube do Trabalhador (1961).	1077
Figura 73 - Praça Sinimbú reformada na Gestão de Sandoval Cajú.....	109

Figura 74 - Antiga Reitoria da UFAL (1961), projeto de Zélia Maia Nobre.	109
Figura 75 - Antiga Residência Universitária da UFAL, projeto de Zélia Maia Nobre.	110
Figura 76 - Edifício Muniz Falcão (1960).....	110
Figura 77 - Edificação Pública (196?).	111
Figura 78 - Grupo Escolar Fernandes Lima no início do século XX (a) e atualmente (b).....	111
Figura 79 - Vista da Av. Fernandes Lima, na parte alta da cidade, do sentido ao Centro.	112
Figura 80 - Praia de Ponta Verde, litoral norte, na década de 1960.....	113
Figura 81 - Edifício Lagoa-Mar (1964).....	114
Figura 82 - Edifício Santa Izabel (196?).	115
Figura 83 - Vista parcial do mar para o Centro, década de 1960.	115
Figura 84 - Edifício Núbia (1967) à esquerda e Edifício São Carlos (1961) à direita, vistos da Praia da Avenida.....	116
Figura 85 - Construção do Banco do Brasil (1964), Edifício Walmap (1964) e vista da Praça Montepio para os prédios atualmente.....	117
Figura 86 - Banco da Produção visto da Praça D. Pedro II (1965).....	118
Figura 87 - Fachada Principal do projeto Banco de Londres (1967).	119
Figura 88 - Calçada da orla da Praia da Avenida.....	120
Figura 89 - (a)Vista aérea da Indústria Química Brasken e (b) mapa demonstrando a proximidade com o bairro do Centro.	121
Figura 90 - Esquema demonstrando os vetores de crescimento da cidade.....	121
Figura 91 - Edifício Palmares (1970).....	123
Figura 92 - Vista atual da Orla da Praia da Avenida.	123
Figura 93 - Sede IAPSE-AL (1970) no ano de 2023.	124
Figura 94 - Banco do Nordeste (1970).....	126

Figura 95 - Prefeitura de Maceió (197?).....	126
Figura 96 - Mercado Público (1939), atual Mercado do Artesanato.	127
Figura 97 - Maquete do Complexo Comercial do Mercado da Produção (197?). ...	128
Figura 98 - Implantação CEASA (1970).....	128
Figura 99 - Edifício Jangada (1972).	129
Figura 100 - Orla da Pajuçara na década de 1970.....	130
Figura 101 - Maquete do Estádio de Futebol Trapichão "Rei Pele".....	130
Figura 102 - Estádio de Futebol Trapichão "Rei Pelé", com mural de Hércules Mendes.	131
Figura 103 - Hotel Luxor (1973).	132
Figura 104 - Edifício de Escritórios (1973).	133
Figura 105 - Edifício Comercial (1973).....	133
Figura 106 - Agência da Caixa Econômica Federal (1973).....	134
Figura 107 - Mercado Hiper Bompreço (1974).....	135
Figura 108 - Fachada Frontal do Maceió Beira-Mar Hotel (1974).	136
Figura 109 - Edifício Multifamiliar (1973).....	137
Figura 110 - Perspectiva do Edifício São Pedro (1973).	138
Figura 111 - (a) Fachada do Hotel Califórnia (1976) que seria implantado aos fundos da edificação eclética em amarelo (b).....	139
Figura 112 - Edifício de Escritórios (1978).	140
Figura 113 - (a) Fachada do edifício da Telasa (1975) e (b) Casa da Indústria (1979).	141
Figura 114 - Fachada do Centro de Profissionalização SENAC (1975) e situação atual.	142
Figura 115 - Edifício Delmiro Gouveia (1977) atualmente.....	143
Figura 116 - Tribunal Regional Eleitoral (1976).....	144

Figura 117 - Estádio de Futebol Trapichão “Rei Pele” e ao fundo orla lagunar sem ocupação do dique estrada na década de 1970.....	145
Figura 118 - Área do Aterro do Dique Estrada na década de 1970.....	145
Figura 119 - Construção do Conjunto Habitacional Benedito Bentes na década de 1980.	147
Figura 120 - Fachada do Banco Bradesco (1980).....	148
Figura 121 - Banco Farroupilha (1980).	148
Figura 122 - Fachada da Agência Banorte (1981).	149
Figura 123 - Fachada do Barmerindus (1981).....	150
Figura 124 - Fachada da Banespa (1981).....	150
Figura 125 - Fachada do Bando do Noroeste de São Paulo (1982).....	151
Figura 126 - Fachada do Banco Safra (1983).	152
Figura 127 - Agência da Caixa Econômica Federal (1983).....	152
Figura 128 - Banco Itaú (1984).....	153
Figura 129 - Banco Noroeste (1984), atualmente sede do Banco Bradesco.	153
Figura 130 - Lojas Americanas (1983), edificação de esquina.....	154
Figura 131 - Secretaria da Fazenda (1981) antes e depois da reforma.	155
Figura 132 - Fachada do IPASE-AL (1970).....	156
Figura 133 - Hotel Praia das Alagoas (1986-1987).	157
Figura 134 - A verticalidade do Centro (a) com a verticalização do litoral Norte (b), atualmente.....	158
Figura 135 - Fachadas do Empresarial Barão de Penedo (1988).	159
Figura 136 - Diferenças entre a Orla Lagunar (à esquerda) e a Orla Marítima (à direita) de Maceió.....	160
Figura 137 - Grota no bairro Mangabeiras e ao Condomínio Alto das Alamedas. ...	160
Figura 138 - Mapa da ZEP-2 Centro de Maceió.....	161
Figura 139 - Os imóveis históricos.	162

Figura 140 - Vazios urbanos no Centro de Maceió.	163
Figura 141 - Tribunal de Justiça (1997), do arquiteto Mário Aloísio.	164
Figura 142 Edifício do INSS construído na década de 1990, cor marrom à esquerda e o Terra Brasilis à direita.....	164
Figura 143 - Trecho da tabela de sistematização.....	166
Figura 144 - Quantificação de Exemplos Modernos presentes no bairro do Centro, Maceió.....	167
Figura 145 - Quantificações de Usos de cada exemplar por década.....	169
Figura 146 - Quantificação de Profissionais.....	171
Figura 147 - Lista dos profissionais de Arquitetura Moderna.	172
Figura 148 - Localização da origem dos profissionais.....	173
Figura 149 - Levantamento das ruas com exemplares modernos e a quantificação.	175
Figura 150 - Relação Projetos Aprovados x Quantificação de Exemplos Verticais x Altimetria de cada exemplar.....	176
Figura 151 - Mapa de concentrações da arquitetura moderna no Centro de Maceió.	177
Figura 152 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1940.....	179
Figura 153 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1950.....	180
Figura 154 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1960, parte 1/3.....	181
Figura 155 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1960, parte 2/3.....	182
Figura 156 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1960, parte 3/3.....	183
Figura 157 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1970, parte 1/2.....	184
Figura 158 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1970, parte 2/2.....	185
Figura 159 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1980.....	186
Figura 160 - Representação das volumetrias e implantações de cada período.....	188
Figura 161 - Período Gênese (1947-1957).	189

Figura 162 - IAPETEC (1948) e sua implantação.	190
Figura 163 - IAPETC (1948).....	190
Figura 164 - Destaque aos brises e cobogós no projeto.	191
Figura 165 - Colunas do térreo do IAPETC (1948).	191
Figura 166 - Detalhes da fachada.	192
Figura 167 - Pavimento Coberto do IAPETC (1948).	193
Figura 168 - Fachada posterior do IAPETEC (1948), atualmente.	193
Figura 169: IAPTEC (1948) e IPASE (1947), respectivamente, no início década de 1950.	194
Figura 170 - Planta Térreo e do Pavimento Tipo do IPATEC (1948).	195
Figura 171 - PERÍODO DIVERSIDADE DE SÓLIDOS (1958 – 1970), parte 1/2. ...	197
Figura 172 - PERÍODO DIVERSIDADE DE SÓLIDOS (1958 – 1970), parte 2/2. ...	198
Figura 173 - Banco do Brasil (1964) e sua implantação.....	199
Figura 174 - Volumetria do Banco do Brasil (1964), atualmente. À direita, a agência em 2012.	200
Figura 175 - Vista do Mirante Santa Teresinha para o Banco do Brasil (1964), década de 1970.	200
Figura 176 - Pavimento Cobertura do Banco do Brasil (1964).....	201
Figura 177 - Implantação do Banco do Brasil (1964).	201
Figura 178 - Vista da Rua do Livramento e à direita o Banco do Brasil (1964).	202
Figura 179 - Planta do Pavimento Térreo e Pavimento Tipo.....	203
Figura 180 - Corte.	203
Figura 181 - Banco da Produção (1965) e sua implantação.	204
Figura 182 - Banco da Produção na década de 1960.	205
Figura 183 - Volumetria do Banco da Produção (1964).	206
Figura 184 - Recorte na volumetria do Banco da Produção (1965).	206

Figura 185 - Vista da Catedral Metropolitana de Maceió para o seu entorno, em destaque o Parque Hotel (1957) e o Banco da Produção (1965).....	207
Figura 186 - Planta térrea, pavimento tipo e pavimento coberta do Banco da Produção (1965).....	208
Figura 187 - Edifício Núbia (1967) e sua implantação.....	209
Figura 188 - Corte do Edifício Núbia (1967).....	209
Figura 189 - Fachadas do Edifício Núbia (1967).....	210
Figura 190 - Corte da Edifício Núbia (1967).....	210
Figura 191 - Edifício Núbia (1967) e sua implantação.....	211
Figura 192 - Planta baixa do 1º andar.....	212
Figura 193 - Planta do Pavimento tipo.....	213
Figura 194 - PERÍODO VARIAÇÃO E PONTUAÇÃO (1970 – 1988), parte 1/3.....	215
Figura 195 - PERÍODO VARIAÇÃO E PONTUAÇÃO (1970 – 1988), parte 2/3.....	216
Figura 196 - PERÍODO VARIAÇÃO E PONTUAÇÃO (1970 – 1988), parte 3/3.....	217
Figura 197 - IPASE-AL (19870) e sua implantação.....	218
Figura 198 - IPASE-AL (1970), com destaque a sua volumetria.....	218
Figura 199 - Volumetria do pavimento térreo do IPASE-AL (1970).....	219
Figura 200 - Fachada dos pavimentos superiores.....	219
Figura 201 -Fachada posterior IPASE-AL (1970).....	220
Figura 202 - Pavimento cobertura do IPASE-AL (1970).....	220
Figura 203 - Implantação do IPASE-AL (1970).....	221
Figura 204 - Entorno da Rua Cincinato Pinto, em destaque o IPASE-AL (1970) e IPASE-AL CLÍNICAS (1985).....	221
Figura 205 - Planta do pavimento térreo.....	222
Figura 206 - Corte com destaque ao terraço do primeiro andar.....	222
Figura 207 - Pavimento tipo.....	223
Figura 208 - Corte com a área do auditório no 7º andar.....	223

Figura 209 - Pavimento cobertura.....	223
Figura 210 - Secretaria da Fazenda (1981) e sua implantação.....	224
Figura 211 - Fachada Noroeste da Secretaria da Fazenda (1981).	225
Figura 212 - Volumetria da Secretaria da Fazenda (1981).	225
Figura 213 - Entorno da Praça dos Martírios.....	226
Figura 214 - Planta do pavimento térreo.	227
Figura 215 - Planta do primeiro pavimento.....	227
Figura 216 - Planta pavimento tipo.....	228
Figura 217 - Pavimento cobertura.....	228
Figura 218 - Empresarial Barão de Penedo (1988).....	229
Figura 219 - Volumetria do Empresarial Barão de Penedo (1988).....	229
Figura 220 - Aberturas e Revestimento das Fachadas.	230
Figura 221 - Afastamentos dos andares superiores do Barão de Penedo (1988)...	231
Figura 222 - Galeria interna do Barão de Penedo (1988).	231
Figura 223 - Planta baixa do pavimento térreo e pavimento tipo.	232
Figura 224 - Detalhe da fachada para locação de caixas de ar-condicionado.	233
Figura 225 - Pavimento cobertura com salão para restaurante.....	233

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APA Arquivo Público de Alagoas

CEASA Centro de Abastecimento

CEE-AL Centro Educacional do Estado de Alagoas, Centro Educacional do Estado de Alagoas

CEPA Centro de Estudos de Pesquisas Aplicadas, Centro de Estudos de Pesquisas Aplicadas

CNPQ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DAC Diretoria de Arquitetura e Construção

Docomomo Documentação e Conservação do Movimento Moderno

IAPTEC Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Estivadores e Transportes de Cargas

IHGAL Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

IPASE Instituto de Previdência e Aposentadoria dos Servidores do Estado

IPASE-AL Instituto de Previdência e Aposentadoria dos Servidores do Estado de Alagoas

LPPM Laboratório de Pesquisa projeto e Memória, Laboratório de Pesquisa projeto e Memória

MAIS Movimento de Ação Integrada Social da Bahia

MISA Museu da Imagem e do Som de Alagoas

PIBIC Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

SENAC Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

TFG Trabalho Final de Graduação

TRE Tribunal Regional Eleitoral

ZEP-2 Zona Especial de Preservação 2 – Centro

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	32
2. CONSTRUÇÃO DO CAMPO HISTORIOGRÁFICO: A ARQUITETURA MODERNA E A “ATITUDE ALAGOANA”	51
2.1 A trama da historiografia da “atitude alagona”	56
3. A REGIÃO MACEIÓ E SEU CENTRO HISTÓRICO	78
3.1 Breves contextos sobre maceió	79
3.2 Década de 1940 a 1960: primeiros sinais, dispersão e experimentação da arquitetura moderna em maceió	89
3.3 Década de 1970: verticalização do centro e mudança do eixo de expansão	120
3.4 Década de 1980 à atualidade: o brutalismo, a estagnação do bairro centro a atualidade do bairro tombado	146
3.5 Sistematização das informações dos arquivos	165
4. AMPLIAÇÃO DA TRAMA DA ARQUITETURA MODERNA: PERIODIZAÇÃO E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA DOS EXEMPLARES MODERNOS NO CENTRO DE MACEIÓ	187
4.1 Período gênese (1947-1957)	188
4.2 Período diversidade de volumetrias (1958 – 1970)	196
4.3 Período variação e pontuação (1970 – 1988)	213
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	235
REFERÊNCIAS	238
ANEXOS	2444

PARA TUDO HÁ UM COMEÇO

O Centro de Maceió, no estado de Alagoas, para mim não é só um objeto de pesquisa desta dissertação. A minha relação com o bairro é algo que vem sendo construído desde quando eu era criança e acredito, que por nada ser por acaso, que isso tenha construído um caminho que me levou a estudá-lo academicamente. Então, como o título já indica, nesta seção irei apresentar como se iniciou meu amor pelo bairro do Centro através da figura da minha Vó e, em seguida, com os estudos dentro da FAU-UFAL.

A casa da minha Vó, a 10 minutos do comércio¹, é um ponto “central” para minha família, torna-se um potencial ponto de encontro. Até hoje a minha família utiliza a casa da minha vó como um “pit-stop” e depois ir as compras ou “resolver umas coisas” no comércio, que é como nos expressamos quando vamos solucionar alguma pendência burocrática no bairro, seja em agência bancária, cartório ou até consulta médica, por exemplo.

O nome do bairro já indica muito da sua importância para a cidade. O Centro é uma das principais centralidades de Maceió e, com certeza, a principal para minha família porque, além de ser a região onde estão agências bancárias, sedes institucionais e a importante região comercial com suas lojas, no bairro há a casa da minha Vó, ponto de “central” de toda a família. Minha Vó, Dona Didi, reside no bairro desde 1960 numa casa geminada com fachada revestida por azulejos coloridos e platibanda reta. Durante os levantamentos na prefeitura para esta dissertação encontrei o projeto da casa construída por meio avô, datado de 1966 (ver FIGURA 1).

Maceió apresenta uma característica geográfica, baseada no seu relevo, que a divide em duas partes, de forma geral, a região de planícies (parte baixa), próxima ao mar e a lagoa, e o tabuleiro (parte alta) que será melhor apresentado nos capítulos seguintes. O Centro e a região de praias estão situados na parte baixa, enquanto as maiores áreas e loteamentos residenciais estão na parte alta.

¹ Termo comumente utilizado em Maceió para designar a região comercial do Centro, localizada nas proximidades da Rua do Comércio.

Figura 1 - Fotos da Dona Didi e da sua casa no Centro de Maceió.



Fonte: Acervo Vó Didi (195?), autor (2020) e (2022), Arquivo Público da Prefeitura de Maceió (2022).

Dessa composição natural da cidade, resultou um modo de falar de se localizar próprio aos habitantes de Maceió. Por exemplo, quando estamos na parte alta falamos que vamos “descer” para o Centro. Esse “descer” fez parte da minha vida pois até 2012 morei no Acauã, um loteamento residencial na parte alta da cidade, no bairro Cidade Universitária. E toda vez que íamos “resolver alguma coisa” no Centro, o trajeto era realizado cruzando a cidade pela Av. Fernandes Lima até o bairro.

Esse trajeto por si só era encantador. Era ver, através da janela do carro/ônibus, a paisagem mudar de um loteamento com casas unifamiliares semelhantes entre si, com no máximo dois pavimentos, distribuídos em quadras retangulares para algo diferente. Eu me sentia transportado para uma outra realidade ao chegar ao Centro. Ao descer a Ladeira dos Martírios², eu observava as edificações que saltavam no bairro. Tipos de construções fora do meu cotidiano e que, por estarem em uma paisagem predominantemente horizontal, se destacavam (ver Figura 2).

Figura 2 - Mapa de Maceió, o Loteamento Acauã, o bairro do Centro e a Av. Fernandes Lima, principal via que os conecta.



Fonte: Mapa do Google Earth (2023) e fotos do autor (2022), adaptados e compilados pelo autor.

Eu caminhava pelas ruas tortuosas do bairro olhando para o alto, encantado pelas edificações ecléticas que resistiam às descaracterizações, e mais ainda pelas edificações verticais que para uma criança de eram construções gigantes que tocam

² Av. Moreira e Silva, mais conhecida como Ladeira dos Martírios, conecta a Av. Fernandes Lima, principal avenida da parte alta de Maceió.

o céu. Junto a isso, o que me encantou ainda mais e despertou meu interesse sobre esse lugar chamado Centro, foi a memória viva da minha vó, fonte de relatos e vivências que me faziam reviver o passado do bairro.

Em 2012, me mudei para o bairro³, passei a morar com minha vó e me aproximei ainda mais do bairro, passando a vivenciá-lo e observá-lo com maior frequência. Uma das minhas rotinas, era o observar da minha janela. Essa janela com vista direta para o Edifício Palmares (1970) que, com seus 15 andares, desponta na paisagem marcado por sua estrutura em concreto, atualmente exposta devido a atos de depredação ocorridos em 2015. A edificação fez parte do meu cotidiano sendo até foi objeto de estudo do meu trabalho final de graduação (TFG).

A relação afetiva com o bairro serviu de base para estudos acadêmicos divididos em dois momentos. O primeiro nas pesquisas desenvolvidas ainda como graduando em arquitetura, sob orientação da Profa. Dra. Lúcia Hidaka e o segundo, como colaborador egresso, sob orientação da Profa. Dra. Manuella Marianna.

Sobre o primeiro momento, iniciei como colaborador e passando depois a bolsista de Iniciação Científica⁴ PIBIC-CNPQ (ciclo 2018-2019) em uma pesquisa coordenada pela Profa. Lúcia Hidaka, desenvolvendo estudos sobre os valores e atributos⁵ que conferem significância cultural a Zona Especial de Preservação 2 – Centro (ZEP-2)⁶ (Hidaka; Gomes; Cunha, 2019), área do bairro tombada municipalmente (Maceió, 2005). Nessa pesquisa, obtive o primeiro contato com a temática patrimônio histórico e cultural e, também, com a arquitetura moderna.

Enquanto colaborador, realizei algumas pesquisas sobre os bancos da Rua do Sol, no Centro de Maceió (ver Figura 3) com objetivo de levantar os atributos desses exemplares. Com esse estudo, tive o contato com o trabalho mais relevante sobre

³ Desde então residi no Centro até 2022 quando me mudei para Belo Horizonte/MG para realização do mestrado entre 2022 e 2023.

⁴Iniciação Científica: Significância Cultural da porção sudeste do Setor de Preservação de Entorno Cultural 1. O Plano diretor de Maceió (2006) determina 5 Zonas Especiais de Preservação (ZEP), pelo seu valor histórico e cultural. A ZEP-2 corresponde ao bairro do Centro, sendo subdividida em 3 setores de preservação: o Setor de Preservação Rigorosa 01 (SPR-01), 2 Setores de Preservação de Entorno Cultural (SPE-01 e SPE-02).

⁵ Entende-se característica como as características “materiais, quando não tangíveis, ou não materiais, quando são intangíveis” (HIDAKA, 2011, p.112). No referido trabalho, o foco manteve-se nas características físicas do objeto.

⁶ O Plano Diretor (Maceió, 2005) determina 5 Zonas Especiais de Preservação Cultural (ZEPs), sendo o bairro do Centro uma delas e ainda destaca os bairros do Jaraguá, Bebedouro, Fernão Velho e Pontal da Barra, por sua relevância de interesse cultural para o município.

arquitetura moderna em Maceió e base para esta dissertação, o livro “Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana” de Silva (1991). Além do contato com outras fontes canônicas sobre a temática como o livro de Bruand (1981).

Figura 3 - Rua do Sol com o seu conjunto de Bancos.

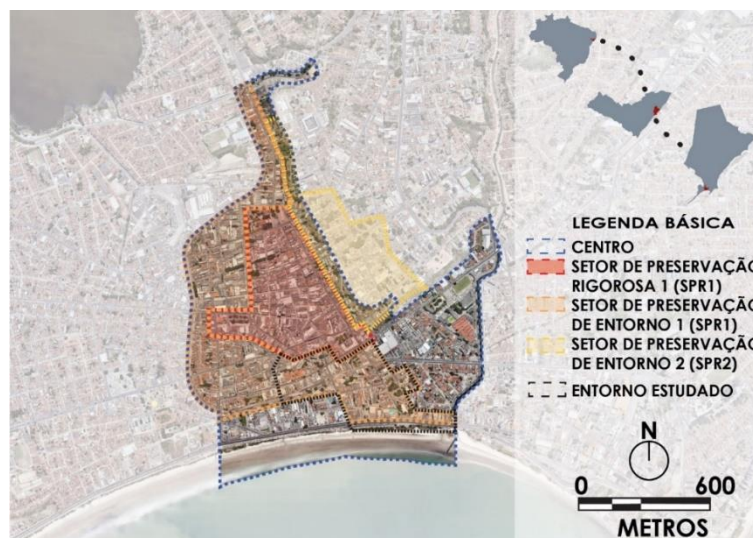


Fonte: Paula Fernandes (2023), adaptado pelo autor.

Durante a iniciação científica, atuei em uma pesquisa maior intitulada “Significação Cultural, Integridade e Autenticidade do Patrimônio Cultural: Estudo sobre a Zona Especial de Preservação 2 – Centro (ZEP-2), em Maceió” (ver Figura 4). Em meio a discussões referentes a significância cultural e das diversas camadas históricas presentes no bairro, foram desenvolvidos trabalhos paralelos à pesquisa, como o levantamento de exemplares modernos no bairro (Gomes; Hidaka, 2018). O resultado desse levantamento foi publicado como resumo expandido no 7º Seminário Docomomo Norte/Nordeste em Manaus-AM. Nele foram listados 66 exemplares dos quais 55 não estavam presente em nenhuma das referências regionais utilizadas⁷ (ver Figura 5). O que ratifica que há lacunas sobre a historiografia da arquitetura moderna em Maceió e que este é um campo a ser explorado. Com a apresentação e ida ao Docomomo Norte/Nordeste, em Manaus-AM, descobri como foi a difusão e diversidade da arquitetura moderna no Brasil, e através disso meu interesse e vontade de estudar essa temática e ampliar o olhar para as produções no Nordeste brasileiro apenas aumentou.

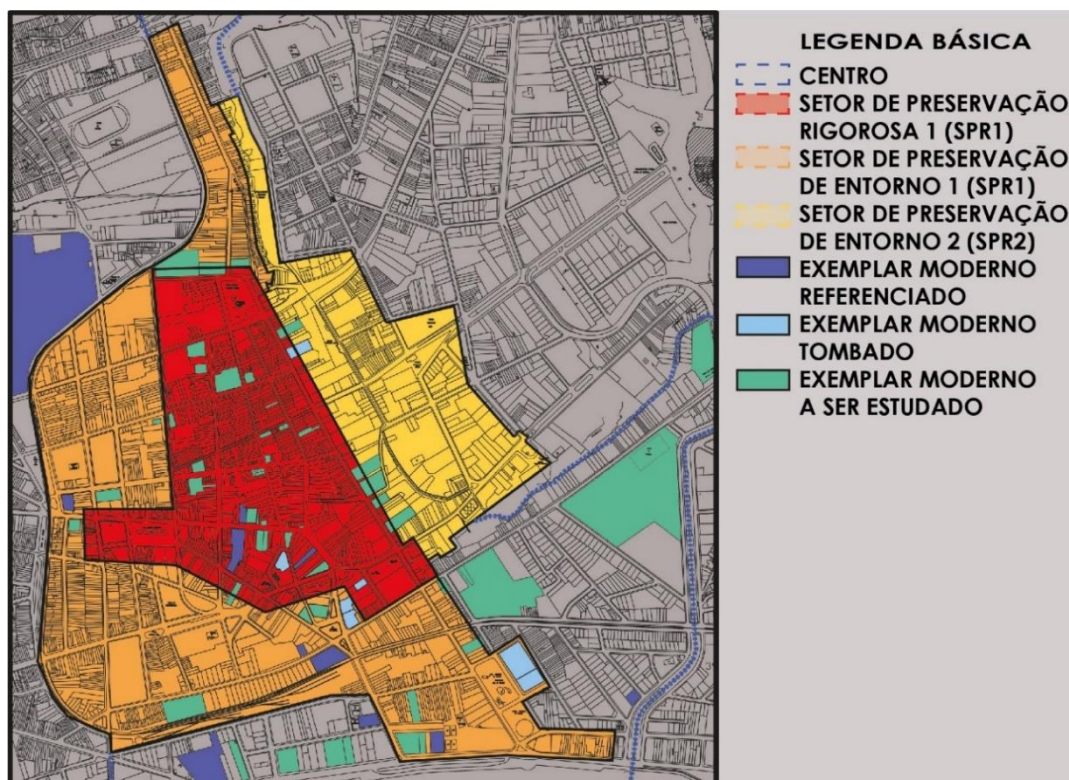
⁷ Silva (1991), Amaral (2009) e Monteiro (2006).

Figura 4 - Mapa com destaque no bairro do Centro, com suas três zonas de proteção, em específico, a área de atuação na Iniciação Científica.



Fonte: Google Earth (2022), adaptado pelo autor.

Figura 5 - Mapeamento da arquitetura moderna no Centro de Maceió.



Fonte: Plano Diretor de Maceió (2005), adaptado pelo autor.

E em um segundo momento, como egresso da UFAL, fui colaborador em uma pesquisa coordenada pela Prof.^a Dr.^a Manuella Marianna intitulada “A Trama Histórica

da Arquitetura Moderna”. O objetivo dessa pesquisa é desvelar possíveis tramas da arquitetura moderna existentes no Nordeste, que não estavam registradas na historiografia arquitetônica nacional, através de investigações em anais dos Docomomos Norte/Nordeste e do Nacional (Andrade; Leão; Rodrigues, 2021). Como colaborador, as minhas atividades foram o levantamento de dissertações e teses com a temática arquitetura moderna e que apresentassem atores e obras do Nordeste. Deve ser destacado que, nesse segundo momento, estávamos em meio a uma pandemia do Covid-19⁸ geridos por um governo que desacreditava da ciência, das universidades e dos próprios perigos de uma pandemia.

Durante essas pesquisas, pude notar que na historiografia da arquitetura moderna no Brasil o foco está em produções localizadas no Eixo Rio-São Paulo, enquanto as produções do Nordeste, mais ainda de Alagoas, seguem sub-representadas. E essa sub-representação é mais um reflexo do desconhecimento do que da qualidade projetual que o Nordeste produziu e/ou recebeu e de não considerar as diferentes interpretações/adaptações dessa arquitetura em outros contextos sociais, econômicos e políticos. E por isso a necessidade de ampliar a trama historiográfica da arquitetura moderna é ainda mais relevante.

Pesquisar a trama historiográfica é como ler um quadrinho da DC Comics⁹ e ver seu conceito do “Multiverso das Múltiplas Terras”. No mundo ficcional da editora, esse conceito é empregado ao designar as várias realidades paralelas que coexistem em um universo maior. Em cada uma dessas realidades, há sua própria linha do tempo, narrativas e variações. Os eventos canônicos acontecem, mas a depender de cada realidade reflete de forma diferente. E dentro desse universo, há os momentos de crise em que a estrutura é repensada, seja para atender as demandas do mercado ou para entender os personagens no olhar de hoje. Assim, numa relação metafórica, a Historiografia da Arquitetura Moderna se faz em múltiplas narrativas a partir dos eventos canônicos com adaptações às realidades regionais e seus contextos (ver FIGURA 6).

⁸ Covid-19 é uma infecção respiratória causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-19) de rápida disseminação e facilmente transmissível, com o primeiro foco em dezembro de 2019, na China. Em fevereiro de 2020, Brasil registra o primeiro caso e em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou uma pandemia causada pela Covid-19.

⁹ Uma das principais editoras de quadrinhos no mundo, tendo como personagens importantes o Superman, Batman, Mulher Maravilha dentre outros.

No começo era apenas um. Uma única infinidade negra... tão fria e escura por tanto tempo... que até a luz brilhante era imperceptível. Mas a luz cresceu, e o infinito estremeceu... e a escuridão finalmente... gritou, tanto de dor quanto de alívio. Pois naquele instante nasceu um multiverso. Um multiverso de mundos vibrando e replicando... e um multiverso que deveria ter sido um, tornou-se muitos. (Crise nas Infinitas Terras, 1986)

Então, em função desses caminhos e relações que foram apresentados, eu construo minha dissertação que parte das lacunas presentes no livro de Silva (1991) e a amplia a partir do bairro do Centro e com foco nas edificações verticais entre os anos de 1940 a 1980.

Figura 6 - Multiverso da DC Comics.



Fonte: DC Comics (2020).

1. INTRODUÇÃO

A historiografia da arquitetura moderna estabeleceu premissas duradouras de leitura da produção arquitetônica dos séculos 20 e 21, conformando narrativas estabelecidas e reiteradas, ou canônicas. Cabe notar que a condição de cânon emana um discurso potente, disseminado por instituições de prestígio, que se estabelece como verdade praticamente indisputada. (Lima, 2022, p. 128)

Em seu texto, Lima (2022) discorre sobre o surgimento dos cânones da arquitetura na força de seu discurso como elementos de referência, como obras exemplares ou de extrema importância que fundamentam aspectos importantes sobre a cultura a que pertencem. E no que se refere ao campo da historiografia da arquitetura moderna brasileira, os cânones consagraram como exemplares as arquiteturas produzidas por ícones cariocas e paulistas. Quanto ao Nordeste Brasileiro, pouco apareceu na construção da história da arquitetura nacional.

A sub-representação do Nordeste na historiografia nacional é um fato apontados por autores do tema como Andrade Junior (2012), Espinoza e Liu (2016) e Naslavsky (2014). Quatro livros canônicos foram selecionados por sua disponibilidade para consulta e quantitativo de exemplares no Nordeste apontados por Zein (2022) (ver Figura 7), são eles: “*Modern Architecture in Brazil*”, Mindlin (1956); “*Arquitetura Contemporânea no Brasil*”, Bruand (1981); “*Arquiteturas no Brasil 1900-1990*”, Segawa (1998) e “*Brasil: arquiteturas após 1950*” Bastos e Zein (2011). Neles é possível observar essa sub-representação da produção moderna nordestina.



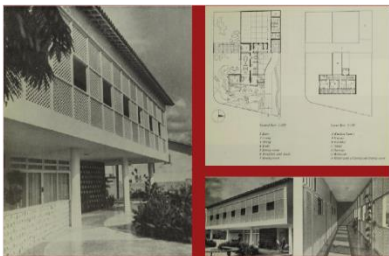
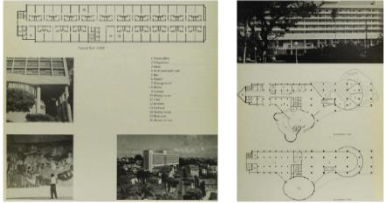



Figura 7 - Quantitativo de exemplares no Nordeste nos livros canônicos levantados por Zein (2022).

	Brazil Builds: Architecture new and old, 1652 - 1942	Latin American Architecture since 1945	Modern Architecture in Brazil	Arquitetura Contemporânea no Brasil	Arquiteturas no Brasil 1900 - 1999	Brasil: arquiteturas após 1950	Latin America in Construction: Architecture 1955 - 1980	Infinito Vãos: 90 anos de arquitetura brasileira
Norte	1	0	0	1	12	12	3	2
Nordeste	5	0	7	13	39	26	4	7
Centro-Oeste	1	0	1	24	12	35	23	9
Sudeste	29	26	142	182	144	160	73	67
Sul	1	1	4	3	46	10	1	3
Exterior	1	1	3	5	10	23	9	4




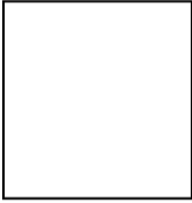

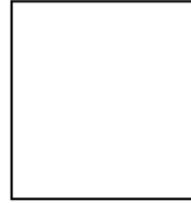




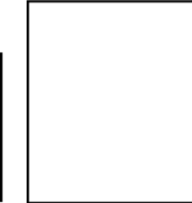


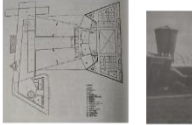



Fonte: Zein (2022), adaptado pelo autor.

Figura 8 - Levantamento de exemplares modernos no livro de Mindlin (1956) e Bruand (1981).

PERÍODO DE AFIRMAÇÃO: 1930 - 1950
Modern Architecture in Brazil - Henrique E. Mindlin
 publicado: 1956

Modern Architecture in Brazil	Projects of historical interest and jobs under construction	PRIVATE HOUSES, APARTMENT BUILDINGS, HOTELS, HOUSING PROJECTS	SCHOOLS, HOSPITALS, RELIGIOUS BUILDINGS, SPORTS AND RECREATION MUSEUMS AND EXHIBITION BUILDINGS	ADMINISTRATION, BUSINESS, INDUSTRY	TRANSPORTATION, CITY PLANNING, LANDSCAPE ARCHITECTURE
 Caixa d'água de Olinda Luiz Nunes e Fernando Saturnino de Brito 1937 Olinda/PE	 Croqui de Perspectiva, Plano para a praça da Independência Burle Marx 1937 João Pessoa/PB	 Casa do Doutor João Paulo de Miranda Neto Lygia Fernandes 1953 Maceió/AL	 Hotel da Bahia Paulo Antunes Ribeiro e Diógenes Rebouças 1951 Salvador/BA	 Edifício Caramuru Paulo Antunes Ribeiro 1946 Salvador/BA	 Croqui de Perspectiva do Jardim da Praça Arthur Oscar Burle Marx 1936 Recife/PE  Jardim da Capela da Joqueira Burle Marx 1954 Recife/PE

PERÍODO DE CONSOLIDAÇÃO: 1950 - 1960
Arquitetura Contemporânea no Brasil - Yves Bruand
 publicado: 1981

INTRODUÇÃO - O Meio Brasileiro e sua Influência sobre a Arquitetura	PRIMEIRA PARTE - De um Eclétismo sem Originalidade à Afirmação Internacional da Nova Arquitetura (1900 - 1945)	SEGUNDA PARTE - A Maturidade da Nova Arquitetura Brasileira: Unidade e Diversidade	TERCEIRA PARTE - Arquitetura e Urbanismo	CONCLUSÃO
 Croqui de Perspectiva, Escola para crianças excepcionais Luis Nunes 1935 Recife/PE  Hospital da Brigada Militar Luis Nunes 1935 - 1937 Recife/PE	 Escola Rural Alberto Torres Luis Nunes 1935 Recife/PE	<div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 15%;">  Edifício Caramuru Paulo Antunes Ribeiro 1946 Salvador/BA </div> <div style="width: 15%;">  restauração Casa Jorge Amado Gilbert Chaves Salvador/BA </div> <div style="width: 15%;">  Agência Banco da Bahia Paulo Antunes Ribeiro 1949-1951 Ilhéus/BA </div> <div style="width: 15%;">  Residência Alfredo Lajes Delfim Amorim 1954 Recife/PE </div> <div style="width: 15%;">  Residência Carlos Augusto Fernandes Delfim Amorim 1964 Recife/PE </div> <div style="width: 15%;">  Edifício Acaica Delfim Amorim 1962-1964 Recife/PE </div> <div style="width: 15%;">  Edifício Santa Rita Delfim Amorim 1962-1964 Recife/PE </div> <div style="width: 15%;">  Seminário Regional do Nordeste Delfim Amorim 1964-1965 </div> </div>	 EPUCS Diógenes Rebouças 1945-1949 Salvador/BA	
		<div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 15%;">  Teatro Castro Alves José Bina Fonyat 1957-1958 Salvador/BA </div> <div style="width: 15%;">  Centro Escolar Carneiro Ribeiro Diógenes Rebouças 1950-1963 Salvador/BA </div> <div style="width: 15%;">  Hotel da Bahia Paulo Antunes Ribeiro e Diógenes Rebouças 1951 Salvador/BA </div> <div style="width: 15%;">  Estação Rodoviária de Salvador, sem foto Diógenes Rebouças 1961-1963 Salvador/BA </div> <div style="width: 15%;">  Centro de Pesquisas do Cacau sem foto Sérgio Bernardes 1964 Itabuna/BA </div> </div>		

Fonte: Mindlin (1956) e Bruand (1981), adaptado pelo autor.

Figura 9 - Levantamento de exemplares modernos no livro de Segawa (1998).

PERÍODO DE DISCUSSÃO E QUESTIONAMENTOS: 1960 - atualidade (?)
Arquiteturas no Brasil 1900-1990 - Hugo Segawa
 publicado: 1988

1. O Brasil em Urbanização 1862 - 1945	4. Modernidade Pragmática 1922 - 1943	5. Modernidade Corrente 1929 - 1945	7. A Afirmação de um Hegemonia 1945 - 1970	8. Episódios de um Brasil Grande e Moderno 1950 - 1980	9. Desarticulação e Rearticulação? 1980 - 1990
Plano Urbanístico para Fortaleza Nestor Figueiredo e Fernando Almeida 1930 Fortaleza/CE		Hospital da Brigada Militar Luiz Nunes e Departamento de Arquitetura e Urbanismo 1935 - 1937 Recife/PE	Residência Cassiano Ribeiro Coutinho Acácio Gil Borsoi 1950 João Pessoa/PB	Terminal de Passageiros do Aeroporto Internacional de Salvador André Sá e Francisco Mota 1984 Salvador/BA	Restauração Mercado Novo Paulo Ormino David 1984 Salvador/BA
Plano Urbanístico para João Pessoa João Pessoa e Fernando Almeida 1930 João Pessoa/PB					
					Restauração da antiga Fábrica Dannemann Paulo Ormino David 1986-1987 São Félix/BA
Plano Urbanístico para Recife Nestor Figueiredo e Fernando Almeida 1930 Recife/PE					
Plano Urbanístico para Cabedelo Nestor Figueiredo e Fernando Almeida 1930 Cabedelo/PB			Plano Urbanístico Campus UFPE Mário Russo 1949 Recife/PE		
Plano Urbanístico para Recife Atilio Correia Lima 1934 Recife/PE		6. Afirmação de uma Escola 1943 - 1960			
			Faculdade de Medicina UFPE Mário Russo 1953 Recife/PE		
EPUCS Mario Leal Ferreira - Salvador/BA			Instituto de Biologia Marítima Mário Russo 1952-1953 Recife/PE		
2. Do Anticolonial ao Neocolonial: A Busca da Modernidade 1880 - 1926			Teatro Castro Alves José Bina Fonyat 1957-1958 Salvador/BA		
3. Modernismo Programático 1917 - 1932			Hotel da Bahia Paulo Antunes Ribeiro e Diógenes Rebouças 1951 Salvador/BA		

Fonte: Segawa (1998), adaptado pelo autor.

Essa sub-representação gerou dois tipos de lacunas. O primeiro tipo se dá na ausência dos exemplares que não são considerados na produção dos livros, já o segundo tipo é quando, ainda que produções nordestinas sejam consideradas, suas descrições são simplórias e escassas em informações, características e detalhes do projeto como imagens e representações técnicas. Nas figuras 8, 9 e 10 estão reunidas e disposta as amostras modernas no Nordeste citadas em cada referencial canônico, utilizando as imagens que foram atribuídas a cada uma, quando disponível. Em vermelho estão destacadas menções a Alagoas.

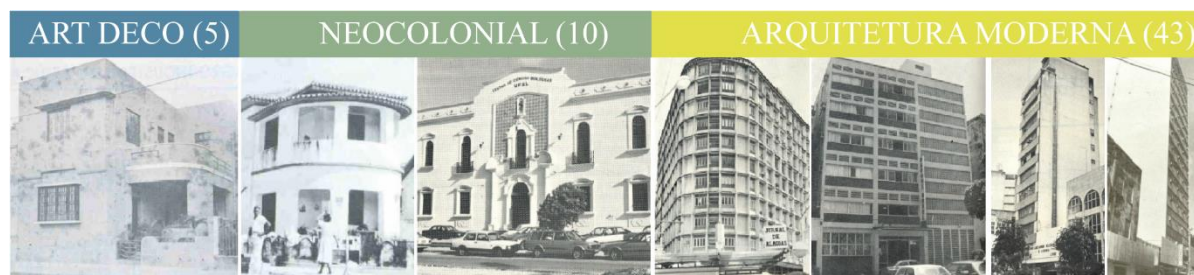
É possível perceber que as cidades do nordeste de maior representação são: Recife (PE), na figura de Luiz Nunes e depois nas figuras de Mário Russo, Delfim Amorim e Acácio Gil Bórsoi; e Salvador (BA), com José Bina Fonyat e em seguida com Lelé e Francisco de Assis Reis. No que se refere a produção alagoana, a presença de Maceió resume-se a obra da arquiteta Lygia Fernandes¹⁰ com a residência do Dr. João Paulo de Miranda Netto, no livro *Modern architecture in Brazil* (Mindlin, 1956), o que deixa de ser uma sub-representação e passa a ser um esquecimento. Esse cenário é alterado apenas em 1991, com a publicação do livro “*Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana*”, da Prof.^a Dr.^a Maria Angélica da Silva, a principal referência sobre arquitetura moderna em Alagoas.

Em seu trabalho pioneiro, Silva (1991) abordou as experiências arquitetônicas modernas, da capital e do interior, considerando os arquitetos, engenheiros e desenhistas como atores da produção moderna. O livro apresentou 58 obras¹¹ construídas na capital, de diferentes tipologias como residências unifamiliares, edifícios multifamiliares e edificações públicas, e também intervenções urbanísticas, abrangendo do neocolonial a arquitetura moderna (ver FIGURA 11). O livro é acompanhado de um levantamento sobre a atuação dos autores dessas obras, suas formações acadêmicas, experiências profissionais, entre outras informações.

¹⁰ Arquiteta modernista maranhense, formada pela Escola Nacional de Belas Artes, tendo projetos construídos em Maceió.

¹¹ Foram considerados apenas os projetos aprovados e construídos.

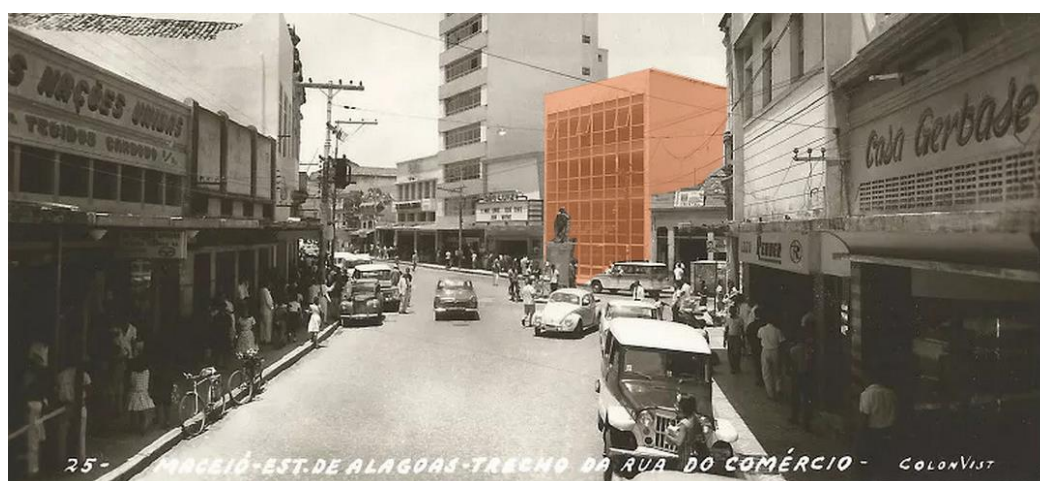
Figura 11 - Quantitativo de obras levantadas em Silva (1991).



Fonte: Silva (1991), adaptado pelo autor.

Com o olhar na “atitude alagoana”, Silva (1991) considera, em sua maioria, as obras realizadas por profissionais com experiência no estado. Um exemplo disso são 4 exemplares modernos que a autora cita ao longo do texto, mas não os aprofunda visto que foram produzidos em outros estados. São eles: da Bahia, o Centro Educacional do Estado de Alagoas (CEE-AL), atual Centro de Estudos de Pesquisas Aplicadas (CEPA), de Diógenes Rebouças e Fernando Machado Leal¹² e de São Paulo, o Banco da Lavoura, de Álvaro Vital Brazil, ambos da década de 1960 (ver FIGURA 12). Além desses exemplares, a autora cita as sedes do IPASE (1947) e IAPETEC (1948), e as qualifica como os primeiros exemplares verticais, mas não os destaca pois seus projetos têm origem no Rio de Janeiro (ver Figura 12).

Figura 12 - Rua do Comércio, no Centro de Maceió. Em destaque o Banco da Lavoura (1961).



Fonte: Maceió Antiga (2022), adaptado pelo autor.

¹² Silva (1991) considera José Bina Fonyat como coautor do projeto, mas este trabalho considerou-se Fernando Machado Leal nesse lugar, pois seguiu as pesquisas de Andrade Junior (2012).

Figura 13 - Edifícios Sede do IAPETEC (1948), à esquerda, e do IPASE (1947) e IAPETEC (1948), à direita.



Fonte: Maceió Antiga (2020).

Um outro ponto a ser comentado é o recorte temporal estabelecido e indicado na contracapa do livro, de 1950 a 1964. Para a autora, esse período de adesão do estado e o momento mais significativo da arquitetura moderna que se encerra em 1964, com a Ditadura Militar (1964 – 1984). Na construção do livro, há exemplares das arquiteturas neocolônias e *art-déco* das décadas de 1930 a 1940. Estes são considerados como ecos da modernidade e foram incluídos por Silva (1991) em sua trama.

O livro “*Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana*” é um grande esforço de Silva (1991) em levantar, documentar e apresentar a arquitetura moderna de Alagoas. A autora reforça a ideia de que a arquitetura moderna não foi um “fenômeno unificado, assume, desde as suas primeiras manifestações, elementos que caracterizam tonalidades regionais” (Silva, 1991, p. 13). Ela compreende que o contexto alagoano foi pouco explorado dentro da historiografia da arquitetura moderna nacional.

Alberto Xavier (1988) pontuou que foram 40 anos sem estudos sobre a arquitetura moderna em Alagoas até a publicação de Silva (1991) em 1991, mas desenvolvido ao longo da década de 1980. Apesar do esforço de Silva (1991) em afirmar a produção moderna alagoana, não houve continuidade nas investigações até a criação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) em 2003.

Dentre as 258 teses e dissertações publicadas no repositório institucional¹³, há apenas três dissertações sobre modernidade (Amaral, 2009; Cassela, 2021; Monteiro, 2006) e recentemente uma tese defendida por Leticia Brayner Ramalho, em 2023, sobre a produção residencial da arquiteta modernista Zélia Maia Nobre. Indicando que a temática arquitetura moderna não é muito explorada dentro do programa.

Ao analisar as produções referente a arquitetura moderna encontradas, percebe-se que não houve ampliação do entendimento da arquitetura moderna na cidade, essas concentram-se, em sua maioria, nos exemplares citados por Silva (1991). Assim como a historiografia canônica deixa lacunas, Silva (1991) também, e a própria autora reconhece isso. Silva (1991) mesmo nos aponta algumas lacunas: 1) considera na sua trama os exemplares projetados pela “atitude alagoana”, ou seja, profissionais que nasceram em Alagoas e/ou exerceram o ofício no estado; 2) o recorte temporal entre 1950 a 1964, que pela proximidade temporal entre pesquisa e obras, não a reconhece como arquitetura moderna os exemplares pós 1964, sem contar, também, as produções na década de 1940. Essas lacunas continuam existindo mesmo em trabalhos mais recentes como os de Amaral (2009) e Cassella (2021).

Consciente dessas lacunas na historiografia da arquitetura moderna em Alagoas e da falta de ampliações de pesquisas sobre a temática, a primeira ação de investigação deste trabalho foi a consulta aos arquivos do setor de aprovação da Prefeitura de Maceió. Sendo esses arquivos a principal fonte para aferição da arquitetura moderna na capital alagoana.

Para dar seguimento à esta pesquisa foi necessário alguns conceitos. O primeiro deles arquitetura moderna. Nesta dissertação considera-se a arquitetura moderna como produção cultural e temporal. Enquanto produção cultural, a arquitetura moderna é uma manifestação que “precisou se adequar aos diversos contextos econômicos, sociais e culturais” (Andrade Junior, 2012, p. 45). Enquanto temporalmente, a arquitetura moderna está dentro do escopo temporal dividida em três fases distintas:

A primeira, que vai da década de 1930 até metade da década de 1940, é a fase pioneira, da luta pela implantação dos ideais modernistas. A segunda fase, que vai da parte final dos anos 1940, até o início dos anos 1960, é o período de consolidação de nossa arquitetura contemporânea, quando ela atinge seu

¹³ Consulta realizada em novembro de 2023.

apogeu, torna-se famosa mundialmente. Finalmente, dos anos 1960 até o momento presente, a arquitetura moderna brasileira perde muito de sua identidade e de seu prestígio no plano internacional. (Konder Netto, 2020, p. 31)

Konder Netto (2020) afirma que há perda de identidade da arquitetura moderna em sua terceira fase, mas, na verdade, esse é o momento de sua maior apropriação e difusão dessa arquitetura. Segundo Freire (2015) a difusão da arquitetura moderna tornou-se um processo intenso durante a década de 1950 e depois da construção de Brasília, na década de 1960.

Por compreender que a arquitetura moderna teve seu início na década de 1930 (Andrade Júnior, 2012; Konder Netto, 2020), as investigações nos arquivos da Prefeitura, também, começaram por essa década. As primeiras pastas dos arquivos encontrados datam de 1936 a 1937, sendo as únicas referentes a década de 1930. Em seguida foram encontradas pastas de 1943 até 1949, os únicos a compreender a década de 1940. Foi apenas nas pastas datadas de 1947 e 1948, que são encontrados os primeiros exemplares modernos, as sedes dos Institutos de Pensões o IPASE-AL (1947) e IAPTEC (1948), dando início ao recorte temporal desta dissertação.

Quanto ao recorte final, este recaiu na década de 1980, pois foi levado em consideração o levantamento de Gomes e Hidaka (2018) que indicou as últimas produções modernas datadas dessa década. Além do recorte temporal estabelecido entre 1940 a 1980, foi considerado que os projetos não deveriam ser limitados a intervenções “fachadistas”, mas projetos nos quais a arquitetura moderna estivesse presente tanto na volumetria como em planta-baixa e funcionalidade. Ao todo, foram levantados 103 projetos de exemplares modernos aprovados e construídos no bairro do Centro, de diversos usos e altimetrias, que representam 58 a mais do que foi levantado nas referências regionais¹⁴.

Tendo em vista a quantidade de exemplares identificados e os vários caminhos aos quais eles poderiam levar, esta dissertação delimitou como foco principal a arquitetura vertical, pois é por meio desses exemplares que a expressão da arquitetura moderna pode ser vista, porque diferente dos centros das grandes capitais brasileiras, o Centro de Maceió não se verticaliza por completo. E quando o processo de verticalização entrou em alta na cidade, em 1980 (Cavalcante, 2014), houve a mudança do vetor de

¹⁴ Considera-se como referências regionais o livro de Silva (1991) e as dissertações.

expansão da cidade para a região do litoral norte e o tombamento do bairro como uma zona de proteção na década de 1990.

Carvalho (2021) destaca a paisagem de Maceió como um elemento distintivo, de “traço marcante” pela sua paisagem natural. Para este estudo, foi considerado o conceito de paisagem histórica urbana adotado pela UNESCO (2016), como “área urbana resultante de camadas históricas de valores culturais e naturais e atributos” (UNESCO, 2016, p. 11, tradução livre) junto ao “traço marcante” da cidade. Um traço visto na topografia da cidade, tendo o Centro construído numa planície entre grandes cursos d’água, como o Oceano Atlântico, a lagoa Mundaú e foz do Riacho MAÇAYÓ, mas principalmente da diferença de nível entre a planície e o tabuleiro da cidade que formam mirantes naturais de onde pode-se observar o bairro (ver Figura 14).

Figura 14 - Vista parcial do Centro do Mirante de Santa Teresinha.



Fonte: Maceió Antiga (2022).

Em um bairro marcado pela horizontalidade, são consideradas verticais edificações de 6 ou mais pavimentos, exemplares perceptíveis na paisagem construída ao longo do tempo. Além disso, dos 45 exemplares listados por Silva (1991), Amaral (2009) e Cassella (2021), apenas 8 possuem mais de 5 pavimentos, o que demonstra a importância de estudar esses exemplares que não foram ainda desvendados.

Figura 15 - Vista da Lagoa Mundaú para o Centro de Maceió e seus edifícios verticais em 2004.



Fonte: Maceió Antiga (2023).

Com isso, essa dissertação tem como objetivo geral ampliar o panorama da arquitetura moderna no Centro de Maceió entre os anos de 1940 a 1980, tendo como ênfase os exemplares verticais. Para isso, os objetivos específicos a serem alcançados são: compreender como se deu a trama historiográfica de Alagoas com base no livro de Silva (1991); apresentar fatos históricos que alimentem a trama da arquitetura moderna de Maceió, com foco no Centro de Maceió; identificar as produções de arquitetura moderna no Centro de Maceió; sistematizar os projetos encontrados no acervo da Prefeitura de Maceió; e, por fim, caracterizar os exemplares verticais de forma a apresentar a riqueza projetual dos exemplares verticais modernos.

Metodologicamente a pesquisa estruturou-se em quatro etapas: 1) Conceitos Base; 2) O Campo Historiográfico e Identificação das Lacunas; 3) Levantamento e Sistematização dos Arquivos; 4) Levantamento Histórico de Maceió; 5) Periodização e Caracterização dos Exemplares Verticais. Ressalta-se que a construção dessas etapas não se deu de forma prévia ou linear, mas por meio do próprio processo investigativo, com conexões e revisões entre as etapas em construção. A exemplo das edificações verticais, no início da pesquisa estas não eram o foco da dissertação, mas, sendo elementos relevantes na paisagem do bairro, esses exemplares acabaram por tornar-se o foco.

A etapa um “Conceitos Base” refere-se ao referencial teórico que subsidiou as definições conceituais que fomentaram o processo da pesquisa. Como visto

anteriormente, para subsidiar o entendimento da arquitetura moderna como produção cultural e dentro de um recorte temporal, foram utilizadas definições apresentadas na tese de doutorado “*Arquitetura Moderna na Bahia, 1947 – 1951: Uma história a contrapelo*”, de Andrade Junior (2012), e no texto “*Setenta e cinco anos de arquitetura moderna brasileira*”, de Konder Netto (2020).

O texto de Veyne (2008), “*Como se escreve a História*”, foi utilizado para contribuir ao entendimento de como se deu a construção do campo historiográfico e tramas, que são construídas por meio de fatos históricos e são descrições parciais de uma realidade, pois passam por um crivo de seleções. E para atender a especificidade do campo arquitetônico, para compreender que as ideias são permeadas de contextos socioeconômicos e são plurais, foi utilizado o texto “*O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos*”, de Waisman (2013). Outro ponto importante, destacado por esses autores, é o entendimento de que a história se constrói a partir do julgamento de valores do presente. A importância desse posicionamento é refletido diretamente nessa dissertação pois entende-se a necessidade de ampliar a trama a partir do entendimento do presente de uma revisão crítica e que compreender que a arquitetura moderna do Centro de Maceió é àquela que foi construída nele, mesmo vindo de outros estados.

A etapa dois de “Campo Historiográfico e Identificação das Lacunas” tem como plano de fundo as referências canônicas, os livros “*Modern Architecture in Brazil*” de Mindlin (1956), “*Arquitetura Contemporânea no Brasil*” de Bruand (1981), “*Arquiteturas do Brasil*” de Segawa (1998) e “*Brasil: arquiteturas após 1950*” de Bastos e Zein (2011), que foram selecionadas com base na disponibilidade de acesso e quantidade de exemplares no Nordeste trazidos de acordo com o levantamento de Zein (2018). Os livros canônicos, também, foram base na definição da arquitetura moderna enquanto produção do início do século até a atualidade.

Para compreender a trama da arquitetura moderna no Centro de Maceió foram utilizados o livro de Silva (1991), “*Arquitetura Moderna – A atitude alagoana*”, e as dissertações de Amaral (2009), “*Expressões Arquitetônicas de Modernidade em Maceió: uma perspectiva de preservação*”, e de Cassella (2021), “*Imagens-memória: narrativas fotográficas da arquitetura moderna de Maceió*”. O livro de Silva (1991) é uma referência sobre a arquitetura moderna em Alagoas, com recorte temporal principal as décadas de 1950 até 1964 e que apresenta alguns exemplares da

arquitetura moderna no Centro, e como dito anteriormente, apresenta lacunas. Enquanto as dissertações de Amaral (2009) e Cassella (2021), mesmo não sendo trabalhos sobre a crítica do campo historiográfico, retratam a arquitetura moderna, com poucas ampliações e, por serem baseado em Silva (1991), que é possível perceber que as lacunas ainda permanecem. Tal fato levou a etapa 3.

Para alimentar um olhar crítico sobre a sub-representação do Nordeste na historiografia e a construção do campo historiográfico, somado às referências da etapa 1, foram utilizados os textos de Guerra (2010), “A Construção de um Campo Historiográfico”, de Naslavsky (2014), “O Nordeste na Historiografia da Arquitetura Moderna Nacional”, de Freire (2015), “Recepção e Difusão da Arquitetura Moderna Brasileira: Uma Abordagem Historiográfica”, de Ossani e Zein (2021), “Fluxos cronológicos na historiografia da arquitetura: Como os manuais históricos guiam os acontecimentos na lógica temporal”, e de Lima (2022), “As fronteiras de civilização: como se criarão os novos cânones da arquitetura?”.

A etapa três consiste no “Levantamento e Sistematização dos Arquivos”. Até o momento da produção dessa pesquisa, o acervo do Geoprocessamento encontra-se de forma física. No primeiro levantamento (Gomes; Hidaka, 2018), os arquivos não estavam sistematizados por data de aprovação, devido as recorrentes mudanças da Secretaria para novas sedes. Apesar da dedicação em manter o arquivo, o corpo técnico não é suficiente para organizá-lo e preservá-lo¹⁵. Tal fato, reverberou nos resultados da busca, foram encontrados apenas 8 projetos, dos 66 levantados em campo, aprovados entre as décadas de 1960 a 1980.

O retorno aos arquivos se deu em 2021¹⁶, com a ideia de iniciar o mestrado e entendendo as dificuldades de acesso ao arquivo, foi decidido antecipar o que fosse possível essa etapa das investigações. Para acessar a essas as plantas dos projetos, foi feito um pedido à Secretaria da relação de projetos encontrados no Centro e em seguida as pranchas foram disponibilizadas para o estudo. A relação entregue

¹⁵ A precariedade da conservação e a má catalogação dos projetos é observada pelo estado das pranchas, com marcas de infiltração e/ou mofo, com dados ilegíveis e até mesmo com insetos prensados entre as folhas. Um período de fortes chuvas afetou o setor de arquivos e ocasionou a perda e danificação das pastas dos projetos e livros de registro.

¹⁶ no momento, ainda passávamos por momentos difíceis com a pandemia, com o início lento da vacinação, existiam restrições de quantidade de pessoal e do controle de visitas.

apresentou inconsistências com as que foram levantadas por Gomes e Hidaka (2018), para isso foi necessário o acesso direto as pastas do arquivo.

Foram realizadas cinco visitas em 2021 e 25 visitas em 2022, averiguadas 431 caixas, um total de 445 projetos revisados em um horário de consulta das 8h às 14h. As caixas estavam organizadas por data de aprovação do projeto, sem separação por bairro, por isso foi necessário ver cada uma das caixas e identificar quais deles são arquitetura moderna e localizados no Centro.

Não ter os arquivos digitalizados e nem a organização em bairros foi uma das principais dificuldades no levantamento, pelo tempo gasto ao examinar os projetos e realizar o registro fotográfico. Na sala em que se encontram as caixas, não há máquina de cópias e o espaço dificultava o registro fotográfico, seja pela iluminação ou pelo tamanho das pranchas que não cabiam nas mesas da sala.

Ao final da revisão das pastas, foi possível constatar a complexidade da produção moderna na capital. Foram identificados 11 usos, sendo os principais: institucionais, bancários, residências unifamiliares e multifamiliares. Dentre os projetos aprovados foram encontrados exemplares de reforma, outros com mais de um projeto para uma mesma edificação, além dos que foram aprovados mas não construídos. Dos que se enquadraram para essa pesquisa, foram identificados 87 projetos de arquitetura moderna no Centro de Maceió.

Ao longo do levantamento, 16 projetos não foram encontrados, esses haviam sido listados nas referências sobre arquitetura moderna e identificados em visitas in loco. Sendo eles 01 – Palácio do Trabalhador (1950) de Jofre Saint'Yves Simon; 02 – Escola Industrial (195?); 03 – Sede INSS (1956); 04 – Rodoviária de Maceió (195?); 05 – Edifício Muniz Falcão (1960) de Jofre Saint'Yves Simon; 06 – Grupo Escolar Fernandes Lima (1964); 07 – Edifício na Praça dos Martírios (196?); 08 – Residência Geraldo Castro (1962) de Zélia Maia Nobre; 09 – Reitoria da UFAL (1963) de Zélia Maia Nobre; 10 - Restaurante Universitário (196?), de Zélia Maia Nobre; 11 - Residência Péricles Neves (1964) de Antônio Ivo de Andrade Lyra; 12 - Complexo Comercial da Levada; 13 - CEASA (1971) de Eládio Diste; 14 - Mercado da Produção (1975); 15 - Caixa Econômica Federal (1973) de Marcílio Mendes; 16 – Sede INSS (1976).

Figura 16 - Projetos listados nas referências, mas não encontrados no Arquivo Público da Prefeitura.



Fonte: 01 – Silva (1991), 02 – IBGE (2015), 03 – INSS (2015), 04 – Maceió Antiga (2022), 05 – Silva (1991), 06 – História de Alagoas (2019), 07 – Gazeta de Alagoas (2021), 08-11 – Silva (1991), 12 – Maceió Antiga (2021), 13 e 14 – História de Alagoas (2017), 15 – Krawctshuk (2011) e 16 – Google Earth (2020).

A etapa quatro “Levantamento Histórico de Maceió” consiste em apresentar a cidade de Maceió com os fatos históricos que a permeiam, tendo como foco o bairro do

Centro. O levantamento histórico alimenta a trama da arquitetura moderna na capital, por isso foram utilizadas tanto as referências sobre arquitetura moderna em Maceió da etapa 2, como teses e dissertações que discorrem sobre a história e o desenvolvimento da cidade. Essas fontes adicionais foram: Costa (1981), “Maceió”, Cavalcanti (1988), “*La production de l’espace à Maceió (1800-1930)*”, Barbosa (2009), “Arquitetura Contemporânea em Maceió (1980 - 2008): uma reflexão crítica”, Alves (2012), “O início da verticalização em Maceió-AL: Um estudo tipológico dos edifícios multifamiliares em altura (1960-1970)”, Japiassú (2015), “Expansão urbana de Maceió, Alagoas: caracterização do processo de crescimento territorial urbano em face do plano de desenvolvimento - de 1980 a 2000”, Carvalho (2021), “Por entre as brechas de desenhos urbanos para o centro de Maceió” e Casado (2022), “A invenção da praia e o viver nas alturas em Maceió”.

Para complementar o rol, foram utilizados levantamentos fotográficos e fotografias antigas da cidade. Os acervos utilizados foram: Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA), do Arquivo Público de Alagoas (APA) e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL). Outras fontes acessadas foram os sites/blogs/redes sociais Maceió Antiga e História de Alagoas, que concentram um acervo de imagens e relatos sobre a cidade. Além disso as visitas *in loco* foram importantes para os registros fotográficos da atualidade e identificação de exemplares além das já referências regionais.

Foi nessa etapa que o impacto visual dos edifícios verticais no bairro do Centro foi percebido, uma vez que o bairro é predominante horizontal. Partiu-se, então, do entendimento de que a paisagem urbana é resultante de camadas históricas (UNESCO, 2016) e que, no caso de Maceió, apresenta um “traço marcante”, a sua topografia. Então, foi por meio das edificações verticais que a arquitetura moderna pôde ser vista e por isso esses exemplares foram apontados como o foco desta dissertação.

A etapa cinco “Periodização e Caracterização dos Exemplares Verticais” parte do entendimento de que para ampliar a trama da arquitetura moderna é necessário o seu reconhecimento por meio de um banco de dados sobre os projetos, que no caso, são as caracterizações dos exemplares. Esta etapa tem como referência a tese “Os edifícios de apartamentos em fortaleza (1935-1986): dos conceitos universais aos exemplos singulares” de Cavalcante (2015). Mesmo não tratando especificamente da

historiografia da arquitetura moderna, Cavalcante (2015) ressalta a importância de agrupar os exemplares de estudo e gerar periodizações, facilitando “o estudo do conjunto arquitetônico e o estabelecimento de um possível aprofundamento de cada um dos períodos”. Cavalcante (2015), ao construir sua periodização, levou em consideração o contexto urbano, com as legislações vigentes, e o arquitetônico, com a incorporação das transformações nos conceitos e na estética das edificações.

A periodização proposta para esta dissertação se baseou nos fatos históricos vividos e, principalmente, em dois critérios arquitetônicos, a Volumetria e o Lugar. A Volumetria é o conjunto de características que da forma ao volume, sendo elas cobertura, vedações, estrutura e escadas/marquises/rampas. O Lugar envolve como a edificação está implantada, o seu entorno e possíveis condicionantes locais que foram utilizadas. Para compreender o exemplar vertical como todo e complementar as descrições, há o agrupamento Espacialidade. Nesse agrupamento, levou-se em consideração o espaço interno da edificação junto ao seu programa de necessidades e zonas.

Ao final, foram distinguidos três períodos: Período Gênese (1947–1957), com os primeiros exemplares verticais no Centro, ainda sem grandes alturas; Período Diversidade dos Sólidos (1958–1970), momento de introdução de construtoras na cidade, e de projetos advindos fora do estado, os exemplares apresentavam grandes altimetrias e diversidade na suas volumetrias; Período Variação e Pontuação (1970–1988), momento de evasão e estagnação do bairro, os exemplares verticais apresentam variação de altimetrias e foram construídos mais pontualmente e dispersos ao longo do território. As datas iniciais e finais são baseadas na data de aprovação dos projetos.

Em todas as etapas foram usadas imagens para contribuir com a contextualização das temáticas abordadas e elaboração de croquis (ver FIGURA 17). Além disso foram desenvolvidos diagramas, tabelas, mapas e desenhos usados como ferramentas para analisar os dados.

Figura 17 - Croquis referente a elaboração das periodizações.



Fonte: Desenhos e fotos do autor (2023).

A dissertação foi dividida em cinco capítulos, o primeiro, a “Introdução”, no qual são apresentados a temática, os objetivos, os materiais e métodos a serem utilizados no desenvolvimento da pesquisa, e o quinto, as “Considerações Finais”, onde se faz o balanço geral do trabalho e se apontam desafios para pesquisas futuras. Os demais capítulos são:

O segundo capítulo, “Construção do Campo Historiográfico: A Arquitetura Moderna e a “Atitude Alagoana”, consiste na análise do livro de Silva (1991), apontado fatos históricos levantados, quantificação de exemplares modernos levantados e a estrutura narrativa adotada no livro e seu reflexo em produções mais recentes, como Amaral (2009) e Cassella (2021).

O terceiro capítulo, “A Região Maceió e seu Centro Histórico”, no qual há o levantamento histórico da cidade de Maceió, com os fatos e momentos que a permearam até a atualidade. Para melhor contextualização dos fatos históricos, o capítulo desenvolveu-se seguindo uma estrutura cronológica por década. Contém

neste capítulo, também, a sistematização dos dados obtidos nos arquivos da Prefeitura, com o levantamento dos exemplares de arquitetura moderna, sua espacialização no bairro, usos, altimetrias, dentre outras análises que contribuíram para construção do panorama da arquitetura moderna no Centro de Maceió.

Por fim, no quarto capítulo, “Ampliação da Trama da Arquitetura Moderna: Periodização e Descrição Arquitetônica dos Exemplares Modernos no Centro de Maceió”, no qual é feita uma ampliação da trama da arquitetura moderna, por meio do recorte dos exemplares verticais, apresentando a produção moderna no Centro de Maceió, acompanhada de uma periodização, das caracterizações das edificações verticais que mais represente os agrupamentos de Volumetria, Lugar e Espacialidade.

2. CONSTRUÇÃO DO CAMPO HISTORIOGRÁFICO: A ARQUITETURA MODERNA E A “ATITUDE ALAGOANA”

Entre a referência remota feita por Henrique Mindlin em seu livro *Modern Architecture in Brazil* àquela residência de Lygia Fernandes, construída em Maceió no início da década de cinquenta e a publicação, em revista especializada, do Terminal Rodoviário da capital alagoana, obra do início da década de 80, transcorre um silêncio de trinta anos. São três décadas sem nenhuma notícia sobre a arquitetura desse estado. O que se fez ou porque nada se fez, nesse longo? À rigor, afora os profissionais desse meio ninguém sabe. (Xavier, 1988, p. 9)

O trecho acima faz parte do prefácio de Alberto Xavier expondo o desconhecimento sobre a produção de arquitetura moderna em Maceió. Na busca por investigar essa produção e preencher a ausência de amostras nordestinas na historiografia da arquitetura moderna, a arquiteta e professora Maria Angélica da Silva lançou sua pesquisa publicada em 1991. A autora apresentou um estudo panorâmico e explorativo do estado de Alagoas, que até o momento da publicação, havia sido mencionado apenas no livro de Mindlin (1956).

Maria Angélica da Silva é professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (FAU - UFAL) e iniciou sua pesquisa sobre arquitetura moderna em Alagoas no ano de 1984 e envolveu alunos de graduação¹⁷. Seu trabalho é um dos mais importantes documentos sobre a temática, e esforça-se para extrapolar as barreiras territoriais (Freire, 2015) e aprofundar o estudo ao coletar informações sobre os profissionais e obras modernas.

O prefácio de Alberto Xavier (1988), reforça a importância da obra de Silva dizendo que ela se enquadrava “plenamente no espírito” e que poderia animar um grupo de outros profissionais ao estudo de obras produzidas nas décadas de 1960 até 1980. Xavier qualifica a pesquisa/investigação de Silva de tal forma a considerar os diversos atores que contribuíram para a trama da modernidade. Ele afirma que “o critério que preside o trabalho é o da qualidade (**mesmo que relativa**) do produto concebido” (Xavier, 1988, pp. 9) e reafirma o papel do “centro do país” como detentor de maior qualidade:

A sensação que fica é a de que arquitetura alagoana – como de visto a de boa parte dos estados nordestinos – **não supera**, no período analisado, **o nível dos exemplares mais modestos**

¹⁷ Segundo Freire (2015), os alunos cursaram a disciplina Arquitetura Brasileira II, sendo das turmas de 1986.2 e 1987.1.

registrados trinta anos antes no centro do país (Xavier, 1988, p. 10).

Segundo Freire (2015), as comparações existentes entre as produções de outras regiões do país com os produtos do Eixo Rio-São Paulo revelam um posicionamento crítico presente ainda na atualidade, que aponta para um entendimento da arquitetura pautado nas suas características e não na concepção da arquitetura moderna como uma manifestação cultural que se adequou aos diversos contextos econômicos, sociais e culturais (Andrade Junior, 2012). Tal fato é apontado por Silva (1991) ao considerar a arquitetura moderna não como um elemento uniforme, mas com tonalidades regionais com diversas tendências:

A arquitetura moderna brasileira, longe de existir enquanto fenômeno unificado, assume, desde as suas primeiras manifestações, elementos que caracterizam suas tonalidades regionais. Assim, dentro da complexidade nacional, surgem diversas tendências como carioca, a paulista, a pernambucana, centros criadores e divulgadores da nova ordem (Silva, 1991, p. 13)

O conteúdo principal do livro é estruturado em sete capítulos que não seguem periodização clara, mas há ordenamento das temáticas dos conceitos sobre a modernidade e a chegada de expressões modernistas na capital alagoana.

O capítulo 1, *O Projeto da Modernidade e seus Tempos*, apresenta como se deu o início da modernidade e os conceitos que a acompanham, como modernização e modernismo, associados à contextualização de alguns eventos históricos como a Revolução Industrial no século XX e a expansão do imperialismo. O capítulo 2, *Modernização e Modernismo no Contexto Nacional*, contextualiza como se deu a experiência moderna no Brasil e destaca as manifestações culturais da Semana de 22, o projeto de Gregori Warchavchik, a Casa da Rua Santa Cruz (1927) em São Paulo, a vinda de Le Corbusier ao Brasil, a construção do Ministério da Educação e Cultural, por Lúcio Costa e equipe, em 1936 e a construção de Brasília.

O Capítulo 3, *As Manifestações da Moderna Cultura Alagoana*, apresenta como se deram as primeiras incursões da modernidade, as ações dos governos conturbados em busca de progresso e desenvolvimento e, também, explana a situação da arquitetura e da cidade de Maceió entre as décadas de 1920 a 1960. Nesse período a cidade se desenvolveu em um meio conservador, dominado pelas oligarquias rurais, com destaque maior para o governo de Arnon de Mello e seu objetivo de “colocar

Alagoas em sintonia com os programas nacionais que pretendem desativar os modelos econômicos arcaicos” (Silva, 1991, p. 32).

O Capítulo 4, *Os Atores da Experiência Arquitetônica Moderna em Maceió*, apresenta os profissionais e projetos que fomentaram a produção moderna na capital alagoana. Destaca-se que, na construção desse capítulo, foram incluídos exemplares neocoloniais e art-decò, e também uma breve biografia de cada um desses profissionais. Foram listados 8 profissionais e 64 obras acompanhadas por breves descrições e fotografias. Além disso, no corpo do texto, é possível observar outros projetos de reforma e adaptação, de escritórios do Sudeste como forma de contribuir na contextualização do cenário moderno da cidade. Silva afirma que o contexto local se afasta da possibilidade de formação de correntes ou gerações: “as obras arquitetônicas são personalizadas, não propriamente no sentido da construção de um estilo pessoal, mas na individualidade da forma de trabalho e de intervenção no contexto social” (Silva, 1991, p. 39).

O Capítulo 5, *Incursões pela Experiência Moderna no Interior de Alagoas*, apresenta a experiência moderna em alguns municípios do interior alagoano, como Penedo, Arapiraca, Palmeira dos Índios, Santana do Ipanema e União dos Palmares. O Capítulo 6, *A via Popular da Atualização da Arquitetura*, traz a apropriação da modernidade, citando as fachadas azulejadas com platibanda e as revitalizações das praças com uma versão populista. No Capítulo 7, *Alguns Componentes de Decoração e Acabamento da Edificação moderna em Alagoas*, há destaque para o mobiliário interno, equipamentos domésticos e materiais que compunham as residências modernas.

O livro de Silva (1991) é uma afirmação sobre a produção alagoana e inaugura o estudo sobre a trama da historiografia da arquitetura moderna no estado, tendo como foco a discussão da produção da arquitetura moderna em Maceió. Essa seção foca no Capítulo 3 e 4 do livro pois se tratam dos que concentram as maiores informações sobre o tema na capital alagoana, como foi construída a trama alagoana, quais critérios, fatos históricos e características que o compõe. Para embasar esse estudo, foram usados dos conceitos aplicados por Paul Veyne (2008), que elabora algumas reflexões sobre como a construção da história não é algo imparcial, e sim construído baseado em certas perspectivas. Para uma análise mais criteriosa que busque o deslocamento do centro hegemônico, foram usados os textos de Marina Waisman

(2013), que propõem a construção da historiografia da arquitetura pautada nos contextos e realidades da América Latina.

O arqueólogo e historiador francês, Paul Veyne (2008, p. 42) diz que o conceito de “trama” corresponde à uma “fatia de vida que o historiador isolou segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa”. Para o autor, é impossível escrever a totalidade da história visto que toda descrição é subjetiva e, portanto, passa por um crivo de seleção. Com isso, entende-se que já que a história é subjetiva, pode-se escolher o que é histórico e a própria história:

Os historiadores narram tramas, que são tantas quantos forem os itinerários traçados livremente por eles, através do campo factual bem objetivo (o qual é divisível até o infinito e não é composto de partículas factuais): nenhum historiador descreve a totalidade desse campo, pois um caminho deve ser escolhido e não pode passar por toda parte; nenhum desses caminhos é o verdadeiro ou é a história. (Veyne, 2008, p. 45)

A construção da historiografia da Arquitetura segue os elementos abordados por Veyne (2008) mas com especificidades do próprio campo arquitetônico. A arquitetura se dá em um contexto socioeconômico, mas, diferente de outros campos de estudos, se materializa e permanece fisicamente por décadas e até séculos, assim ao mesmo tempo que é passado também é presente. Para isso foram utilizados os textos da arquiteta argentina Marina Waisman (2013) que se concentra nas questões da historiografia arquitetônica e dos meios de estudá-las para o *uso latino-americano*.

Para Waisman (2013, p. 13), a história não é uma mera reprodução de acontecimentos ou uma simples narração, é uma sucessão de juízos. A autora afirma que história é feita a partir dos interesses do presente, com instrumentos, concepções e projetos do presente: “a história, portanto, é continuamente reescrita, e a historiografia permite dupla leitura da matéria tratada e da ideologia do momento histórico em que foi estudada” (Waisman, 2013, p. 14). Há um modo tradicional de se fazer história que não nos cabe, não cabe apenas uma linha de relatos históricos, busca-se espaço para novas historicidades, novas tramas, narrativas múltiplas.

Waisman também discorre sobre a caracterização da arquitetura europeia que se baseava em aspectos estilísticos com certa continuidade. Já no contexto da América Latina não é possível obter esse padrão, visto que não ocorreu um desenvolvimento estilístico coerente que permita apresentar uma ideia de continuidade arquitetônica. O que aconteceu foi uma formação arquitetônica baseada em ideias transculturais

“[...] que foram interpretadas, modificadas ou transformadas de acordo com circunstâncias histórico-cultural-tecnológicas locais” (Waisman, 2013, p. 59). O processo de construção histórica e periodização na América Latina é muito mais ligado às condições socioeconômicas na produção arquitetônica que ao valor dos tipos (Waisman, 2013, p. 61).

Ainda tratando sobre as discontinuidades, Waisman (2013, p. 65) aponta que a história da arquitetura latino-americana é constituída pôr discontinuidades, com interrupções em seus processos, “[...] como desgarramentos de tecidos apenas esboçados. Falta o desenvolvimento interno do estilo [...]”. Tal fato conspira contra uma “[...] consolidação das imagens, que não chegam a obter suficiente força na memória social” (Waisman, 2013, p. 65), há desprezo pelo passado e entusiasmo pela modernidade, de modo superficial, numa representação de progresso que resulta em um processo de discontinuidades nas cidades latino-americanas.

Um outro ponto que Waisman (2013) são os conceitos “*Centro/Periferia/Região*”. Em seu texto a autora reforça que a dicotomia entre Centro/Periferia traz uma ideia de dependência, pelo fato do:

[...] o segundo está subordinado ao primeiro, ocupando um lugar acessório. Tudo o que for produzido na periferia será feito dentro do quadro das decisões tomadas pelo centro; na periferia só serão possíveis as decisões de “segundo grau” [...] tomadas dentro do quadro traçado pelos órgãos de decisão de primeiro grau. (Waisman, 2013, p. 94)

Para Waisman (2013) esse modelo aponta para um “*centro*”, detentor da produção cultural, que dita a base do desenvolvimento da “*periferia*” dando a ela um papel de apenas receptora, excluindo a possibilidade de um desenvolvimento próprio de uma arquitetura apropriada à região. E por isso, a autora utiliza em seu texto o conceito de “*região*” para trazer a ideia de situar a produção cultural de cada lugar, com base na “pluralidade de regiões, sistema no qual nenhuma delas exerce a hegemonia” (Waisman, 2013, p. 96). Ao aplicar esse conceito ao Brasil e ao nos debruçarmos sobre a historiografia da arquitetura moderna brasileira, perceberemos a construção do cânone com tramas que marcam o Eixo Rio-São Paulo como o “Centro” detentor e disseminador da arquitetura moderna. Por sua vez, e ao mencionar outros estados brasileiros estes são colocados em uma posição simples de receptor, à margem.

2.1 A trama da historiografia da “atitude alagoana”

No Capítulo 3, *As Manifestações da Moderna Cultura Alagoana*, Silva (1991) contextualiza fatos históricos que possibilitaram o maior desenvolvimento da arquitetura moderna em Maceió. A autora destaca que o projeto de modernização nacional “ganha sentidos particulares à medida que se afasta das capitais e caminha para o imenso interior brasileiro” (Silva, 1991, p. 28), o que reforça a ideia de transculturalidade apontada por Waisman (Waisman, 2013, p. 61) que enriquece a leitura da produção moderna diante de outros contextos.

Neste capítulo Silva (1991) apresenta o paralelo do desenvolvimento do Brasil ao longo das décadas de 1930 a 1950. Enquanto o eixo Rio-São Paulo financiou seu desenvolvimento com o capital industrial e o surgimento de uma classe trabalhadora-operária, em Alagoas a configuração é dominada pela oligarquia rural de expressões conservadoras e de forte repressão política, mas que com o passar do tempo se apropria do capital industrial para financiar a monocultura de cana e suas usinas, enquanto Maceió muda sua aparência lentamente.

No final desta década, a arquitetura urbana continua mantendo seu perfil de morosa horizontalidade, composto pelas chamadas “casas de meia-morada”, interrompido vez por outra por alguns sobrados ou poucos prédios de até quatro pavimentos. As casas de meia morada são residências geminadas, advindas do parcelamento colonial, de lotes profundos e com pequenas testadas. As fachadas, principalmente de prédios públicos, atualizam-se adotando certo estilo de composição geométrica, limpo de maiores decorativismos (Silva, 1991, p. 31)

Ou seja, Maceió está incluída no momento do processo de modernização nacional iniciado na década de 1930 com seus primeiros reflexos na “limpeza de elementos decorativos” das fachadas incluindo, também, a construção de residências unifamiliares, os bangalôs com características neocoloniais, estilo adotado pela elite alagoana ao longo da década de 1930 e 1940 (Silva, 1991, p. 31). O “surgimento” dos bangalôs na cidade coincide com o momento vivido no Brasil na 1ª geração moderna, de luta academicista entre os neocolonialistas e os modernistas na decisão de qual seria o estilo da identidade nacional brasileira (Amaral, 2009).

Dentro desse contexto, formou-se Manoel Messias Gusmão, colega de turma de Oscar Niemeyer (Silva, 1991), único arquiteto da cidade e que atuou na corrente neocolonial. Um olhar cronológico leva a crer que Maceió respondeu com certo atraso

à modernização¹⁸ vigente no Brasil. Mas, ao ampliarmos o olhar, é possível perceber que a cidade estava inserida dentro do grande momento de modernização, seguindo realidade e contextos sociais e econômicos próprios.

Silva (1991) lista os fatos históricos ocorridos em cada gestão pública nas décadas de 1950 a 1960, sendo eles: os governos estaduais de Arnon de Mello (1951–1956), de Muniz Falcão (1956–1961), de Luiz Cavalcante (1961–1964) e a gestão municipal com Sandoval Cajú (1961–1964). A trama estabelecida por esses fatos possibilitou a inserção de engenheiros¹⁹ e da criação da Escola de Engenharia de Maceió (1955) no governo de Arnon de Mello. Bem como a criação das Secretarias de Viação, de Obras Públicas e a Companhia de Desenvolvimento de Alagoas. Na gestão de Muniz Falcão, ocorreu o marco inaugural da arquitetura moderna em 1952. Silva (1991) o determina com destaque a primeira a produção de Lygia Fernandes e seguida pelas de Israel Correia, depois por Zélia Maia Nobre, Ivo Lyra, José Nobre e Walter Cunha. A gestão de Luiz Cavalcante (1961–1964) no governo e Sandoval Cajú (1961–1964) na prefeitura, por sua vez, foi marcada pela difusão da arquitetura moderna no contexto alagoano, a apropriação popular da modernidade, a cheia do rio Mundaú e o começo da Ditadura Militar (1964–1985).

Entende-se que a organização desses fatos históricos e seu destaque têm como objetivo costurar da trama (Veyne, 2008). Silva (1991) tem como objetivo maior “posicionar a arquitetura alagoana na situação do tempo particularizando-a no que lhe é peculiar, mas investigando principalmente as mediações tecidas no transcurso da experiência” (Silva, 1991, p. 14) e faz esse recorte temporal (seleção) “nos momentos mais significativos registrados em projetos e construções”, entre a década de 1950 a 1964. A década de 1950 representa o momento de adesão do estado ao projeto desenvolvimentista do país, já 1964 o momento de repressão política e a decadência da “fase pujante da arquitetura nacional, que terá certamente ressonância em Alagoas” (Silva, 1991, p. 15).

No Capítulo 4, Os Atores da Experiência Arquitetônica Moderna em Maceió, há o levantamento das autorias e obras da arquitetura moderna, neocolonial e *art-déco*.

¹⁸ tomando como exemplo o auge do neocolonial em 1920 e os primeiros projetos de Manoel Messias apontados por Silva (1991) entre a segunda metade de 1930 a 1940.

¹⁹ Manoel Ramalho, Fernando Gama, Milton Leite, Vinícius Maia Nobre, Mario Ramos, José Beltrão de Castro, Hermano Cardoso Pedrosa e Edimilson Pontes.

Como já pontuado, no contexto alagoano, o quadro de arquitetos foi pequeno, nessa época, com presença maior de profissionais de engenharia advindos do governo de Arnon de Mello (1951–1956). Logo o papel da modernização não coube apenas aos arquitetos, mas também aos engenheiros e desenhistas, por isso o termo “atores” é empregado. Então a seleção desses atores partiu desse grupo reduzido de profissionais, em sua maioria nascidos em Alagoas, mas com formação fora do estado, visto que a Escola de Engenharia entrou em atividade só em 1955 e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL apenas na década de 1970. A autora não expõe com clareza o critério de seleção dos atores. Com a leitura do livro entende-se que esses foram selecionados por serem pioneiros em atividades no estado, o que comprova a “atitude alagoana” na modernidade. O prefácio de Xavier (1988) indica um outro fator: a proximidade da autora do livro com os profissionais listados e “a amizade que certamente permeia as relações da autora com esses profissionais” (Xavier, 1988, p. 9).

Junto a isso e para além dos fatos históricos que o relacionam, há no livro registros de depoimentos de alguns dos profissionais e a seção de “DEPOIMENTOS”, com a listagem de alguns dos “atores”, políticos, clientes e parentes²⁰ que contribuíram para construção da narrativa. Quanto à seleção das obras, foram eleitas a partir do recorte cronológico do “conjunto de projetos aprovados e que permanecem arquivados junto a Prefeitura de Maceió, do período de 1950 a 1964” (Silva, 1991, p. 38) e dos exemplares mais significativos da época em estudo. Silva (1991) não deixa claro o que é o “significativo” mas menciona o “vocabulário moderno” e suas características: “telhados borboletas, paredes inclinadas, colunas em V, esquadrias horizontais, volumes retos, cobogós, vidro, cerâmica” (Silva, 1991, p. 35). Silva menciona também a adaptação desse “vocábulo” ao contexto local, “a linguagem renovada da arquitetura é fragmentada e submetida aos mais variados reajustes” (Silva, 1991, p. 35). Uma outra hipótese é a descaracterização de exemplares modernos na época dos seus estudos, o que a autora já indica esse processo ao citar:

Em Alagoas já se percebe a depauperação do acervo de obras modernas sem que se este fato provoque a ação dos órgãos incumbidos de zelar pelo patrimônio local, como também da população de uma forma geral, incluindo os próprios das construções referidas. (Silva, 1991, p. 94)

²⁰ Entende-se como parentes por deterem o mesmo sobrenome.








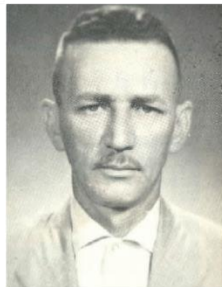
Foram destacados oito atores e projetos acompanhados por fotos, plantas, descrição e construídos somam²¹ 61 exemplares entre o *art-déco*, neocolonial e arquitetura moderna na capital alagoana. Na Figura 18, estão listados todos os atores destacados por Silva (1991). Como podemos observar dos 8, apenas 3 (Jofre Yves Saint' Simon, Lygia Fernandes e Zélia Maia Nobre) não são alagoanos. E todos se formaram fora de Alagoas, pois não existiam instituições de ensino de engenharia e arquitetura no estado naquela época. Já na Figura 19, estão listados todos os 61 exemplares, com destaque aos 41 de arquitetura moderna.

Os exemplares estão distribuídos em oito bairros de Maceió. O Centro contém 16, o Farol 15, Poço 2, Pinheiro 2, Pajuçara 1, Ponta Verde 1, Levada 1, Trapiche 1, Vergel do Lago 1 e 1 exemplar sem localização específica. A maior concentração dessas obras nos bairros Centro e Farol derivam do desenvolvimento da cidade pois o Centro é um bairro historicamente consolidado e importante região de comércio e serviço da cidade. Enquanto isso o bairro Farol, lindeiro ao Centro, tornou-se uma área de expansão e uma zona residencial a partir da década de 1950, local de moradia das classes média e alta (ver Figura 20).

Em alguns exemplares, Silva (1991) atribui as coautorias, como no projeto do Alagoas late Clube, à arquiteta Edy Marreta e dos engenheiros Vinícius Maia Nobre e Valter Pessoa de Melo, com José Nobre, o engenheiro Demócrito Barroca no Clube do Trabalhador (1962). Não são citadas a origem ou formação desses profissionais no livro, e ao consultar outras fontes foi identificada a informação de que Vinícius Maia Nobre é alagoano, casado com Zélia e formado em Pernambuco (Casado, 2022).

²¹ Ao longo do livro são mencionados projetos de reformas, restauro, exemplares no interior, mas para esse trabalho o recorte estabelecido será dos projetos aprovados e construídos. Esse quantitativo é referente aos projetos que Silva (1991) descreve e apresenta imagens.

Figura 18 - Listagem dos "Atores da Experiência Arquitetônica Moderna em Maceió".

				
Nome	Israel Barros Correia	Jofre Saint-Yves Simon	Lygia Fernandes	Israel Barros Correia
Profissão	Arq-Urb	Arq-Urb	Arq-Urb	Arq-Urb
Lugar de Origem	Norte			
	Nordeste	AL		AL
	Centro-Oeste			
	Sudeste			
	Sul			
Lugar de Formação	Exterior			
	Nordeste		PE	
	Centro-Oeste			
	Sudeste	FNA - RJ		FNA - RJ
	Sul			FNA - RJ
Ano de formação	1934	1944	1945	1946
				
Nome	Zélia Maia Nobre	Antônio Ivo de Andrade Lyra	José Nobre	Walter de Azevedo Cunha
Profissão	Arq-Urb	Desenhista	Desenhista	Desenhista
Lugar de Origem	Norte			
	Nordeste	PE	AL	AL
	Centro-Oeste			
	Sudeste			
	Sul			
Lugar de Formação	Exterior			
	Nordeste	FAUUFPE - PE		CE
	Centro-Oeste			
	Sudeste			
	Sul			
Ano de formação				

LEGENDA

Faculdade Nacional de Arquitetura - RJ (FNA-RJ)

Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco - PE (FAUUFPE)

Fonte: Silva (1991), adaptado pelo autor.

Figura 19 - Obras listadas por Silva (1991) localizadas em Maceió.

Residência Durval Normade
Manoel Messias
1930-1940
Farol

Residência Família Ferreira
Manoel Messias
1930-1940
Farol

Residência Guedes de
Miranda
Manoel Messias
1930-1940
Farol

Residência Família Nobre
Manoel Messias
1930-1940
Farol

Residência Carlos de
Gusmão
Manoel Messias
1930-1940
Farol

Residência Gastão Machado
Pontes de Miranda
Manoel Messias
1930-1940
Farol

Residência Mario Lobo
Manoel Messias
1930-1940
Farol

Edifício Passos
Manoel Messias
1940
Farol

Residência Alípio Carvalho
Manoel Messias
1940
Praça Sinimbú - Centro

Residência Unifamiliar
Manoel Messias
1940
-

Hospital do Açúcar
Manoel Messias
1951
Av. Fernandes Lima - Farol

Residência João Lyra
Manoel Messias
1950
Farol

L.B.A
Jofre Saint'Yves Simon
1951
Rua Comendador Calaça -
Poço

Faculdade de Medicina
Jofre Saint'Yves Simon
1951
Farol

Palácio do Trabalhador
Jofre Saint'Yves Simon
1950
Av. Moreira Lima - Centro

Edifício Muniz Falcão
Jofre Saint'Yves Simon
1960
Rua do Livramento -

Centro de Saúde da
Maravilha
Jofre Saint'Yves Simon
1955
Praça Maravilha - Poço

Hospital José Carneiro
Jofre Saint'Yves Simon
1964
Trapiche

Maquete da Radio Difusora
Jofre Saint'Yves Simon
-

Conjunto-Modelo
Rosa Maria
Jofre Saint'Yves
Simon
1959

Ginásio Élio Lemos
Jofre Saint'Yves Simon
1959
Vergel do Lago

Residência de Funcionários
do Palácio do Governo
Jofre Saint'Yves Simon
195X
Rua Guido Duarte - Centro

Residência de Paulo
Silveira
Jofre Saint'Yves Simon
1958
Av. da Paz - Centro

Intervenção na Igreja do
Bonfim
Jofre Saint'Yves Simon
1950
Av. da Paz - Centro

Residência de Jofre
Saint'Yves Simon
Jofre Saint'Yves Simon
1950
Rua Sete de Setembro -
Centro

Casas Populares
Jofre Saint'Yves Simon
19XX
Vergel do Lago

Residência de José Lyra
Lygia Fernandes
1952
Av. Fernandes Lima - Farol

Residência do Doutor João
Paulo de Miranda Neto
Lygia Fernandes
1953
Av. Fernandes Lima - Farol

Sociedade de Medicina de
Alagoas
Lygia Fernandes
1953
Rua Barão de Anadia -
Centro

Residência de Jarbas
Gomes de Melo
Israel Correia
1955
Farol

Hospital das Clínicas
Israel Correia
1955
Prado

Associação Atlética do
Banco do Brasil
Israel Correia
1960
Av. da Paz - Centro

Edifício Walmap - Banco
Nacional
Israel Correia
1960
Rua do Livramento -
Centro

Edifício Lagoa Mar
Israel Correia
196X
Ladeira da Catedral -
Farol

Residência de Tibério
Rocha Silvestre
Zélia Maia Nobre
1959
Pinheiro

Residência de Francisco
Silva de Oliveira
Zélia Maia Nobre
1967
Pinheiro

Residência de Zélia Maia
Nobre
Zélia Maia Nobre
1960
Rua Manoel Maia Nobre -
Farol

Residência de Geraldo
Castro
Zélia Maia Nobre
1962
Av. Dep. Humberto
Mendes - Centro

Residência de Jorge Lyra
Zélia Maia Nobre
1963
Farol

Parque Hotel
Zélia Maia Nobre
1957
Pç. Dom Pedro II - Centro

Escola de Engenharia
Zélia Maia Nobre
1961
Pç. Sinimbú - Centro

Residência Universitária
Zélia Maia Nobre
196X
Pç. Sinimbú - Centro

Alagoas Iate Clube
Zélia Maia Nobre, Edy
Marreta, Vinicius Maia
Nobre e Valter Pessoa de
Melo
19XX

Residência de Ruth
Nogueira
Antônio Ivo de Andrade
Lyra

Residência de Edla Braga
Antônio Ivo de Andrade
Lyra
1958

Residência de Afonso
Lucena
Antônio Ivo de Andrade
Lyra
1963

Residência de Israel Lira
Antônio Ivo de Andrade
Lyra
1952

Residência de Péricles
Neves
Antônio Ivo de Andrade
Lyra
1964

Colégio Marista
José Nobre e Demócrito
Barroca
1964
Rua Dom Antônio Brandão

Clube do Trabalhador
Delmiro Gouveia
José Nobre e Demócrito
Barroca
1962
Rua General Hermes -
Levada

Capela do Hospital do
Açúcar
José Nobre
19XX
Av. Fernandes Lima - Farol

Residência de José Carlos
Nobre
José Nobre
-

Residência de José Nobre
José Nobre
-

Residência de José Loyola
José Nobre
1959
Farol

Residência de Idelfonso
Omena
José Nobre
1959
Pajuçara

Residência de José Nobre
José Nobre
-

Residência de Japson de
Almeida
Walter de Azevedo Cunha
-

Farol

Edifício Breda
Walter de Azevedo
Cunha
1958
Rua Dr. Luís Pontes de
Miranda - Centro

Sede Banco da Bahia
Walter de Azevedo Cunha
1960
Rua do Comércio - Centro

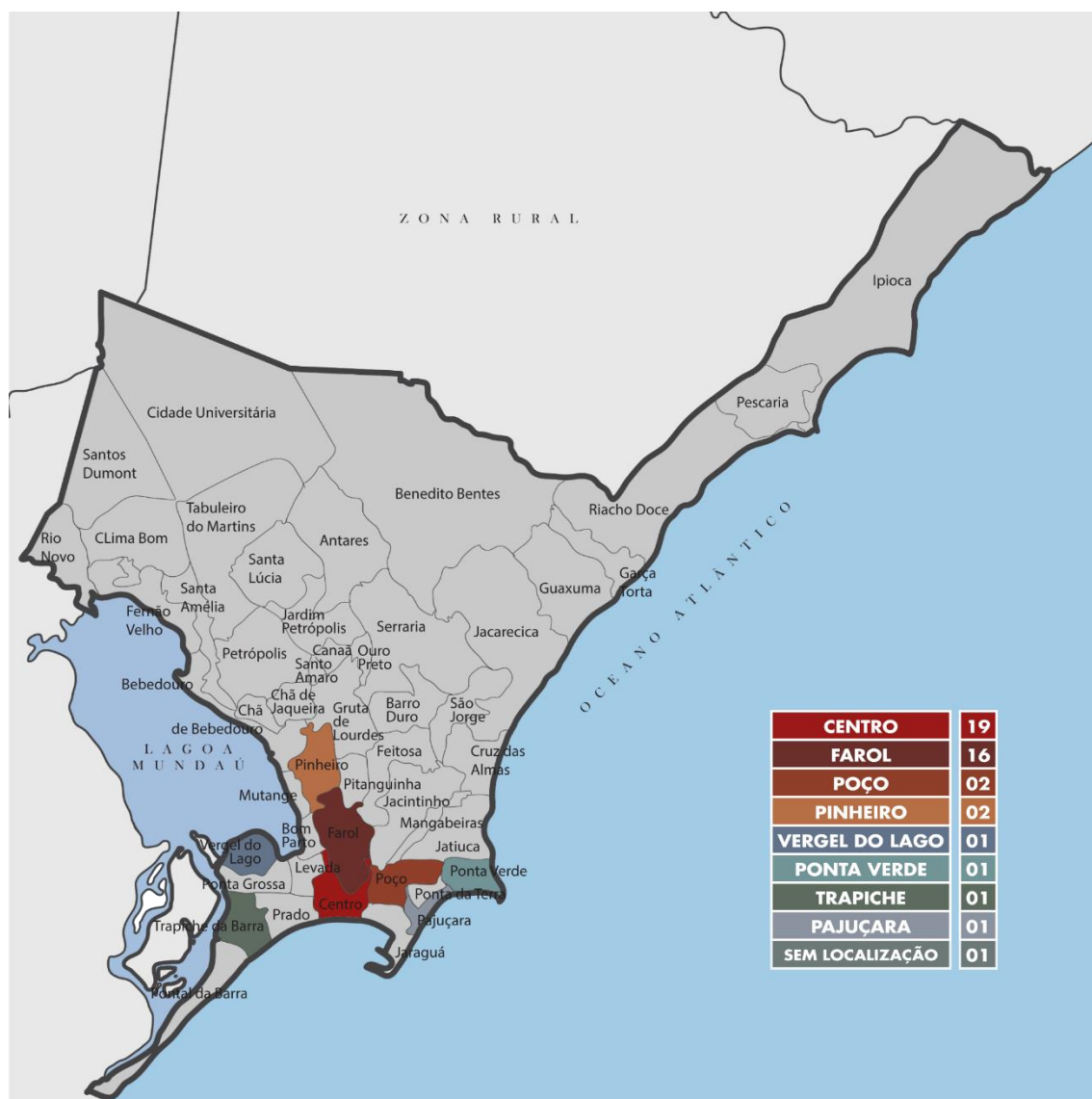
Edifício São Carlos
Walter de Azevedo
Cunha
1960
Av. da Paz - Centro

Residência Paulo Quintela
Walter de Azevedo Cunha
-

Farol

Fonte: Silva (1991), adaptado pelo autor.

Figura 20 - Mapa da distribuição dos exemplares modernos listados por Silva (1991).

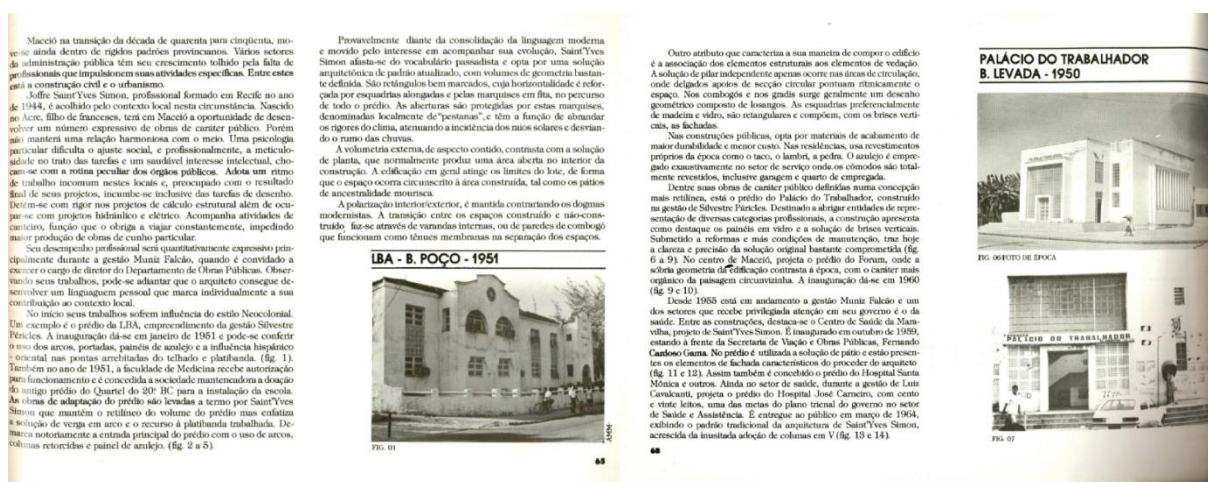


Fonte: autor (2022).

A estrutura de cada seção dos atores é composta, nos primeiros parágrafos, pelo contexto histórico, fatos importantes, origem do profissional, formação e atividade profissional, seguidos da introdução dos exemplares arquitetônicos contextualizados no momento histórico em que foram produzidos. A sequência das autorias não tem seus critérios expostos, mas, ao observar os exemplares, nota-se um encadeamento de ideias que partem das influências *art-déco*, perpassam o neocolonial e culminam na arquitetura moderna, mesmo que os exemplos da arquitetura moderna tenham sido projetados antes dos exemplares neocoloniais na cidade. Essa sequência aponta para um sentido cronológico linear único, como a autora afirma, “as obras modernas em

Maceió [...] evoluem do bangalô” (Silva, 1991, p. 39), em que as tramas são uma consequência, uma evolução de X para Y. Como exemplo, na seção sobre o arquiteto Jofre Saint-Yves Simon, o edifício neocolonial LBA (1951), na página 65, é apresentado antes do Palácio do Trabalhador, um exemplar de arquitetura moderna projetado em 1950, na página 68 (ver Figura 21). Mas ao dispormos essas obras em paralelo percebe-se a coexistência das arquiteturas produzidas em Maceió até pelo mesmo autor, Jofre Saint-Yves Simon.

Figura 21 - Ordem de apresentação no livro de Silva.



Fonte: Silva (1991).

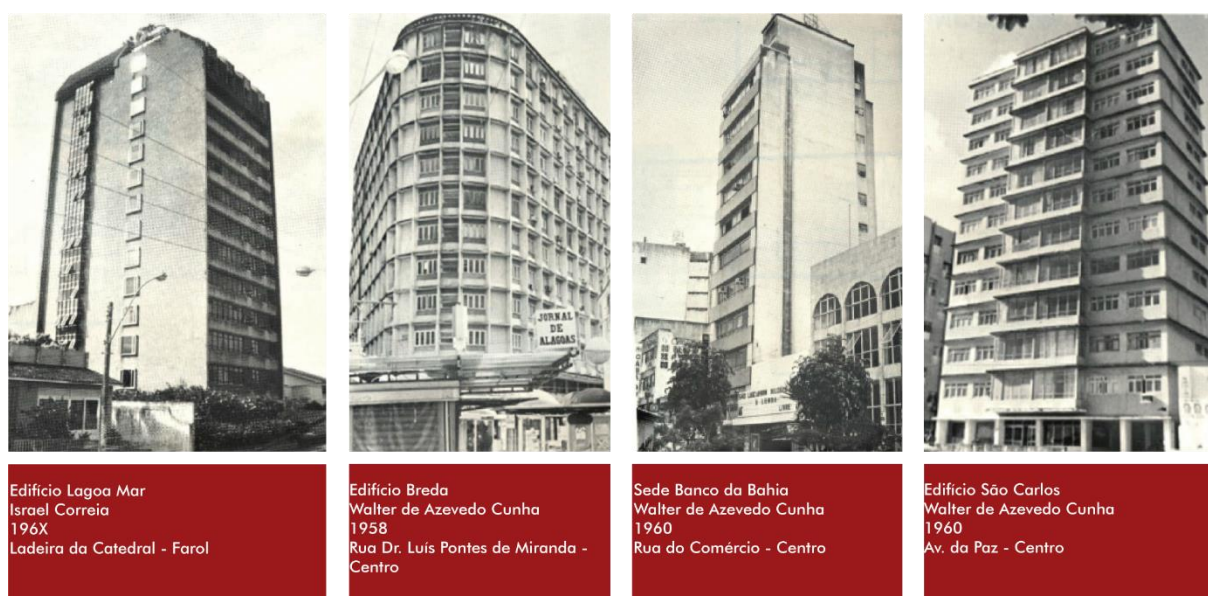
Os 41 exemplares modernos dividem-se em: 21 residências unifamiliares, 4 institucionais, 4 educacionais, 2 de saúde, 2 bancários, 2 residências multifamiliares, 3 para lazer, 1 hotelaria, 1 comercial/serviço e 1 serviço. A predominância do uso residencial unifamiliar parte de uma escolha da autora por entender que:

A obra moderna em Maceió evidencia-se prioritariamente nas residências que evoluem do bangalô, mas também nos prédios públicos que se livram da tradicional herança eclética e passam a acompanhar os princípios da racionalidade construtiva. (Silva, 1991, p. 39)

O predomínio das residências unifamiliares corrobora com a ideia do programa habitacional como um campo de experiência para os arquitetos modernos que levou a referências mais complexas. Segundo Galvão (2012), o programa residencial apresentou maior corpo quantitativo na difusão da arquitetura moderna, principalmente nos anos de 1950 a 1960, quando o discurso moderno era recorrentemente associado aos dos governantes e periódicos locais (jornais, revistas

e etc.). Em seguida, Silva (1991) menciona as edificações verticais como parte da “obra moderna” em Maceió, aquelas que “avançam o limite dos quatro pavimentos” (Silva, 1991, p. 39). Dentre os 41 exemplares modernos apenas seis ultrapassam os cinco pavimentos, o que representa menos de 15% dos edifícios destacados pela autora. A verticalização mais acentuada em Maceió ocorreu a partir da segunda metade da década de 1960 e durante a década de 1970 (Alves, 2012). Ou seja, esse processo de verticalização ocorreu após o recorte estabelecido por Silva (1991).

Figura 22 - Exemplares verticais destacados por Silva (1991).



Fonte: Silva (1991), adaptado pelo autor.

Ao observarmos a distribuição dos exemplares verticais, é possível notar que a construção da narrativa se iniciou pelas edificações de menor altura para as maiores, o que reforça a ideia de uma cronologia linear única, culminando nos exemplares verticais como exemplares mais “recentes”. Como exemplo, os exemplares da seção de Walter de Azevedo Cunha, que contém as três edificações mais altas, com mais de 10 pavimentos. São eles o Edifício Brêda, O Banco Econômico da Bahia (1960) e o Edifício São Carlos (1960).

Mas o critério de altimetria de distribuição no livro encontra-se em segundo plano quando considerados os atores. Como visto anteriormente, a sequência dos atores é

apresentada de acordo com a produção desses profissionais sendo sete²² deles enquadrados na produção de arquitetura moderna. Silva (1991) não deixa explícito como se deu a decisão da ordem. Além do tipo de produção (*art-déco*/neocolonial/arquitetura moderna) ser um forte critério, o destaque para a “relevância” e a “força do marco” é visível. Entende-se como relevância o reconhecimento desses atores em veículos nacionais e internacionais sobre arquitetura moderna, de uma atividade profissional de renome e que marca a sociedade maceioense e a “força do marco”, caráter principal, como aquilo que inaugura a arquitetura moderna em Alagoas.

Quanto à “relevância” e “força do marco”, Silva (1991) elege Lygia Fernandes e Israel Correia como os atores inaugurais da arquitetura moderna no estado. Porém o maior reconhecimento é dado a Lygia Fernandes com a Residência José Lira (1952) sobressaindo-se a Israel Correia com a Residência Celso Barros Correia (1952). Possivelmente isso decorre do fato da residência idealizada por Lygia Fernandes estar na capital e a de Israel está situada no interior alagoano, além do reconhecimento que foi dado a ela em periódicos nacionais e internacionais²³ e do destaque no livro de Mindlin (1956). Os projetos das duas residências estão ilustrados na figura 23.

Na mesma época em que Lygia Fernandes inaugura as primeiras construções modernas na capital, Israel renova os padrões da arquitetura rural, realizando projetos para a Usina Recanto, situada próxima a cidade de Viçosa. O projeto da casa-sede da fazenda data de 1952 e a construção é concluída em 1954. (Silva, 1991, p. 98)

A definição do marco inaugural da arquitetura moderna alagoana pode ser questionada com exemplares do próprio livro. Se for levado em conta o uso da arquitetura na capital alagoana, a residência projetada por Lygia Fernandes tornou-se um marco²⁴, mas, há outros exemplares que a antecedem como o Palácio do Trabalhador (1950), de Jofre Saint-Yves Simon, e as sedes do IPASE-AL (1947) e

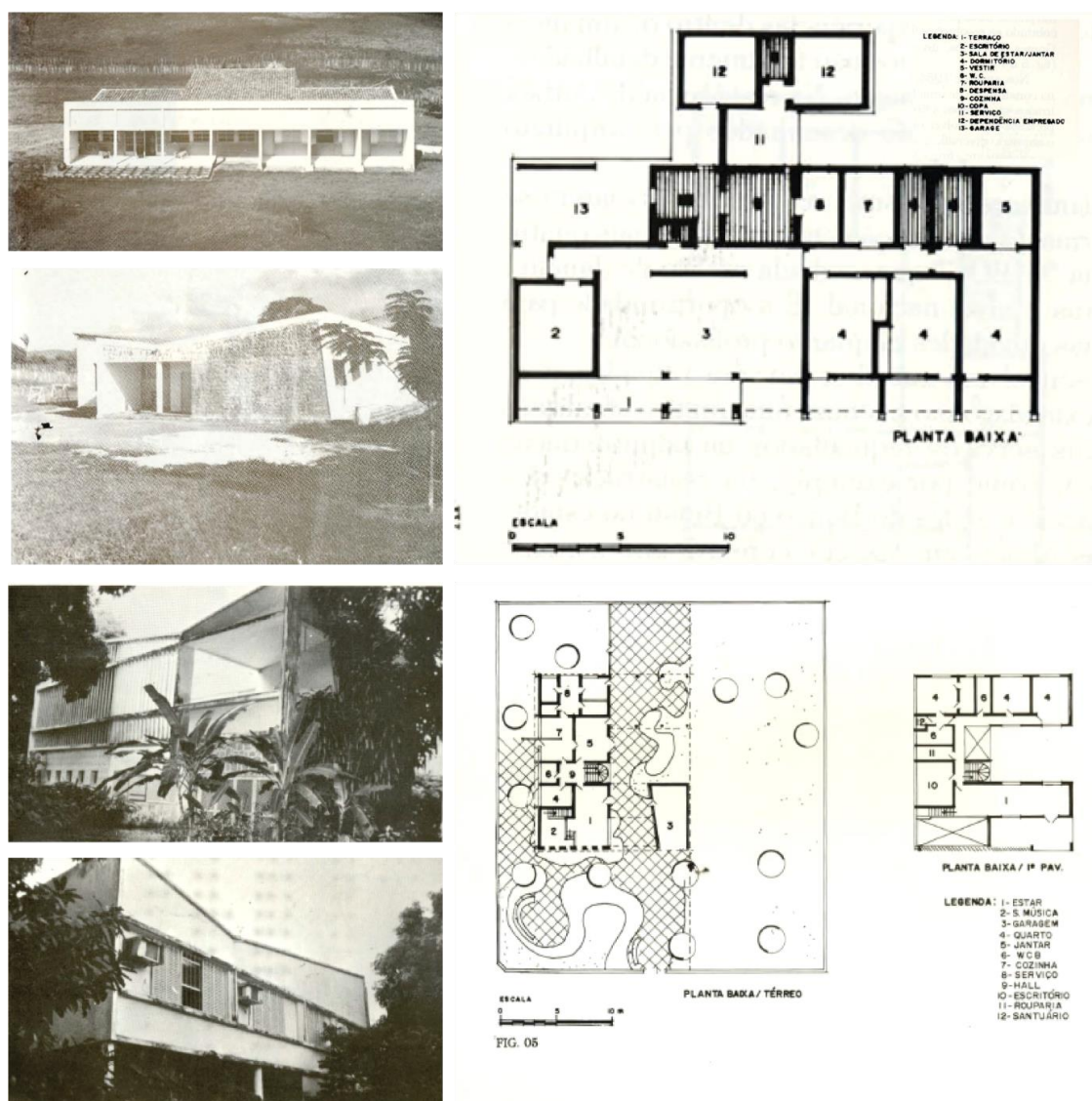
²² Manoel Messias Cavalcanti de Gusmão não entra na contagem por sua produção ser *art-déco* e neocolonial. Enquanto Jofre Yves-Saint Simon apresenta uma produção entre o neocolonial e a arquitetura moderna, por isso inclui-se na contagem.

²³ Segundo SILVA (1991, p. 86) “destacam-se dois projetos de residência: o primeiro se destina a Jose Lyra e o segundo a Paulo Netto. Estes projetos serão alvo de publicação em revistas de circulação internacional e nacional - *Architecture d'Aujourd'hui*, Arquitetura e Engenharia, Casa e Jardim.”

²⁴ A residência de Israel Lira, de Antônio Ivo de Andrade Lyra, e a de Lygia são projetos do mesmo ano, 1952. A de Lygia do mês de julho e o projeto de Antônio Lyra do mês de setembro.

IAPETEC (1948)²⁵ destacados como os primeiros exemplares de seis pavimentos do final da década de 1940 (Silva, 1991). Com isso, entende-se que o marco inaugural foi definido por considerar, também, o exemplar que mais se assemelhasse à arquitetura moderna carioca, visto que mesmo ao apresentar ampliações da temática, Silva (1991) não questionada os cânones. Como aponta Freire (2015), o posicionamento mais crítico e contundente aos cânones foi maior com o surgimento das pós-graduações no século XXI.

Figura 23 - Residência Celso Barros Correia (1952), de Israel Correia e a Residência José Lira, (1952), de Lygia Fernandes.



Fonte: Silva (1991), adaptado pelo autor.

²⁵ Datas dos projetos confirmadas na investigação dos arquivos da Prefeitura de Maceió.

Ainda sobre o quesito relevância, nota-se que a terceira arquiteta apresentada por Silva (1991), Zélia Maia Nobre, tem sua relevância pela articulação com a UFAL pelo projeto da Reitoria (1961), do Restaurante e Alojamento Universitário (ver Figura 24), todos na UFAL e, também, por sua articulação na defesa do patrimônio histórico alagoano. Somado a isso, houve forte atuação da arquiteta para a fundação do Departamento de Arquitetura da UFAL em 1974 e por isso sua posição foi posta após os marcos inaugurais.

Figura 24 - Reitoria (1961) e Residência Universitária (196?), projetos de Zélia Maia Nobre.

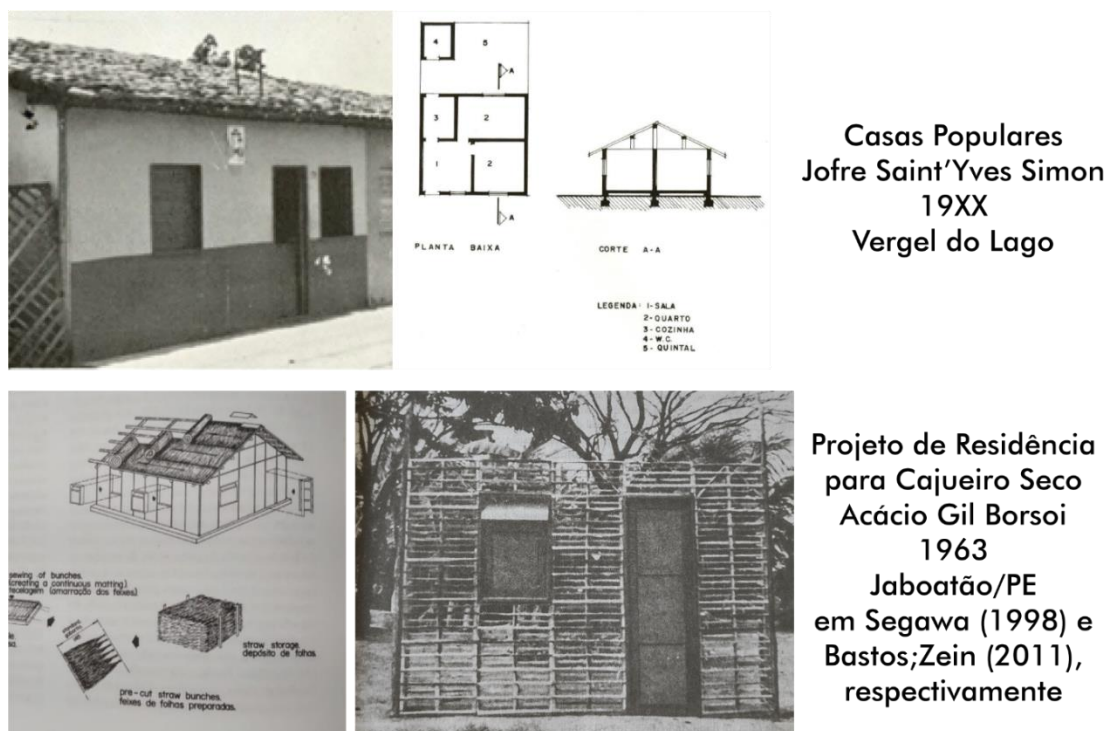


Fonte: Silva (1991), adaptado pelo autor.

O livro de Silva (1991) é uma importante adição à trama da arquitetura moderna, com a apresentação de novos exemplares, profissionais e a contextualização dessa produção fora do Rio-São Paulo. Além disso, o livro apresenta projetos vinculados com soluções tradicionais como uso da taipa, esquadrias em madeira e a cobertura

em telha cerâmica, feita por Jofre Yves'Saint Simon em casas populares, técnica presente na proposta de Acácio Gil Borsoi em habitações de interesse social em Cajueiro Seco/PE citadas nos livros de Segawa (1998) e Bastos e Zein (2011) (ver Figura 25).

Figura 25 - Projeto de Casa Popular em Taipa de Jofre Saint'Yves Simon e o projeto de casa popular de Acácio Gil Borsói (1963) para Jaboatão/PE.

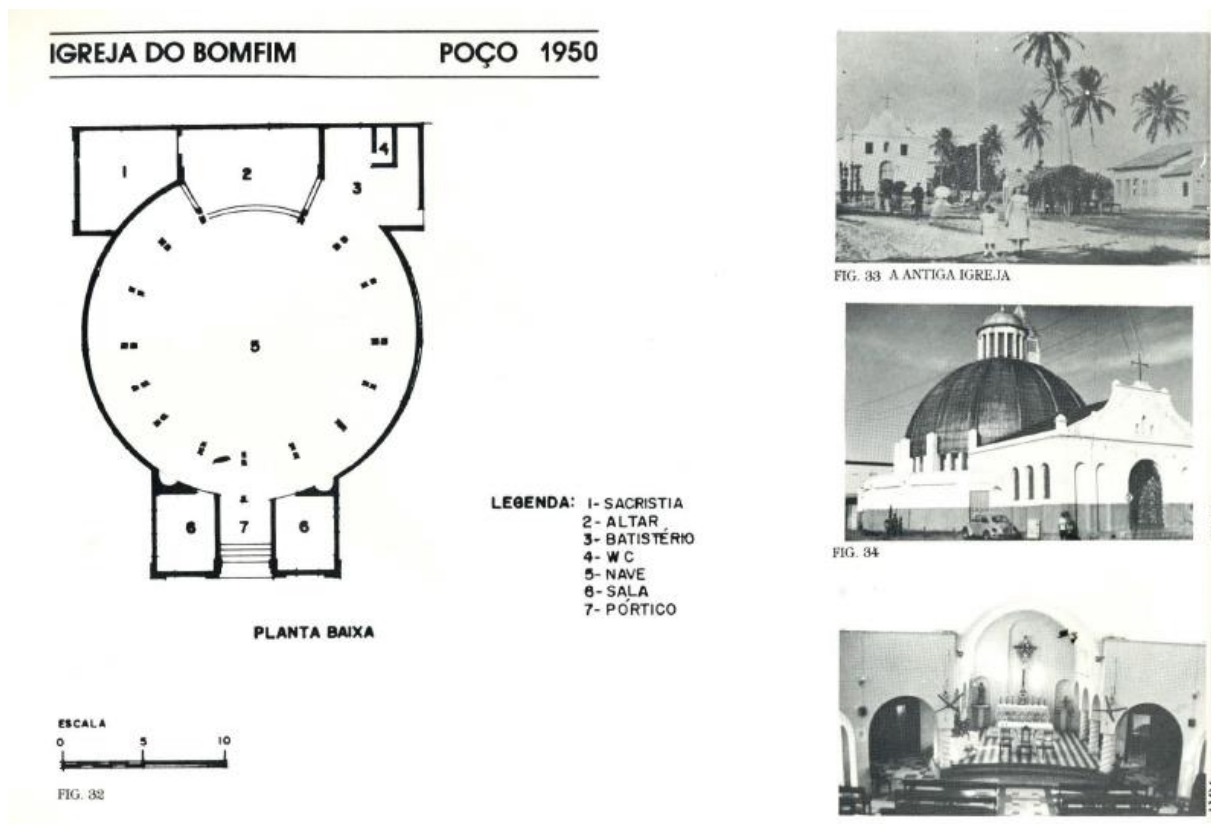


Fonte: Silva (1991), Segawa (1998) e Bastos e Zein (2011), compilado e adaptado pelo autor.

O livro também discorre sobre a aproximação de alguns profissionais com a área de restauro e patrimônio histórico e cultural, como o próprio Jofre no restauro da Igreja do Bonfim em 1950 e Zélia Maia Nobre na articulação da fundação do Programa Cidades Históricas do Nordeste em Alagoas, do Plano de Preservação do Patrimônio Histórico do Município de Marechal Deodoro e nos dossiês de tombamento dessa cidade e de Penedo²⁶. Além disso, discute a apropriação do vocábulo moderno pela população local, visto posteriormente em estudos de Lara (2018). Assim, o livro de Silva prenuncia discussões que se tornariam pauta anos depois.

²⁶ Atualmente Penedo e Marechal Deodoro são conjuntos urbanos tombados pelo IPHAN.

Figura 26 - Projeto de Restauro Igreja do Bonfim (1950), de Jofre Saint'Yves Simon.



Fonte: Silva (1991).

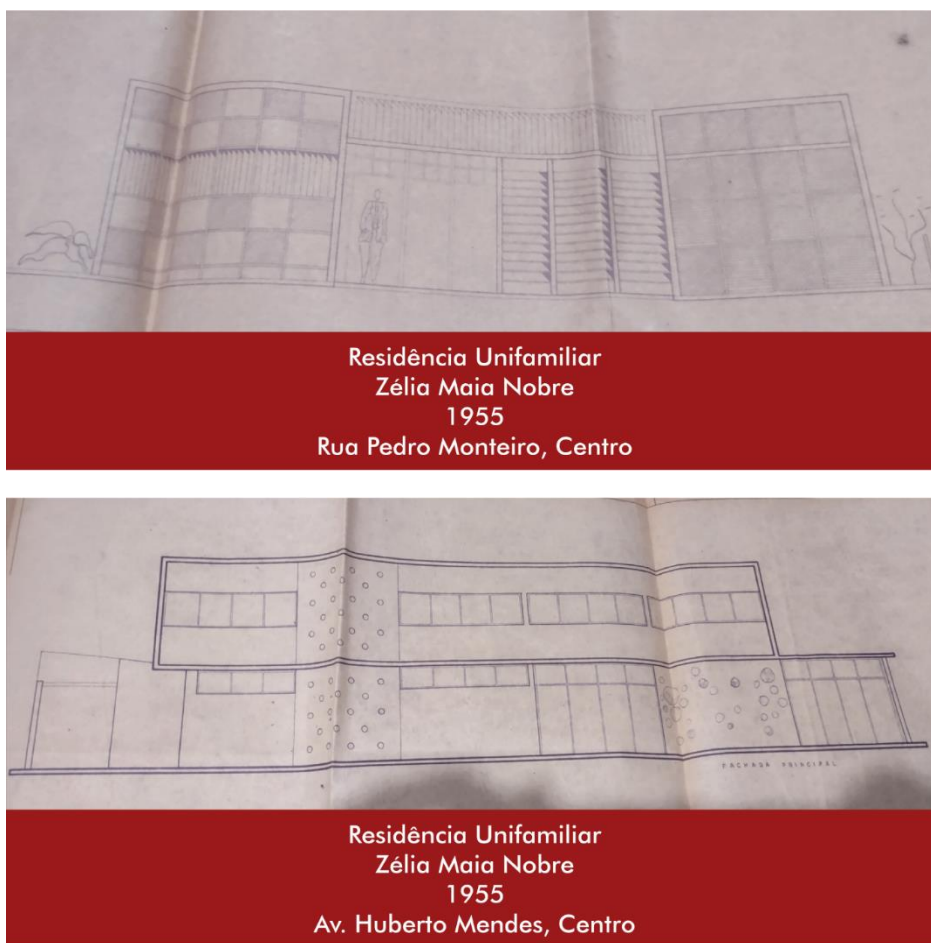
Diante do contexto que foi produzido e das observações levantadas, é possível inferir que Silva (1991) tinha como objetivo maior construir uma narrativa que valorizasse a produção de atores que trabalharam em Maceió e demonstrar a “atitude alagoana”. A autora não se exime de que sua pesquisa possa apresentar lacunas, e entende que é um contato inicial com a historiografia da arquitetura moderna alagoana, logo:

(...) os primeiros passos desta tentativa apresentam-se passíveis de deixar lacunas ou mesmo incorrer em certas falhas de análise de um trabalho inaugural. Além disso, deve-se levar em conta a precariedade das fontes de consulta, principalmente bibliográficas, além das frágeis condições oferecidas atualmente à pesquisa nas universidades (Silva, 1991, p. 13).

Essas lacunas, também, são condicionadas por outras questões, como a descaracterização/demolição de exemplares modernos e o recorte temporal e locacional. A primeira questão parte da hipótese de que exemplares modernos não listados por Silva (1991), mesmo dentro de sua temporalidade com atores destacados no livro, não existiam mais ou foram descaracterizados/demolidos, como apontado

pela autora “Em Alagoas já se percebe a depauperação do acervo de obras modernas” (Silva, 1991, p. 14). Por exemplo, foram levantados nos arquivos da prefeitura duas residências unifamiliares de autoria de Zélia Maia Nobre no Centro, uma de 1950 e outra de 1960 e nenhuma delas foram destacadas por Silva (1991) (ver Figura 27).

Figura 27 - Residências projetadas por Zélia Maia Nobre e não levantadas por Silva (1991).

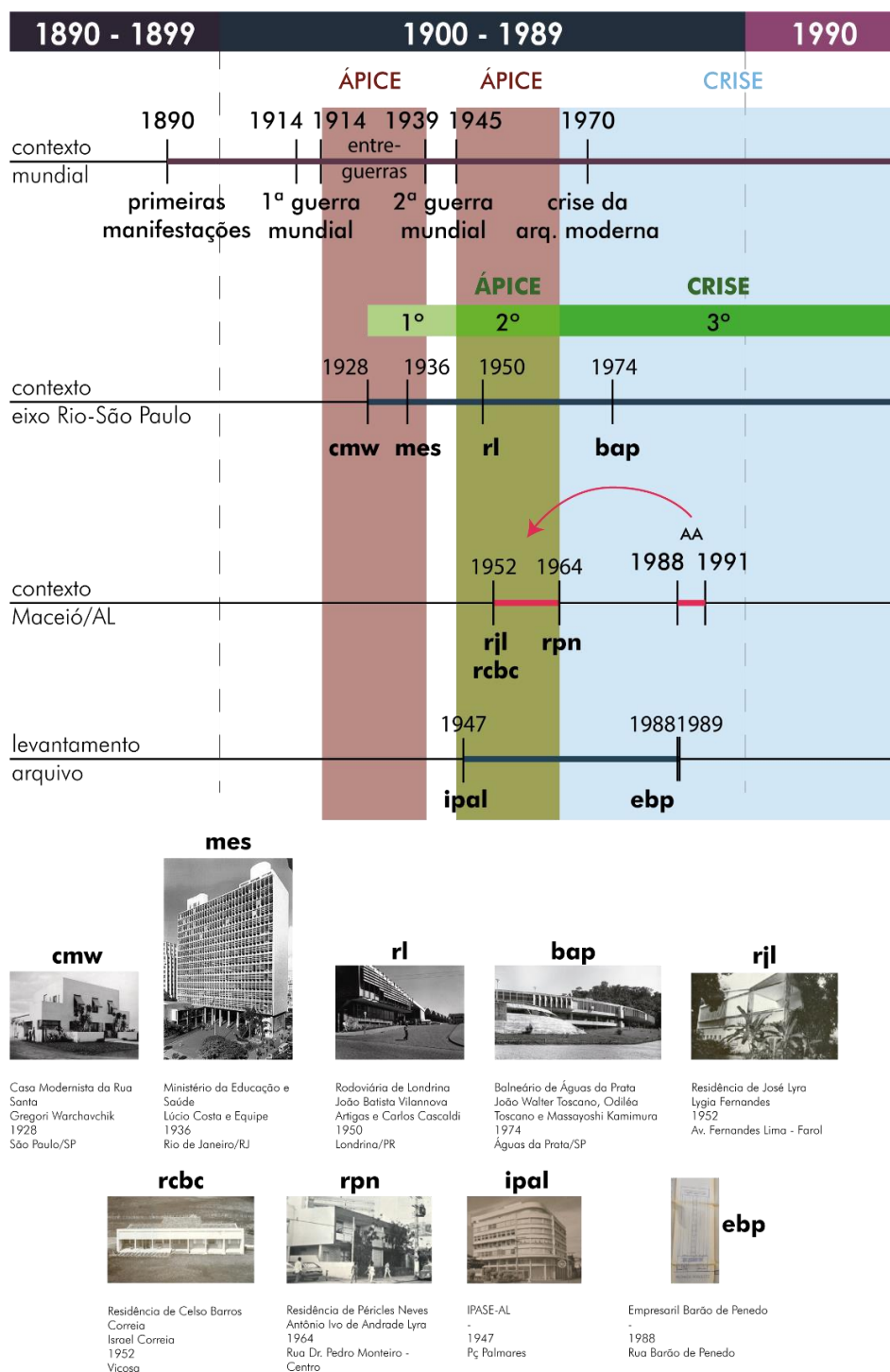


Fonte: Arquivo da Prefeitura de Maceió (2022), compiladas e adaptadas pelo autor.

Quanto ao recorte temporal, há uma maior concentração de exemplares entre os anos de 1950 a 1964. A autora observa atentamente esse período, pois coincide com o auge do reconhecimento da arquitetura moderna nacional. Assim, ela situa a produção alagoana nesse momento destacado, buscando afirmar sua relevância no contexto. Outro aspecto a ser considerado é o de que o livro foi produzido na década de 1980, um período marcado pela crise da arquitetura moderna no país e sua desvalorização internacional, somado à proximidade temporal com as obras modernas da mesma

década pode ter influenciado na falta de estudo da produção arquitetônica posterior aos anos 1970 pela autora. A Figura 28 ilustra esses momentos históricos e dos exemplares arquitetônicos produzidos na época, entre o contexto mundial, nacional e local. E no contexto Maceió foi marcado o período destacado por Silva (1991) e a sigla “AA” refere-se ao momento que o livro foi produzido.

Figura 28 - Comparações históricas entre as fases da arquitetura moderna.



No que diz respeito ao enfoque profissional, este está associado à "atitude alagoana" dentro do contexto em que se afirmar como um local onde os conterrâneos contribuíram para a produção da arquitetura moderna em Alagoas. Silva (1991) considera os profissionais alagoanos e/ou os que atuaram no estado, seja em órgãos públicos ou atividade particular. Então, a autora não se debruça em exemplares que fogem a essa regra, apenas menciona rapidamente as sedes do IPASE-AL (1947), e do IAPETEC (1948), projetos encomendados do Rio de Janeiro (ver Figura 29), o Banco da Lavoura (1961) projeto do paulista Álvaro Vital Brazil (ver Figura 30), situados no Centro, e o Centro Educacional do Estado de Alagoas (CEPA - 1950), de Diógenes Rebouças e Fernando Machado Leal no bairro Farol (ver Figura 31). Estes são exemplares importantes para a cidade, o CEPA (1950) é um dos maiores centros de escolas públicas do país e as sedes do IPASE-AL (1947), IAPETEC (1948) foram os primeiros edifícios verticais da cidade, mas estes projetos não foram discutidos devido ao fato de que suas autorias não residiam ou trabalhavam no estado.

Figura 29 - IPASE-AL (1947) e IAPETEC (1948).



Fonte: Maceió Antiga (2021).

Figura 30 - Banco da Lavoura (1961).



Fonte: Maceió Antiga (2021).

Figura 31 - CEPA (1950).



Uma universidade do ensino médio. O Cen-
culados em seus vários cursos, que vão desde o

tro Educacional de Alagoas tem 3.500 alunos matri-
jardim da infância ao instituto de educação e ao colégio.

Fonte: Maceió Antiga (2022).

Esta dissertação utiliza do mesmo procedimento metodológico de Silva (1991), baseada na investigação dos arquivos da Prefeitura de Maceió, melhor apresentados no capítulo seguinte. No recorte estabelecido pela autora de 1950 a 1964, foram levantados ao todo 33 projetos, sendo 19 deles não destacados no livro de Silva (1991). As poucas foram as referências pós-Silva (1991) coletadas do repositório de teses e dissertações do programa de pós-graduação da FAU-UFAL²⁸ que tratam de alguma forma a arquitetura moderna. Do total de 258 produções acadêmicas registradas, apenas duas dissertações, as de Amaral (2009) e Cassella (2021), fazem referência a esse tema.

A dissertação de Amaral (2009) compreende um espaço de tempo maior que de Silva (1991), indo do século XIX até meados da década de 1960. Essa abrangência se dá por compreender a modernidade ao longo do tempo a partir de uma perspectiva plural e homogênea. Esta produção considera exemplares ecléticos, neocoloniais, *art-déco* e modernos. Dos 50 exemplares listados pela autora, 14 foram considerados modernos. Dentre esses, apenas 2 estão fora da listagem feita por Silva (1991), que são: o Edifício Palmares (1970) e o Edifício Delmiro Gouveia (1977), projetos da década de 1970²⁹. Apesar da presença desses exemplares, o trabalho de Amaral (2009) não faz referências à autoria ou ao desenvolvimento dos projetos, visto que o foco do estudo é a análise das práticas de preservação do Patrimônio Cultural e as expressões da modernidade, sem deter-se, especificamente, ao moderno.

Já a dissertação de Cassella (2021) concentra-se nas décadas de 1950 a 1970 e tem como objetivo tratar a memória da arquitetura moderna através de fotografias. A autora utiliza registros antigos da cidade, tanto de arquivos públicos como de perfis em redes sociais, além dos próprios registros fotográficos. São listados 48 exemplares que incluem exemplares de arquitetura moderna e da apropriação do vocábulo moderno nas construções. Cassella (2021) utiliza como base de informações as dissertações de Amaral (2009) e o livro de Silva (1991), e aponta a repetição dos

²⁸ O programa de pós-graduação da FAU-UFA, Dinâmica do Espaço Habitado (DEHA) iniciou suas atividades em 2002, até a produção dessa dissertação foram produzidas as duas dissertações sobre arquitetura moderna. Há, também, a dissertação de Monteiro (2006) com estudos sobre o proracionalismo, mas não leva em consideração nenhum exemplar desta dissertação e a tese de Leticia Brayner Ramalho defendida no primeiro semestre de 2023, com o tema sobre a produção residencial de Zélia Maia Nobre, não sendo o foco desta dissertação.

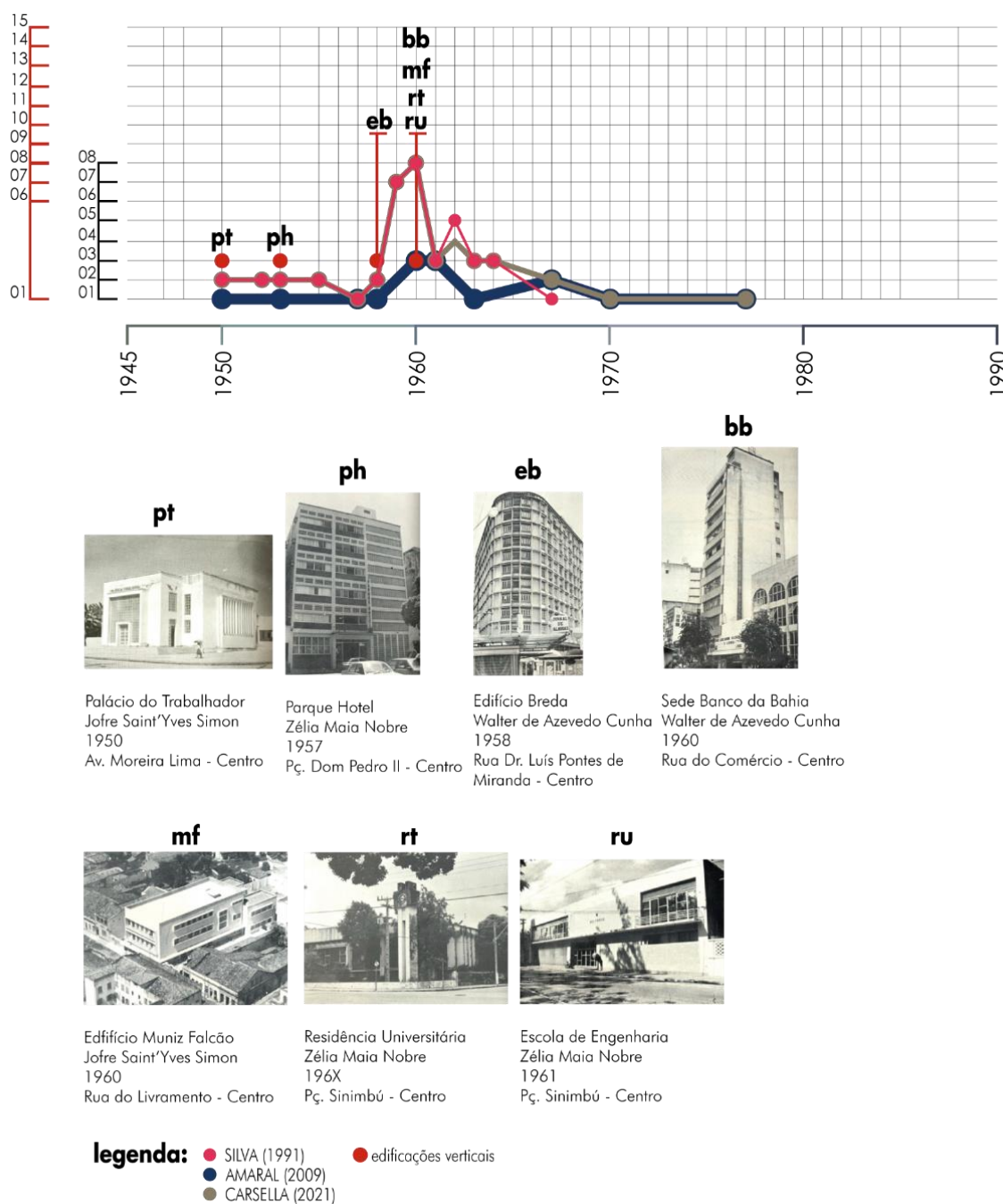
²⁹ Amaral (2009) considera o Edifício Palmares e Delmiro Gouveia como exemplares construídos no final da década de 1960, mas por meio dos levantamentos fotográficos e cadastrais constatou-se que foram construídos na década de 1970.

exemplares dessas duas produções, os que excedem são exemplares da apropriação popular.

Quando listados os exemplares das duas dissertações junto aos de Silva (1991), nota-se que não houve ampliações na trama, salvas meras pontuações na década de 1970, como o Edifício Palmares e Edifício Delmiro Gouveia. Pautadas no texto de Silva, estas dissertações consolidaram a cronologia das décadas de 1950 a 1960, como o período da arquitetura moderna em Maceió, já a década de 1940 e o período de 1964 até 1980 foram preteridos. Nesta trama, os projetos de residências unifamiliares são os principais elementos, porém não foram explorados outros tipos de construções. Sendo assim, as lacunas ainda estão presentes mesmo em trabalhos mais recentes. Ver Figura 32 e 33.

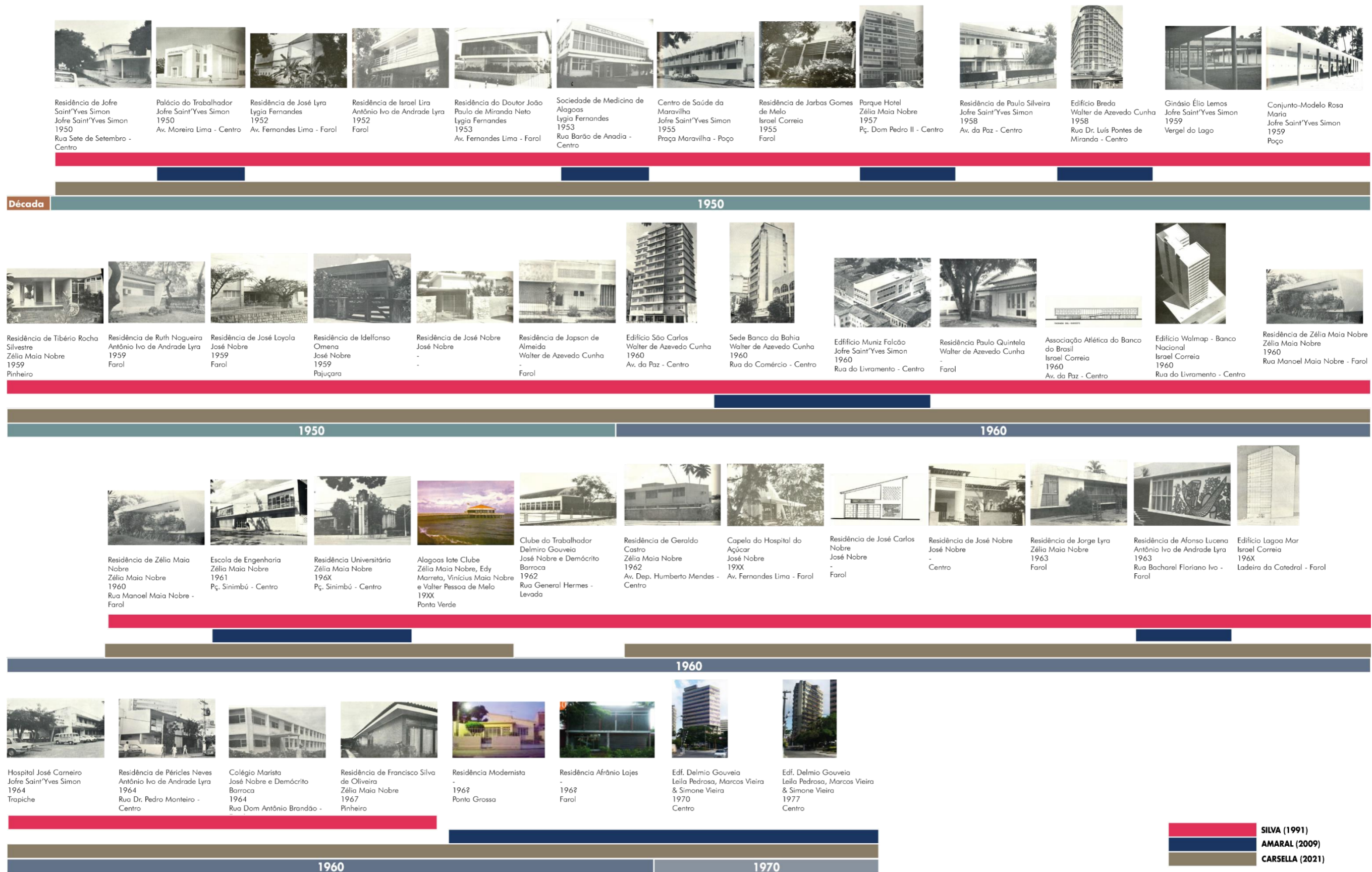
Tanto o próprio livro de Silva (1991) como os levantamentos do bairro do Centro, de Gomes e Hidaka (2018), e as teses e dissertações do grupo de pesquisa em colaboração com a pesquisa de Andrade, Leão e Rodrigues (2021) nos apontam mais produções em Maceió, tanto dentro do recorte estabelecido pelas referências regionais, como além delas. Portanto, entende-se que há necessidade de desvelar essa trama, de buscar valores extrínsecos a ela e de considerar a arquitetura moderna que foi produzida dentro de seu território. E esse desvelar é feito a partir do Centro, por compreender as referências regionais sobre arquitetura moderna no bairro que foi o início da experiência moderna alagoana.

Figura 32 - Comparação das linhas do tempo em cada referência regional e as obras mais citadas.



Fonte: Silva (1991), Amaral (2009) e Cassella (2020). Compilado e adaptado pelo autor.

Figura 33 - Exemplares Modernos listados nas referências regionais.



Fonte: Imagens de Silva (1991), Amaral (2009) e Cassella (2020), compiladas e adaptadas pelo autor.

3. A REGIÃO MACEIÓ E SEU CENTRO HISTÓRICO

Como vimos anteriormente, as referências pós-Silva (1991), Amaral (2009) e Cassella (2021), ao introduzir a temática da arquitetura moderna junto à história da cidade seguem a mesma narrativa apontada por Silva. Elas destacam o governo desenvolvimentista de Arnon de Mello (1951-1956) ligado ao sistema rodoviarista com slogan “Pavimentação é Progresso” (Silva, 1991, p. 33) que lançou base para a modernização do estado. Outro ponto recorrente é a definição do marco inaugural da arquitetura moderna alagoana em 1952, por meio dos projetos de Lygia Fernandes na capital alagoana. Em meados da década de 1960, ocorreram o golpe e início da Ditadura Militar (1964 – 1980) que são marcos finais do recorte temporal de Silva (1991), e reverberam nas outras referências locais, que pouco exploram os momentos durante esse período de recrudescimento político.

Quanto à verticalidade, esta é resumida em um breve momento com a definição de seu início em 1958 e com o projeto e construção do Edifício Brêda e a citação dos edifícios Sede do Banco Econômico (1960) e o Edifício São Carlos (1960), primeiro residencial multifamiliar, projetos do desenhista Walter Cunha.

Com essa breve síntese da trama histórica das referências regionais de Maceió, este capítulo propõe uma outra abordagem dessa história. No caso, apresentar o panorama histórico, urbano e arquitetônico da cidade utilizando as informações colhidas no arquivo público da Prefeitura de Maceió, e de outros trabalhos que trataram da história da cidade, como o livro de Costa (1981) e trabalhos acadêmicos de pós-graduação como os de Carvalho (2021) e Cavalcanti (1988).

Entende-se que certos fatos históricos perpassam os limites das décadas, influenciados por acontecimentos anteriores que desencadeiam outros e que os dados do arquivo ajudaram a compor essa trama. Mas, para melhor contextualização, a apresentação do panorama se dividirá em décadas demarcadas ao longo do texto de acordo com seus momentos na arquitetura moderna, como a década de 1940 com os primeiros sinais, a década de 1950 com a dispersão, a década de 1960 com a experimentação, a década de 1970 com a verticalização, década de 1980 com o brutalismo e, por fim, 1990 com a atualidade e o bairro do Centro tombado.

Após a apresentação do panorama, a próxima seção tratará da sistematização das informações dos arquivos. Esta também conterà maiores descrições sobre os dados, acompanhadas por quantitativos, mapas e gráficos.

3.1 Breves contextos sobre Maceió

O município Maceió, capital do estado de Alagoas, é uma cidade litorânea do nordeste brasileiro muito conhecida por suas praias de tom verde claro e azul turquesa, por isso considerada o “Caribe brasileiro”. Mas, além das duas quadras da orla, há muito mais em Maceió. A capital faz divisa com: Paripueira, Barra de Santo Antônio, São Luís do Quitunde e Flexeiras ao norte; Messias, Rio Largo e Satuba a oeste; Santa Luzia do Norte, Coqueiro Seco e Marechal Deodoro ao sul; com o Oceano Atlântico a leste. Com uma área de 508 km², 957.916 habitantes (IBGE, 2022) e 50 bairros, a cidade apresenta quatro formas de relevo, as planícies litorânea e lagunar (parte baixa da cidade), o tabuleiro costeiro (parte alta da cidade), as encostas que fazem divisa entre a planície e o tabuleiro e as grotas que cortam o tabuleiro (Japiassú, 2015).

Figura 34 - Vista parcial para de Ponta Verde.



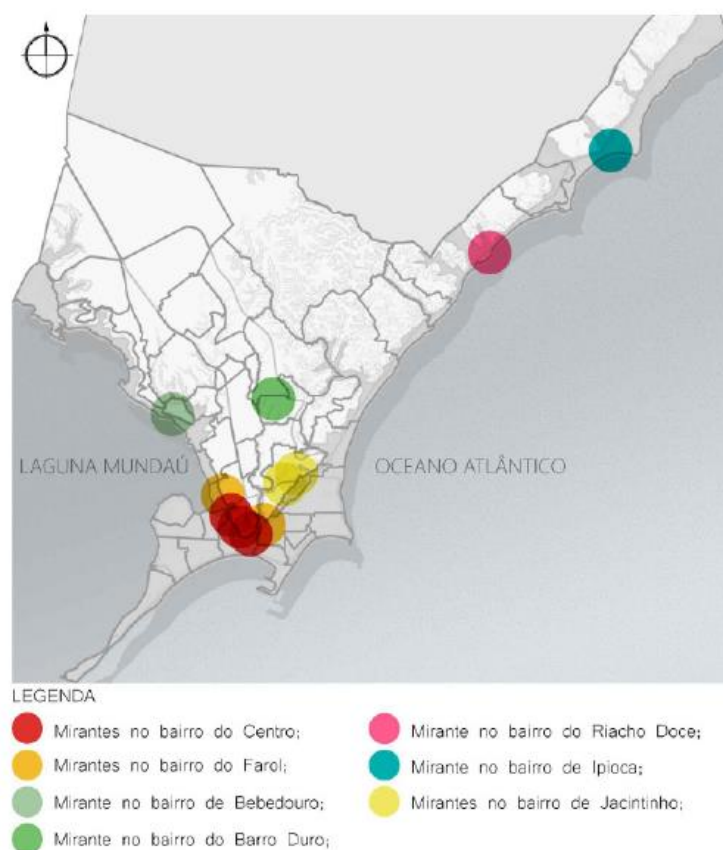
Fonte: autor (2022).

As porções mais urbanizadas estão localizados na planície litorânea devido a sua proximidade ao Oceano Atlântico e aos primeiros núcleos de assentamento pós invasão portuguesa. Parte da cidade expande-se para planície lagunar e outra ocupa o tabuleiro e parte das encostas. Maceió ainda apresenta resquícios de mata atlântica, nas encostas, plantações de cana-de-açúcar e campos para agropecuária, mais ao

norte, além de manguezais e ilhas na Lagoa Mundaú, a sudoeste, também possui, diversos rios, riachos e córregos a noroeste (Carvalho, 2021). É de um de seus riachos que deriva o nome da cidade, vindo da língua Tupi, *MAÇAYÓ* ou *MAÇAI-Ó-K*, que significa “o que tapa o alagadiço”, o primeiro nome de um dos principais cursos d’água da cidade, o Riacho *Maçayó*, atual Salgadinho.

As formas diferentes relevos de Maceió, a transição entre planície e tabuleiros configura, também, a formação de planos de alturas distintos e pontos de visadas para a parte baixa. Devido a essas características mirantes foram produzido naturalmente. Segundo Machado (2019), em Maceió há onze mirantes naturais, de 5 deles é possível observar o bairro do Centro. Os registros fotográficos das visadas desses mirantes foram uma importante referência para observar o desenvolvimento da paisagem do Centro e sua relação com as edificações verticais (ver Figura 35).

Figura 35 - Mapa com as localizações dos mirantes.



Fonte: Machado (2019).

O Centro, como um forte entreposto entre o porto do Jaraguá e o interior alagoana, desenvolveu-se ao longo da atual Praça D. Pedro II (Cavalcanti, 2000). Dada a sua importância política e comercial com os núcleos vizinhos, em 1839, Maceió tornou-se capital da, até então, “Vila de Alagoas” (Carvalho, 2016). Tendo essa vocação comercial, as suas vias foram os principais elementos para sua formação (ver Figura 37), com um traçado tortuoso formado pelas idas e vindas de carros de bois carregados de insumos que demarcaram o solo do bairro sem planejamento prévio, assim como o perfil fundiário de fachada estreita e lotes geminados que variavam de tamanhos e formas com quintais ao fundo sem construção, que conformava os miolos de quadra como um grande vazio (Santos, 2005). Tais traçados estão presentes até os dias atuais e ao longo deles foram distribuídos os equipamentos públicos, políticos, religioso, demais edificações importantes e as suas cinco praças.

Figura 37 - Carros de Boi na Rua do Comércio, sem data.



Fonte: Arquivo Público de Alagoas (2022).

Anos à frente, as vias continuam com sua força e simbolismo, embora agora formadas por eixos viários para veículos automatizados, como a Av. Fernandes Lima, uma longa faixa retilínea e principal vetor de expansão da cidade para o alto do Tabuleiro

(Japiassú, 2015). Para Maceió, e também para o estado, estas foram sinônimos de progresso, no caso da capital, com suas lagoas, mangues e regiões alagadiças, vencer esses elementos naturais é se afirmar uma capital moderna e progressista, mesmo ainda sendo uma cidade construída em bases excludentes e de forte divisão social, com locais bem demarcados para ricos e outros para os pobres (Monteiro, 2006).

Não foi diferente, a introdução da arquitetura moderna no bairro, que seguiu as principais localidades e vias. Em maior destaque estão a Boca de Maceió, atual Praça dos Palmares, e a Rua do Comércio e, anos mais tarde, na orla da Praia da Avenida.

A Boca de Maceió era uma área de conexão entre a região comercial da Rua do Comércio e o Porto do Jaraguá. Marcada por uma área descampada e alagadiça, cortado pelo Riacho Massayó. Por sua relevância locacional, foram instalados alguns equipamentos urbanos, como o Palácio Provincial (1855), primeira sede governamental, a Estação Central de Trem (1884) e um espaço marcado como um ponto de venda da população negra africana sequestrada e escravizada, que a história da cidade não costuma mencionar (Gomes, 2019).

Figura 38 - Antiga Boca de Maceió, atual Praça dos Palmares, final do sec. XIX.



Fonte: Ticianeli (2015).

Figura 39 - Mapa com indicação da Boca de Maceió e sua conexão com o Porto de Maceió.



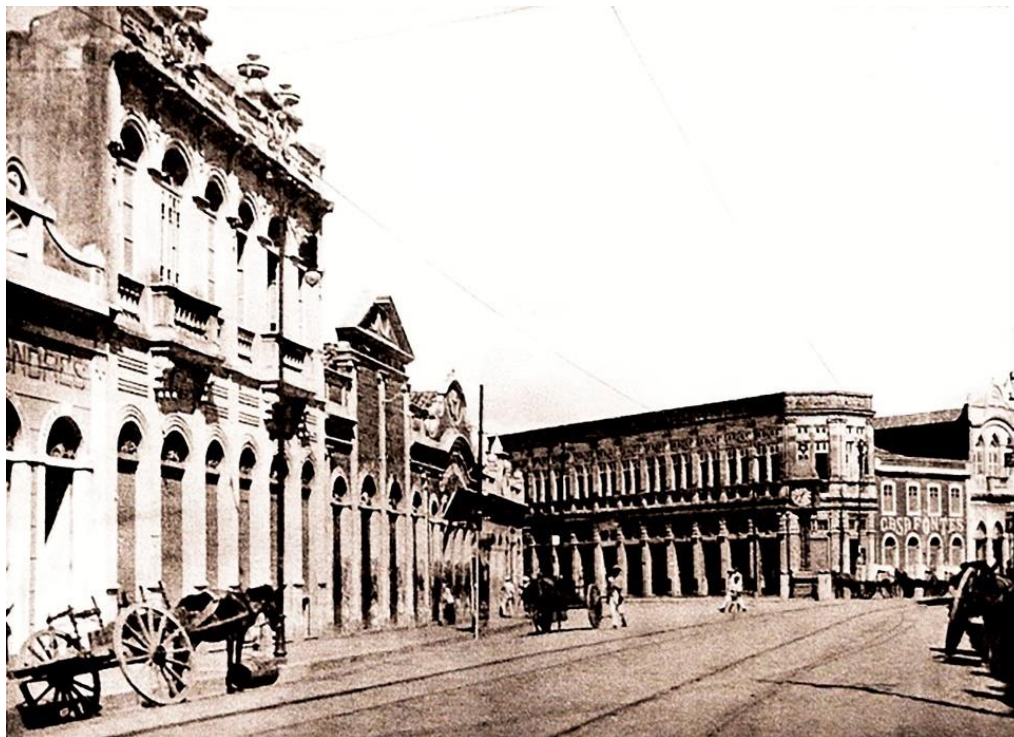
Fonte: Google Earth (2023), adaptado pelo autor.

Rua do Comércio (ver Figura 40), como o próprio nome já indica, tornou-se a principal e mais movimentada via, nela foram instaladas as principais lojas comerciais e distribuídos lugares de encontro, como Café Ponto Central (1931). Deve ser destacado que, nessa época, as construções seguiam com características coloniais e ecléticas e que esta foi a primeira rua a ser pavimentada através do “Plano de Remodelação para a Cidade de Maceió” de 1866 (Santos, 2022). Por meio desse Plano foram instalados os primeiros bondes, que conectavam o Centro de Maceió e Jaraguá, além de regiões lindeiras, como Trapiche da Barra e Bebedouro, que começavam a se desenvolver pela influência do bairro.

O Centro de Maceió foi a primeira e única centralidade da cidade no século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Com cada vez mais desenvolvimento demográfico, a população irradiou para outras regiões, como os bairros Poço, Levada, Prado e Farol. Também houve o início da ocupação das áreas das praias por sítios particulares, nas regiões da Pajuçara e da Avenida da Paz, sendo esse última uma

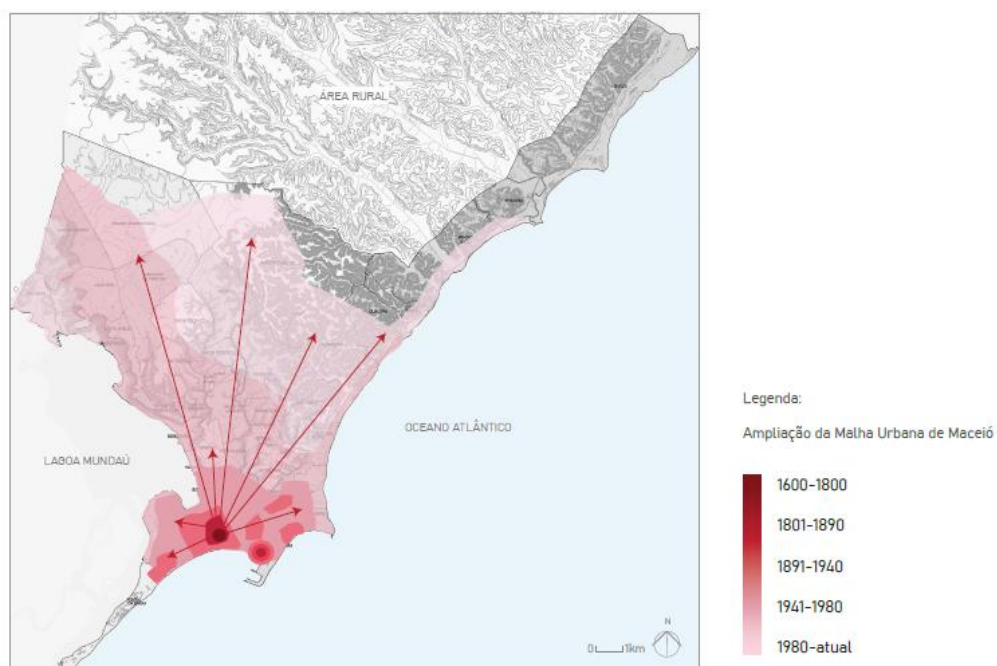
porção do Centro em frente à praia de mesmo nome (Amaral, 2009). A Figura 41 esquematiza como se deu a expansão da cidade ao longo das décadas.

Figura 40 - Rua do Comércio na década de 1920.



Fonte: Ticianeli (2015).

Figura 41 - Mapa esquemática da ampliação da malha urbana de Maceió.



Fonte: Carvalho, 2021.

Com a proclamação da República (1889), as melhorias na cidade foram intensificadas baseadas na ideia de modernidade e progresso, o que contribuiu para que o Centro, além de uma área apenas comercial, fosse também voltado para cultura e lazer (Ferrare, 2006). As suas praças tornaram-se o ponto de lazer da cidade fazendo parte da vida cotidiana da cidade, as principais foram a Praça Sinimbú (ver FIGURA 42) e a Praça D. Pedro II (ver FIGURA 43). Segundo Ferrare (2006), na cidade houve um surto progressista que operou até a virada do século, na década de 1910.

Figura 42 - Praça Sinimbú, local de lazer maceioense, em meados da década de 1910, com o antigo leito do riacho Salgadinho.



Fonte: MISA (2022).

Figura 43 - Praça D. Pedro II, em 1917, comemorações do Centenário da Emancipação Política de Alagoas.



Fonte: Ticianeli (2015).

Foi ao longo das décadas de 1920 e 1930 que o bairro do Farol tornou-se uma das principais zonas residenciais da cidade e local de morada da classe mais abastada. As ruas eram ocupadas por casas do estilo bangalô e neocolonial (ver Figura 44), que usufruíam da vista do alto do tabuleiro para o Centro e as planícies litorâneas e lagunares. Além disso, é nesse bairro que está localizado a Av. Fernandes Lima, a principal avenida da cidade e vetor de expansão urbana para a parte alta da cidade, o tabuleiro, na década de 1940 (Japiassú, 2015). A Av. Fernandes Lima foi construída em 1917, mas só foi efetivamente ocupada entre os anos de 1931 a 1934 (Fortes, 2011).

Figura 44 - Bangalôs ao longo da Av. Fernandes Lima, entre as décadas de 1920 e 1930.



Fonte: Ticianeli (2023).

Durante a década 1930, a fisionomia construtiva de Maceió, Mendonça Junior (1979) qualifica a cidade como:

[...] cidadezinha de pouco mais de quarenta mil habitantes. Casas velhas, de paredes meias, espremidas umas nas outras, sem aeração nem luminosidade. Serviços sanitários precaríssimos. O máximo de conforto consistia no piso de mosaico e no forro de madeira. (Mendonça Junior, 1979, p. 47 *apud* Silva, 1991, p. 29).

Então, até este momento, a arquitetura da cidade seguia um perfil horizontal composto por casas de meia-morada, interrompido por alguns palacetes e sobrados ecléticos, e eram poucas as edificações de até quatro pavimentos (ver FIGURAS 45, 46 e 47). Salvas as residências no Farol e em outros casos, pertencentes as famílias mais

abastadas, a tipologia mais encontrada eram as moradias de meia-morada, com a forma do parcelamento colonial. Na maioria dos casos, estes eram reservados aos prédios públicos o *art-déco* (Silva, 1991). Ainda que vagarosamente, o aspecto da cidade apresentou os primeiros sinais de mudança na década de 1940, mais especificamente nos anos finais, com o projeto e construção dos edifícios sedes do IPASE (1947) e IAPTEC (1948).

Figura 45 - Vista área do Centro de Maceió, em 1900.



Fonte: Ticianeli (2015).

Figura 46 - Vista área do Centro de Maceió, nas proximidades da Praça D. Pedro II, início do século XX.



Fonte: Ticianeli (2015).

Figura 47 - Rua do Comércio no começo do século XX, ao fundo, a torre sineira da Igreja do Livramento.



Fonte: Ticianeli (2015).

3.2 Década de 1940 a 1960: primeiros sinais, dispersão e experimentação da arquitetura moderna em Maceió

Nos anos 40, o Centro era o bairro que mais se valorizava da cidade. A necessidade de ampliar a faixa de solo para mais construções, moldada nos princípios higienistas presentes na cidade desde a década de 1920 que consideravam as áreas pantanosas como responsáveis pela transmissão de doenças, levou a um momento de abrupta mudança na paisagem do bairro em 1941, com o aterramento e retificação do curso do Riacho Salgadinho, que divide os bairros Centro e Jaraguá (Ferrare, 2006). Além do Riacho Salgadinho, Gomes (2019) apontou que vários outros cursos d'água foram aterrados e canalizados, alguns deles quem cortavam o bairro do Centro, próximo a antiga Boca de Maceió, atual Praça dos Palmares, e também o canal da Levada para instalação do Mercado Público no início da década.

Figura 48 - Trecho do Riacho Salgadinho retificado.



Fonte: MISA (2023).

Figura 49 - Notícia sobre a retificação do Riacho Salgadinho, na década de 1940.



Fonte: Arquivo Público de Alagoas (2014).

Neste período, segundo Monteiro (2006), a cidade seguia com arquitetura do estilo “protoracionalista”³⁰, principalmente nas arquiteturas de cinema (ver FIGURA 50), institucionais e de serviço, ligadas ao Governo Federal, na época governado por Getúlio Vargas (1930 a 1945), que “investia na modernização de setores públicos,

³⁰ Definição da autora para o *art-déco*.

como: educação, saúde, comunicação (...) buscava-se uma “identidade brasileira”, que refletisse o movimento de renovação sinalizado pela sociedade e governo vigente” (Monteiro, 2006, p. 79). Um desses exemplares é a sede dos Correios (ver FIGURA 51), localizado na Rua do Sol, Centro de Maceió, mencionada no livro de Segawa (1998), como um dos projetos nacionais de normalização arquitetônica oficial.

Figura 50 - Rua do Comércio em 1945, com o Cinearte, um dos mais famosos do bairro, sendo o cinema um dos equipamentos urbanos mais usados entre os anos de 1930 e 1950.



Fonte: Ticianeli (2015).

Figura 51 - Sede dos Correios e Telégrafos na Rua do Sol, década de 1940.



Fonte: História de Alagoas (2019).

A investigação iniciou-se nas primeiras pastas, datadas de 1936 A 1937, pois são as únicas referentes a década de 1930, em seguida para a pasta de 1943, não há documentos referente ao início da década de 1940. Como aponta Monteiro (2006) e Silva (1991), a maioria dos projetos aprovados são simples, sem maiores informações sobre autoria e na maioria dos casos constam apenas desenhos da fachada. A ação de visitar as pastas da década de 1930 partiu do entendimento que o tempo da arquitetura moderna começou nessa década (Konder Netto, 2020).

Foi nas pastas datadas de 1948 que foram encontrados os primeiros exemplares modernos, que são edificações públicas destinadas aos Institutos de Pensões, o IPASE-AL (1947) e IAPTEC (1948), (ver Figura 53 53). Tomando como exemplo a prancha do Edifício sede do IPASE-AL (1947), é possível observar o estado que se encontravam as plantas, muitas delas estavam com partes ilegíveis e sem outras informações como autoria, detalhes construtivos ou mesmo as fachadas (ver FIGURA 54). Um outro ponto a ser destacado, é a diferenciação desses dois projetos com os existentes na época, seja pela quantidade de pranchas de cada pavimento contendo informações de layout, de detalhes ou, no caso do projeto do IAPTEC (1948), com desenho das duas fachadas principais.

Figura 52 - IPASE-AL (1947).



Fonte: Maceió Antiga (2022).

Figura 53 - IAPTEC (1948).



Fonte: História de Alagoas (2019).

Figura 54 - Fotos das pranchas do IPASE-AL (1947) e IAPTEC (1948).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022).

As sedes IPASE-AL (1947) e o IAPTEC (1948) estão localizadas, na entrada do Centro, na Boca de Maceió, atual Praça dos Palmares, já remodelada para abrigar um

dos hotéis mais luxuosos da época, o Hotel Bella Vista, inaugurado na década de 1930. As duas edificações foram construídas onde antes existiam edificações ecléticas, à exemplo da sede IAPETEC (1948) implantada onde existia o Palácio Provincial, antiga sede do governo de Alagoas. Nessas duas primeiras edificações é possível observar a incorporação de características modernas ainda de forma inicial, como o uso do concreto armado, forma retilíneas e geométricas, zoneamento espacial mais definido, fachada sem maiores ornamentos, aberturas horizontais, uso de brises e incorporação do último pavimento como um terraço jardim.

Figura 55 - Vista área do Centro, em destaque o Palácio Provincial, onde será construído o IAPETEC (1948) e ao lado direito o IPASE-AL (1947).



Fonte: MISA (2023), adaptado pelo autor.

Figura 56 - Vista aérea do Centro de Maceió, ao centro Praça dos Palmeares, ao lado direito, as sedes do IPASE-AL (1947) e IAPETEC (1948) e à esquerda o Hotel Bella Vista, década de 1940.



Fonte: Maceió Antiga (2018).

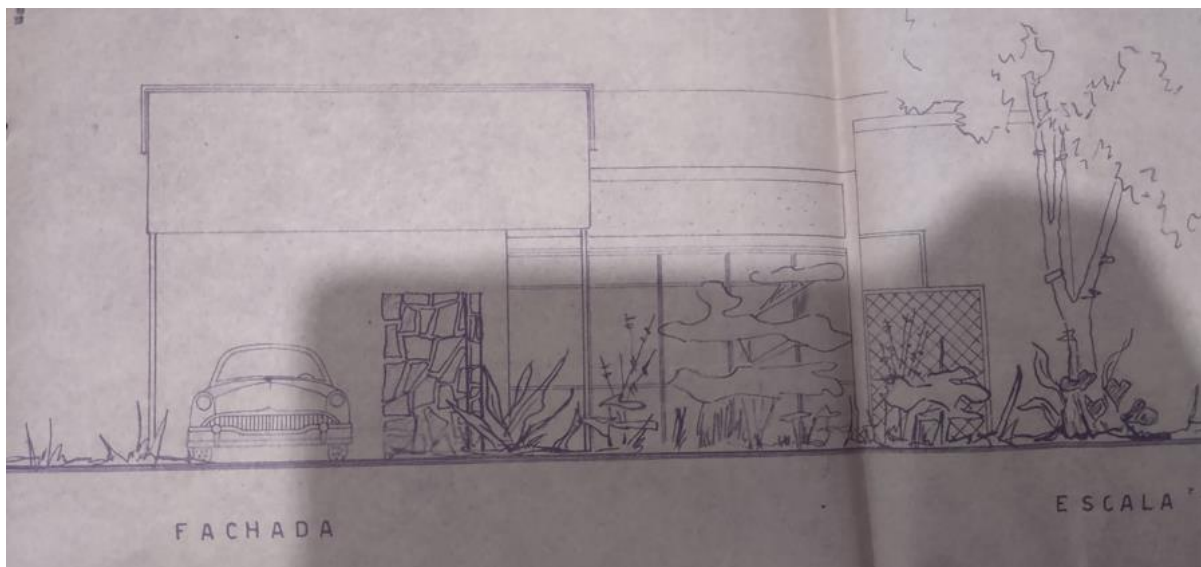
As duas edificações são as primeiras com seis pavimentos na cidade e marcam o início da verticalização no bairro. Ao observar e comparar a verticalidade das grandes cidades dos estados vizinhos, a exemplo de Recife/PE, em 1928, com o Hotel Central de Recife de estilo eclético projeto do arquiteto italiano Giacomino Palumbo, e de Salvador/BA, com o Edifício Oceania de Freire & Sodré entre as décadas de 1930-1940 com feições do *art-déco*. Ao final da década de 1940, Maceió seguiu com a baixa altimetria de suas edificações, a verticalização apontada nessa década se mescla ao entorno não rompendo o aspecto horizontal da cidade. Esse cenário apresentou mudanças apenas na década de 1950.

Além da mudança na paisagem ocorrida na década de 1950, esse tempo histórico é consolidado nas referências canônicas como o marco inaugural da arquitetura (Amaral, 2009; Cassella, 2021; Silva, 1991), mesmo com exemplares anteriores. Na investigação dos arquivos da prefeitura e nas próprias referências regionais, entende-se que a década de 1950 foi o início da dispersão da arquitetura moderna tanto no bairro do Centro como em toda a cidade de Maceió.

Esse período também coincidiu com o momento político desenvolvimentista econômico e com a estabilidade política do governo Arnon de Mello (1951 a 1956). Seu governo, contou com uma equipe de engenheiros, que concretizaram os

programas de aberturas de vias, alguns desses profissionais, como Vinícius Maia Nobre e Anselmo Botelho, produziram arquitetura moderna.

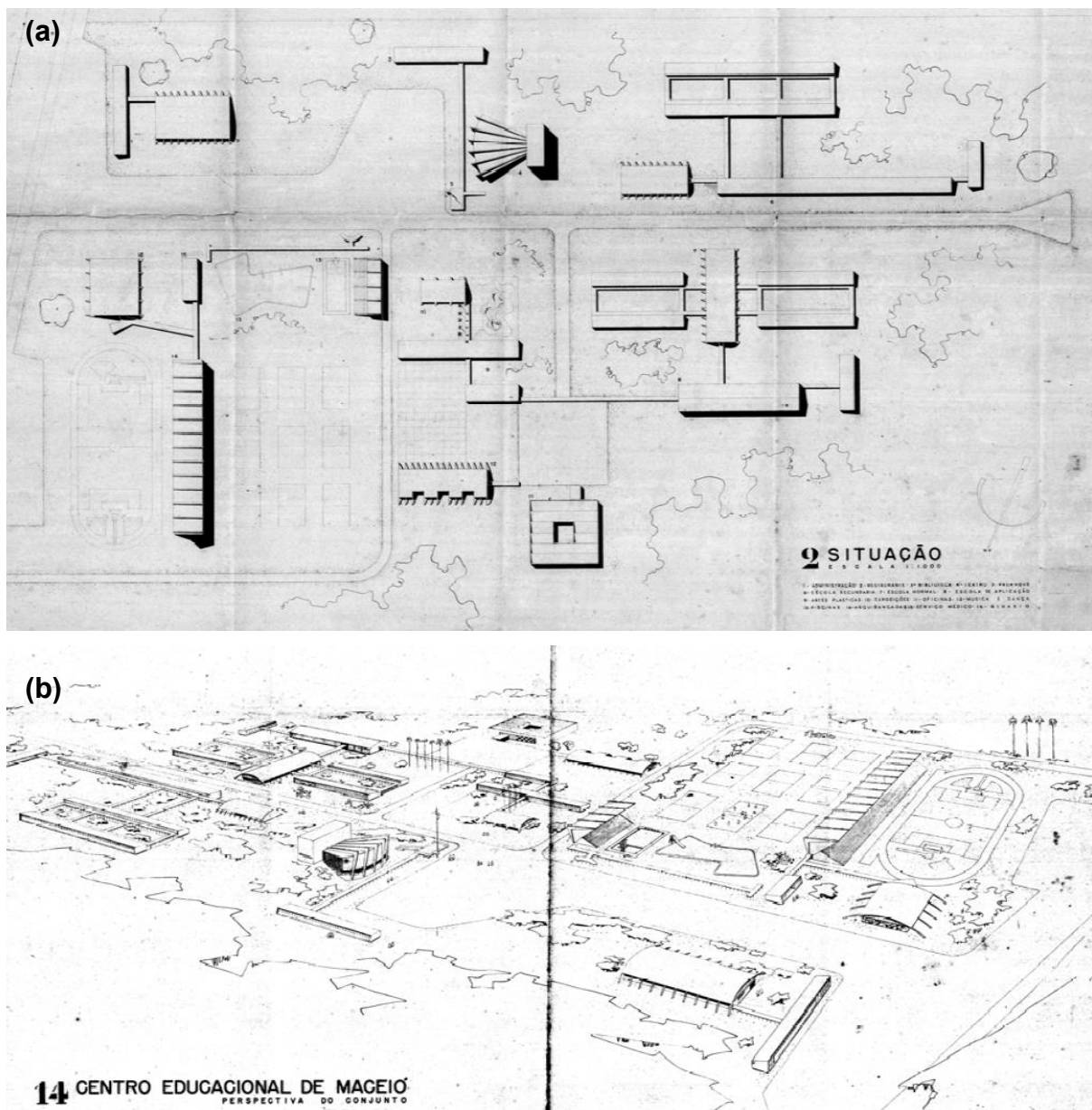
Figura 57 - Residência Unifamiliar, projeto de Anselmo Botelho em 1956.



Fonte: Arquivo Prefeitura de Maceió (2022).

Nessa década, o bairro Farol tornou-se o bairro morada da classe mais abastada e palco da construção de um dos maiores centros educacionais do Brasil, o Centro Educacional do Estado de Alagoas (CEE-AL), atual Centro de Estudos de Pesquisas Aplicadas (CEPA), projeto de autoria do arquiteto baiano Diógenes Rebouças em parceria com Fernando Machado Leal (ver Figura 58), no início da década de 1950. Silva (1991) afirma que divergências políticas inviabilizaram a execução completa do projeto.

Figura 58 - (a) Planta de Situação e (b) Perspectiva da proposta inicial do CEPA, de Diógenes Rebouças e Fernando Machado Leal.



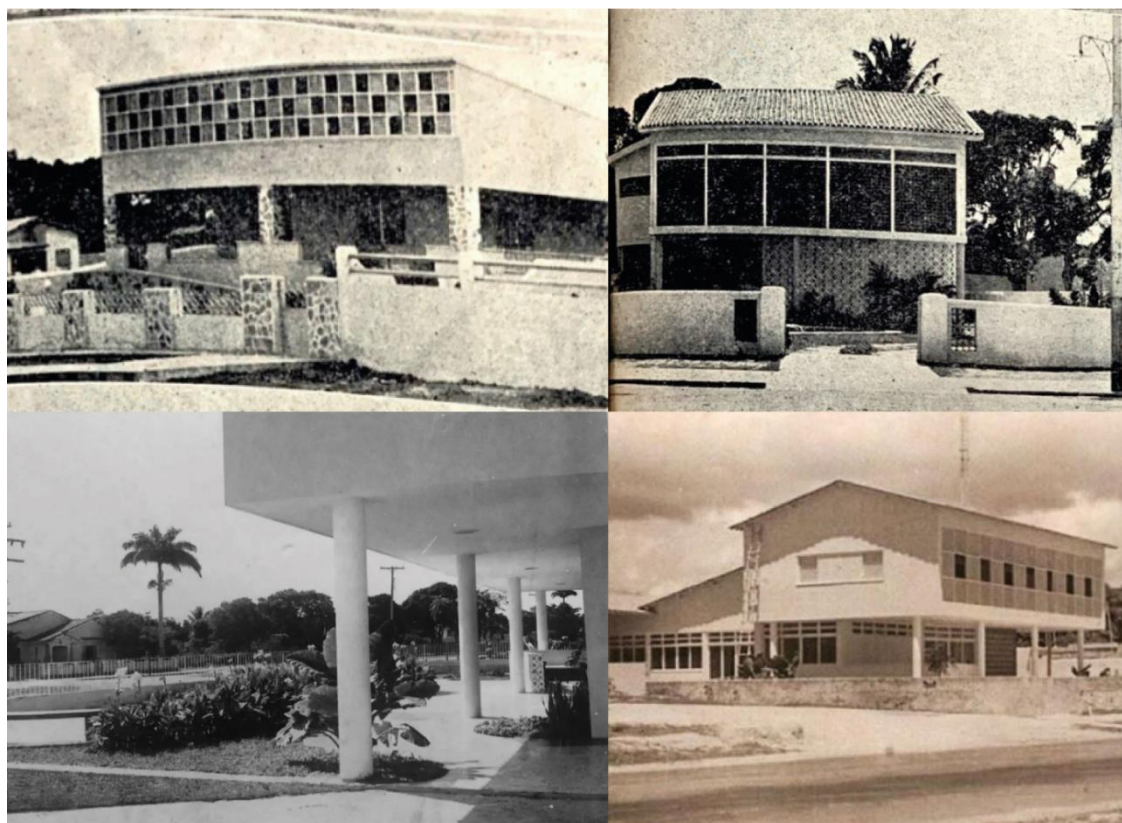
Fonte: Andrade Junior (2012).

As pranchas do CEPA não foram encontradas durante a revisão dos arquivos da Prefeitura e foi dada pouca atenção a esse projeto e sua importância para o cenário educacional na capital alagoana, como o principal centro de ensino público do estado. Segundo Andrade Junior (2012), o CEPA teve seu projeto e construção nos períodos entre 1953 a 1957. O anteprojeto era composto por uma série de pavilhões dispostos

em um grande parque, alguns independentes e outros articulados, com diversas tipologias e funções que acolhessem as necessidades educacionais, abarcando áreas de esportes, refeições, escolas, bibliotecas e artes.

Além disso, ao longo da década de 1950, a avenida Fernandes Lima abrigou residências do estilo bangalô e neocolonial e passou a receber residências em arquitetura moderna (ver Figura 59). Em específico, as residências Dr. Paulo Netto (1952) e de José Lyra (1952), ambas de Lygia Fernandes, que utilizam de fachadas frontais bem trabalhadas, volumetria prismática, adaptação ao contexto local, com telhado em telha cerâmica, uso de venezianas e muxarabis (Silva, 1991).

Figura 59 - Residências Unifamiliares localizados na Av. Fernandes Lima, década de 1950.

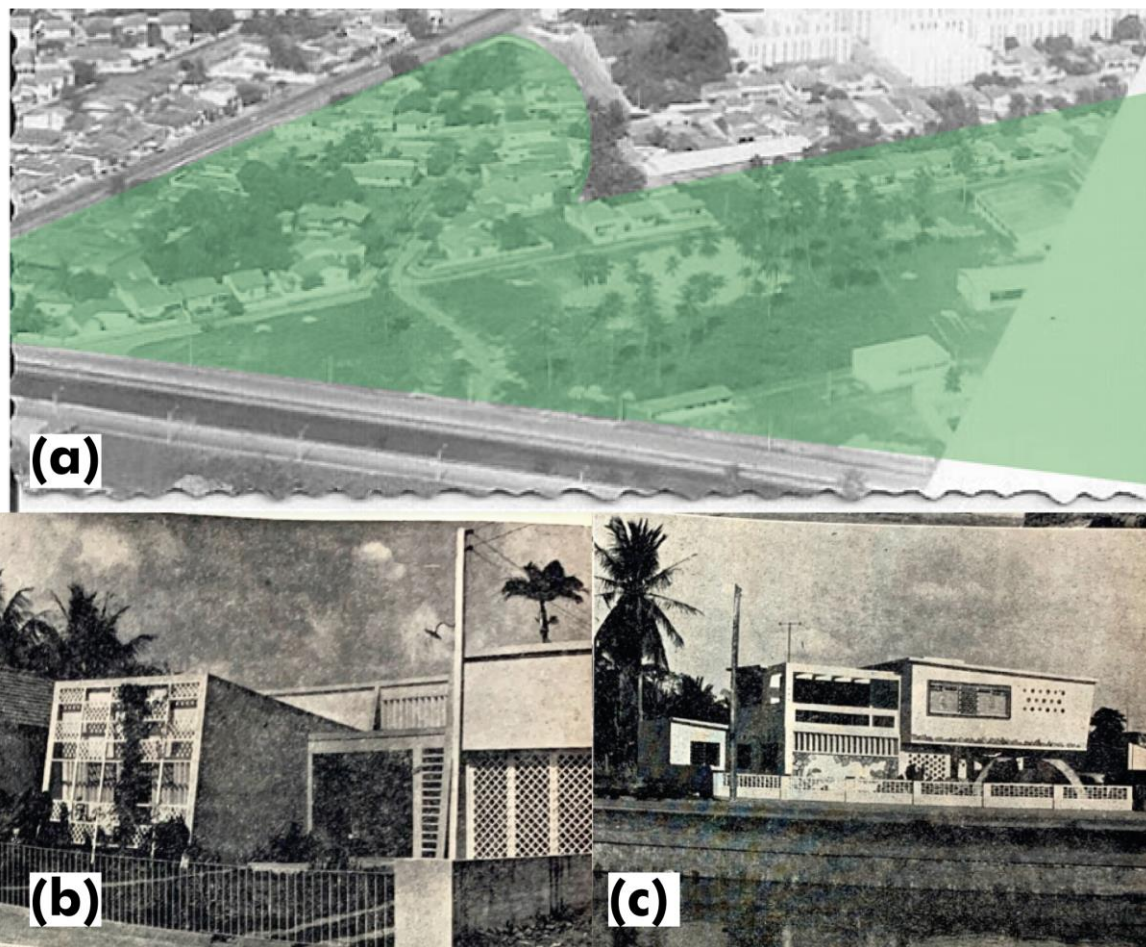


Fonte: Fotos de Maceió Antiga (2022) em cima e embaixo, fotos de Cassella (2022). Compiladas pelo autor.

Enquanto isso, as áreas aterradas do Centro (ver Figura 60) e proximidades foram sendo ocupadas, em sua maioria, por residências, como a Rua Pedro Monteiro, e

novas ruas próximas ao leito retificado do Riacho Salgadinho. Dentre essas novas vias, a Av. Humberto Martins, atual Av. da Paz, lindeira ao riacho retificado.

Figura 60 - (a) Em destaque, área aterrada do leito Riacho Salgadinho; (b) Residência Unifamiliar projetada por Zélia Maia Nobre na Rua Pedro Monteiro e (c) Residência Unifamiliar.



Fonte: a foto de Maceió Antiga (2021), b e c de Cassela (2022).

Durante o Governo de Muniz Falcão (1956 – 1961), foi encomendado o projeto para Estação Rodoviária de Maceió (ver FIGURA 61)) que teve a obra iniciada ainda em seu governo e inaugurada apenas na década de 1960 (Ticianele, 2019). Em depoimento para o livro de Silva (1991), Zélia Maia Nobre afirma ter feito um projeto para a Estação Rodoviária, mas que em “nada foi aproveitado para construção executada” (Silva, 1991, p. 124). Não foram identificados os projetos da Estação no arquivo da Prefeitura.

Figura 61 - Rodoviária de Maceió (195?).



Fonte: História de Alagoas (2019).

A maioria dos exemplares levantados nos arquivos, de registros fotográficos e visitas *in loco*, seguem uma conformação horizontal com no máximo três pavimentos. A exemplo, da Delegacia do IBGE-AL (195?), não consta o projeto na prefeitura, esta apresenta três pavimentos e se destaca do entorno por sua implantação numa esquina e por ter sua volumetria prismática, limpa de ornamentos em um entorno eclético, ou seja, seu destaque se dá mais por sua forma que pela altimetria.

Figura 62 - Delegacia do IBGE-AL (195?), entre o Beco São José e Rua Boa Vista.



Fonte: IBGE (2022).

Esse cenário mudou apenas em 1957, com o edifício Parque Hotel, da arquiteta pernambucana Zélia Maia Nobre, no Centro de Maceió. O Parque Hotel, segundo Silva (1991), foi um dos mais importantes hotéis da época na zona central da cidade. Sua volumetria é marcada pelo uso de cobogós, das janelas em fita, com peitoril em brises fixos horizontais, e além da fachada revestida por um jogo de pastilhas cerâmicas em tons azuis. Quanto à implantação, apresenta um leve afastamento de duas laterais. A edificação está localizada em umas das praças mais importantes da cidade, a Praça D. Pedro II, onde também se localiza a Assembleia Legislativa do Estado, a Catedral Metropolitana e, próxima do principal eixo comercial, a Rua do Comércio e além de ser na mesma quadra que as edificações do IPASE-AL (1947) e IAPETEC (1948). Provavelmente, isso foi um ponto chave para a implantação do Hotel, que também está próximo da Estação Central de Trem.

Figura 63 - Vista do Parque Hotel ao centro, e o Palacete do Barão de Jaraguá à esquerda, no início da década de 1960.



Fonte: Ticianeli (2016).

Assim como as edificações do IPASE-AL (1947) e IAPETEC (1948), o Parque Hotel (1957) é um marco na paisagem por seu caráter moderno e um novo tipo de edificação, mas que ainda assim não venceu a horizontalidade do bairro e seguiu a conformação da quadra em que está localizado. Porém, no mesmo ano em que o Parque Hotel foi aprovado, foi encontrado um anteprojeto de uma edificação comercial a ser construída na Rua do Comércio. Segundo a prancha, o anteprojeto é de autoria do arquiteto pernambucano Hugo de A. Marques. Foram encontradas apenas duas

pranchas, uma com uma perspectiva da edificação e outra com planta de situação e plantas baixas da loja e sobreloja. A edificação não foi construída, mas caso o fosse, seria a primeira construção com nove pavimentos da cidade. Quanto às suas características, apresentava volumetria prismática, sem recuos seguindo o perfil fundiário da quadra, janelas em fita em cada andar, salas dispostas em uma lateral e na outra o corredor de acesso, com circulação vertical aos fundos do lote.

Figura 64 - Primeiro projeto de uma edificação com mais de 6 pavimentos em Maceió em 1967, não construído.



Fonte: Arquivo da Prefeitura de Maceió (2022).

Mesmo não construído, esse projeto indica que a verticalização em alta altimetria em Maceió já estava por chegar, embora nesse momento fosse apenas em ideia e não concretizada, o fato que iria ocorrer no ano seguinte. Em 1958, o projeto e construção do Edifício Brêda (ver Figura 65), com pavimento térreo e sobreloja e mais dez

pavimentos tipo, foi o primeiro edifício em altura do estado, devido ao empenho da firma de Waldomiro Brêda e do desenhista alagoano, autor do projeto, Walter de Azevedo Cunha (Silva, 1991). Destaca-se que na prancha do projeto, não há menção ao autor do projeto, indicando apenas o responsável técnico por ele, o engenheiro civil, Carlos Gama Brêda da Construtora Walbreda, empresa que atuou na construção do imóvel. A Construtora Walbreda se dizia responsável por impulsionar o progresso da cidade e sem dúvidas:

Ao panorama da cidade, com seus sobrados e extenso coqueiral à beira-mar, acrescentou-se a novidade do edifício em altura, disputando lugar com as torres das igrejas, há muito misturadas neste cenário. [...], o símbolo da modernidade que foi edificado no Centro de Maceió ganhava a atenção da população ansiosa pelo progresso que ele representava naquele momento. [...] a construtora Walbreda, juntamente com outras empresas pertencentes a essa família [...] se dizia impulsionadora do progresso na cidade, com empreendimentos de “grande vulto no terreno das incorporações imobiliárias” onde “suas iniciativas nesse plano vêm imprimindo à nossa cidade um surto de progresso, modificando-lhe completamente a fisionomia”. E continua afirmando que “são de organizações assim que a nossa cidade carece para acelerar o seu crescimento, para modificar a sua paisagem urbanística, para torná-la enfim uma cidade adulta” Sem dúvidas, o Edifício Brêda, deu o ponta-pé inicial à verticalização em Maceió (Casado, 2022, p. 204).

Figura 65 - Vista do Edifício Brêda (1958) da Rua do Livramento.



Fonte: Maceió Antiga (2019).

O Edifício Brêda (1958) apresenta uma implantação que segue os contornos do lote, de esquina abaulada, com o térreo mais recuado em relação ao resto da edificação, e marcado por marquise e pilares circulares na esquina. Quanto aos pavimentos tipos, em cada abertura há um tipo de moldura que marcam todas as fachadas, sendo as esquadrias em madeira com brises fixos horizontais. É uma edificação que apresenta definição de embasamento, corpo e coroamento, com platibanda reta composta por elementos vazados e um pavimento na cobertura em menor dimensão. O Edifício Brêda é um marco na paisagem do bairro do Centro, mas que não teve força para iniciar um processo de verticalização marcante no bairro, como visto nas décadas seguintes.

Figura 66 - Vista do Edifício Brêda (1958) do Mirante Santa Terezinha.



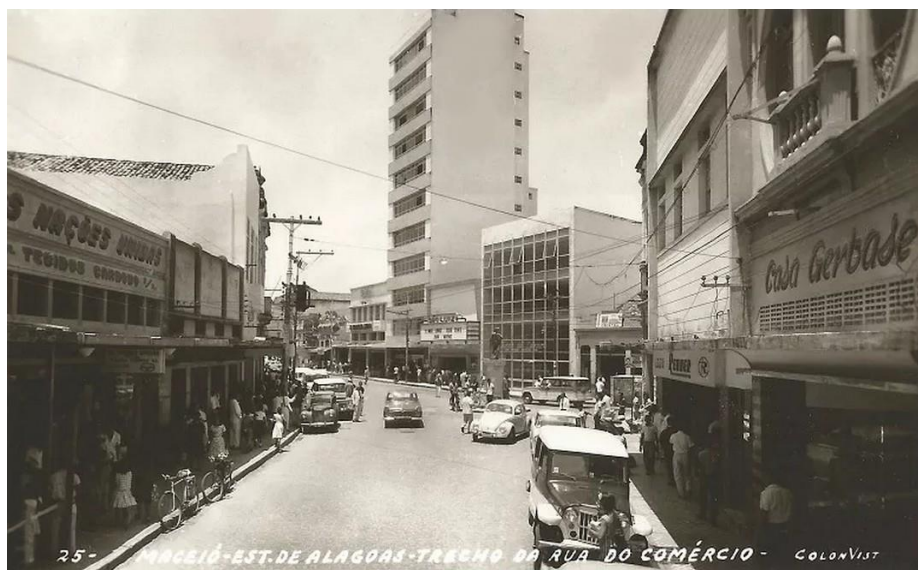
Fonte: MISA (2022).

A década de 1960 teve a maior quantificação de projetos levantados no bairro do Centro quando comparada com as outras décadas do recorte. Os projetos tinham os mais variados usos e altimetria, por isso, entende-se que a década de 1960 foi o momento de maior experimentação da arquitetura moderna.

O início dessa década foi marcado por construções verticais, sendo o Edifício Sede do Banco Econômico (ver Figura 67) o primeiro projeto constando apenas seis pavimentos e em 1963 o projeto já se apresentava com os onze pavimentos, sendo

esse o construído. Em 1961, houve a aprovação e construção do primeiro edifício multifamiliar da cidade e o primeiro voltado para a orla da Praia da Avenida, o Edifício São Carlos (ver Figura 68 e Figura 69) que prenunciava a ocupação das orlas principalmente com os projetos de urbanização ao longo da década de 1960. Silva (1991) indica autoria desses dois projetos como sendo de Walter Cunha e a construção da firma de Waldomiro Brêda, os carimbos da prancha correspondem à firma, porém não há menção sobre a autoria do projeto ser de Walter Cunha. E assim como nas pranchas Edifício Brêda, tem como responsável técnico, mais uma vez, Carlos Gama Brêda.

Figura 67 - Sede do Banco Econômico da Bahia (1960), ao fundo, na Rua do Comércio, década de 1960.



Fonte: Maceió Antiga (2019).

Figura 68 - Vista panorâmica do Mirante São Gonçalo para o Oceano Atlântico, à esquerda, o Edifício São Carlos (1961), marcando a paisagem.



Fonte: MISA (2023).

Figura 69 - Av. Paz e o destaque para a altimetria do Edfício São Carlos (1961).



Fonte: Ticianeli (2019).

O uso residencial unifamiliar foi predominante nos projetos aprovados no Centro. Muitos não apresentam o endereço completo apenas o nome da rua. Ao conferir com o mapa do bairro, nota-se que esses projetos foram aprovados em áreas aterradas na década de 1940. Enquanto nas áreas consolidadas do bairro, os projetos que foram aprovados tinham como uso: institucional, comercial, serviço e bancário. Sendo um dos exemplos do uso bancário, o Banco da Lavoura (1961), do engenheiro-arquiteto paulista Álvaro Vital Brazil. Um outro projeto é a Escola de Enfermagem, do engenheiro civil Demócrito Barroca³¹, localizado na Rua Pedro Monteiro com volumetria prismática, janelas horizontais e o uso de cobertura em abóbada marcando a entrada da edificação. Tais características são vistas em projetos como o do CEPA (1950).

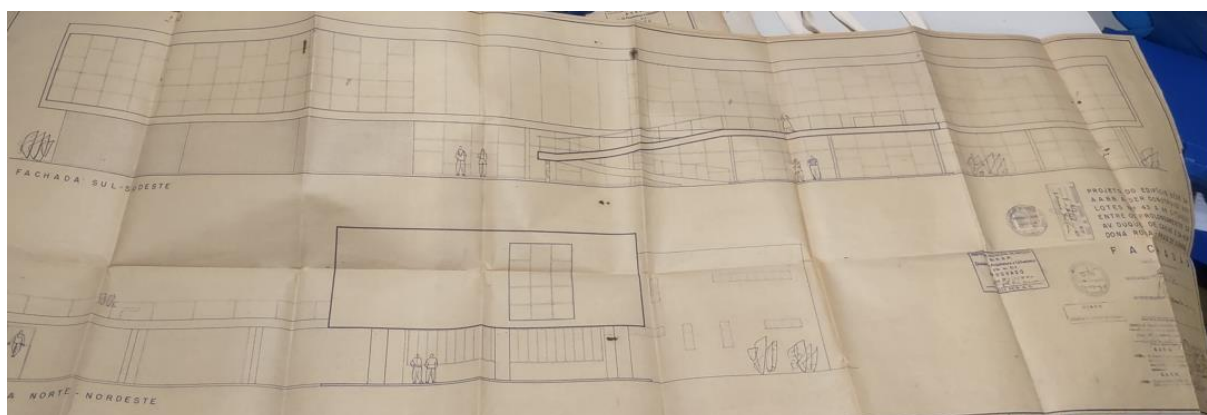
³¹ Engenheiro mencionado no livro de Silva (1991) por ter trabalhado com o desenhista José Nobre no projeto do Clube do Trabalhador (1962) no bairro Levada.

Figura 70 - Escola de Enfermagem (1960).



Fonte: Arquivo da Prefeitura de Maceió (2022).

Figura 71 - Projeto da Sede da AABB (1960), projeto de Israel Correia.



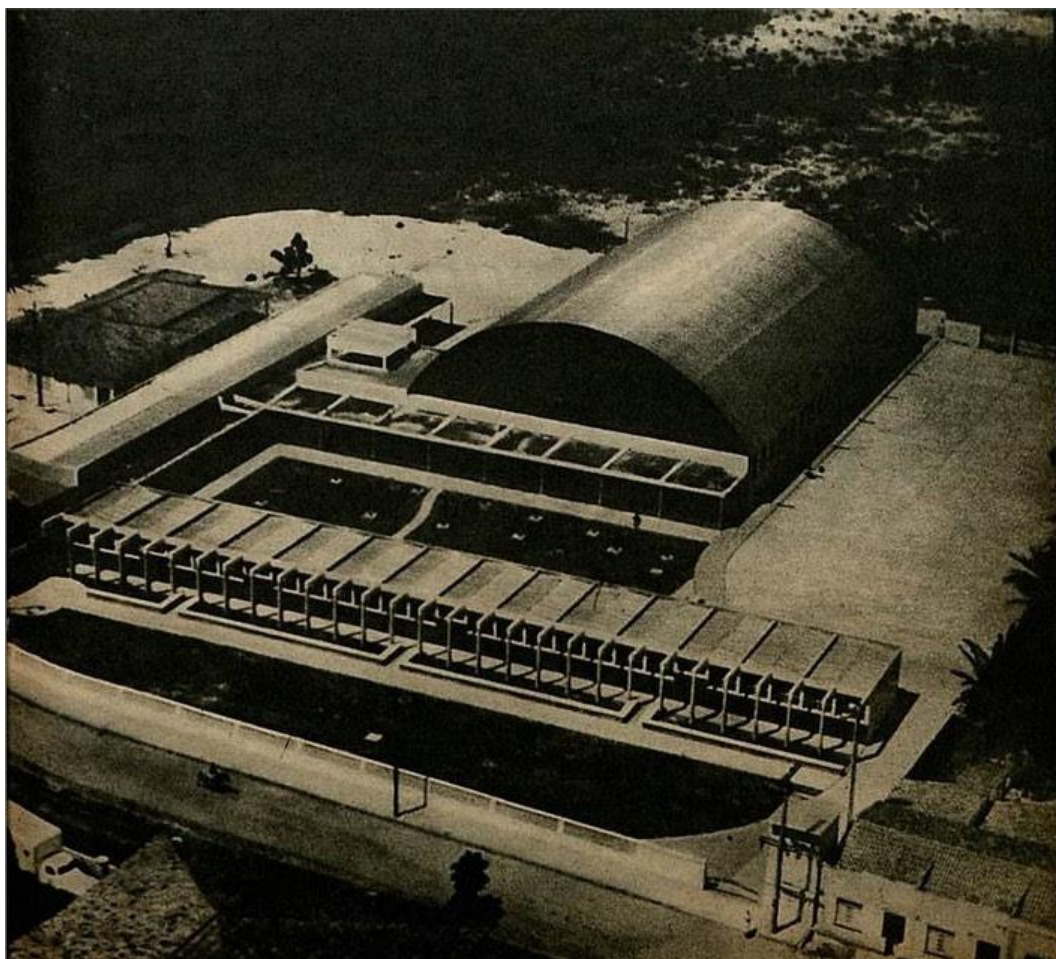
Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022).

Além disso, na primeira metade da década de 1960, houve a aprovação e construção de equipamentos de lazer como a Associação Atlética do Banco do Brasil (1960) localizado na Av. da Paz (ver

Figura 71) e o Clube do Trabalhador (1961), no bairro da Levada, numa área antes ocupada por manguezal (ver FIGURA 72), local onde foram instalados a Antiga Reitoria (atual Pinacoteca Universitária) e a Residência Universitária ambas da UFAL (ver Figura 74 e Figura 75), em 1961 na gestão de Sandoval Cajú (Ferrare, 2006).

Não foram identificados os projetos dessas duas edificações no arquivo da Prefeitura e ambos projetos são da arquiteta Zélia Maia Nobre.

Figura 72 - Clube do Trabalhador (1961).



Fonte: IBGE (2022).

Figura 73 - Praça Sinimbú reformada na Gestão de Sandoval Cajú.



Fonte: Ticianeli (2016).

Figura 74 - Antiga Reitoria da UFAL (1961), projeto de Zélia Maia Nobre.



Fonte: Silva (1991).

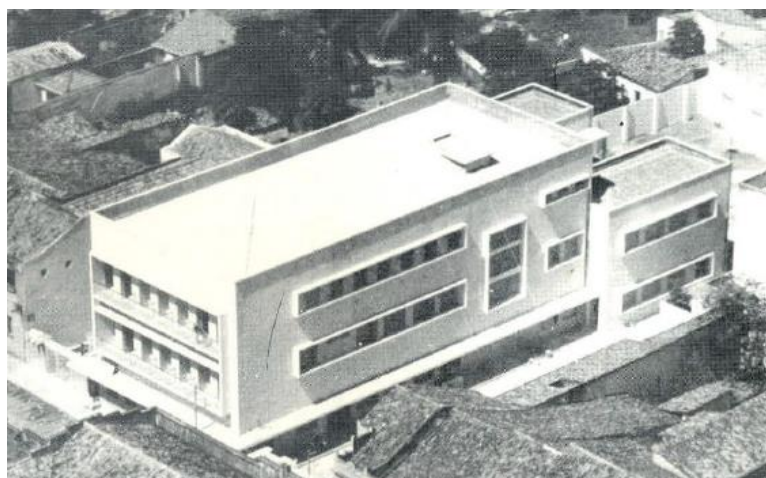
Figura 75 - Antiga Residência Universitária da UFAL, projeto de Zélia Maia Nobre.



Fonte: IBGE (2022).

No início da década de 1960 foram aprovados outros projetos de caráter moderno, como o Edifício Muniz Falcão (1960), de Jofre Saint'Yves Simon (ver Figura 76). Um outro projeto com feições semelhantes esse é uma edificação vizinha ao Palácio do Governo na Praça dos Martírios que segue as mesmas características da anterior, como volumetria prismática, janelas dispostas em moldura sobressaltada (ver Figura 77). Não foram encontradas as pranchas do projeto, mas pela similaridade da edificação com o Edifício Muniz Falcão (1960) acredita-se que ambos são da mesma década de 1960.

Figura 76 - Edifício Muniz Falcão (1960).



Fonte: Silva (1991).

Figura 77 - Edificação Pública (196?).



Fonte: Gazeta de Alagoas (2021).

Outra edificação não identificada nos arquivos, mas em visita *in loco*, foi o Grupo Escolar Fernandes Lima na Rua do Sol (ver Figura 78). Antes em uma edificação de feições coloniais, sem afastamento frontal e geminada em suas laterais. Ticianeli (2019), ao descrever a história da rua, afirma que em 1964 foi demolido e “em seu lugar foi erguido um edifício moderno, com dois pavimentos” (Ticianeli, 2019) que foi inaugurado em 1965. Supõe-se que o projeto tenha sido, também, da mesma época.

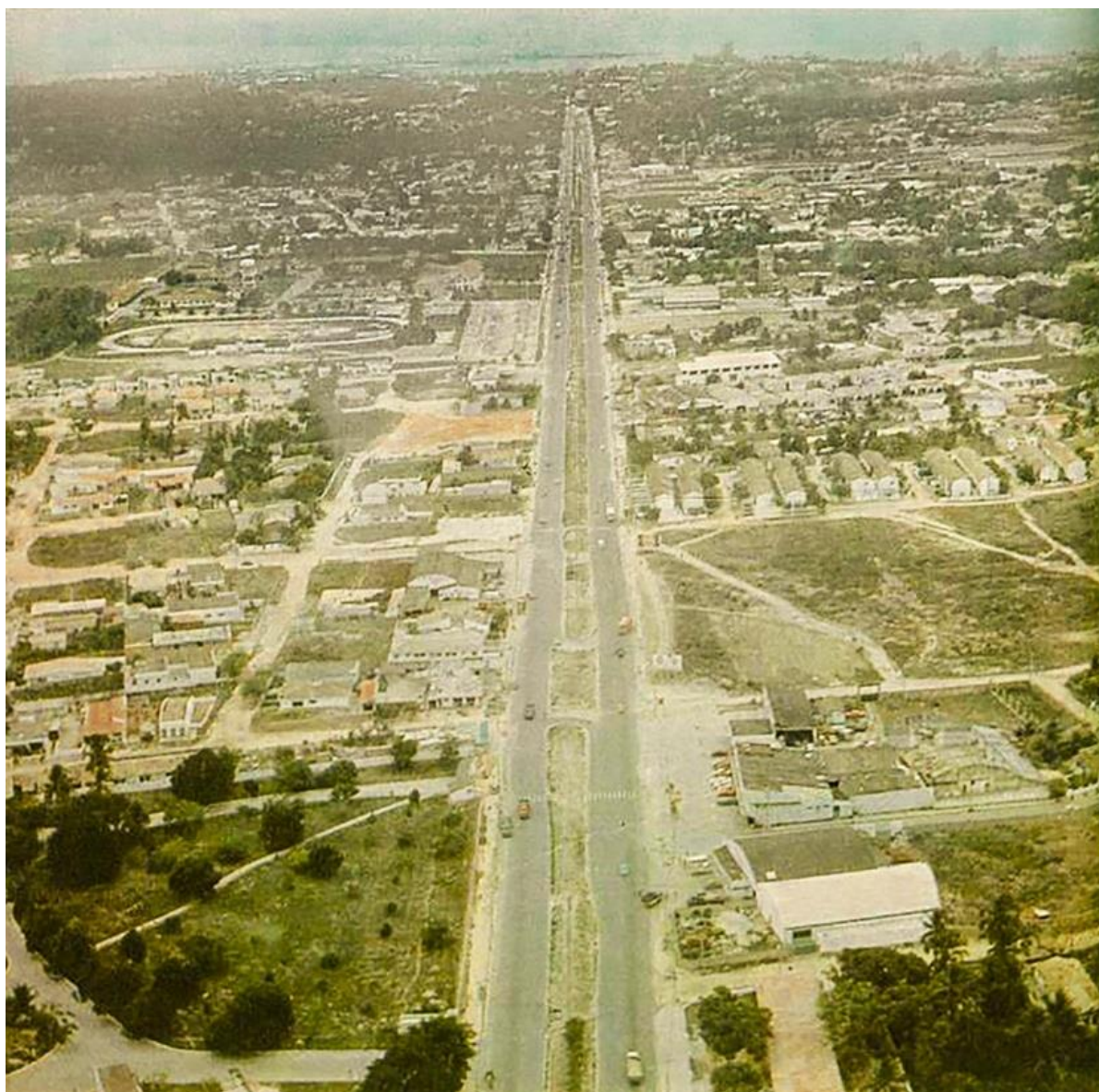
Figura 78 - Grupo Escolar Fernandes Lima no início do século XX e atualmente.



Fonte: História de Alagoas (2019) e Paula Fernandes (2023).

Quanto ao restante da cidade, houve a expansão e consolidação dos bairros Farol e Pinheiro como regiões residências da classe mais abastadas. Tanto por meio de fotos da época, como pelo levantamento de Silva (1991) e de Cassella (2021), percebe-se a ocupação desses bairros por residências modernistas. Para Japiassú (2015), a intensificação da expansão da cidade para o planalto partiu da estruturação da Av. Fernandes Lima (ver Figura 79), da implantação do distrito industrial na década de 1960 e, depois, pela construção do campus da UFAL na década de 1970. Enquanto as áreas litorâneas ao norte continuavam reservadas as comunidades pesqueiras, com os coqueirais e algumas chácaras (ver FIGURA 80).

Figura 79 - Vista da Av. Fernandes Lima, na parte alta da cidade, do sentido ao Centro.



Fonte: Maceió Antiga (2022).

Figura 80 - Praia de Ponta Verde, litoral norte, na década de 1960.



Fonte: Maceió Antiga (2022).

Na segunda metade da década de 1960, o país passou por um momento de recrudescimento político, o Golpe Militar de 1964, que instaurou a Ditadura Militar no Brasil e perdurou até 1985. Vale destacar, que esse foi um período de variados atos antidemocráticos marcados pelas práticas de censura, negação de direitos constitucionais e humanos, perseguição, repressão e tortura daqueles que fossem contra o regime. Com afirma Silva (1991, p. 14), este foi um momento de estremecimento na história brasileira e determinou-o como o marco final “de uma fase pujante da arquitetura nacional, que terá certamente ressonância em Alagoas”, assim como da cronologia de seu livro. Zein (2018) afirma também que a situação da arquitetura moderna brasileira e de seu recolhimento esbarram em um amplo preconceito internacional com a realização de Brasília e a quebra de simpatia com o país devido ao Golpe de 1964. Mesmo em um período de forte repressão, o que se pode notar pelos arquivos é que a arquitetura moderna continuou a ser projetada e construída em Maceió.

A quebra de simpatia em relação ao Brasil piorou ainda mais depois do golpe militar de 1964, quando o país passa a ser dirigido por uma ditadura civil-militar de regime autoritário e tecnocrático. Que paradoxalmente promoveu uma enorme quantidade de obras públicas por todo o país, nas quais a quase totalidade dos arquitetos brasileiros, de todas as cores políticas se engajou. Ainda assim, a maioria dos críticos e editores das grandes revistas internacionais daquele período não toleravam os abusos que vinham sendo cometidos contra os direitos humanos, resultando em uma rejeição implícita, talvez injusta, mas efetiva, à arquitetura moderna, cujas obras praticamente desapareceram do radar editorial e cultural internacional. (Zein, 2018, p. 149).

Nesse momento de crise e “desprestígio” da arquitetura moderna, a mesma não deixou de existir. O Centro continuou alvo desses projetos, demonstrando a importante função do bairro para cidade. Desses projetos, destacamos os de uso residencial multifamiliar e bancário. Quanto ao residencial multifamiliar, houve o projeto de Edifício Lagoa-Mar (1964) no bairro do Farol, construído pela firma GIBOC³² com participação do escritório recifense de Acácio Gil Borsoi e do arquiteto colaborador Marcos da Rocha Vieira³³.

Figura 81 - Edifício Lagoa-Mar (1964).



Fonte: Silva (1991).

Outro projeto é o Edifício Santa Izabel (ver Figura 82), não identificado nos arquivos da Prefeitura, mas que, segundo Casado (2022), teve a obra iniciada na década de 1960 e ficou parada até a década de 1970. Com o registro fotográfico da década de

³² Firma de Israel Correia e irmãos sediada no Rio de Janeiro com o objetivo de desenvolver projetos a nível nacional, foram responsáveis pela construção do campus A.C Simões da UFAL (Silva, 1991).

³³ Marcos Antonio da Rocha Vieira é natural de Recife (PE), nascido em 25 de março de 1946. Arquiteto, formado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco. Atuou em diversos projetos em Maceió além do Edifício Lagoa Mar, onde foi responsável pelo detalhamento, dentre eles do Edifício Delmiro Gouveia (1970) (Casado, 2022).

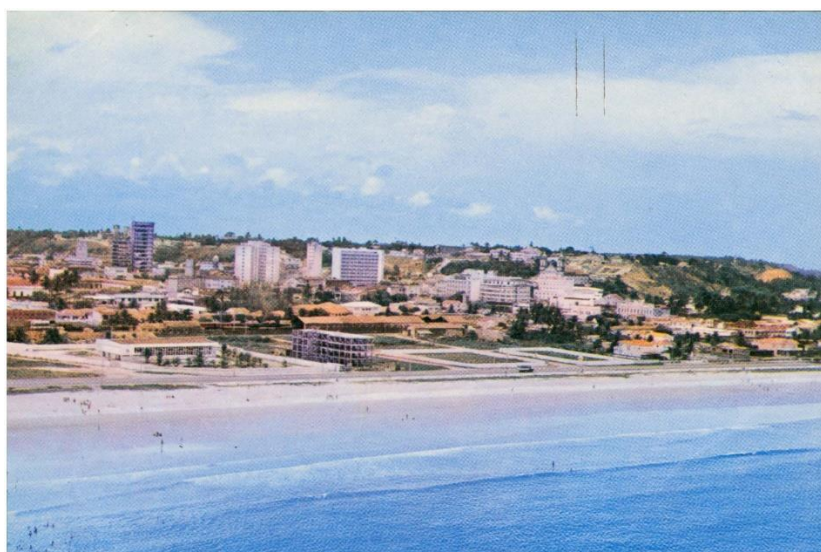
1960 (ver Figura 83), nota-se o início da construção localizado na Av. da Paz (Praia da Avenida).

Figura 82 - Edifício Santa Izabel (196?).



Fonte: Google Earth (2022).

Figura 83 - Vista parcial do mar para o Centro, década de 1960.



Fonte: Maceió Antiga (2022).

Ao final da década, em 1967, foi aprovado o projeto do Edifício Núbia (ver Figura 84), também, na Av. da Paz vizinho ao Edifício São Carlos (1961) de autoria dos arquitetos pernambucanos Waldecy Pinto, Renato Torres e Antônio Didier. Esses três arquitetos foram responsáveis pelo projeto do Hotel Reis Magos em Natal, um dos ícones da arquitetura moderna até ser demolido em 2015 (Galindo, 2015).

Figura 84 - Edifício Núbia (1967) à esquerda e Edifício São Carlos (1961) à direita, vistos da Praia da Avenida.



Fonte: Maceió Antiga (2021).

Quanto aos de uso bancário, o edifício sede do Banco do Brasil (1964), dos arquitetos F.A. Regis e A. A. Soares na Rua do Livramento, ao lado o Edifício Walmap (1964), (ver Figura 85) e o Banco da Produção (1965), do arquiteto carioca e de forte atuação em pernambucano, Acácio Gil Borsoi (ver Figura 86), são edificações em altura superior a dez pavimentos, relativamente próximas por ser nessa região o ponto de maior movimento do bairro pela Rua do Comércio. Os três apresentam volumetria e implantações diferentes que marcam a paisagem do Centro.

Figura 85 - Construção do Banco do Brasil (1964), Edifício Walmap (1964) e vista da Praça Montepio para os prédios atualmente.



Fonte: História de Alagoas (2015) e José Ronaldo (2012).

Figura 86 - Banco da Produção visto da Praça D. Pedro II (1965).



Fonte: História de Alagoas (2019).

Nota-se que ao longo da década de 1960 houve uma maior participação de profissionais seja dentro ou fora da temporalidade do livro de Silva (1991). Além da segunda metade da década de 1960 não está no livro de Silva (1991), a hipótese junto a experiência empírica do autor nos arquivos é a que os arquitetos foram atuar em outros bairros, principalmente em projetos de residências unifamiliares no Farol, Pinheiro e arredores. Pode-se crer, também, que alguns profissionais não residissem mais no estado, a exemplo de Lygia Fernandes que Silva (1991) pois na seção de “Depoimentos” localiza a entrevista da arquiteta no Rio de Janeiro, assim como, as pesquisas de Espinoza e Vasconcelos (2019) indicam que durante a década de 1950 a 1960, a arquiteta trabalhou nesse estado até sua aposentadoria em 1989.

Também deve ser levado em consideração o bairro como a única centralidade de Maceió ao longo da década de 1960 (Japiassú, 2015), por isso foi o lugar onde foram instaladas as sedes de bancos nacionais e internacionais bem como edifícios institucionais. Muitos desses projetos vieram de fora do estado, seja do Sudeste ou

do próprio Nordeste, como por exemplo Acácio Gil Borsó e o Banco de Londres (1967), projeto do arquiteto paulista Tomio Kimura (ver Figura 87). Além disso, os projetos dos bancos estão dentro do contexto vivido no Brasil, na segunda metade da década de 1960 com as medidas da “Reforma Bancária” e o “milagre econômico” resultou na disponibilidade de recursos para financiamento de atividades produtivas e expansão das atividades bancárias (Nogueira, 2018).

Figura 87 - Fachada Principal do projeto Banco de Londres (1967).



Fonte: Arquivo Prefeitura de Maceió (2022).

Ao final da década de 1960, o bairro do Centro continuava como a centralidade de maior relevância, com uma importante atividade comercial e de serviço, abrigando sedes institucionais, bancárias, áreas de lazer e uma orla recém urbanizada com calçadão que remete ao de Copacabana. Segundo a autora Japiassú (2015), começam a surgir outras centralidades como o Farol e no Litoral Norte com sua ocupação. Casado (2022) destaca que as praias começaram a ter um maior prestígio e ser mais frequentadas com a construção de clubes sociais como o late Clube Pajuçara com auge na década de 1970.

Figura 88 - Calçadão da orla da Praia da Avenida.



Fonte: Maceió Antiga (2022).

3.3 DÉCADA DE 1970: VERTICALIZAÇÃO DO CENTRO E MUDANÇA DO EIXO DE EXPANSÃO

Ainda dentro de um contexto político de repressão, Maceió sofreu com o reflexo desse momento, em um acordo político sem preocupação com impacto urbano ambiental e urbano, regido pela máxima do progresso, houve a discussão para implantação de uma indústria química³⁴ na orla da Praia da Avenida, no bairro do Pontal, a Braskem (ver Figura 89). Cavalcante (2014) afirma que a implementação da indústria acarretou fortes consequências para a cidade, como a alteração da dinâmica urbana e a inversão dos vetores de crescimento que antes apontavam para o litoral sul, mas após isso redirecionam para o adensamento em direção ao litoral da orla marítima norte (ver FIGURA 90). E pela proximidade do Centro, a área de implantação da indústria, os possíveis riscos de explosão ou contaminação química geraram desvalorização dos imóveis dali o que contribuiu para o início da estagnação do bairro.

³⁴ A empresa tinha como primeiro nome Salgema, depois em 1996 mudou pra Trikem e em 2002, com a junção da Trikem com outras empresas, muda de nome para Braskem.

Figura 89 - (a) Vista aérea da Indústria Química Braskem e (b) mapa demonstrando a proximidade com o bairro do Centro.



Fonte: História de Alagoas (2019) e Google Earth (2023), adaptado pelo autor.

Figura 90 - Esquema demonstrando os vetores de crescimento da cidade.



Fonte: Casado (2022).

Ao que se percebe pelos textos de Cavalcante (2014) e Andrade Junior (2011), o tempo entre a decisão da instalação, aprovação do projeto e sua construção deu-se entre os anos de 1971 a 1976, sendo a autoria do projeto de Diógenes Rebouças. Quanto ao impacto da implantação³⁵, percebe-se na relação dos projetos aprovados e construídos e os não construídos, no caso dos edifícios verticais que alguns exemplares não seguiram para execução.

O primeiro edifício vertical aprovado nessa década foi o Edifício Palmares (1970), a sede do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), que foi construído onde existia o Hotel Bella Vista, uma edificação eclética considerada um dos hotéis mais luxuosos da época e demolido na década de 1960 (Gomes, 2019). O Edifício está localizado na Praça dos Palmares foi por muitos anos a entrada para o bairro do Centro, ele teve seu habite-se liberado em 1978, configurando-se como o edifício mais alto da cidade, com quinze pavimentos (ver FIGURA 91). O Edifício Palmares foi desbancado por construções contemporâneas no litoral norte, como por exemplo o Terra Brasília (ver Figura 92). Seu projeto é de autoria do arquiteto Fernando Borba, com escritório sediado em Recife/PE. O Edifício Palmares apresenta volumetria articulada por três volumes e solta dos limites do lote, de base mais retangular, ao meio um volume menor e nos andares superiores segue com base retangular em maior largura.

³⁵ O impacto da implantação da Braskem rendeu prejuízos que perpassam da mudança do eixo de expansão. A indústria explorava regiões da lagoa Mundaú com 35 poços localizados na área urbana de Maceió. Essa exploração indevida e criminosa, culminou, em 2018, em tremores de terra que geraram subsidência de cinco bairros: Bebedouro, Pinheiro, Mutange, Bom Parto e parte do Farol. Com danos graves e o aparecimento de rachaduras em ruas e edificações, os cinco bairros tiveram que ser evacuados, segundo Rikartiany Cardoso, do Movimento pela Soberania Popular na Mineração, as famílias foram expulsas de suas casas sem a devida indenização paga, não houve participação popular nas audiências públicas para tratar do crime. Para Rikartiany, houve omissão do poder público e o apagamento da memória da luta das pessoas e exclusão das necessidades do espaço. A Braskem até o momento não reconheceu oficialmente seu crime. Os cinco bairros permanecem semelhante a uma zona de guerra ou bairros fantasmas. Essa situação impactou os que viveram nesses bairros, a cidade, o meio ambiente e o patrimônio cultural de Maceió, pois o bairro do Bebedouro é uma zona de proteção.

Figura 91 - Edifício Palmares (1970).



Fonte: Maceió Antiga (2022).

Figura 92 - Vista atual da Orla da Praia da Avenida.



Foto: Luan Rubens (2023), adaptado pelo autor.

O Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) é resultante da unificação dos institutos de aposentadoria e pensões do setor privado e público. A unificação se deu em 1966 pelo decreto 72 do presidente ditador Castelo Branco, com isso, o modelo da previdência brasileira foi reajustado e passou a abranger trabalhadores rurais, empregados domésticos e autônomos, também ampliou a assistência médico-hospitalar. Segundo Duarte (2003), essa iniciativa fez parte de uma era de

consolidação e reestruturação conservadora em que a ditadura militar, para legitimar o seu poder, empreendeu uma série de políticas de cunho social. No passo que aumentou a cobertura desses benefícios, criou um cenário de desigualdade e grande estratificação social, já que não conseguiu suprir toda demanda populacional do país (Draibe, 2003).

Dentro desse panorama de ampliação dos serviços do setor previdenciário, foi aprovado o projeto do novo edifício do IPASE-AL (1970), com nove pavimentos, localizado na Rua Cincinato Pinto e autoria da arquiteta Zélia Maia Nobre (ver Figura 93). Assim como o Edifício Palmares (1970), apresenta o uso do concreto como elemento estrutural aparente, em outros projetos essa estratégia também pode ser notada, visto que nessa década foi inserido o momento de difusão da arquitetura brutalista.

Figura 93 - Sede IAPSE-AL (1970) no ano de 2023.



Fonte: Paula Louise (2023).

Segundo Zein (2005), a arquitetura brutalista foi uma das tendências do panorama arquitetônico moderno, seja brasileiro ou internacional do período pós 2ª Guerra Mundial até o final da década de 1970. No Brasil a tendência teve início a partir dos anos 1950 em obras no Rio de Janeiro e São Paulo e seguiu com o convívio de outras tendências, além do caráter não-hegemônico por apresentar diálogos criativos nas regiões que foram projetadas. As principais características do brutalismo são o uso do concreto armado e protendido aparente, ressaltando o desenho impresso pelas fôrmas de madeira natural:

O emprego do concreto armado aparente parece ter caracterizado o brutalismo de tal maneira que é quase seu sinônimo – apesar de outros materiais terem sido empregados em obras “brutalistas” e do termo “bruto” se referir nem tanto aos materiais em si mesmos como ao modo de empregá-los, ou seja, a preferência por deixá-los sem revestimento, potencializando suas texturas de forma a obter-se certas rugosidades, geralmente por meio de fatura artesanal ou semi-artesanal. (Zein, 2005, p. 93)

Seguindo em 1970, foi aprovado o projeto do Banco do Nordeste (1970), do arquiteto fortalezense Neudson Braga, na esquina entre a Rua Melo Moraes e Joaquim Távora. O projeto apresenta três pavimentos com funções distribuídas em grandes salões. Sua volumetria é prismática de base retangular, com superfícies em alvenaria revestida por mármore e aberturas em panos de vidro. O Banco do Nordeste do Brasil (BNB) foi criado em 1952 como instituição para desenvolvimento regional no Nordeste do Brasil e expandido na década de 1960, devido as reformas bancárias e ao “milagre econômico” apontado na seção anterior, até a década de 1980 devido à crise econômica, recessão e hiperinflação vivido no país (Nogueira, 2018).

Ao longo da década de 1970 houve a construção da nova sede da Prefeitura de Maceió (197?), segundo a comparação de fotos da época (ver FIGURA 95). Não foram encontrados os projetos nos arquivos da prefeitura. A edificação apresenta volumetria prismática, uso de esquadrias em madeira e vidro, tendo no térreo um pilotis. Foi construída no entorno da Praça dos Palmares, reforçando a relevância dessa região como a entrada do Centro de Maceió e sede de importantes instituições políticas ao longo das décadas de 1940 a 1970.

Figura 94 - Banco do Nordeste (1970).



Fonte: Nogueira (2018).

Figura 95 - Prefeitura de Maceió (197?).



Fonte: Maceió Antiga (2019).

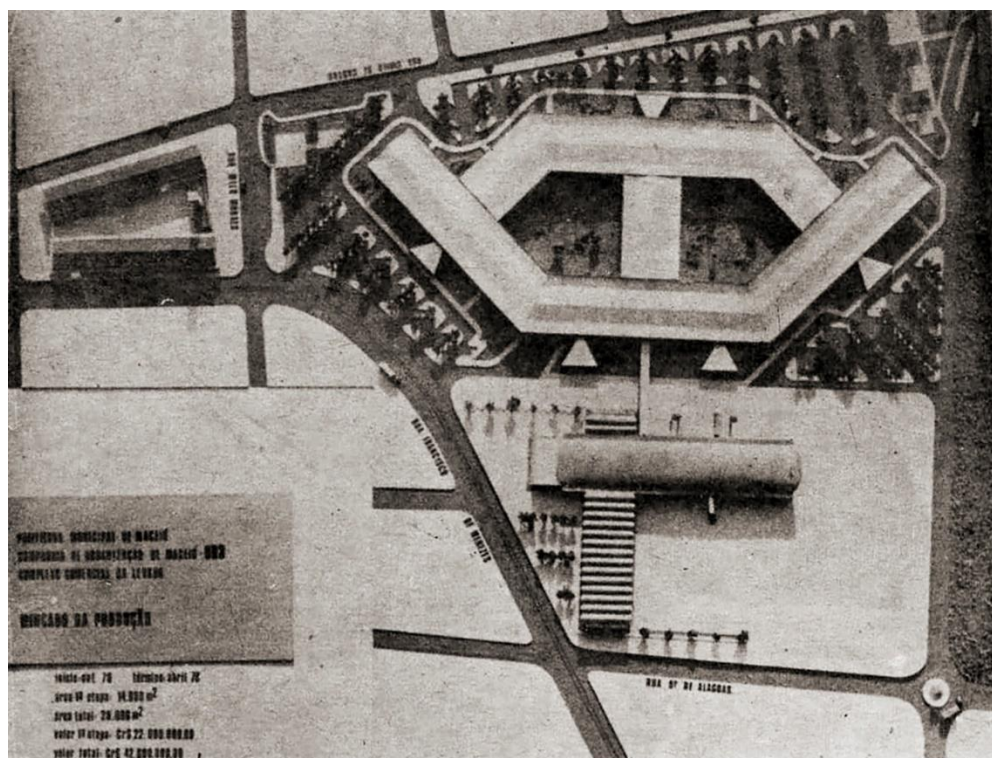
Em 1971, Maceió passou por mais uma mudança em sua característica física-topográfica nas proximidades do Mercado Público (1939), atual Mercado do Artesanato no bairro Levada (ver Figura 96), houve operações de aterramento para construção de um novo Mercado da Produção (1977?) e de seu complexo comercial (ver Figura 96). Não foram encontradas informações sobre esse projeto nos arquivos da Prefeitura, mas, segundo Ticianeli (2017), o projeto previa a área do antigo mercado, áreas para comércio, serviço, lanchonetes e a implantação de um Parque Folclórico destinado ao lazer para receber circos e parque de diversões. As obras foram concluídas em 1978 e envolveu o aterro de parte do Canal da Levada, para isso foram removidas as habitações de população de baixa renda ali existentes, que nos anos seguintes passaram a ocupar áreas no Mutange e Dique-Estrada. Destaca-se que o complexo não foi construído como no projeto, sendo presente apenas uma ala de mercado. E antes mesmo do projeto e construção, no lote vizinho, foi construído um Centro de Abastecimento (CEASA), no início da década de 1970 (ver Figura 98), de autoria do engenheiro-arquiteto uruguaio Eladio Dieste.

Figura 96 - Mercado Público (1939), atual Mercado do Artesanato.



Fonte: História de Alagoas (2019).

Figura 97 - Maquete do Complexo Comercial do Mercado da Produção (197?).



Fonte: História de Alagoas (2019).

Figura 98 - Implantação CEASA (1970).

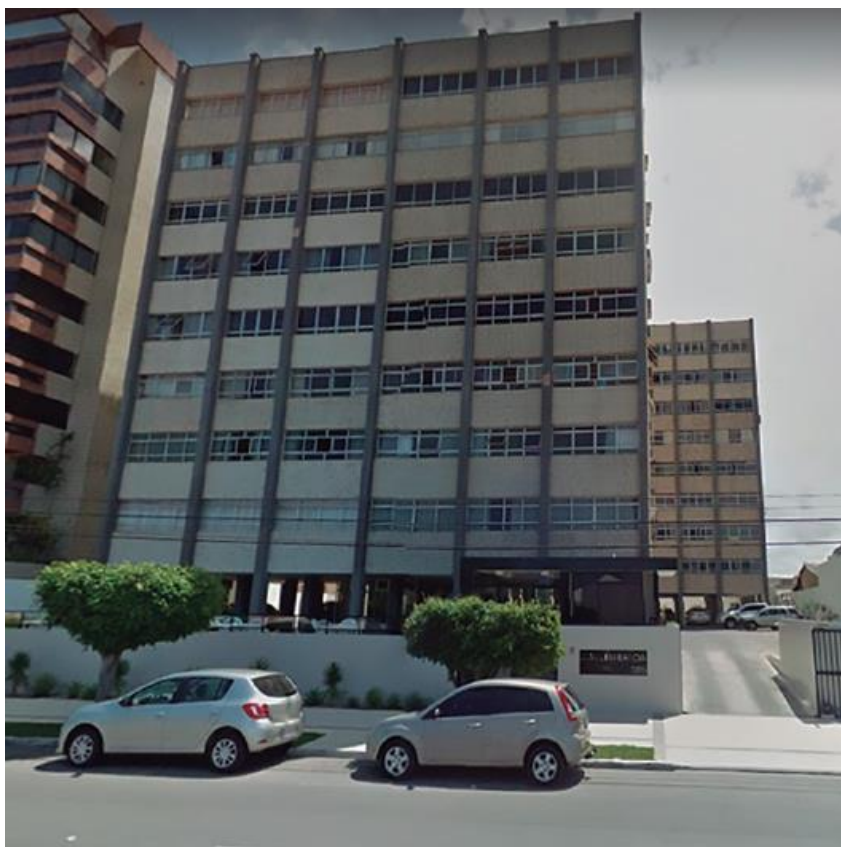


Fonte: Maceió Antiga (2019), adaptada pelo autor.

Apesar de se localizar no bairro da Levada, essas duas construções estão próximas ao Centro, o que influenciou nas dinâmicas de atividades entre esses dois bairros. Atualmente o CEASA (1970) está sem uso, foi ocupado até 2018 pelo grupo Bompreço Supermercados. Enquanto o Mercado da Produção seguiu com suas atividades, mas com problemas de insalubridade e higiene, além das inundações em períodos de chuva (Ticianeli, 2017).

Destaca-se que em 1971, houve o Plano de Urbanização da Pajuçara e em 1974 (ver Figura 100) iniciou-se o asfaltamento da avenida, atualmente conhecida, como Av. Álvaro Otacílio. Para Casado e Silva (2018), ainda que os bairros do litoral norte, como a Pajuçara, apresentassem aspectos horizontais em sua fisionomia construtiva, essas melhorias urbanísticas tornam-se um fator importante para cidade, pois a valorização dessa região potencializou o turismo de mar nos anos posteriores. Na região começou a ser construído o Edifício Jangada em 1972 (ver Figura 99), a primeira edificação multifamiliar no litoral sul.

Figura 99 - Edifício Jangada (1972).



Fonte: Casado (2022).

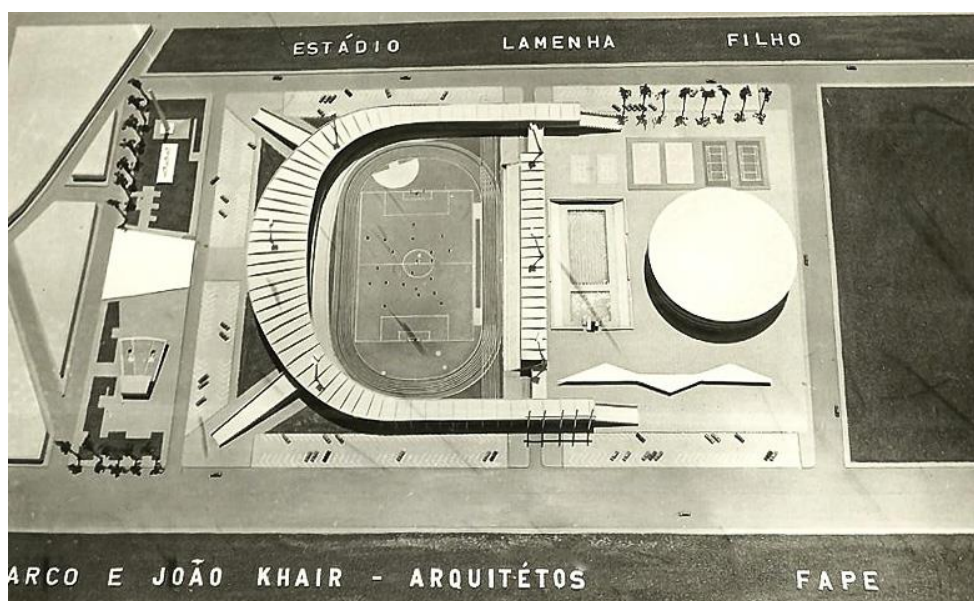
Figura 100 - Orla da Pajuçara na década de 1970.



Fonte: História de Alagoas (2019).

Na década de 1970 foi construído, no bairro do Trapiche, até então, uma das áreas de expansão, o Estádio de Futebol Trapichão, conhecido como Rei Pelé (ver Figura 101 e Figura 102). Casado e Silva (2018) qualificam a construção do Trapichão como uma estratégia de desenvolvimento ao turismo. O estádio foi projetado pelo arquiteto João Khair, sendo continuado, após seu falecimento, por seu sobrinho arquiteto, Marco Antonio Khair, que concluiu a construção. Os demais profissionais que integravam a equipe técnica a construção do Trapichão eram alagoanos.

Figura 101 - Maquete do Estádio de Futebol Trapichão “Rei Pele”.



Fonte: História de Alagoas (2019).

Figura 102 - Estádio de Futebol Trapichão "Rei Pelé", com mural de Hércules Mendes.



Fonte: História de Alagoas (2019).

Sob o comando do engenheiro Vinicius Maia Nobre, atuava um grupo formado pelos engenheiros Marcelo Barros (eletricista), Márcio Calado (sanitarista) e mais os engenheiros civis Nayron Barbosa, Marcos Mesquita, Roberto de Paiva Torres e Marcos Cotrim. A construção não foi simples e exigiu muita precisão técnica. As dimensões de algumas partes do estádio eram expressivas (Ticianeli, 2015). Inaugurado em 1970, o estádio possibilitou a vinda de grandes clubes do futebol brasileiro e do exterior, como: Argentina, Paraguai, Peru, Portugal, Rússia e Checoslováquia (Veras Filho, 1991, p. 69).

Em 1973 foram aprovados os projetos para o Hotel Luxor (1973) e do Edifício Santa Izabel (197?), ambos os projetos na Praia da Avenida, local que ainda recebia projetos verticais. O Hotel Luxor (ver FIGURA 103) apresenta uma linguagem mais expressiva do concreto armado, compondo tanto a estrutura quanto a volumetria da edificação de 10 pavimentos. Seu projeto é do arquiteto carioca Paulo Casé.

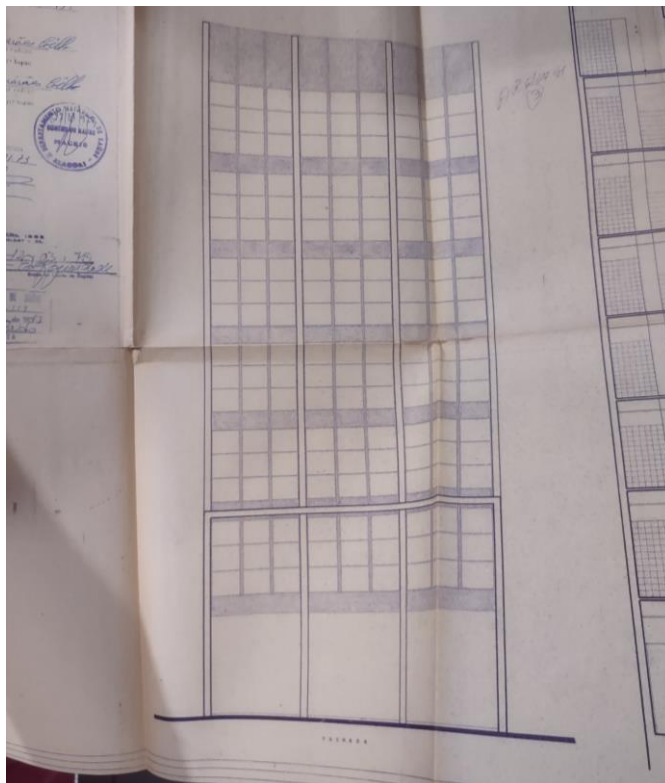
Figura 103 - Hotel Luxor (1973).



Fonte: Maceió Antiga (2019).

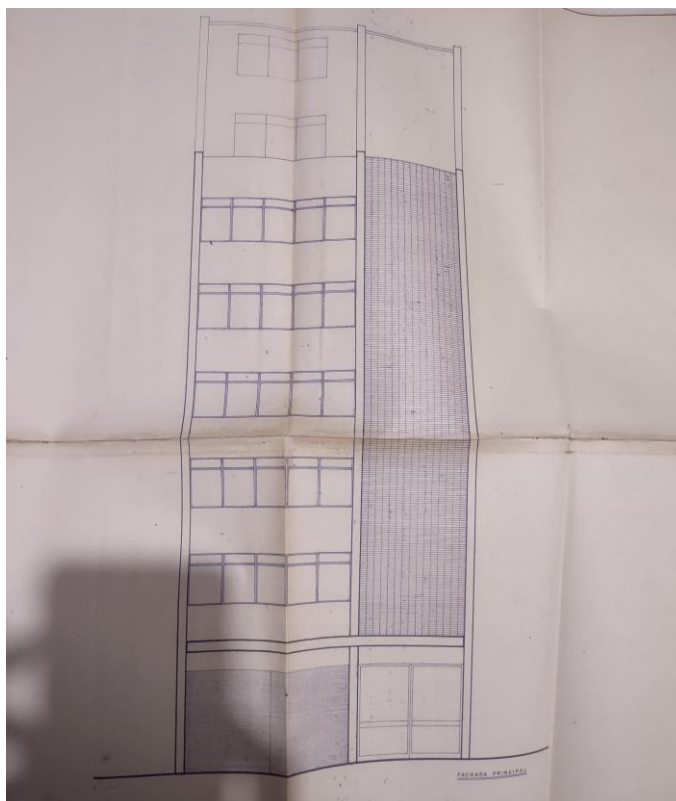
Outras edificações com mais de 5 pavimentos foram construídas no Centro de Maceió, dentre elas um edifício para escritórios na Rua do Livramento aprovado em 1973, projetado pelo engenheiro Marcial Guimarães Coelho (ver Figura 104). A edificação segue os contornos do lote com afastamento frontal coberto por uma estrutura em alvenaria. Sua volumetria é destaca pelos panos de vidro e frisos verticais. E na Rua Barão de Penedo, uma outra edificação para escritórios foi aprovada em 1974, sua autoria é do arquiteto Mario Daniel Berard Lages (ver Figura 105). A edificação também segue o contorno do lote com afastamento frontal coberto por marquise e nove pavimentos. Sua fachada apresenta janelas em vidro com peitoril em pastilha cerâmica à esquerda e o uso de cobógos cerâmicos à direita. Atualmente essa parte foi alterada ao incluir janelas em vidro. Ambas as edificações se enquadram no entorno sem maior destaque na verticalidade em comparação à exemplares já construídos no bairro.

Figura 104 - Edifício de Escritórios (1973).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022).

Figura 105 - Edifício Comercial (1973).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022).

Projetos importantes a serem destacados na primeira metade da década de 1970 são os projetos de uma agência da Caixa Econômica Federal (1973), do arquiteto mineiro Marcílio Mendes e o projeto do Mercado Hiper Bompreço (1974), do arquiteto pernambucano Heitor Maia Neto. Segundo Krawttschuk (2011), que estuda a obra do arquiteto Marcílio Mendes, a agência da Caixa Econômica Federal (1973), localizada na Rua do Comércio, é produto das atividades do arquiteto no Departamento de Engenharia da Caixa Econômica Federal entre as décadas de 1968 a 1993. A edificação segue os contornos do lote, utiliza concreto armado em sua fachada e brises de mesmo material que contribuem para captação de iluminação e ventilação natural (ver Figura 106).

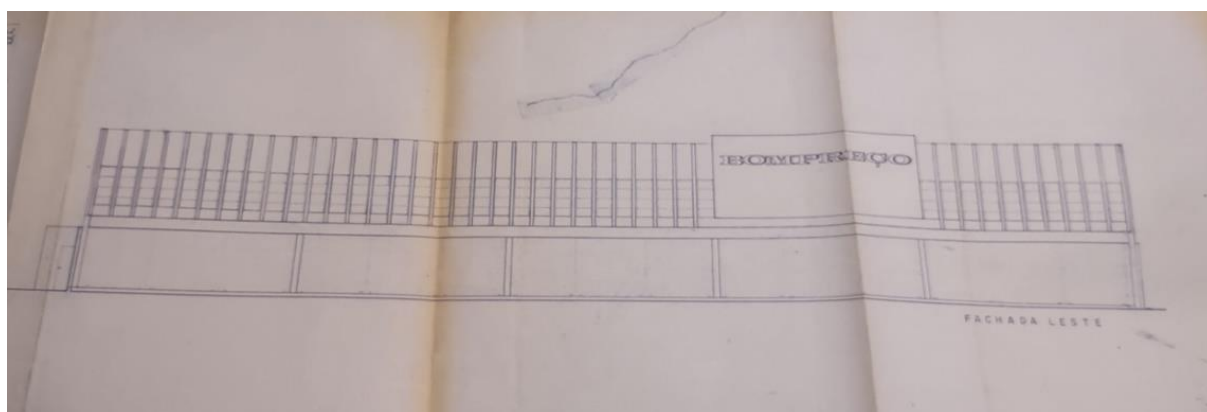
Figura 106 - Agência da Caixa Econômica Federal (1973).



Fonte: Krawttschuk (2011).

E em 1974, houve o projeto do Mercado Hiper Bompreço (1974), de Heitor Maia Neto, numa das últimas grandes áreas livres do Centro, entre as ruas Buarque de Macedo e Barão de Atalaia. O projeto, diferente do atual, indicava o uso do concreto aparente. O arquiteto pernambucano foi diretor do Grupo Bompreço e responsável pelo projeto de 137 lojas do grupo entre as décadas de 1960 a 1980. Para Fernando Diniz³⁶, a atividade de Heitor Maia Neto nos supermercados revela a riqueza da expressão plástica do concreto.

Figura 107 - Mercado Hiper Bompreço (1974).

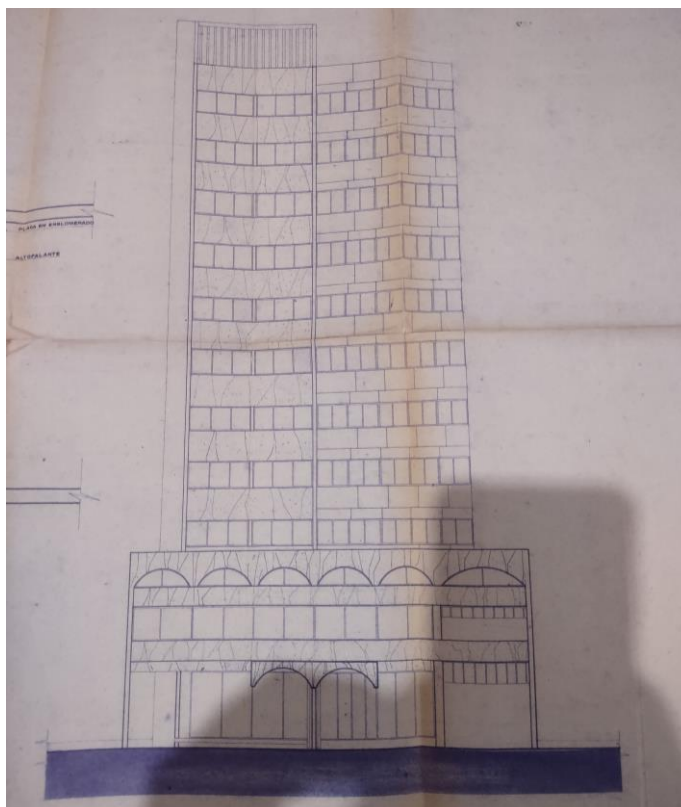


Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022).

Ao fim da primeira metade da década de 1970, houve a aprovação de mais um hotel na Praia da Avenida, o Maceió Beira-Mar Hotel (1974), de Itamar José de Aguiar Batista. Com 12 pavimentos, apresenta uma implantação com pátio interno de uso comum e concreto armado compondo a estrutura e a fachada. A edificação apresenta duas volumetrias, a base mais larga e o segundo volume mais comprido, destacando sua volumetria. Atualmente, sua função é um fórum da Justiça do Trabalho e apresenta algumas descaracterizações como instalação de pano de vidro na fachada frontal. O Maceió Beira-Mar (1974) foi a última edificação em altura a ser instalada na Praia da Avenida. Apenas, por volta, de 2010 que essa paisagem foi novamente alterada com a construção de novas edificações, como o Terra Brasilis e outros empresariais que seguem apenas com a construção inacabada.

³⁶ Em nota do CAU-PE sobre o falecimento do arquiteto em 2014. Fonte: <https://www.caupe.gov.br/falece-no-recife-o-arquiteto-pernambucano-heitor-maia-neto/>

Figura 108 - Fachada Frontal do Maceió Beira-Mar Hotel (1974).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022).

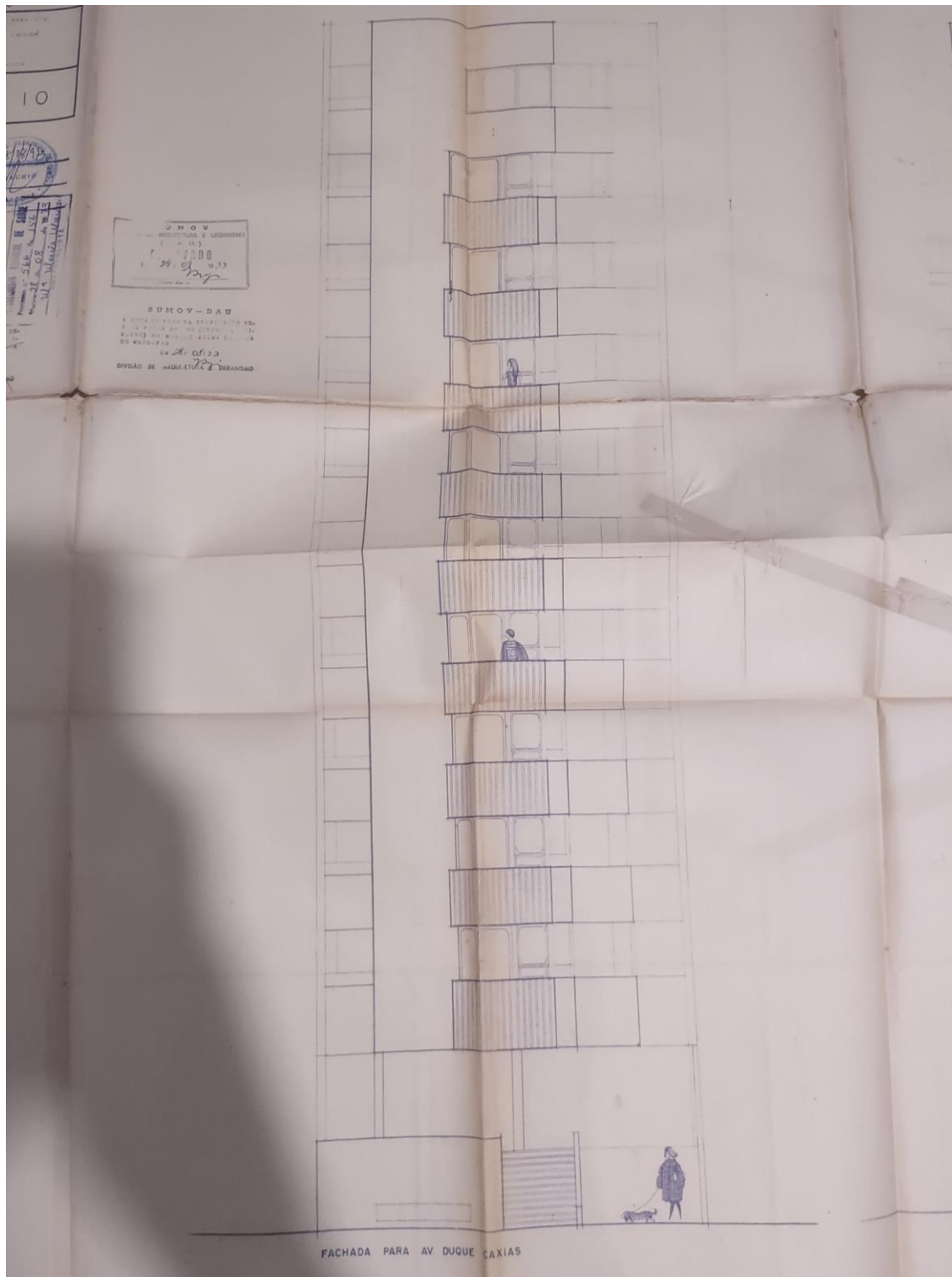
Com a implantação da Braskem, somada à poluição das águas do Riacho Salgadinho e da Praia da Avenida³⁷, ao “boom turístico” e ao início da propaganda turística de Maceió como “Paraíso das Águas” reforçou ainda mais o eixo de expansão para o Litoral Norte e a saída de hotéis do bairro do Centro. Toma-se como reflexo dessas dinâmicas da cidade a relação dos projetos aprovados e não construídos. Dois deles seriam localizados na Praia da Avenida, no ano de 1973, um Edifício Multifamiliar, de autoria do arquiteto Acácio Gil Borsoi (ver Figura 110), entre o Edifício Núbria e Edifício São Carlos. O outro foi o Edifício São Pedro (1973)³⁸, do engenheiro Vinícius Maia Nobre da construtora Brêda (Figura 110), que foi divulgado com áreas de lazer e piscina, tais elementos não estão presentes em nenhum dos projetos apenas nas peças publicitárias. O projeto de ambas edificações apresentam 11 pavimentos e

³⁷ Ao longo da década de 1970, a ocupação desordenada do Vale do Reginaldo e o saneamento básico precário resultaram no agravamento da poluição do Riacho Salgadinho (Japiassú, 2015).

³⁸ Com duas versões de projetos encontrados no arquivo, uma de 1964 e outra de 1963.

reforçam a tendência de ocupação da orla marítima por edifícios verticais e o novo tipo de habitar.

Figura 109 - Edifício Multifamiliar (1973).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022).

Figura 110 - Perspectiva do Edifício São Pedro (1973).

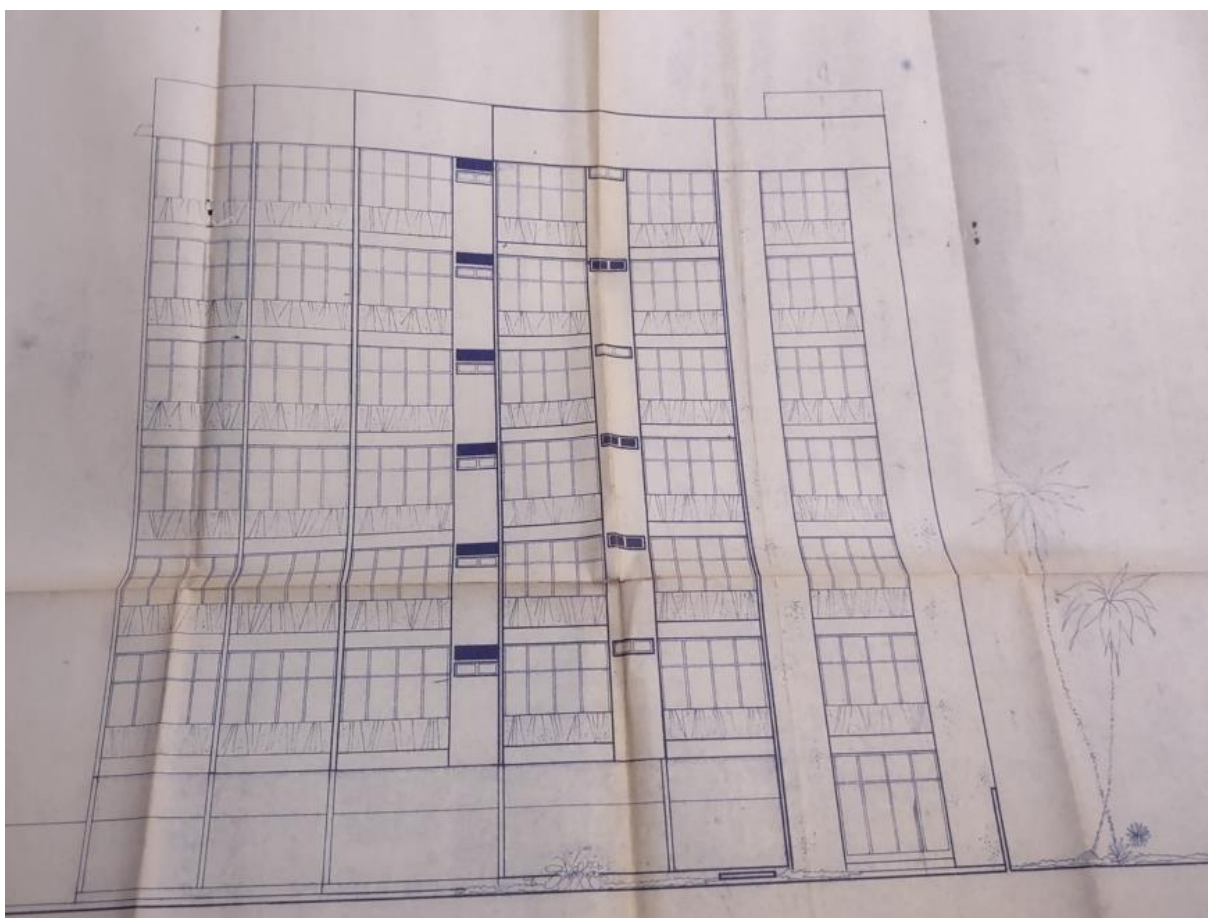


Fonte: Casado (2022).

Em 1976, foi aprovado o projeto de mais um hotel, a ampliação do Hotel Califórnia (ver FIGURA 111) em uma edificação eclética que receberia uma torre aos fundos localizado no entorno da Praça Palmares, de Eliane Maria de Andrade³⁹ e responsabilidade técnica do engenheiro Petrucio Araújo. Ao final da década de 1970, houve a aprovação de um Edifício de Escritórios (1978), dos arquitetos Geraldo Majella e Roberto Maia Guedes com escritório em Pernambuco (ver FIGURA 112). A edificação seria localizada na Travessa Dias Cabral, ao lado do Teatro Deodoro, caso fosse construído seria o edifício mais alto da cidade, com 18 pavimentos.

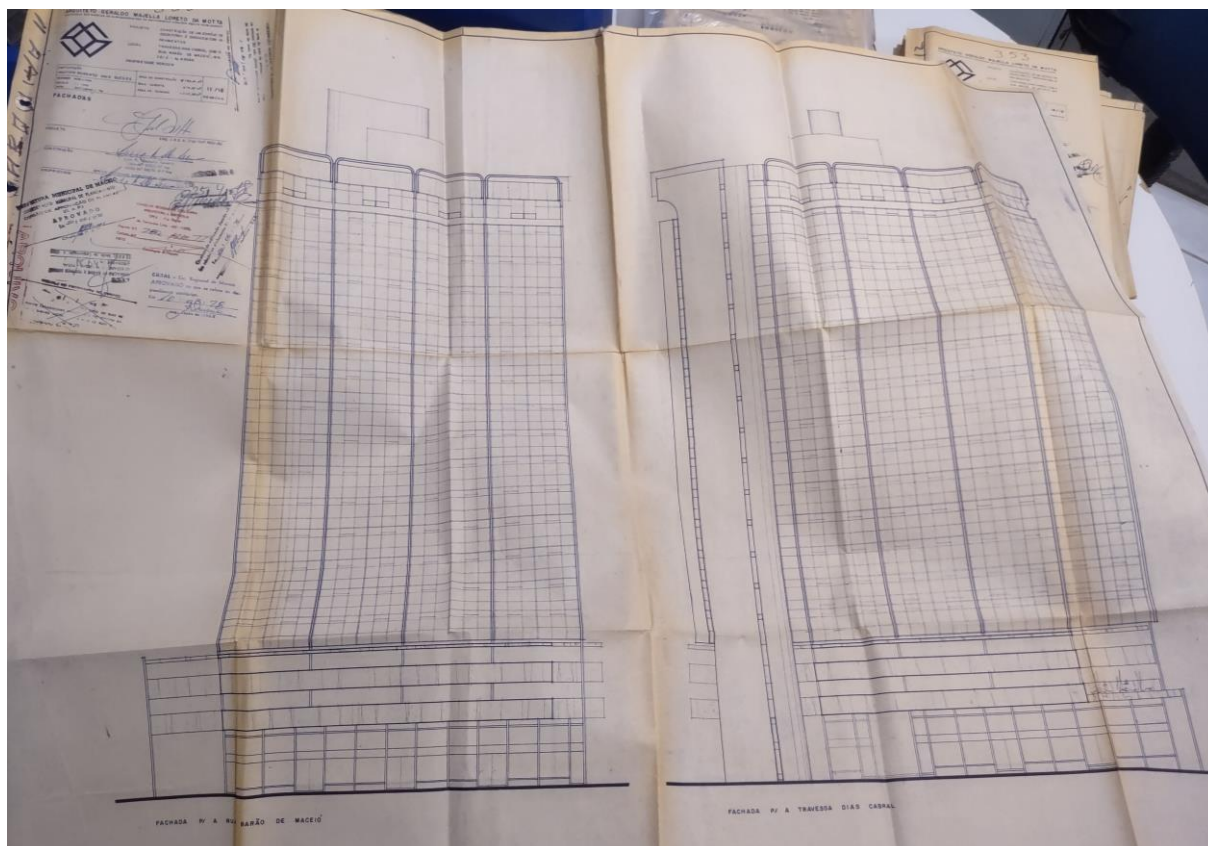
³⁹ Sem definição de profissão, apenas o registro do CREA “CREA 200 – 17ª REGIÃO”.

Figura 111 - (a) Fachada do Hotel Califórnia (1976) que seria implantado aos fundos da edificação eclética em amarelo (b).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022) e Google Earth (2023).

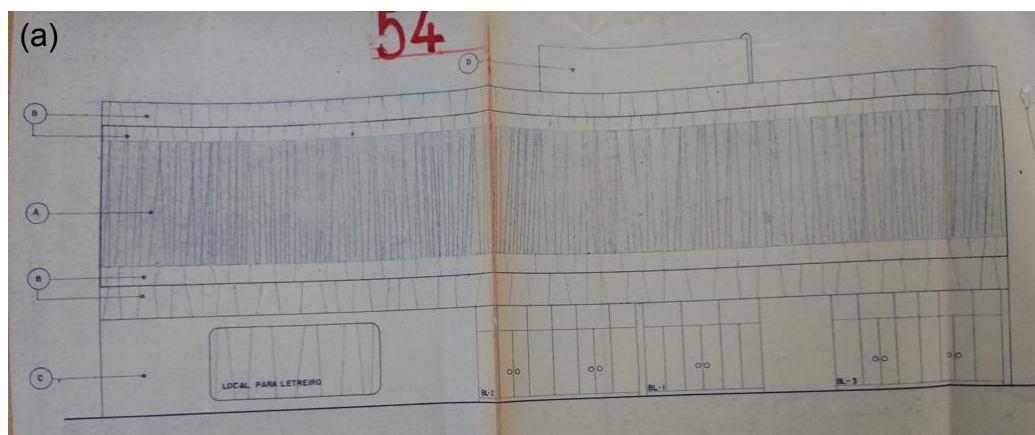
Figura 112 - Edifício de Escritórios (1978).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022).

Seguindo com a segunda metade da década de 1970, as edificações que foram aprovadas têm como aproximação as características brutalistas e a forte presença do concreto compondo o volume. Dentre esses exemplares, estão o edifício da Telasa (1975), uma edificação de dois pavimentos, com invólucro de concreto, do arquiteto paulista Sérgio Teperman, na Rua das Árvores e atualmente segue abandonado. Essa edificação faz parte do conjunto de ações da estatal Telasa para ampliar seus serviços. Esse projeto foi mencionado na revista *Projeto nº45*. Uma outra edificação do mesmo arquiteto que aparece na mesma revista, de nº21, é a Casa da Indústria, edificação para alojar as diretorias do Serviço Social Industrial (SESI) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) no bairro do Farol com o projeto de 1979 (ver Figura 113).

Figura 113 - (a) Fachada do edifício da Telasa (1975) e (b) Casa da Indústria (1979).



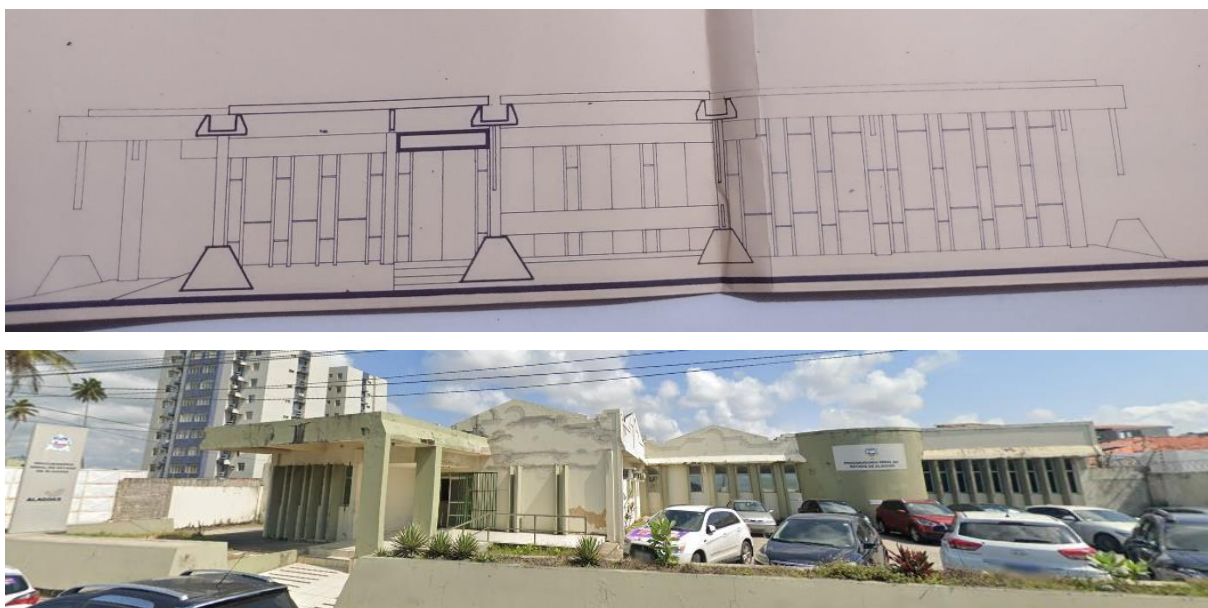
Fonte: Arquivo Prefeitura (2022) e Revista Projeto nº 45 (1982).

E na Praia da Avenida, houve uma outra edificação do Sistema “S”⁴⁰, o Centro de Profissionalização SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) da

⁴⁰ Termo que define o conjunto de organizações das entidades corporativas voltadas para o treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica, cujo nome é iniciado com a letra S. Fazem parte do sistema S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), Serviço Social do Comércio (Sesc), Serviço Social da Indústria (Sesi) e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac). Existem ainda os seguintes: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar);

arquiteta Simone Bentes Normande (ver FIGURA 114). A edificação de um pavimento apresentava volumetria articulada com o expressivo uso do concreto armado e colunas de sustentação que alternavam a composição da fachada com os fechamentos em esquadrias de vidro. Atualmente a edificação encontra-se diferente do projeto, com modificações em sua composição, sem mais os elementos do projeto, sediando a Procuradoria Geral do Estado de Alagoas.

Figura 114 - Fachada do Centro de Profissionalização SENAC (1975) e situação atual.



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2023) e Google Maps (2022).

Simone Bentes Normande junto à Leila M. Sarmiento Pedrosa e ao Marcos Rocha Vieira⁴¹ formam um escritório e atuam juntos em diversos projetos, dentre eles o Edifício Delmiro Gouveia (1977) uma edificação de 11 pavimentos que acompanham o formato do lote triangular no entorno da Praça dos Palmares (ver Figura 115). Apresenta uma fachada cega voltada ao lote vizinho, o térreo segue o alinhamento do lote e nos andares superiores a volumetria é ressaltada. Sendo a fachada voltada para Rua Dr. Luís Pontes de Miranda, com fachada reta e voltada para Rua Barão de Penedo com articulação de volumes em 90°.

Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop); e Serviço Social de Transporte (Sest). Fonte: Agência Senado (2023)

⁴¹ Arquiteto que atuou em colaboração com Acácio Gil Borsói no Edifício Lagoa-Mar (1964)

Figura 115 - Edifício Delmiro Gouveia (1977) atualmente.



Fonte: Paula Louise (2023).

Em 1976, foi aprovado o projeto para nova sede do Tribunal Regional Eleitoral (TRE), antes em uma edificação do século XIX, na Praça Sinimbú (ver Figura 116). A autoria é do engenheiro Eumar Guimarães Coelho. A edificação apresenta 6 pavimentos, sendo um volume prismático disposto de forma em barra, que se tornou a construção mais alta do entorno da praça na época. No ano de 1977, foi aprovado um projeto pra escritórios de oito pavimentos, atualmente, pode ser visto um outro pavimento na cobertura totalizando nove pavimentos. A autoria é do engenheiro civil Fabricio Tenório. A volumetria dessa edificação se difere de outras apresentadas nessa seção pela fachada frontal com aberturas apenas à direita e no restante cega.

Figura 116 - Tribunal Regional Eleitoral (1976).



Fonte: Tribuna Hoje (2013).

A década de 1970 foi o período de maior verticalização do bairro do Centro ao passo que entrou no próprio período de decadência e estagnação. Segundo Japiassú (2015), o bairro apresentou uma variação negativa da população de -29,4%. E pari passo a isso, começam a surgir edificações verticais de uso multifamiliar nos bairros de Ponta Verde e Jatiúca (Casado, 2022).

Duarte (2010) aponta que a década 1970 em Maceió foi um marco do impulso populacional urbano da cidade, com 90% de sua população residindo na área urbana. Outro ponto destacado pelo autor foi a ocupação das margens da Lagoa Mundaú e o Projeto Dique-Estrada (ver Figura 117) no bairro Vergel do Lago. Duarte (2010) explica o projeto como sendo:

[...] uma intervenção conjunta dos governos federal, estadual e municipal na porção leste da lagoa Mundaú, nas décadas de 1970 e 1980, com três propósitos: (i) a criação de uma via de escoamento da produção da Salgema Indústrias Químicas S/A (SALGEMA), implantada na cidade em 1976 no Trapiche, entre o mar e a lagoa; (ii) a solução definitiva contra as enchentes na região lagunar, que constou do aterro em parte da lagoa e (iii) a incorporação de ilhas ao continente. (Duarte, 2010, p 44)

O projeto Dique-Estrada teve sua inauguração em 1982 quando se iniciou uma nova fase de ocupação no Vergel (ver Figura 118). Foram construídos e entregues os conjuntos habitacionais Joaquim Leão e Virgem dos Pobres I e II destinados a população de baixa-renda, e eram formados por residências unifamiliares de um pavimento. E em 1989, houve a urbanização da orla Lagunar. Em contradição as belezas paisagísticas da lagoa, essa é uma das regiões mais pobres de Maceió

Assim, essa Maceió das lagoas [...], embora de intenso apelo paisagístico, não foi dotada do glamour que pertenceu nas décadas iniciais do século XX a Praia da Avenida e posteriormente as praias de Pajuçara e Ponta Verde. [...] esta trás um outro tipo de ocupação residencial, inversa àquela que está acontecendo na Pajuçara nesta mesma época. Assim, o vetor de crescimento e valorização da cidade move-se no sentido contrário, para o norte. (Casado, 2022, p. 132)

Figura 117 - Estádio de Futebol Trapichão “Rei Pele” e ao fundo orla lagunar sem ocupação do dique estrada na década de 1970.



Fonte: Maceió Antiga (2023).

Figura 118 - Área do Aterro do Dique Estrada na década de 1970.



Fonte: História de Alagoas (2019), adaptada pelo autor.

3.4 Década de 1980 à atualidade: o brutalismo, a estagnação do bairro Centro a atualidade do bairro tombado

A década de 1980 foi marcada pelo fim da Ditadura Militar e a consolidação da imagem de Maceió como uma cidade turística, principalmente o turismo de mar (Casado; Silva, 2018), com projeção nacional e internacional, que coincidiu com a alta do mercado imobiliário na cidade. Segundo Cavalcante (2014), na gestão de Fernando Afonso Collor de Mello (1979-1982), houve a continuação da busca da modernidade, com as obras de urbanização das orlas do litoral norte como extensão da avenida Jatiúca, atual avenida Álvaro Otacílio, que abrange os bairros da Ponta Verde, Jatiúca e partes de Mangabeiras (Casado; Silva, 2018), ao mesmo tempo que foram realizadas as obras da Via Leste-Oeste que cruza os bairros do Farol, Jacitinho e Mangabeiras. O que para Normande (2000) significou um ponto chave para os investidores privados ligados às incorporações imobiliárias e ao turismo:

a 'galinha dos ovos de ouro' dos investidores privados ligados à incorporação imobiliária e ao turismo. A primeira, imprimia uma aparência de "civilização" à orla e facilitava o acesso aos hotéis e aos imensos vazios urbanos ainda existentes na região revalorizando-os, inclusive; a segunda, possibilitava a ligação direta dos bairros da orla com os situados na baixada sul e na região dos tabuleiros. (Normande, 2000, p. 108)

Essa valorização do litoral norte em detrimento da evasão do bairro do Centro e do litoral Sul foi evidenciada pelo aumento de construções nos bairros Ponta Verde e Pajuçara. O Centro deixou, então, de ser a única centralidade de Maceió, mas ainda assim realizava importantes funções voltadas ao comércio/serviços e foi alvo de intervenções urbanas como a implantação do calçadão da Rua do Comércio e arredores na década de 1980, uma estratégia para potencializar a atividade comercial já existente (Carvalho, 2021). Em paralelo, a cidade espalhou-se para os conjuntos habitacionais do Vergel do Lago, como dito anteriormente, e para a parte alta do planalto, por exemplo, os conjuntos habitacionais do Benedito Bentes no bairro de mesmo nome. O conjunto Benedito Bentes (ver Figura 119) foi implantado pela antiga Companhia de Habitação de Alagoas (COHAB) e seu projeto foi de Acácio Gil Bórsoi (Costa, 2008). Além dos conjuntos habitacionais, Maceió cresceu para as grotas, com habitações irregulares ocupando as encostas e sem a devida atenção do poder público.

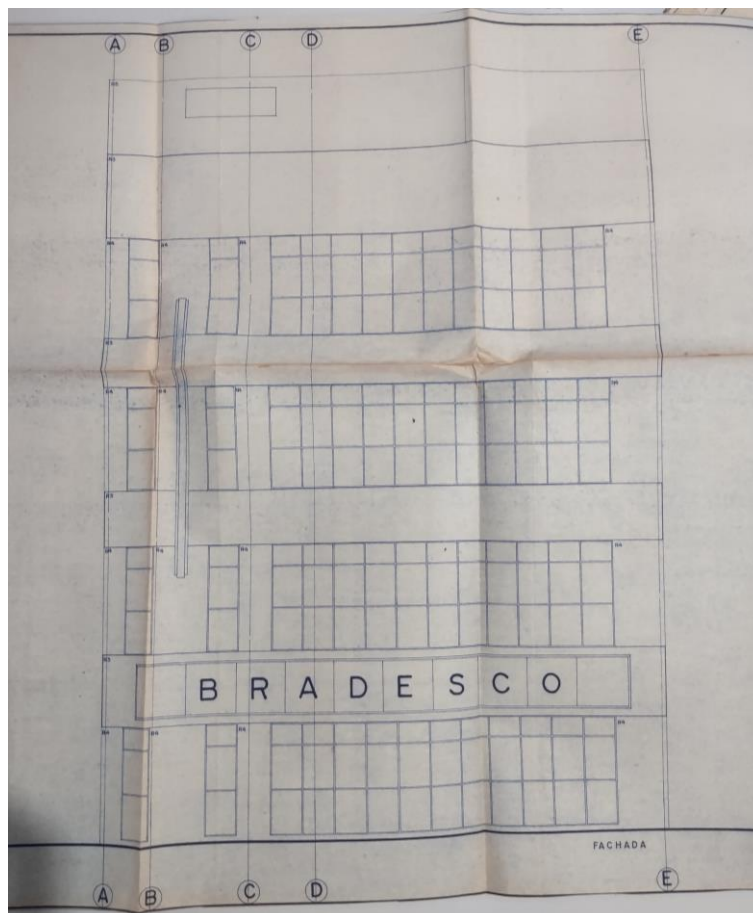
Figura 119 - Construção do Conjunto Habitacional Benedito Bentes na década de 1980.



Fonte: Maceió Antiga (2015).

Quanto aos primeiros anos dessa década no bairro do Centro, notou-se o predomínio de edificações de uso bancário como o Banco Bradesco (1980), do engenheiro Luiz Eduardo Marques Alves Martins, cujo escritório é em Santo Amaro/SP (ver FIGURA 120). A edificação, com cinco pavimentos, possui implantação na Rua do Livramento ocupando todo o lote. No mesmo ano, foi aprovado o projeto do Banco Farroupilha (1980), de Luiz Paulo Conde, com escritório com sede no Rio de Janeiro/RJ (ver Figura 121). Localizado na Rua do Imperador, o projeto foi implantado com afastamentos em todas as fachadas, a volumetria é composta pela articulação de outros volumes prismáticos, com destaque ao revestimento das fachadas em tijolinhos.

Figura 120 - Fachada do Banco Bradesco (1980).



Fonte: Arquivo Prefeitura (2022).

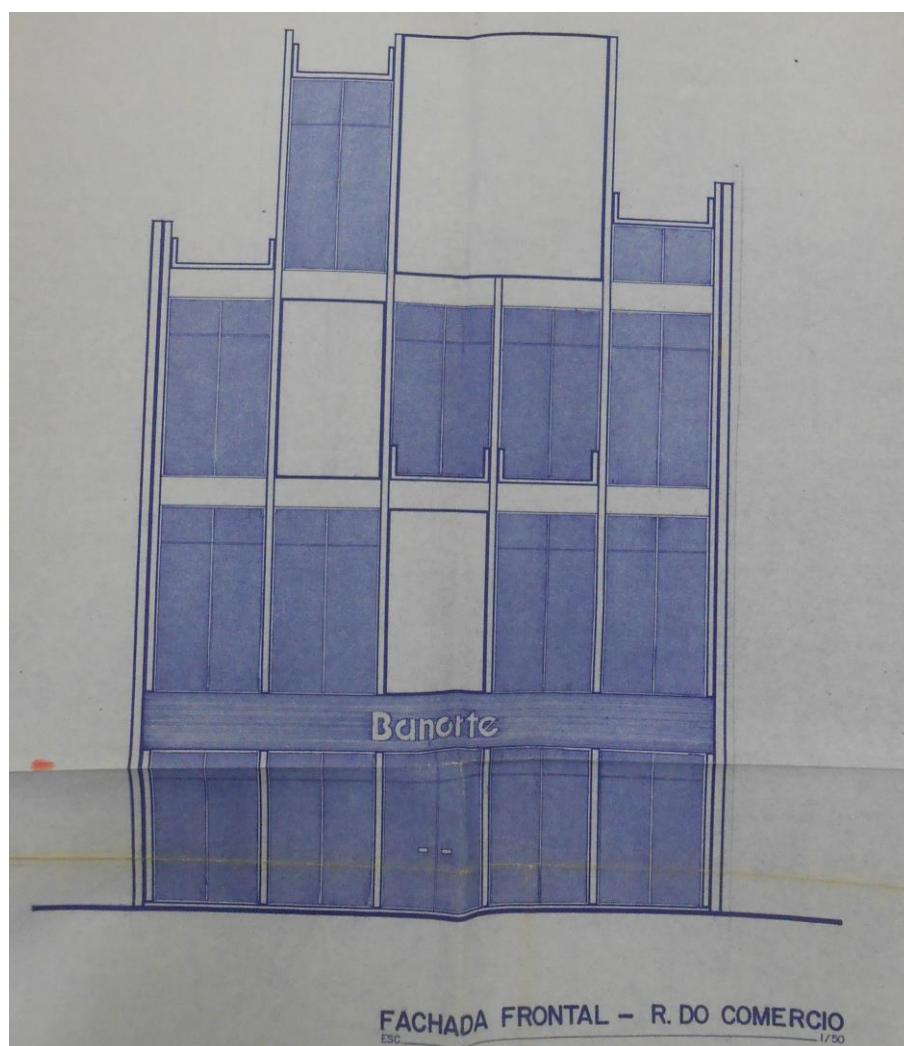
Figura 121 - Banco Farroupilha (1980).



Fonte: Google Maps (2022).

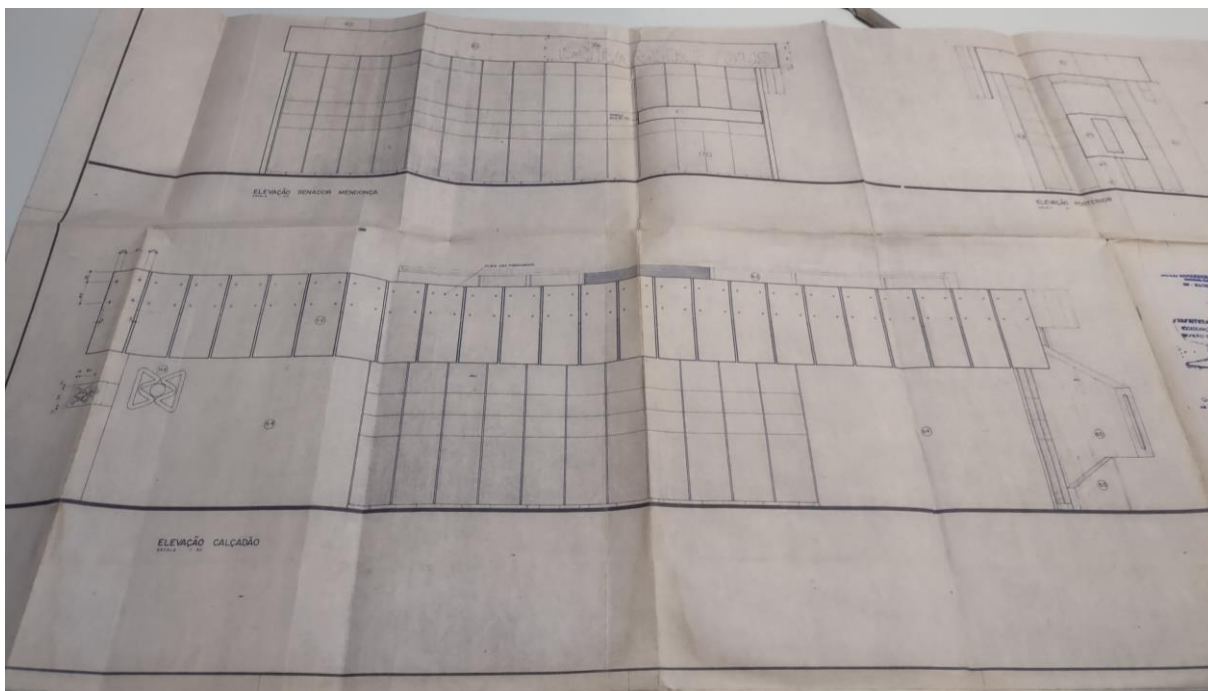
No ano seguinte, outros três projetos bancários foram aprovados. A agência Banorte (1981), na Rua do Comércio, de Jair Texeira (ver Figura 122), e o Barmerindus (1981), de Renato Muller e Aldo Matsuba, na Rua do Livramento (ver Figura 123). As edificações utilizam de fechamento em vidro e foram implantadas sem afastamentos. A terceira agência é do Banespa (1981), de Ricardo Augusto Leite Julião, arquiteto paulista (ver Figura 124). A edificação enquadra-se no brutalismo, tendência vista com os primeiros sinais na década de 1970 que atingiu seu momento auge com as agências bancárias do Centro. A edificação localiza-se na Rua do Sol, com afastamentos em todas as fachadas, sendo elas compostas por robustos brises de concreto.

Figura 122 - Fachada da Agência Banorte (1981).



Fonte: Arquivo Prefeitura (2022).

Figura 123 - Fachada do Barmerindus (1981).



Fonte: Arquivo Prefeitura (2022).

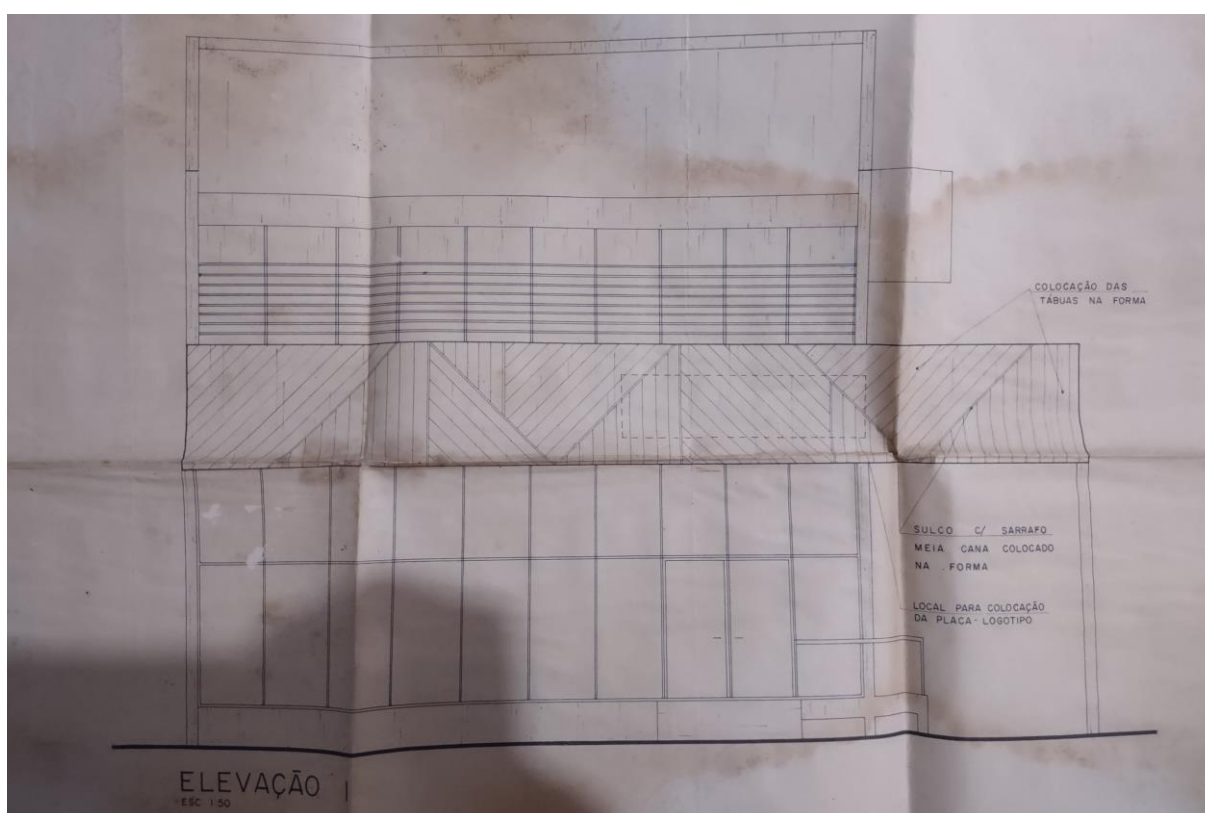
Figura 124 - Fachada da Banespa (1981).



Fonte: Paula Fernandes (2023).

Ao longo da década de 1980, a Rua do Sol tornou-se uma região a receber agências bancárias, tal fato, fez com que, dentre os vários nomes da rua, como Rua João Pessoa, esta fosse muito conhecida como a “Rua dos Bancos”. Outras agências fazem parte desse conjunto como: o Bando do Noroeste de São Paulo (1982), do arquiteto paulista José Eduardo Tibiriça (ver Figura 125), atualmente descaracterizado; e o Banco Safra (1983), do mesmo autor, uma edificação de esquina com robusta cobertura em concreto sobre um único volume de fechamento em pano de vidro (ver FIGURA 125). Ao final da Rua do Sol com encontro a Praça dos Martírios, foi implantada uma Agência da Caixa Econômica Federal (1983), de Marcílio Mendes, projeto em dois volumes robustos, revestidos em concreto e com marcações em brise (ver Figura 127). Suas características destacam-se no entorno predominante eclético, tendo como principais edificações o Palácio do Governador e a Igreja dos Martírios.

Figura 125 - Fachada do Bando do Noroeste de São Paulo (1982).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022).

Figura 126 - Fachada do Banco Safra (1983).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022).

Figura 127 - Agência da Caixa Econômica Federal (1983).



Fonte: Krawttschuk (2011).

Ao final da primeira metade da década de 1980 foram aprovados os últimos projetos bancários a compor a Rua do Sol, o Banco Itaú (1984) e o Banco Noroeste (1984). O primeiro é projeto de Rubem Ramires Malta Filho (ver Figura 128) um engenheiro

alagoano, a edificação foi implantada numa esquina vizinha ao Banco Safra (1983), utiliza de elementos construtivos aparente, como o concreto e pedra. A fachada voltada para Rua do Sol, apresenta marcações verticais e brises em concreto em forma curva. Já o Banco Noroeste (1984), de Jorge Königsberger e Gianfranco Vannucchi (ver Figura 129), também vizinho ao Banco Safra (1983), tem sua fachada revestida por tijolinhos e composta por volumes retangulares, sendo o da esquerda mais vertical em relação ao restante. Atualmente é sede do Banco Bradesco.

Figura 128 - Banco Itaú (1984).



Foto: Paula Fernandes (2022).

Figura 129 - Banco Noroeste (1984), atualmente sede do Banco Bradesco.



Fonte: Paula Fernandes (2023).

Além da expressão volumétrica desses exemplares e o emprego de matérias “brutas” comum na arquitetura brutalista, esses projetos são de baixa altimetria, limitados até três pavimentos. Um outro exemplo, é a Lojas Americanas (1983), localizado na Praia da Avenida (ver Figura 130), uma edificação robusta, de volumetria toda em concreto aparente em frente à praia e com altimetria em três pavimentos. O autor do projeto é o engenheiro civil Mario de Oliveira Antônio.

Figura 130 - Lojas Americanas (1983), edificação de esquina.



Fonte: Maceió Antiga (2022).

A horizontalidade nessa década foi vencida com a aprovação do projeto da Secretaria da Fazenda (1981) e a sua construção. Suas pranchas não apresentam a autoria, mas segundo Cavalcante (2014), o projeto é dos arquitetos Marcos Vieira, Mariano Texeira e Leonardo Bittencourt. A Secretaria da Fazenda (ver FIGURA 131) está localizada no entorno da Praça dos Martírios e se destaca por sua altimetria em 11 pavimentos, pela volumetria com quatro colunas robustas que se estendem pelo volume até o topo e por seus brises em concreto. Atualmente a edificação encontra-se descaracterizada em comparação ao projeto original.

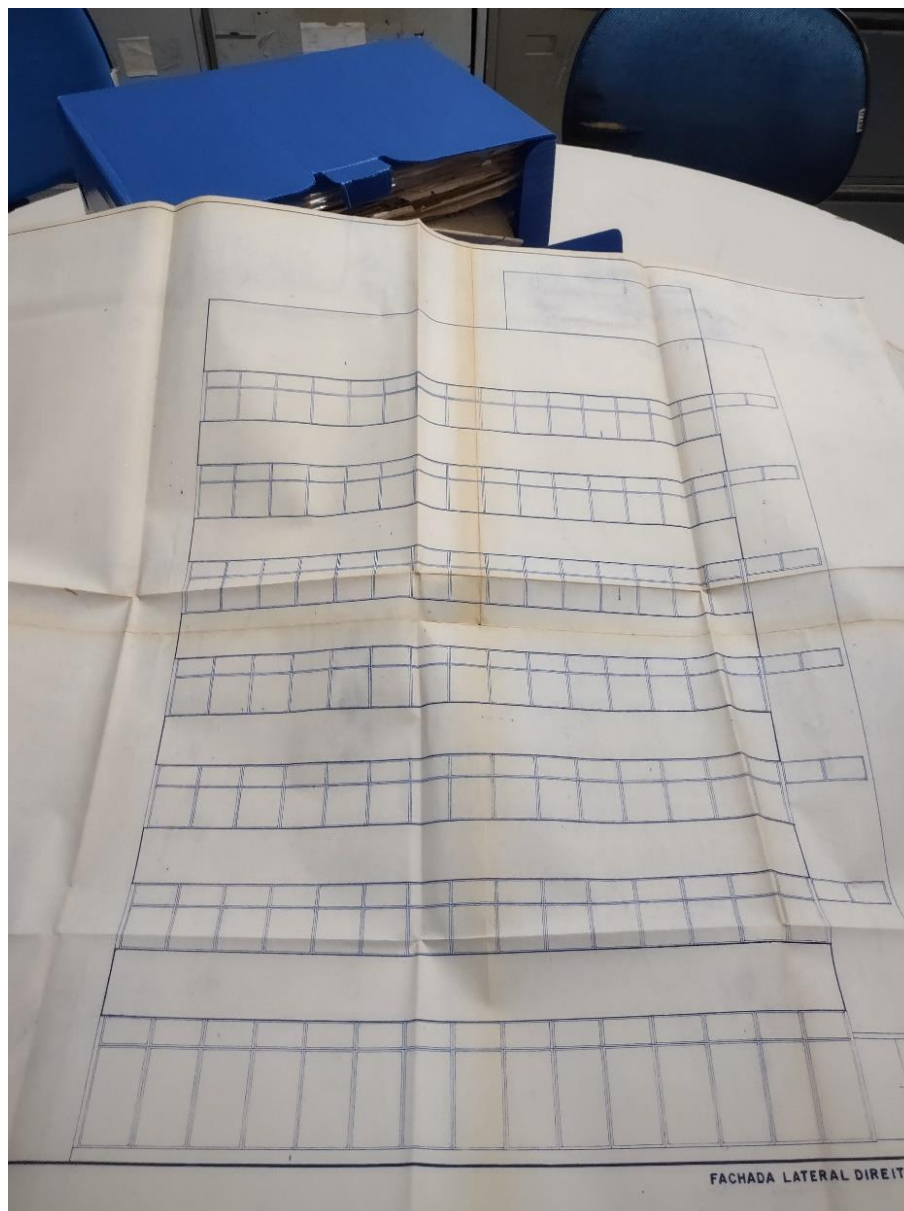
Figura 131 - Secretaria da Fazenda (1981) antes e depois da reforma.



Fonte: Google Maps (2012 e 2023).

Da segunda metade da década de 1985 até o seu final, dois projetos verticais foram aprovados, o IPASE-AL Clínicas (1985), localizado na Rua Cincinato Pinto (ver Figura 132), vizinho ao IPASE-AL (1970), e o Empresarial Barão de Penedo (1988), na rua Barão de Penedo. O primeiro exemplar é do arquiteto Bianor Monteiro, uma edificação de esquina com 7 pavimentos, com estrutura independente que permite flexibilidade na planta, disposição de janelas horizontais nas fachadas laterais, enquanto a fachada frontal, voltada para Rua Cincinato Pinto, ao meio, é cega. Atualmente o térreo dessa edificação, antes com fechamento em esquadrias de vidro, serve como estacionamento formando um piloti. Bianor Monteiro foi um arquiteto urbanista formado na segunda turma do curso na UFAL.

Figura 132 - Fachada do IPASE-AL (1970).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022).

Da década de 1940 até a 1980, temporalidade investigada nesta dissertação, Bianor foi o único profissional formado pela FAU-UFAL, fundada em 1973 pela arquiteta Zélia Maia Nobre. O que se pode supor, diante do contexto vivido em Maceió/AL e do que foi encontrado nos arquivos da Prefeitura, que as primeiras gerações de arquitetos formadas pela UFAL saíram da universidade com o bairro do Centro já ocupado e um foco maior para as residências unifamiliares e seguindo as novas tendências da expressão pós-moderna.

A expressão pós-moderna é aplicada, de forma geral, para definir as tendências de manifestações, seja do campo teórico e arquitetônico, que parecem afastar-se da tradição moderna, mesmo que esse termo não seja um consenso na literatura especializada (Costa C. , 2012). Segundo Barbosa (2009), a arquitetura pós-moderna teve seus primeiros registros no Brasil ao longo da década de 1970 e de 1980, e em Maceió os primeiros exemplares registrados em 1985.

O pós-modernismo não é um estilo singular, mas a percepção de um período marcado pelo pluralismo, escolhe e examina os principais paradigmas do pós-modernismo: a fenomenologia, a estética do sublime, a teoria linguística (semiótica, estruturalismo, pós-estruturalismo e desconstrução), o marxismo e o feminismo e também escolhe e examina os temas arquitetônicos pós-modernos: a História e o historicismo, o sentido, o lugar, a teoria urbana, agendas éticas e políticas e o corpo. (Barbosa, 2009, p. 8)

Dentro desse panorama de inserção ao pós-modernismo, houve o processo de abertura política no Brasil marcado pelo movimento “Diretas Já”. No caso de Maceió houve a intensificação da expansão do litoral norte, as edificações verticais aproximam-se das tendências pós-modernas (Barbosa, 2009), a exemplo do projeto de Mário Aloísio e Ovídio P. Maestre em 1986 (ver Figura 133).

Figura 133 - Hotel Praia das Alagoas (1986-1987).



Fonte: Revista Projeto nº110 (1987).

Segundo Japiassú (2015), durante a década de 1980 foi imposta uma restrição de verticalidade no litoral norte de Maceió, limitando o gabarito das edificações em até seis pavimentos e aplicações de afastamentos. Essa restrição gerou uma verticalidade mais homogênea, diferente do Centro que apresenta diferentes altimetrias, ultrapassando os 6 pavimentos, e implantações (ver Figura 134).

Figura 134 - A verticalidade do Centro (a) com a verticalização do litoral Norte (b), atualmente.

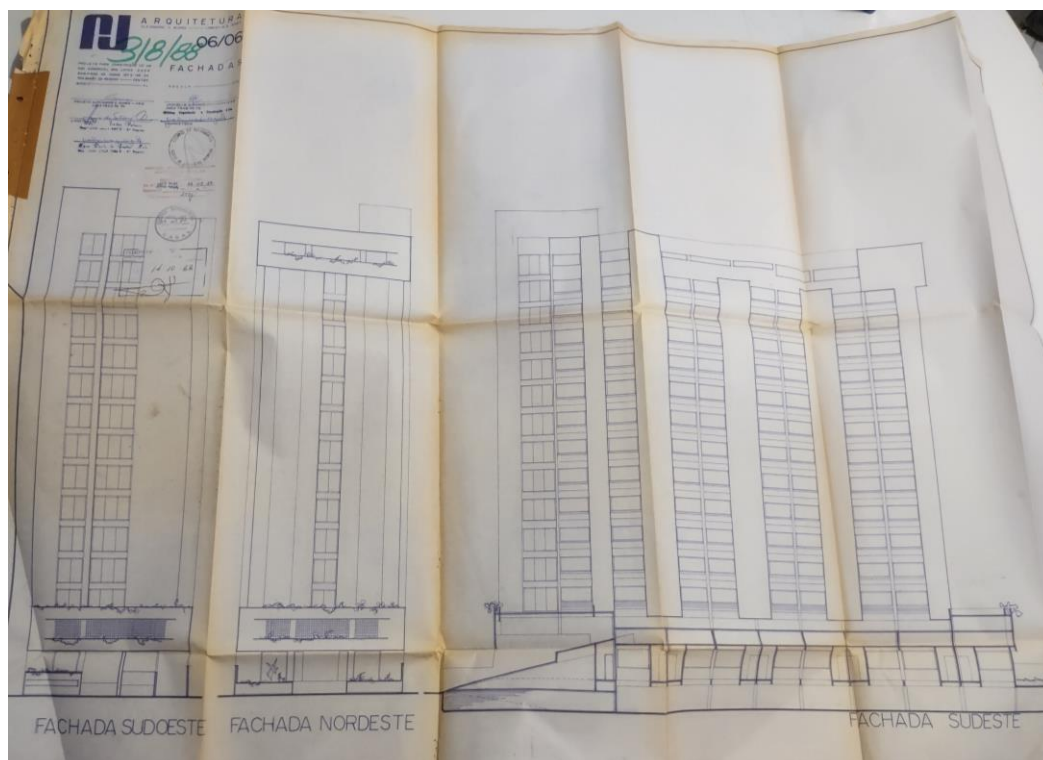


Fonte: Gazeta de Alagoas (2022) e Wesley Menegari (2017).

Ao fim da década de 1980, foi aprovado o projeto do o Empresarial Barão de Penedo (1988), na rua Barão de Penedo, dos arquitetos Alexandre O. Nunes e Jadiceli Gomes, ambos de Pernambuco (ver Figura 135). A edificação está implantada de forma a conectar as duas ruas, Zandir Índio e Bardão de Penedo, por meio de sua galeria interna, uma característica da

arquitetura moderna não muito recorrente em projetos no bairro. A edificação é uma das mais altas do bairro com 15 pavimentos.

Figura 135 - Fachadas do Empresarial Barão de Penedo (1988).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022).

A década de 1980 marcou o processo de estagnação do Centro e o bairro deixou de ser a única centralidade da capital, ao mesmo tempo, que se consolidou como uma região de serviços e comércio que a população em geral ainda utiliza. No bairro foram construídas uma série de edificações que seguiram a tendência brutalista, como principais exemplos, as agências bancárias localizadas na Rua do Sol e Secretaria da Fazenda (1981). Pelas dinâmicas ocorridas ao longo das décadas de 1970 e 1980, devido a instalação da Brasken, os investimentos da cidade passam para o litoral norte, região favorecida pelo “boom turístico” da década de 1980 e afastada de qualquer risco de contaminação e/ou explosões industrial. Em contrapartida, diferente da orla norte, o cenário de Maceió era de fortes desigualdades sociais, à exemplo, dos bairros voltados à Lagoa Mundaú (ver Figura 136) e das grotas (ver Figura 137) ocupadas por habitações irregulares que carecem de investimento público. Tais

desigualdades fazem parte da realidade de Maceió desde da época colonial com a monocultura da cana de açúcar e foram perpetuados para os dias atuais:

O açúcar tem seu gosto amargo. A área mais rica de Alagoas é também a mais pobre na conta dos indicadores sociais de desenvolvimento humano. [...] Cinco séculos nos separam do indício daquilo que hoje denominamos Alagoas. Passaram os anos, passaram os homens, mudou os cenários, novidades foram surgindo, mas continuam vivos, presentes em seu arcabouço social, os vestígios do mundo do açúcar. (Tenório; Dantas, 2009, p. 36)

Figura 136 - Diferenças entre a Orla Lagunar (à esquerda) e a Orla Marítima (à direita) de Maceió.



Fonte: Google Maps (2022) e Prefeitura de Maceió (2022).

Figura 137 - Grota no bairro Mangabeiras e ao fundo o Condomínio Alto das Alamedas.



Fonte: G1 (2014).

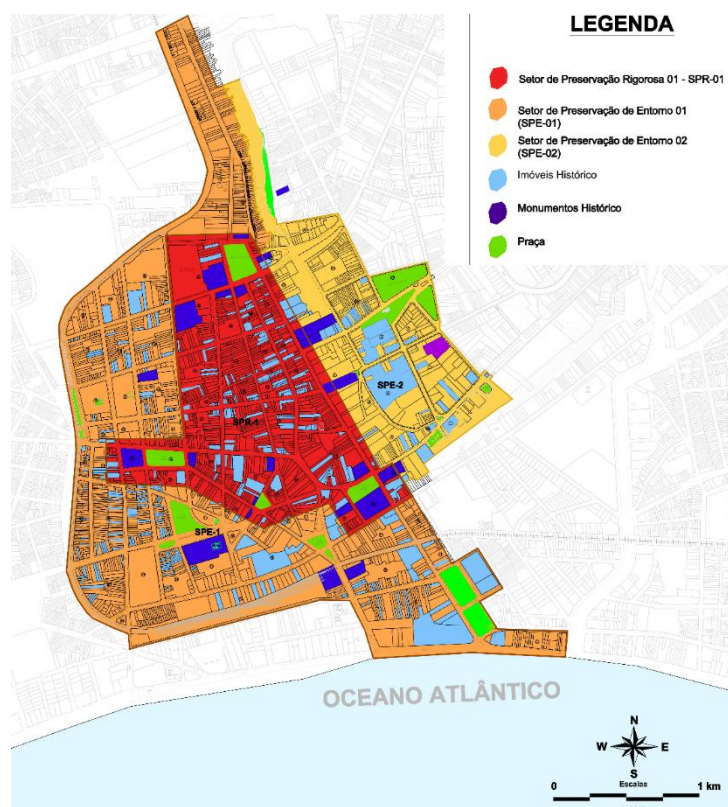
Ao longo da década 1990, Pita (2019) afirma que acompanhando as discussões acerca da temática patrimonial, como suas refrações no Brasil, na capital alagoana

essa discussão teve ponto auge a partir de 1996, com a definição das Zonas Especiais de Preservação – ZEP, criada na Lei Municipal de nº 4.545. São cinco ZEPs, sendo elas o Jaraguá, Bebedouro, Fernão Velho, Pontal da Barra e o Centro como ZEP 2 – Centro. O Plano Diretor (2005) define as ZEPs como:

áreas de relevante interesse cultural por constituírem expressões arquitetônicas ou históricas do patrimônio cultural edificado, compostas por conjuntos de edificações e edificações isoladas; e, por darem suporte físico às manifestações culturais e de tradições populares, especialmente a música, dança folclórica, a culinária e o artesanato. (Maceió, 2005, p. 25)

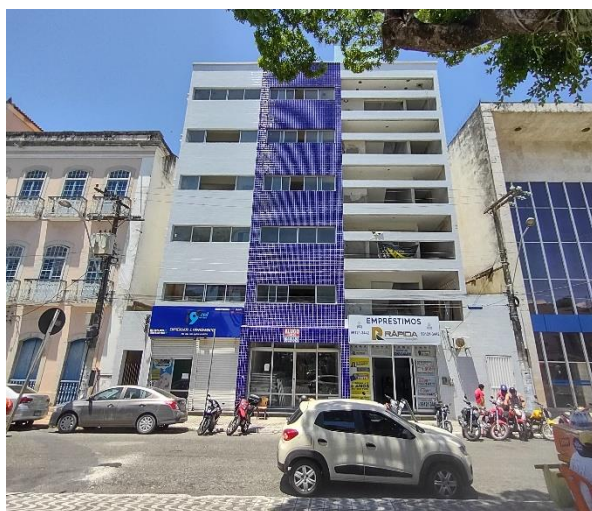
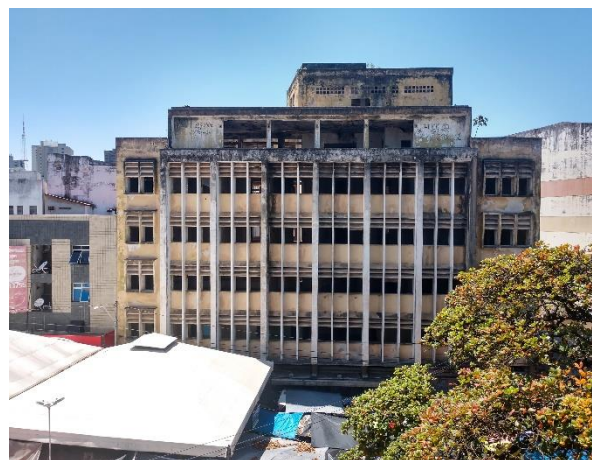
A ZEP 2 – Centro (ver Figura 138) compreende a maior parte do bairro, sendo subdividida em três outros setores: o Setor de Preservação Rigorosa 01 (SPR-01), de controle mais rigoroso para projetos de intervenções, e dois Setores de Preservação de Entorno Cultural (SPE-01 e SPE-02), com controle flexível, configura-se como uma área de transição entre a “cidade” e o SPR-01. Ao todo, nos três setores constam 23 edificações consideradas monumentos históricos e 379 imóveis históricos. E apenas 6 dos imóveis históricos são exemplares da arquitetura moderna: IPASE (1947), IAPTEC (1948), Parque Hotel (1957), Edifício Brêda (1978), a antiga Reitoria da UFAL (1961) e a antiga Residência Universitária (196?) (ver FIGURA 139).

Figura 138 - Mapa da ZEP-2 Centro de Maceió.



Fonte: Prefeitura de Maceió (2005).

Figura 139 - Os imóveis históricos.



Fonte: autor (2022). IPASE (1947), IAPTEC (1948), Parque Hotel (1957), a antiga Reitoria da UFAL (1961), antiga Residência Universitária (196?) e Edifício Brêda (1978), respectivamente.

Mesmo como região tombada, o bairro como um todo passou por um processo de descaracterização e esvaziamento, mesmo de imóveis tombados. A ineficiência da lei pode ser vista com exemplares tombados como os IPASE (1947), IAPTEC (1948), Parque Hotel (1957), primeiros exemplares verticais que atualmente estão depredados/d Descaracterizados. Se os que são tombados já sofrem com as descaracterizações, os que não tem reconhecimento como patrimônio estão ainda mais suscetíveis, a exemplo do Edifício Palmares (1970) depredado em 2015 e que segue com suas estruturas expostas⁴² (Gomes, 2019). Um levantamento realizado por Gomes e Hidaka (2020) no SPE-02 aponta o alto número de vazios urbanos, resultado de demolições e arruinamento de edificações, como o potencializador do processo de abandono do Centro, entre 2012 a 2020.

Figura 140 - Vazios urbanos no Centro de Maceió.



Fonte: Gomes e Hidaka (2020).

Exceto pela construção da nova sede do INSS (199?), antes do tombamento do bairro, não houve alteração na paisagem no bairro em relação a altimetria. As novas construções como o Tribunal de Justiça (1997) não apresentam mais que 6

⁴² Em julho de 2020, o Edifício Palmares (1970) e o IPASE-AL (1947), também conhecido como Ary Pitombo, foram comprados pela Prefeitura de Maceió com o objetivo de os tornarem sede institucional da Prefeitura. Até o momento as edificações seguem abandonadas.

pavimentos. Porém, com o início dos anos 2000, somado as aéreas não tombadas do Centro, fez com que a paisagem do bairro fosse alterada, a partir de 2012 com a construção do Terra Brasilis (ver Figura 142), além de outras obras inacabadas de edificações de escritórios.

Figura 141 - Tribunal de Justiça (1997), do arquiteto Mário Aloísio.



Fonte: Barbosa (2009).

Figura 142 Edifício do INSS construído na década de 1990, cor marrom à esquerda e o Terra Brasilis à direita.



Fonte: autor (2020).

Por fim, a história do Centro se confunde com a própria história de Maceió. Por meio de seu desenvolvimento, junto com o do bairro Jaraguá, a cidade se desenvolveu e tornou-se capital do estado. O valor do Centro vai além das suas das limitações como ZEP-2, perpassa pelas vivências, memórias e pessoas, que comumente utilizam a

expressão “vou ali no Centro resolver uns negócios” (Gomes; Silva, 2023). Dentro desse contexto, encontra-se a arquitetura moderna nas suas mais variadas expressões.

Para desvelar essa arquitetura, a próxima seção irá apresentar irá abordar a Sistematização das Informações dos Arquivos. Sendo acompanhada de tabelas, mapas e gráficos de para melhor apresentar os dados dos Arquivos da Prefeitura, ampliando o entendimento de como a arquitetura de desenvolveu no bairro do Centro.

3.5 Sistematização das informações dos arquivos

O levantamento realizado no Arquivo Público da Prefeitura de Maceió foi um dos pontos mais importantes desse trabalho e para ampliação da trama historiográfica da arquitetura moderna em Maceió, com foco no Centro. Existia uma perspectiva do que seria encontrado nos arquivos, que foi superada no abrir de cada caixa azul que contém os projetos. A cada pasta foi possível compreender o desenvolvimento urbano de Maceió, o momento simultâneo de várias arquiteturas existindo no mesmo espaço físico e temporal e a complexidade da produção moderna na capital.

A variedade de dados primários presente no acervo permite diferentes abordagens de investigação. Para esta dissertação atingir os objetivos propostos, foram considerados os projetos modernos aprovados e construídos contidos dentro da década de 1940 a 1980. Destaca-se que alguns exemplares modernos, ainda que listado pelas referências locais, não tiveram suas plantas encontradas. Mas, foram considerados por serem exemplares construídos, presentes na paisagem do Centro e com relevância na história da cidade. Para situar esses exemplares no panorama, foram usados registros fotográficos de arquivos públicos e também de páginas da internet.

Vista a quantidade de variáveis presentes nos arquivos, primeiramente, sistematizou-se as informações em uma tabela dividida por décadas. Além disso, essa tabela foi composta por imagens de cada exemplar, nome da edificação, ano de aprovação do projeto, autoria e profissão, rua em que está localizada, seu uso e altimetria, condição das plantas e se foram encontradas ou não, estado de conservação da edificação, e se está presente em alguma referência e qual o trecho (ver FIGURA 143).

Figura 143 - Trecho da tabela de sistematização.

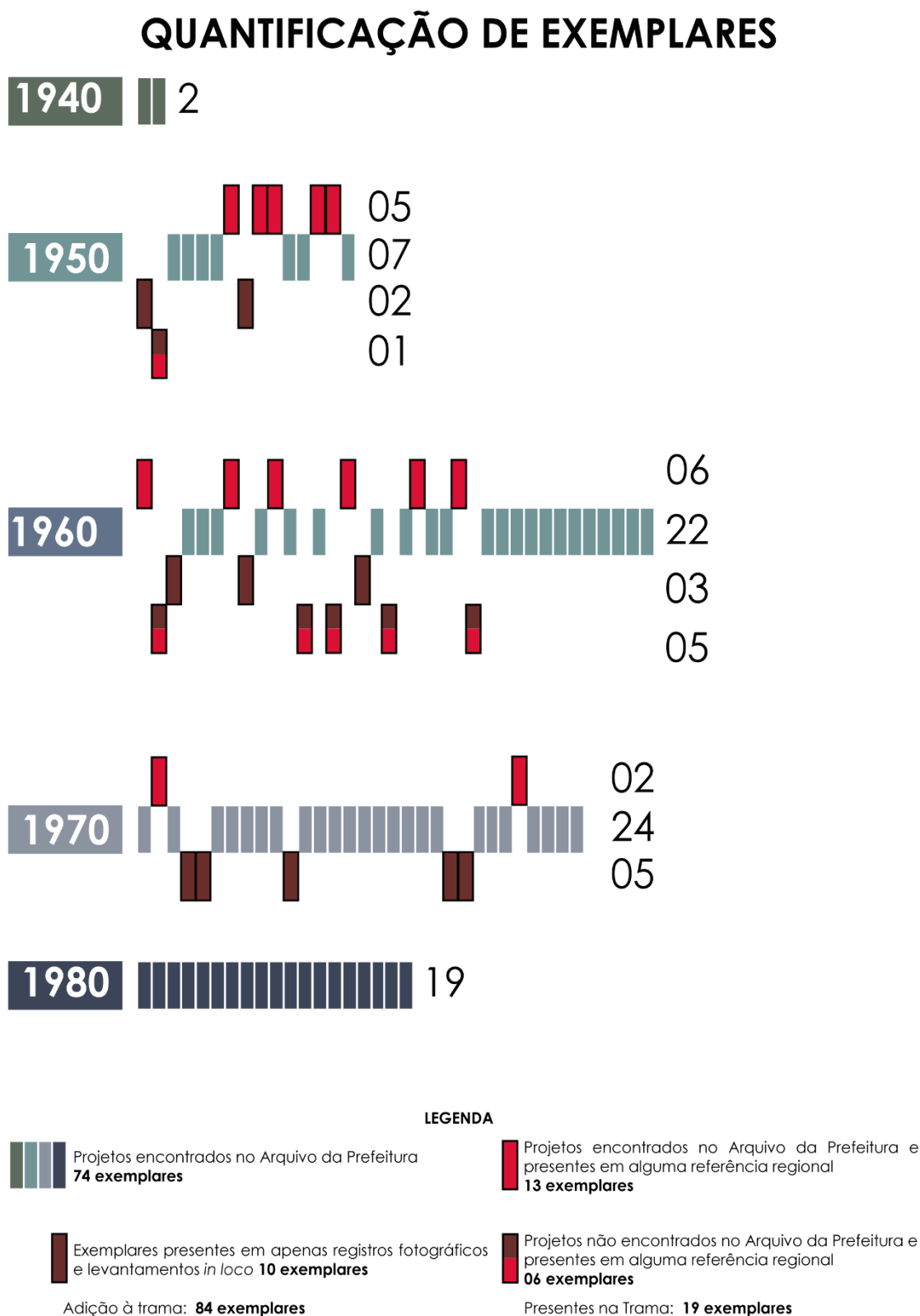
DÉCADAS	IMAGEM EDIFICAÇÃO	PROJETO	ANO PROJETO (aprovação)	PROFISSÃO	AUTORIA	LOCALIZAÇÃO	USO	Nº PAVIMENTOS	PLANTAS CADASTRAIS (em: Plantas+cartas+fachadas)	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	REFERENCIADO	TRECHO
1940		IPASE	1947	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Pç. Dos Palmares	INSTITUCIONAL	6	SIM	DEPRIDADO	CITADO	SILVA (1991), pg. 153
		IAPETEC	1948	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Pç. Dos Palmares	INSTITUCIONAL	6	SIM	DEPRIDADO	CITADO	SILVA (1991), pg. 153
		Palácio do Trabalhador	1950	DESENHISTA	Jofre Saint-Yves Simon	AV. Moreira Lima	INSTITUCIONAL	2	Planta única	REGULAR	REFERENCIADO	SILVA (1991), AMARAL (2006), CARSELLA (2023)
		Escola Industrial	1950	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Rua Barão de Atalaia	EDUCACIONAL	3	NÃO	REGULAR	NÃO REFERENCIADO	
		Residência Unifamiliar	1953	CREA	WANDERLEY ALVES	Rua Pedro Monteiro	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	1	SIM	NÃO LOCALIZADO	NÃO REFERENCIADO	
		Residência Unifamiliar	1955	ARQUITETA/O	ZÉLIA MAIA NOBRE	Rua Pedro Monteiro	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	1	SIM	DEMOLIDO	CITADO	FOTO NO JORNAL CAETÉ

Fonte: autor (2023).

Essa primeira tabela auxiliou na elaboração gráfica de diagramas, esquemas e dos mapas, para que assim pudesse serem melhor explorados os dados obtidos. O primeiro diagrama elaborado foi o de “Quantificação de Exemplos Modernos por Década”. Ele é composto por três categorias: “Exemplos encontrados no Arquivo da Prefeitura”; “Exemplos presentes em apenas registros fotográficos e levantamentos *in loco*”; “Projetos encontrados no Arquivo da Prefeitura e presentes em alguma referência local” e “Projetos não encontrados no Arquivo da Prefeitura e presentes em alguma referência local” (ver FIGURA 144), ao todo foram levantados 106 exemplos modernos no Centro.

Com o diagrama, percebe-se que o período de maior produção da arquitetura moderna em Maceió foi entre as décadas de 1960 a 1970, a primeira com 36 exemplos e a segunda com 32. As referências regionais não abrangem as produções das décadas de 1970 e 1980, encontradas no levantamento deste trabalho. Somado os exemplos que foram levantados por registros fotográficos e visitas *in loco* com os que foram referenciados, mas não identificados nos arquivos, temos 16 exemplos sem maiores informações sobre o projeto, a não ser as que estão no livro de Silva (1991).

Figura 144 - Quantificação de Exemplares Modernos presentes no bairro do Centro, Maceió.



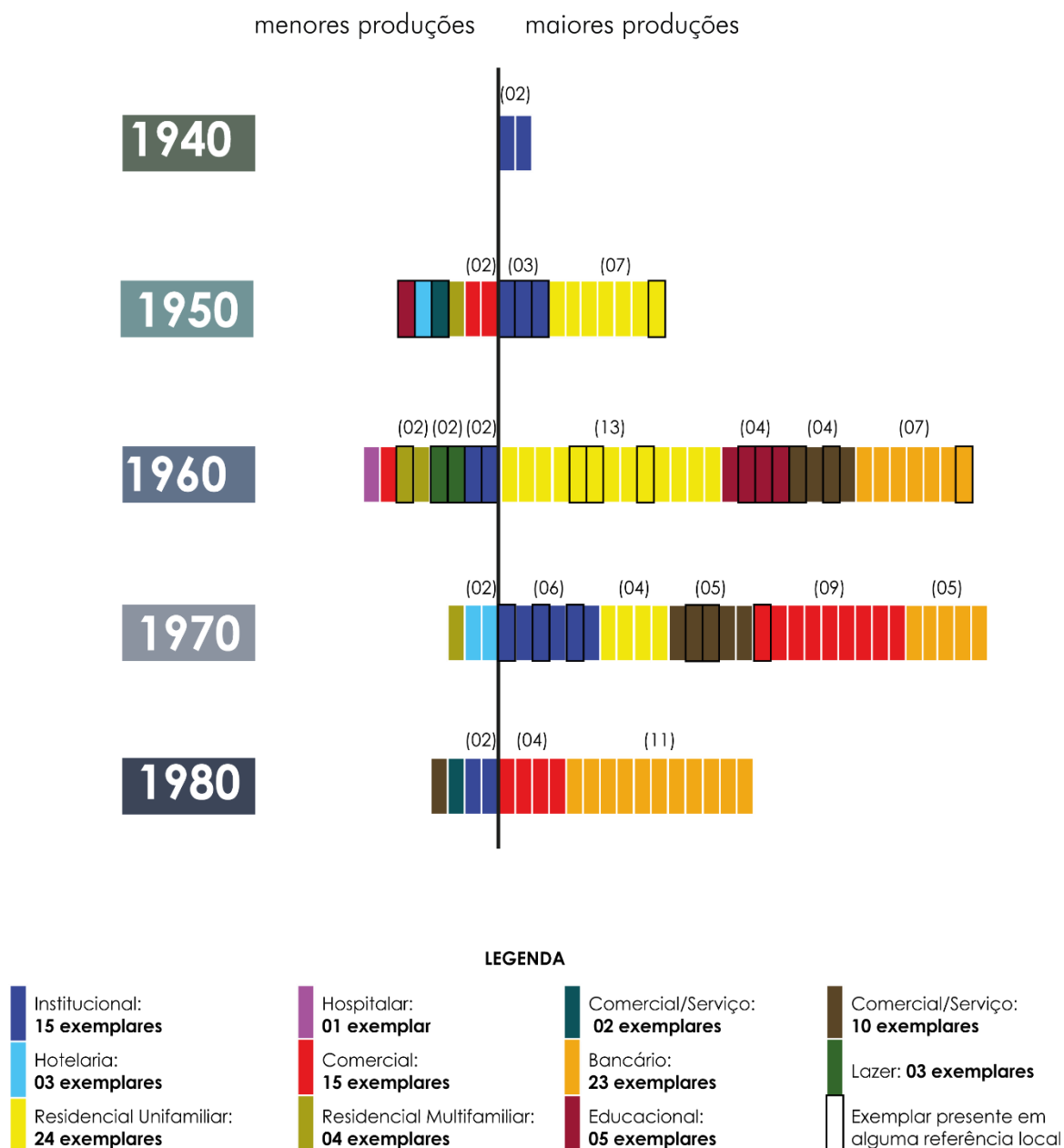
O segundo diagrama apresenta os usos identificados de cada exemplar, que foram divididos nas categorias de “menores produções” e “maiores produções” para entendermos as predominâncias dos usos ao longo das décadas (ver Figura 145). Os primeiros usos são de exemplares institucionais, sendo um uso recorrente ao longo com 17 exemplares ao todo. Entre as décadas de 1950 a 1970 a presença de exemplares residências unifamiliares é marcante, somam 24 exemplares, com alta na década de 1960. Nota-se que o uso residencial multifamiliar não foi algo recorrente, com apenas 3 exemplares no total, sendo 2 na década de 1960 e 1 na década de 1970. O mesmo acontece com os exemplares de hotelaria, na década de 1960, com 1 exemplar, e 2 na década de 1970.

A partir de 1960 houve o aumento de exemplares de uso terciário no bairro, em destaque, ao uso bancário que durante a década de 1980 são 11 dos 19 projetos aprovados e ao todo somam 24 projetos aprovados ao longo das décadas. Essa quantificação demonstra como a arquitetura moderna permeou vários usos e como essas variações foram presentes no bairro do Centro.

Tanto a quantificação dos exemplares relacionada aos seus usos corroboram com os fatos já levantados nesta dissertação, a exemplo de que as referências regionais não alcançam o período entre 1964 e 1980, salvo exceções pontuais. Em seu livro, Waisman (2013) aponta a relação entre arquitetura e o contexto socioeconômico, essa relação pode ser notada pelas quantificações. Houve um momento de progressão de exemplares aprovados até a década de 1970, quando foi instalada a atual indústria química Brasken e o vetor de expansão foi redirecionado, o que reverberou na evasão do bairro do Centro e consequente baixa nos projetos ali aprovados.

O outro ponto é o aumento de projetos residências entre as décadas de 1950 a 1960, como resultado do aterramento de áreas alagadiças e retificação do córrego do riacho Salgadinho na década de 1940 e, assim, o aumento de novas áreas de ocupação para novas construções. E, também, houve aumento nos projetos de usos como institucionais, bancários, comércio e serviço sendo a prova da importância do bairro como uma centralidade e mesmo após os fatos da década de 1970 com as instituições bancárias.

Figura 145 - Quantificações de Usos de cada exemplar por década.



Fonte: autor (2022).

No diagrama “Relação Projeto e Autoria Profissional” (ver Figura 146) apresentam-se dados referentes a formação profissional dos autores de cada projeto, sejam arquitetos, engenheiros ou desenhistas. Como apontado Silva (1991), esse papel não foi realizado apenas por arquitetos. Além disso, houve cooperação entre profissionais

de mesma ou diferentes categorias em um mesmo projeto⁴³, o que indica as conexões entre profissionais, desconstruindo a ideia do “arquiteto gênio” como é retrato na historiografia canônica sobre arquitetura moderna (Guedes, 2022).

Do quantitativo, observou-se que número de projetos elaborados por arquitetos predominou ao longo das décadas, mas há uma forte contribuição de profissionais de engenharia. Dos 106 projetos, 49 são assinados por arquitetos, sendo 10 deles projetos com coautorias. Seguidos por 27 projetos assinados por engenheiros, e outros 4 com coautoria de desenhistas. Quanto aos desenhistas estão em outros 5 projetos. Por ilegibilidade ou falta de outras informações, alguns projetos foram assinados por um profissional com CREA, sem distinção se arquiteto ou engenheiro, em outras pranchas foi possível identificar apenas a profissão, mas não o nome do profissional, totalizando 08 profissionais. E em 13 projetos não foi possível identificar qualquer informação sobre autoria.

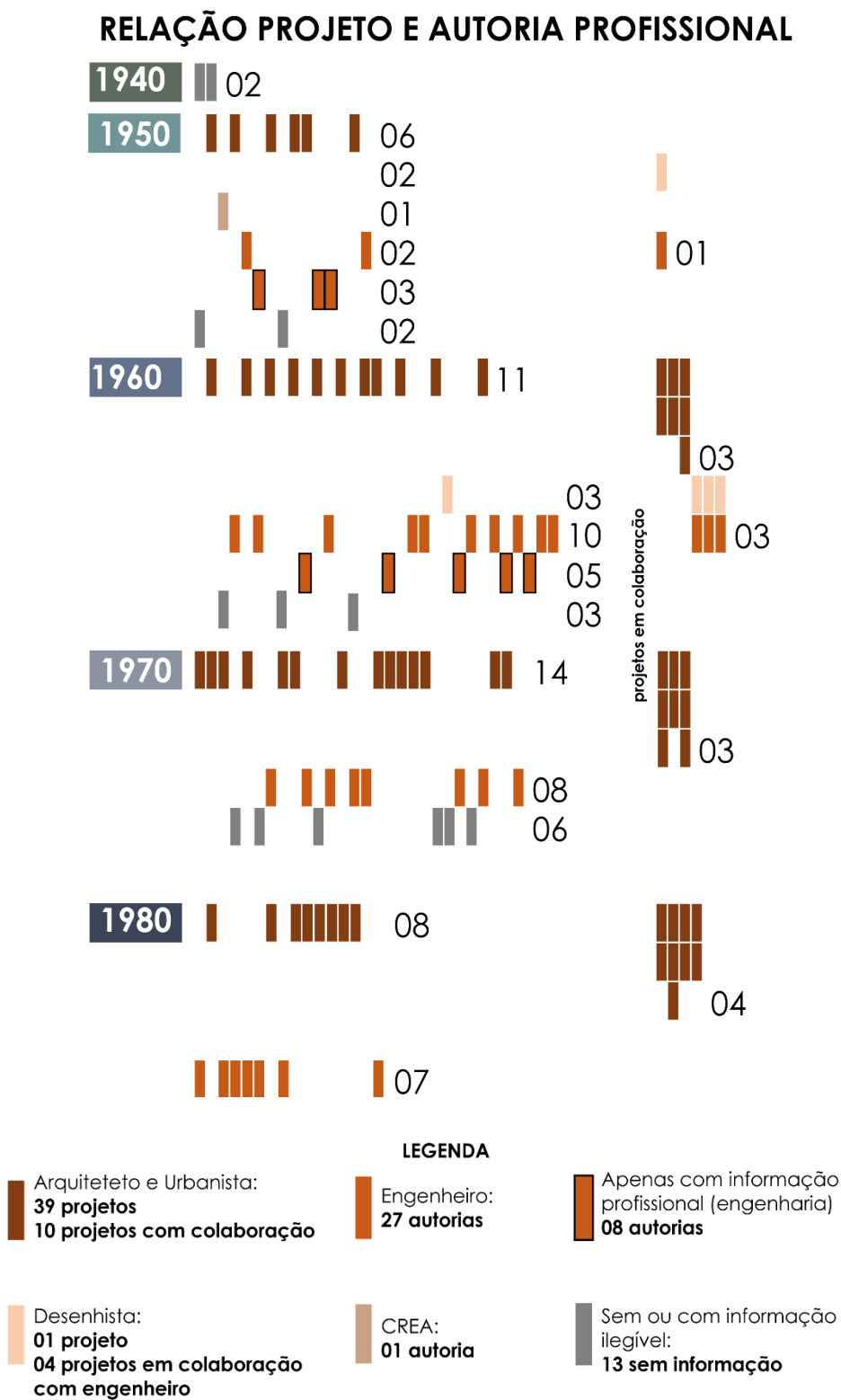
A presença de engenheiros é um reflexo da inserção desses profissionais por meio da iniciativa pública os convocar para suas secretárias e na década de 1950 inaugurando a Escola de Engenharia, pois Alagoas teria sua primeira Faculdade de Arquitetura apenas na década de 1970. Não ter uma faculdade de arquitetura gerou um outro reflexo, profissionais de diversos estados aturam em solo alagoano, alguns até constituindo escritório em Maceió, a exemplo de Zélia Maia Nobre e Jofre Yves'Saint Simon.

As autorias que puderam ser identificadas somaram: 41 arquitetos e arquitetas, 13 engenheiros e três desenhistas. A arquiteta Zélia Maia Nobre foi a profissional com mais projetos aprovados dentre os levantados, somando 9 autorias, seguida por Jofre Yves'Saint Simon com 4 projetos, depois Simone Bentes Normande e Marcos Vieira com 3 projetos cada, Leila Pedrosa e Marcílio Mendes com 2 projetos. Vale destacar que Simone Bentes, Marcos Vieira e Leila Pedrosa compartilharam a autoria em 2 projetos. Dos desenhistas, Jofre Yves'Saint Simon apresentou mais projetos, com 4 aprovados. E dos engenheiros, Carlos Gama Brêda com 3 projetos aprovados, em associação com o desenhista Walter Cunha, esse último profissional foi o desenhista

⁴³ Levou-se em consideração como autoria dos projetos o indicado nas referências regionais e as autorias/responsabilidade técnica indicada nas pranchas.

com maior número de projetos. Flávio Rocha, também engenheiro civil, apresentou três projetos aprovados (ver FIGURA 147 e 148).

Figura 146 - Quantificação de Profissionais.



Fonte: autor (2022).

Figura 147 - Lista dos profissionais de Arquitetura Moderna.

ARQUITETOS: 41 PROFISSIONAIS	Zélia Maia Nobre 09 projetos	Itamar Batista 01 projeto	Eudes Lima Guedes 02 projeto
	Jofre Yves'Saint Simon 04 projeto	Jadiceli Gomes 01 projeto	Jair Texeira 02 projeto
	Simone Bentes Normande 03 projeto	José Tibiriça: 02 projeto	Carlos Gylberto Andrade Lyra 01 projeto
	Marcos Vieira 03 projeto	Jorge Königsberger 01 projeto	Daniel Almeida 01 projeto
	Leila Pedrosa 02 projeto	Lygia Fernandes 01 projeto	Dênisson Flores 01 projeto
	Marcílio Mendes: 02 projeto	Luiz Paulo Coelho 01 projeto	Fabrcio Tenório 01 projeto
	Alexandre O. Nunes 01 projeto	Leonardo Bittencourt 01 projeto	Joaquim de Almeida 01 projeto
	Acácio Gil Bórsoi 01 projeto	Mário Aloísio 01 projeto	Joaquim de Almeida 01 projeto
	Anselmo Botelho 01 projeto	Mário Lajes 01 projeto	José Álváro 01 projeto
	Álvaro Vital Brazil 01 projeto	Mariano Texeira 01 projeto	Luiz Martins 01 projeto
	A. A. Soares 01 projeto	Neudson Braga 01 projeto	Maurício Mello 01 projeto
	Antônio Didier 01 projeto	Paulo Casé 01 projeto	Mário Fortes 01 projeto
	Alex Lomachinsky 01 projeto	Renato Muller 01 projeto	Marcial Guimarães 01 projeto
	Aldo Matsuda 01 projeto	Renato Torres 01 projeto	Marcos de Almeida 01 projeto
	Bianor Monteiro 01 projeto	Sergio Teperman 01 projeto	Mário Antônio 01 projeto
	Eládio Dieste 01 projeto	Tomio Kimura 01 projeto	Paulo José Lopes Costa 01 projeto
	Edy Marreta 01 projeto	Vital Pessa de Melo: 01 projeto	Rubem Malta 01 projeto
	Emmanuel Lins e Melo 01 projeto	Waldecy Pinto 01 projeto	Ricardo Jacinto 01 projeto
	F.A. Regis: 01 projeto		Saddock Albuquerque Filho 01 projeto
	Fernando Borba 01 projeto	Carlos Gama Breda 03 projeto	Walter Breda 01 projeto
	Gianfranco Vannucchi 01 projeto	Flávio Rocha 03 projeto	Walter Cunha de Azevedo 03 projeto
	Heitor Maia Neto 01 projeto	Demócrito Barroca 02 projeto	José Nobre 01 projeto
	Israel Correia 01 projeto	Vinícius Maia Nobre 02 projeto	Antônio Ivo de Andrade Lyra 01 projeto
		ENG. CIVIS: 24 PROFISSIONAIS	DESENHISTAS: 03 PROFISSIONAIS

Fonte: autor (2022).

Com o levantamento dos profissionais, foi elaborado um mapa (ver Figura 148) com a quantidade de projetos e origem de cada profissional, percebe-se que estes advêm de diversos estados do Brasil, sendo eles Ceará, Pernambuco, Minas Gerais, Rio de

Janeiro, São Paulo e Paraná e, também, do exterior, Uruguai. A maioria dos projetos advindos desses estados são exemplares institucionais, como as Sedes do IPASE-AL (1947) e IAPTEC (1948), do Rio de Janeiro, o Edifício Palmares (1970), autoria do arquiteto Fernando Borba, de Pernambuco, bancos como o Banco da Produção (1964), dos arquitetos Acácio Gil Bórsoi e Vital Pessoa de Melo de Pernambuco, o Banco do Nordeste (1970), autoria do arquiteto Neudson Braga de Ceará, o Banco Safra (1983), autoria do arquiteto José Eduardo Tibiriça de São Paulo e do exterior, o CEASA (1971) do arquiteto Eládio Dieste.

Figura 148 - Localização da origem dos profissionais.



Fonte: autor (2023).

Quanto aos projetos de escritórios instalados em Maceió, são assinados por profissionais formados em Pernambuco, como Zélia Maia Nobre, Jofre Yves'Saint

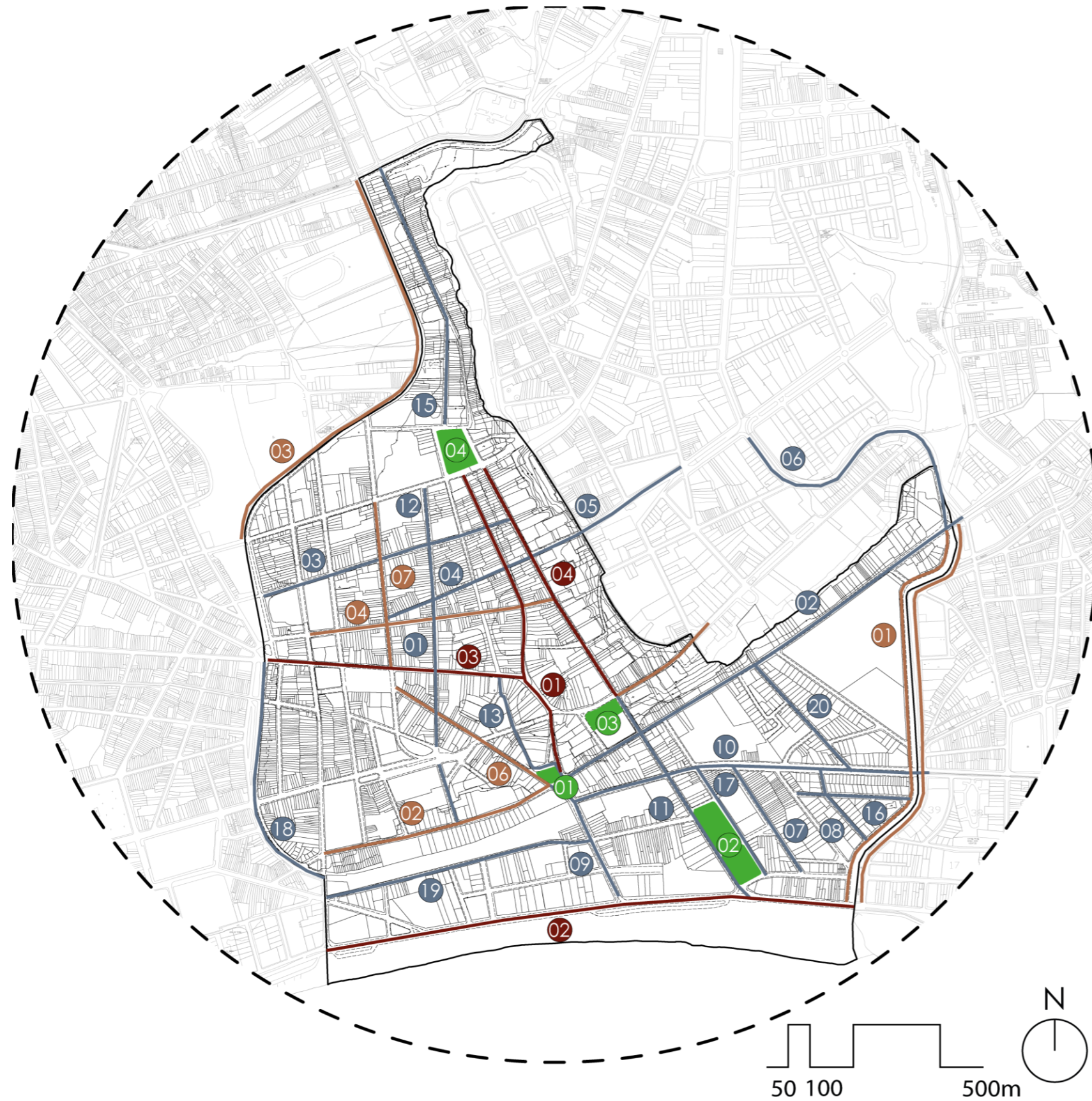
Simon, Marcos Vieira, Mario Aloísio e Leonardo Bittencourt. Sendo Mário Aloísio e Leonardo Bittencourt alagoanos, Zélia e Marcos são pernambucos e Jofre é acreano. Quanto aos profissionais de engenharia, Silva (1991) afirma que são formados nos estados da Bahia e Pernambuco, como Vinícius Maia Nobre, engenheiro civil alagoano formado em Pernambuco. O único profissional alagoano e formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL é o arquiteto Bianor Monteiro.

Outra quantificação feita neste trabalho foi a distribuição em cada rua do bairro. Apenas um exemplar não apresentava informação de localização. Dentre as cinco principais praças do Centro, apenas a Praça Deodoro não registrou nenhum exemplar moderno em seu entorno. A Praça dos Palmares com cinco exemplares, seguido da Praça Sinimbú com dois e as Praças D. Pedro II e dos Martírios, ambas com dois. Enquanto os logradouros com maior expressão são a Rua do Comércio, com 16 exemplares, Avenida da Paz, com 12, Rua do Livramento e a Rua do Sol ambas com 7 exemplares. No mais, os exemplares foram distribuídos de forma pontual ao longo do bairro.

Essa quantificação foi representada no mapa da Figura 149. Por meio dela, entende-se como a localização foi um ponto importante para implantação dessa arquitetura. Como vimos na seção anterior, sobre a história de Maceió, a Praça dos Palmares e a Rua do Comércio foram importantes localidades, uma a foi e é entrada para a área comercial e a outra como a própria área comercial. A arquitetura moderna representada como progresso, logo seria instalada nas áreas mais importantes, movimentadas e vistas. Destaca-se que a Rua do Comércio e a Praça dos Palmares estão próximas das outras ruas e praças que apresentam um expressivo número de exemplares. E nelas estão concentradas os usos institucionais, serviço, comércio e bancário.

Enquanto a Avenida da Paz e Avenida Duque de Caxias são vias sem muitas construções, foi a experiência das primeiras habitações em edifícios verticais, na década de 1950, um indicativo de valorização da praia. E entre as décadas de 1970 a 1980, a ocupação veio com o “boom do turismo” com os hotéis ali implantados.

Figura 149 - Levantamento das ruas com exemplares modernos e a quantificação.

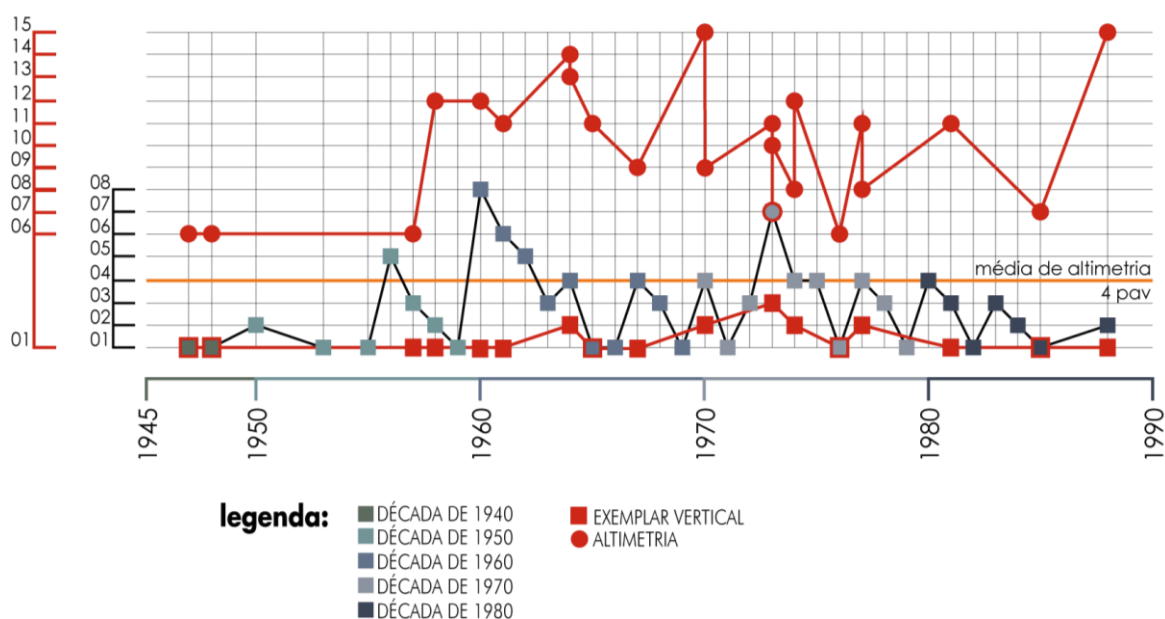


- | | | | |
|----|---|----|--|
| 01 | Praça dos Palmares:
05 exemplares | 02 | Praça Sinimbú:
03 exemplares |
| 03 | Praça D. Pedro II:
02 exemplares | 04 | Praça dos Martírios
02 exemplares |
| 01 | Rua do Comércio:
16 exemplares | 02 | Av. da Paz/Dq de Caxias:
12 exemplar |
| 03 | Rua do Livramento/Sen. Mendonça:
07 exemplares | 04 | Rua do Sol/João Pessoa:
07 exemplares |
| 01 | Av./Travessa Humberto Mendes:
05 exemplares | 02 | Rua Pedro Monteiro:
05 exemplar |
| 03 | Av. Francisco Menezes:
03 exemplares | 04 | Av. Moreira Lima:
03 exemplares |
| 05 | Ladeira da Cateral/Rosolva Ribeiro:
03 exemplares | 06 | Rua Barão de Penedo:
03 exemplares |
| 07 | Rua Cincinato Pinto:
03 exemplares | 01 | Rua Angerson Santos:
02 exemplares |
| 02 | Rua Barão de Atalaia:
02 exemplares | 03 | Rua das Árvores:
02 exemplares |
| 04 | Beco São José:
01 exemplar | 05 | Ladeira do Brito:
01 exemplar |
| 06 | Ladeira Geraldo Melo:
01 exemplar | 07 | Rua 7 de Setembro:
01 exemplar |
| 08 | Rua Alcino Casado:
01 exemplar | 09 | Rua do Barão de Anadia:
01 exemplar |
| 10 | Rua Buarque de Macedo:
01 exemplar | 11 | Rua do Imperador:
01 exemplar |
| 12 | Rua da Alegria:
01 exemplar | 13 | Rua Dr. Luís Pontes de Miranda:
01 exemplar |
| 14 | Rua Gabino Bezouro:
01 exemplar | 15 | Rua General Hermes:
01 exemplar |
| 16 | Rua Godofredo Ferro:
01 exemplar | 17 | Rua Marechal Roberto Ferreira:
01 exemplares |
| 18 | Rua Vieira Perdigão:
01 exemplar | 19 | Rua Zacarias de Azevedo:
01 exemplar |
| 20 | Rua França Morel:
01 exemplar | | Sem Informação:
01 exemplar |

Fonte: autor (2023).

Quanto aos exemplares verticais, a escolha se deu pela altimetria de seis ou mais pavimentos. O gráfico da Figura 150 apresenta esses dados, relacionando a quantidade de projetos aprovados, com os exemplares verticais e sua altimetria. Com isso, as correspondências são que a introdução da arquitetura moderna em Maceió ocorre já verticalizada na década de 1940. A verticalidade no bairro foi construída de forma pontual e constante, são 103 projetos, dentre eles, 23 verticais. Houve quase uma constante entre as aprovações dos projetos verticais, que foi alterada por um momento, de forma crescente entre meados da década de 1940 a 1973 que corresponde aos fatos do “Milagre Econômico” e o início do “Boom Turístico”. E seu momento de queda ocorreu na década de 1970, como dito anteriormente, momento de evasão do Centro por causa da instalação da indústria química Brasken.

Figura 150 - Relação Projetos Aprovados x Quantificação de Exemplares Verticais x Altimetria de cada exemplar.



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

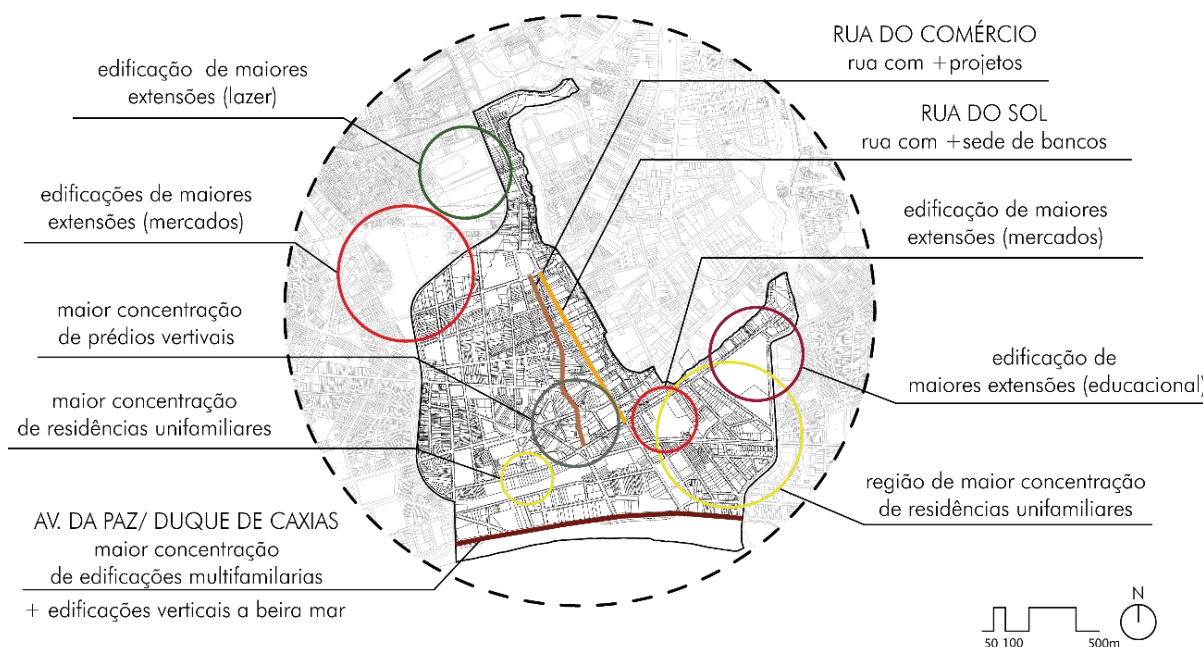
Quanto à altimetria, a média de quatro pavimentos dos projetos, marcando a horizontalidade do bairro, resultou em um maior destaque para os edifícios verticais por não serem predominantes. Houve uma constância de número de pavimentos entre as décadas de 1940 ao final da década de 1950, alterada apenas com a aprovação e construção do primeiro edifício vertical com mais de dez pavimentos, o Edifício Brêda

(1958). Após esse momento, o Centro recebeu outros exemplares cujo a altura varia de onze a doze pavimentos entre 1960 a 1970, com dois picos de altura, o Edifício Walmap (1964) com 14 pavimentos e o Edifício Palmares (1970) com 15. Esse número de 15 pavimentos voltou a ser repetido apenas ao final da década de 1980, com o Empresarial Barão de Penedo (1988), o último projeto vertical aprovado no Centro. No mais, entre as décadas de 1970 a 1980, o número de pavimentos foi entre seis e onze pavimentos.

Com as informações apresentadas anteriormente e com a finalidade de construir o “panorama da arquitetura moderna no Centro de Maceió” foram elaborados mapas com a localização de cada edificação, acompanhada por foto, altimetria, nome do exemplar, autoria, ano de aprovação do projeto e seu uso.

Por fim, foi elaborado o Mapa de Concentrações (ver Figura 151), nele estão reunidas as informações levantadas anteriormente de forma sintática. As concentrações indicam onde estão as porções com maiores números de exemplares verticais e quais usos mais marcantes estão distribuídos no bairro.

Figura 151 - Mapa de concentrações da arquitetura moderna no Centro de Maceió.



Fonte: autor (2023).

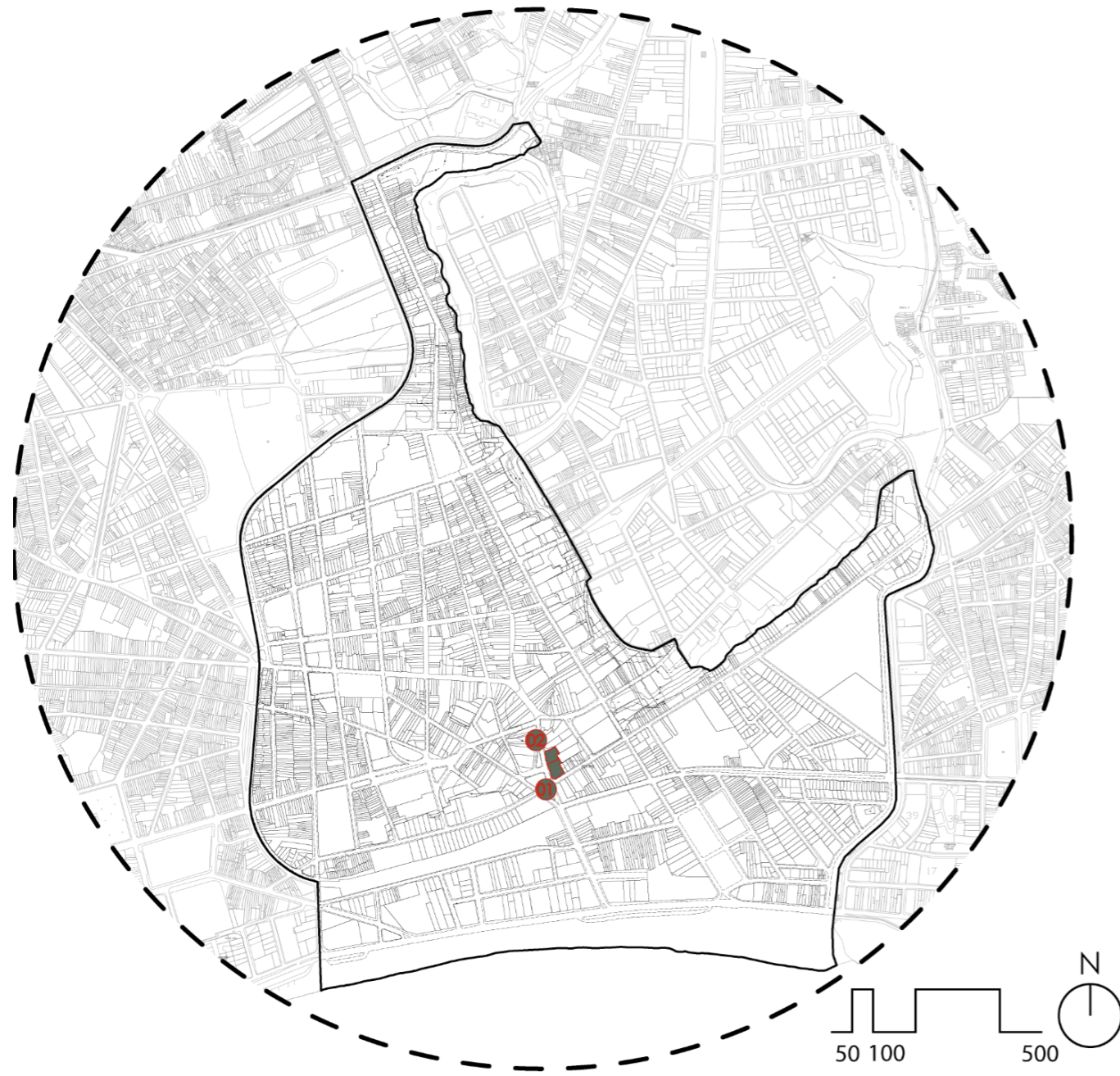
Foram apresentados os fatos históricos que envolveram a cidade de Maceió da sua constituição até a atualidade. Para isso, foram aplicados os conceitos de Veyne (2008) e Waisman (2013) que estabelece um crivo de seleção e sucessão de juízos que possam dar base para o caminho escolhido nesta dissertação, que é a contextualização do bairro do Centro e como se deu o seu desenvolvimento urbano e sua relação com a arquitetura moderna. Para construção da trama da arquitetura moderna no contexto da América Latina, é necessário compreender os contextos socioeconômicos, não limitados aos tipos, mas sim numa junção das circunstâncias históricas, culturais e tecnológicas (Waisman, 2013). O entendimento desses conceitos colabora para a quebra de preconceitos, como considerar que alguns lugares são mais atrasados que outros, e, também, com o entendimento de que cada cidade tem seu processo e o corresponde de formas distintas.

Com a construção do panorama da arquitetura moderna em Maceió constatou-se que houve produção moderna posterior a 1964, final apontado por Silva (1991), inclusive outros exemplares dentro do recorte estabelecido pela autora que não foram levantados. Outro ponto observado foi que os profissionais que atuaram na produção dessa arquitetura são advindos de diferentes estados do Brasil e até do exterior. A arquitetura moderna no Centro de Maceió apresentou os mais variados usos e formas, acompanhada do próprio momento arquitetônico vigente na época, com correlações entre os fatos históricos vigentes na época. Nas figuras abaixo, estão os mapeamentos dos exemplares modernos e sua localização na malha urbana do Centro.

Com isso, as informações aqui apresentadas foram fundamentais para compreender como se deu a arquitetura moderna em Maceió, principalmente os verticais, que ainda que pontuais no bairro, foram de maior destaque na paisagem. Então para atingir o objetivo de ampliar a trama da arquitetura moderna, é necessário desvelar, contextualizar e descrever os exemplares. Neste capítulo foram realizados o desvelar e o contextualizar, o capítulo seguinte será o de descrever.

Figura 152 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1940.

1940



01

06 PAV



pavimentos:

nome da edificação: **IPASE-AL**
 autoria: -
 ano de aprovação: **1947**
 localização: **Pç Palmares**
 uso: **INSTITUCIONAL**

02

06 PAV



pavimentos:






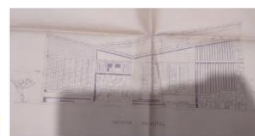



















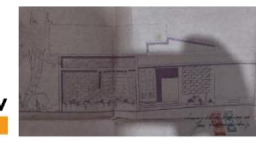



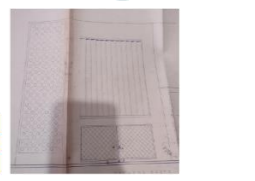
nome da edificação: **IAPETEC**
 autoria: -
 ano de aprovação: **1948**
 localização: **Pç Palmares**
 uso: **INSTITUCIONAL**

Fonte: autor (2023).

Figura 153 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1950.

1950



<p>01</p> <p>03 PAV</p>  <p>pavimentos:</p>  <p>nome da edificação: Escola Industrial (IFAL) autoria: sem informação ano de aprovação: 195? localização: Rua Barão de Atalaia uso: EDUCACIONAL</p>	<p>02</p> <p>02 PAV</p>  <p>pavimentos:</p>  <p>nome da edificação: Palácio do Trabalhador autoria: Jofre Saint'Yves Simon ano de aprovação: 1950 localização: Av. Moreira Lima uso: INSTITUCIONAL</p>	<p>03</p> <p>01 PAV</p>  <p>pavimentos:</p>  <p>nome da edificação: Residência Unifamiliar Wanderly Alves autoria: Wanderly Alves ano de aprovação: 1953 localização: Rua Pedro Monteiro uso: RESID. UNIFAMILIAR</p>
<p>04</p> <p>01 PAV</p>  <p>pavimentos:</p>  <p>nome da edificação: Residência Unifamiliar Zélia Maia Nobre autoria: Zélia Maia Nobre ano de aprovação: 1955 localização: Rua Pedro Monteiro uso: RESID. UNIFAMILIAR</p>	<p>05</p> <p>03 PAV</p>  <p>pavimentos:</p>  <p>nome da edificação: Edifício Comercial Rodrigo Jacinto autoria: Rodrigo Jacinto ano de aprovação: 1956 localização: Rua Angerson Dantas uso: COMERCIAL</p>	<p>06</p> <p>02 PAV</p>  <p>pavimentos:</p>  <p>nome da edificação: Residência Unifamiliar ilegível autoria: ilegível ano de aprovação: 1956 localização: Av./Tv. Humberto Mendes uso: RESID. UNIFAMILIAR</p>
<p>07</p> <p>01 PAV</p>  <p>pavimentos:</p>  <p>nome da edificação: Residência Unifamiliar Anselmo Botelho autoria: Anselmo Botelho ano de aprovação: 1956 localização: sem informação uso: RESID. UNIFAMILIAR</p>	<p>08</p> <p>03 PAV</p>  <p>pavimentos:</p>  <p>nome da edificação: IBGE-AL autoria: sem informação ano de aprovação: 195? localização: Beco São José uso: INSTITUCIONAL</p>	<p>09</p> <p>06 PAV</p>  <p>pavimentos:</p>  <p>nome da edificação: Sociedade de Medicina-AL autoria: Lygia Fernandes ano de aprovação: 1956 localização: Rua Barão de Anadia uso: INSTITUCIONAL</p>
<p>10</p> <p>06 PAV</p>  <p>pavimentos:</p>  <p>nome da edificação: Parque Hotel autoria: Zélia Maia Nobre ano de aprovação: 1957 localização: Pç Dom Pedro II uso: HOTELARIA</p>	<p>13</p> <p>10 PAV</p>  <p>pavimentos:</p>  <p>nome da edificação: Residência Unifamiliar ilegível autoria: ilegível ano de aprovação: 1957 localização: Rua França Morel uso: COMERCIO/SERVIÇO</p>	<p>14</p> <p>03 PAV</p>  <p>pavimentos:</p>  <p>nome da edificação: Residência Paulo da Silveira autoria: Jofre Yves'Saint Simon ano de aprovação: 1958 localização: Av. da Paz/Duque de Caxias uso: RESID. UNIFAMILIAR</p>
<p>11</p> <p>01 PAV</p>  <p>pavimentos:</p>  <p>nome da edificação: Residência Unifamiliar ilegível autoria: ilegível ano de aprovação: 1957 localização: Rua Gambino Bezouro uso: RESID. UNIFAMILIAR</p>	<p>12</p> <p>01 PAV</p>  <p>pavimentos:</p>  <p>nome da edificação: Residência Unifamiliar ilegível autoria: ilegível ano de aprovação: 1957 localização: Rua França Morel uso: RESID. UNIFAMILIAR</p>	<p>15</p> <p>03 PAV</p>  <p>pavimentos:</p>  <p>nome da edificação: Edifício Comercial Flávio Rocha autoria: Flávio Rocha ano de aprovação: 1959 localização: Rua do Comércio uso: COMERCIAL</p>

Fonte: autor (2023).

Figura 154 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1960, parte 1/3.

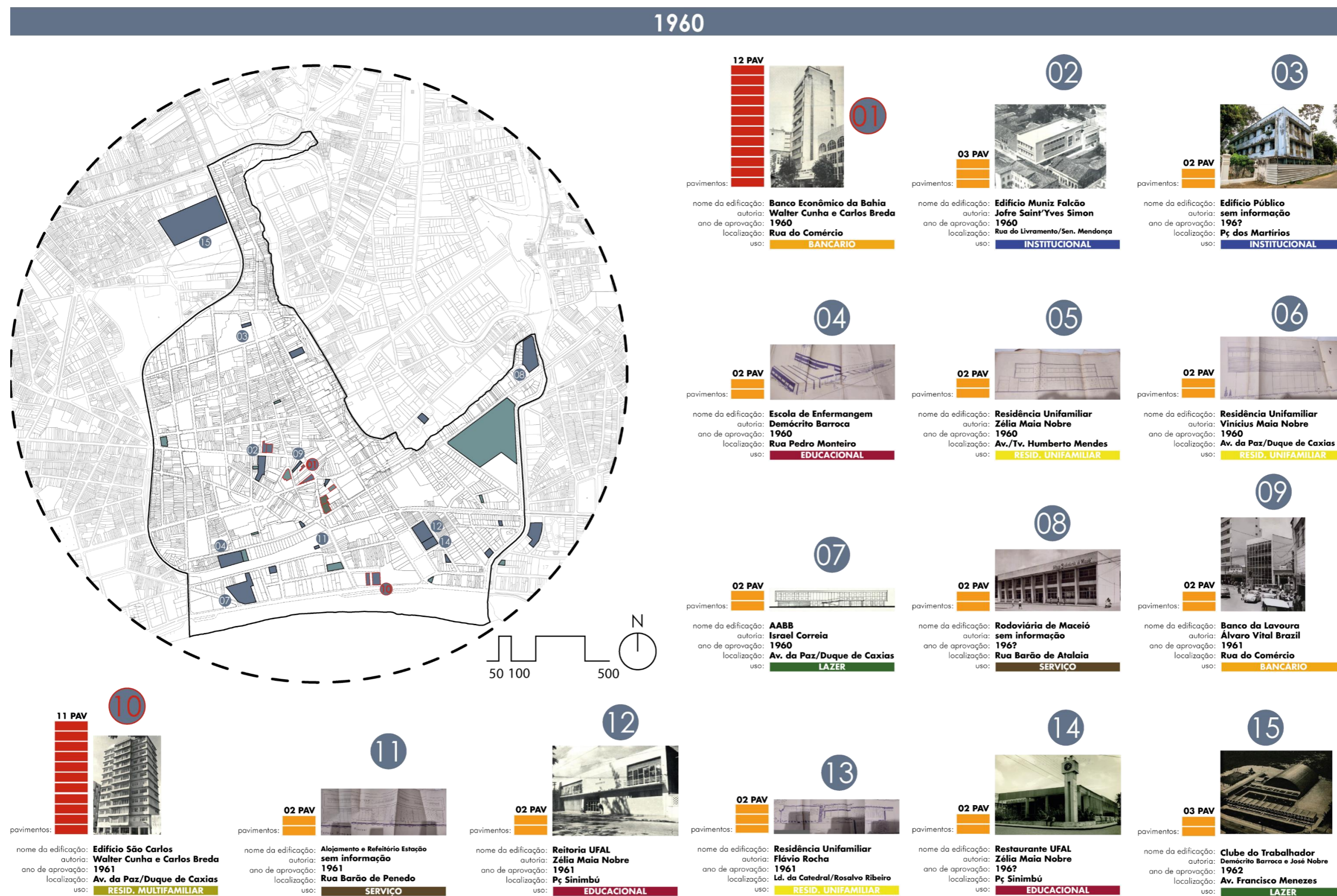
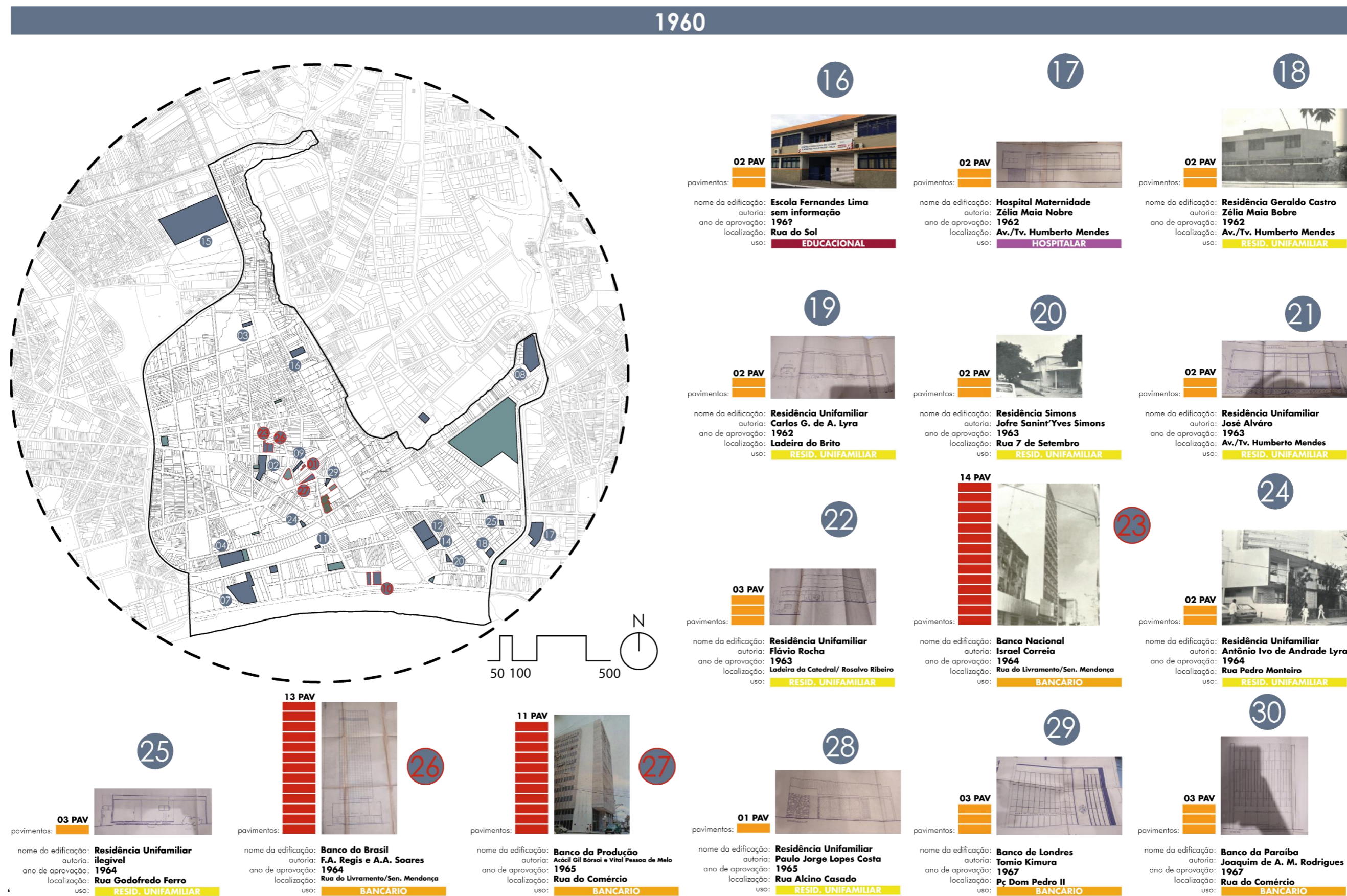


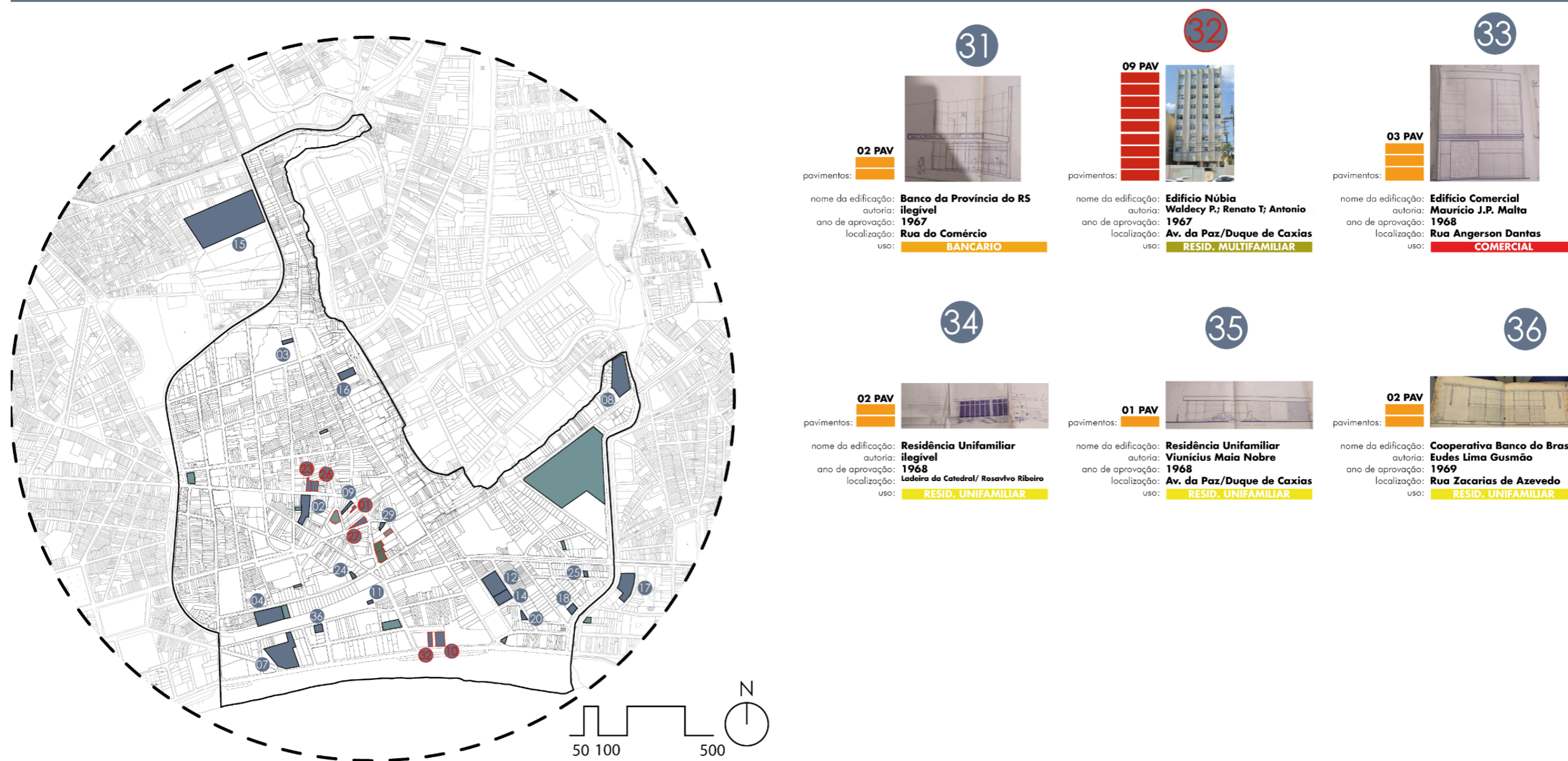
Figura 155 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1960, parte 2/3.



Fonte: autor (2023).

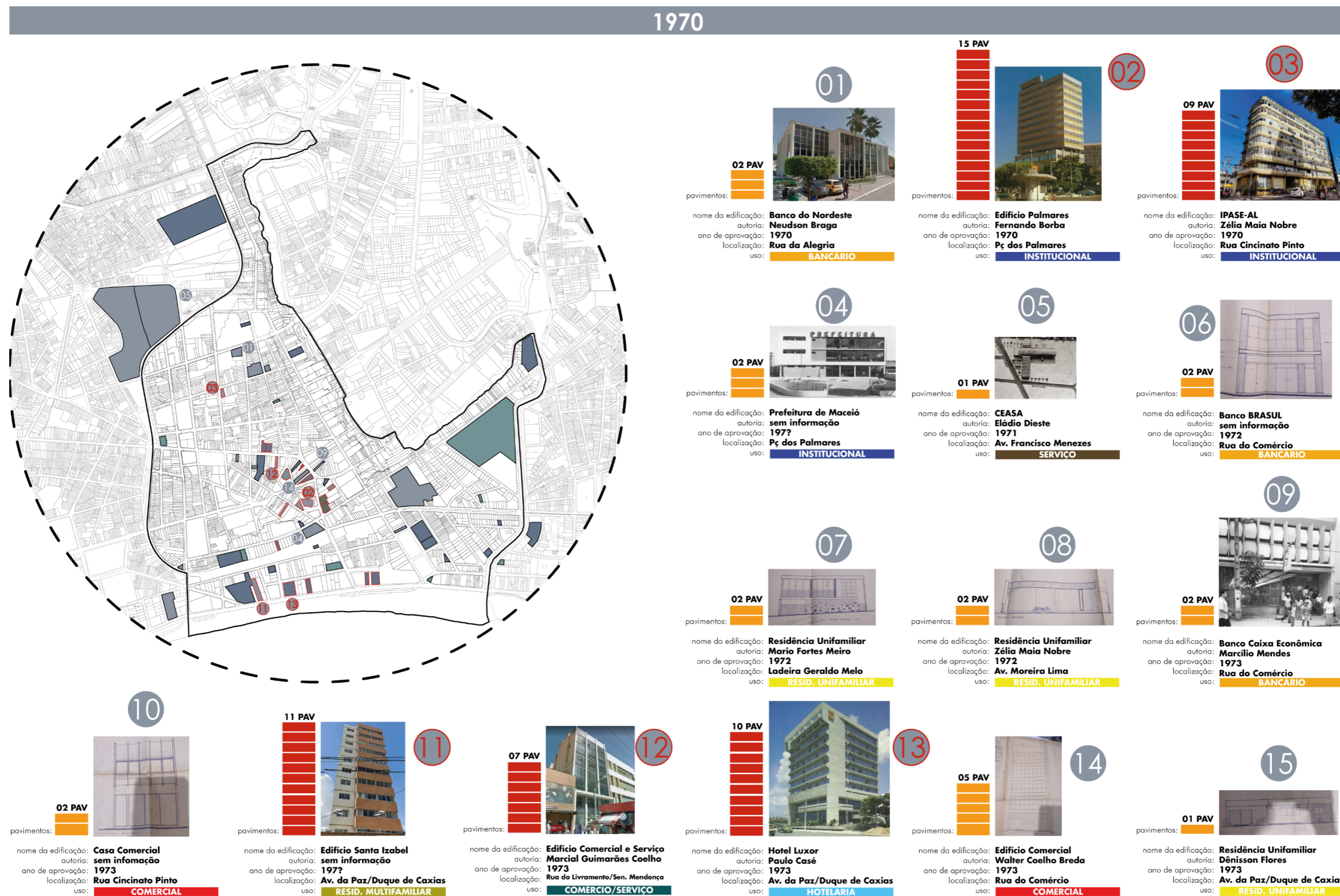
Figura 156 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1960, parte 3/3.

1960



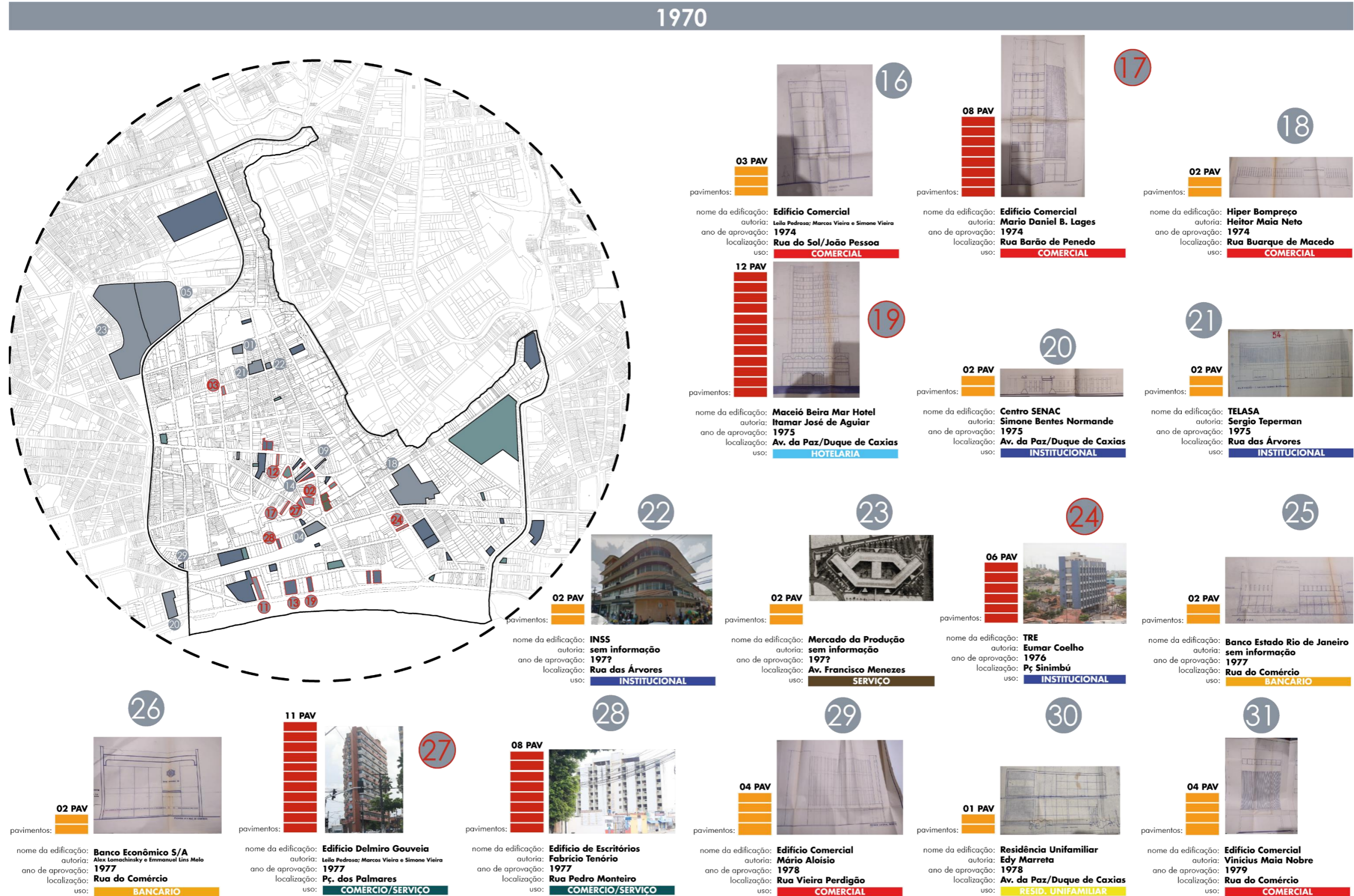
Fonte: autor (2023).

Figura 157 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1970, parte 1/2.



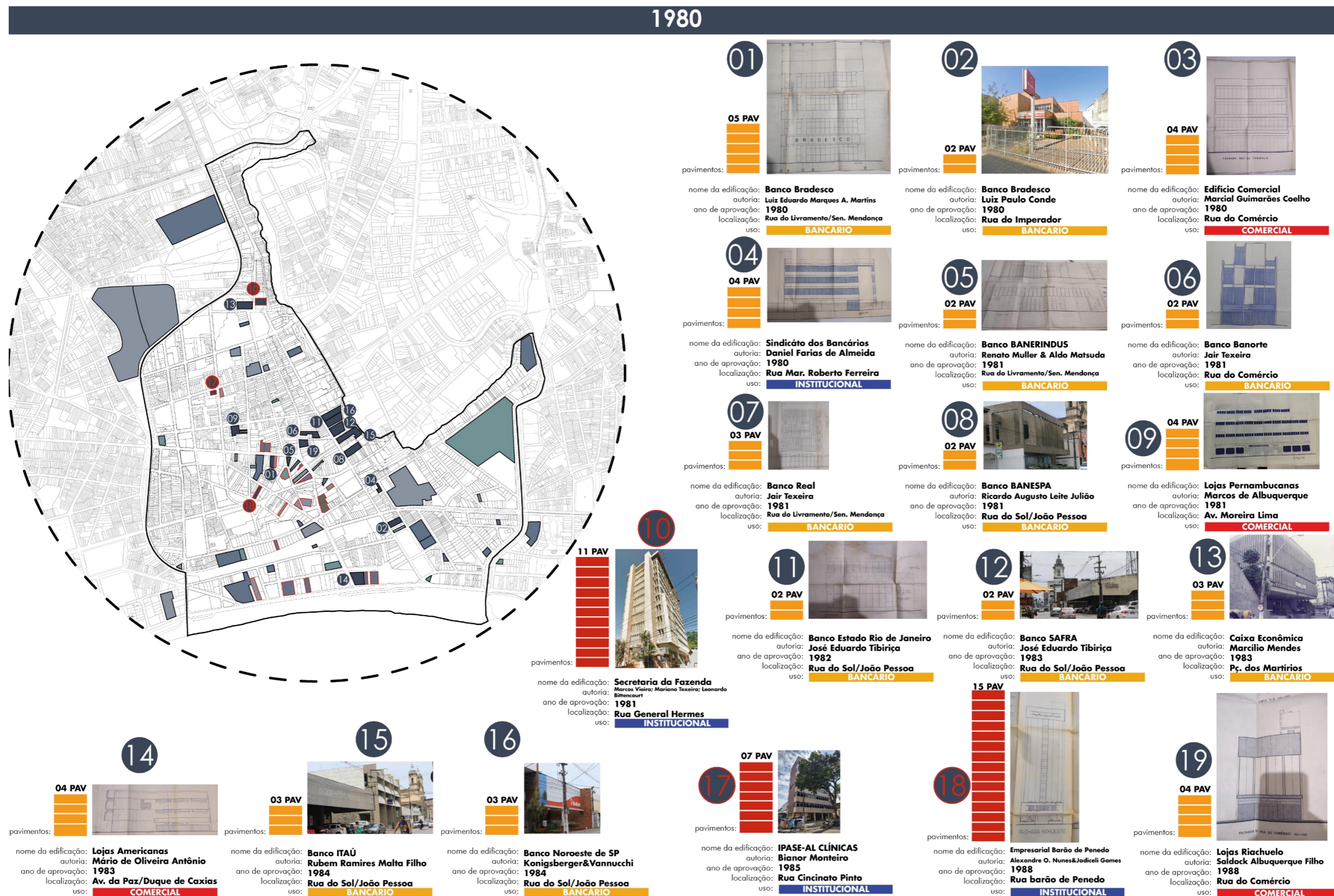
Fonte: autor (2023).

Figura 158 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1970, parte 2/2.



Fonte: autor (2023).

Figura 159 - Mapeamento Arquitetura Moderna em 1980.



Fonte: autor (2023).

4. AMPLIAÇÃO DA TRAMA DA ARQUITETURA MODERNA: PERIODIZAÇÃO E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA DOS EXEMPLARES MODERNOS NO CENTRO DE MACEIÓ

Após levantar, identificar e sistematizar os exemplares no arquivo da Prefeitura o próximo passo é o da descrição. Entende-se que para ampliar a trama é necessário conhece-la, sendo assim, este capítulo objetiva apresentar os exemplares verticais, acompanhado de descrições, imagens e desenhos.

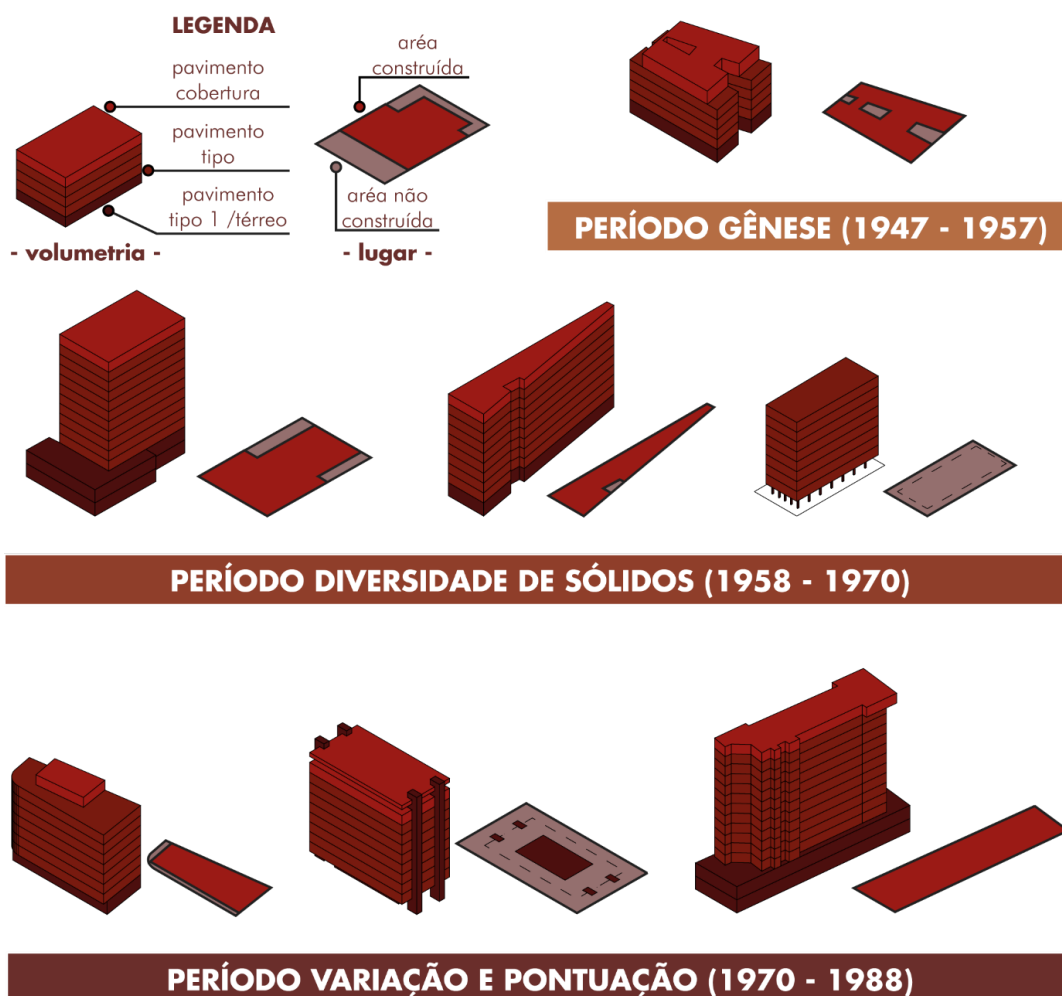
Para melhor apresentação e caracterização dos exemplares, foi proposta a divisão em períodos de acordo com os fatos históricos, apresentados no capítulo anterior, e, de dois critérios arquitetônicos, a Volumetria e o Lugar. Esses dois critérios foram elaborados por sua visualização na paisagem e na cidade (a volumetria) e a forma que está apropriada na cidade (o lugar). Destaca-se que a periodização tem como ponto principal esses dois critérios que depois foram contextualizados com os fatos históricos.

Neste trabalho, entende-se por Volumetria o conjunto de características arquitetônicas que dão forma ao volume da edificação, sendo elas a cobertura, as vedações, a estrutura e escadas/marqueses/rampas. Quanto ao Lugar, entende-se como a edificação foi implantada no lote, relação com o entorno e de possíveis condicionantes locais que foram utilizadas. Tendo como base essas definições, foram elaboradas as três periodizações: Período Gênese (1947-1957), Período Diversidade dos Sólidos (1958-1970) e Período Variação e Pontuação (1970-1988).

A Espacialidade foi o terceiro critério a ser considerando, visando compreender o edifício vertical como um todo, inclusive suas estratégias funcionais. Nesse agrupamento foi considerado como o espaço interno da edificação e o programa de necessidade e zonas.

Com isso, as próximas seções serão nomeadas com cada periodização, apresentando-se as edificações verticais. Serão selecionadas as edificações que melhor representem as características dos agrupamentos “Volumetria”, “Lugar” e “Espacialidade”.

Figura 160 - Representação das volumetrias e implantações de cada período.



Fonte: autor (2023)

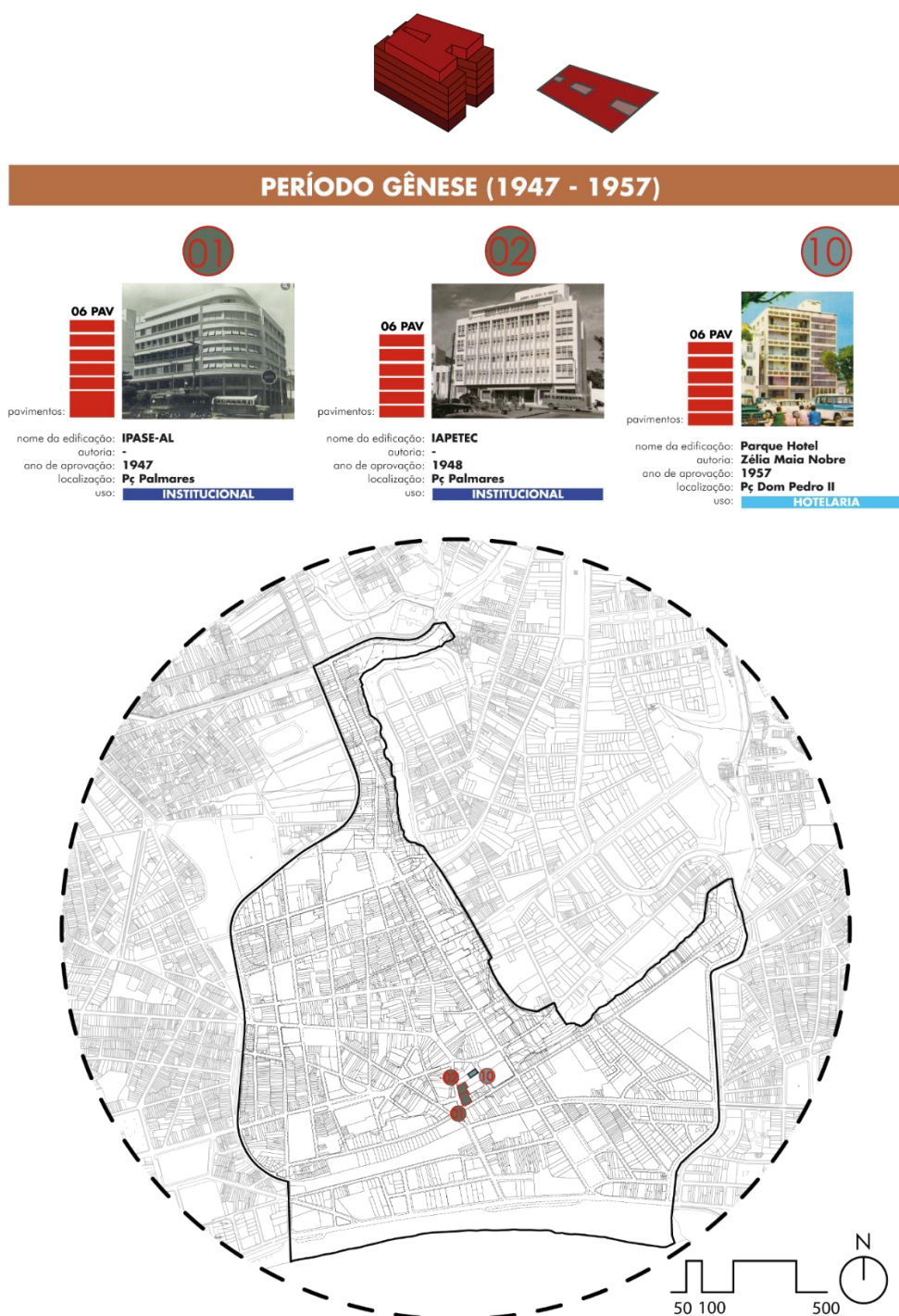
4.1 Período gênese (1947-1957)

O Período Gênese (1947-1957) é o momento da aprovação e construção dos primeiros edifícios verticais no Centro de Maceió, sendo eles o IPASE-AL (1947), o IAPETEC (1948) e o Parque Hotel (1957) (ver Figura 161). Essas foram as primeiras construções a contar com seis pavimentos, destacando-se não tanto pela sua altura, ainda condicionada ao ambiente ao redor, mas sim por suas características modernas distintivas em relação ao entorno.

As edificações têm forma prismática, uso de brises e cobogós na fachada, que também funcionam como soluções climáticas para insolação e captação de ventilação natural. Quanto ao lugar, seguem a forma e foram implantadas nos limites do lote ou com pequenos afastamentos em suas laterais ou e fundos. Há também o uso de poços

de ventilação e iluminação nessas edificações, visto sua limitação e/ou proximidade a outras edificações. Quanto à espacialidade, apresentam o térreo com acesso ao público, pavimento-tipo nos pavimentos superiores e o último andar com o pavimento coberto como uma área de convivência, configurando um mirante construído. A sede do IAPETEC (1948) foi escolhida para representar esse período por melhor apresentar os três agrupamentos arquitetônicos: Volumetria, Lugar e Espacialidade.

Figura 161 - Período Gênese (1947-1957).

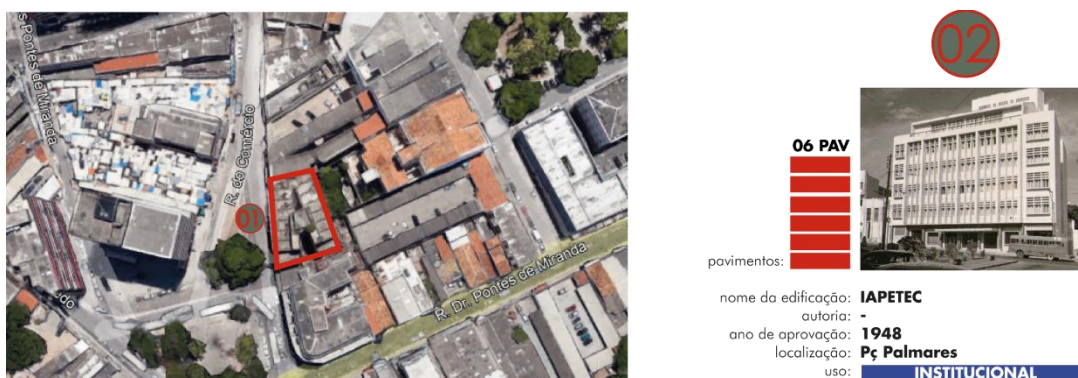


Fonte: autor (2023).

Informações básicas - IAPETC (1948)

A sede do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas de Alagoas teve seu projeto aprovado em 1948, vindo do Rio de Janeiro. A edificação localiza-se no entorno da Praça dos Palmares que era a principal entrada para o Centro de Maceió. Apresenta 6 pavimentos sendo eles o térreo, 4 pavimentos tipo e o pavimento cobertura. O IAPETC (1948) é uma das primeiras edificações a apresentar pavimento subsolo. Atualmente, encontra-se abandonado e em estado de arruinamento.

Figura 162 - IAPETEC (1948) e sua implantação.



Fonte: Google Earth (2023), adaptado pelo autor.

Volumetria

Com seus seis pavimentos a edificação apresenta uma volumetria prismática com distinção tripartida entre base, corpo e coroamento, e duas fachadas, a frontal, voltada para o entorno da Praça dos Palmares e a posterior, voltada aos fundos do terreno, enquanto as fachadas laterais são cegas (ver Figura 163).

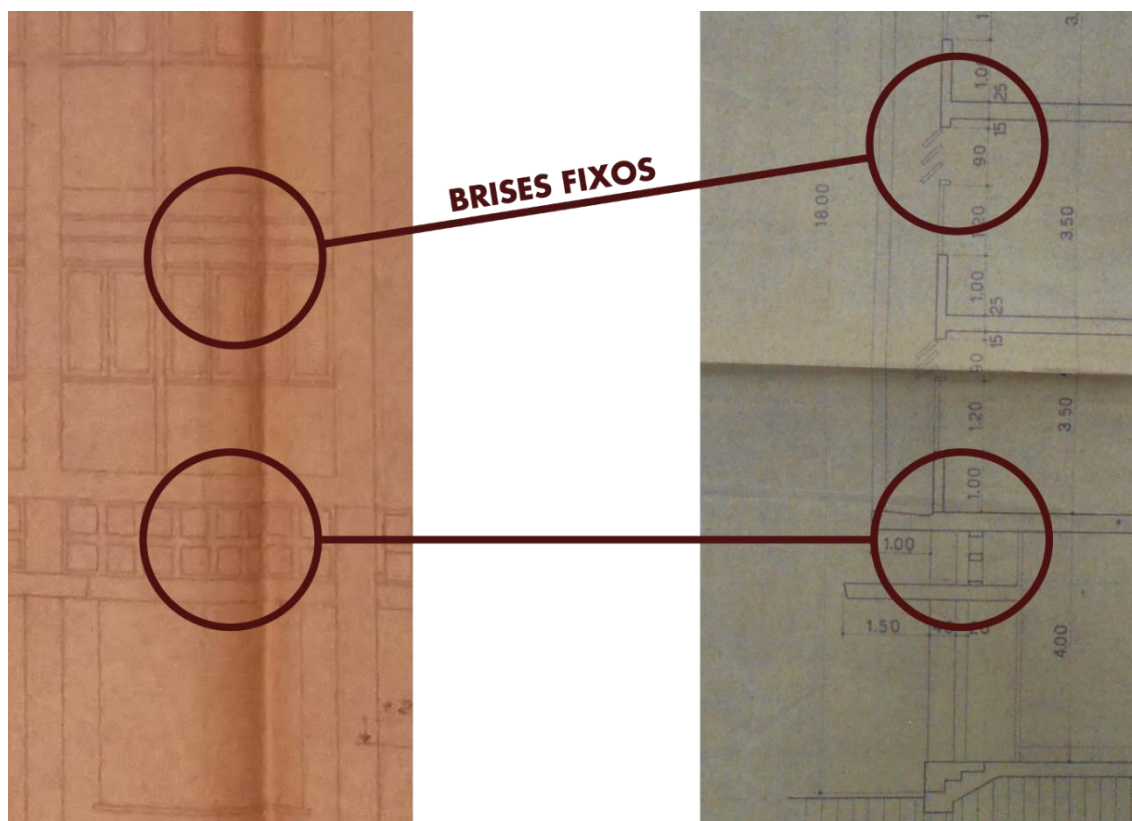
Figura 163 - IAPETC (1948).



Fonte: autor (2019).

A fachada frontal é composta em sua base, o pavimento térreo, pelos acessos ao interior da edificação e ao subsolo, com cobogós retangulares no sentido da sobreverga (ver Figura 164). Há colunas que compõem o térreo, levemente distanciadas das paredes e que se encerram na base dos pavimentos-tipo.

Figura 164 - Destaque aos brises e cobogós no projeto.



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2021), adaptado pelo autor.

Figura 165 - Colunas do térreo do IAPETC (1948).



Fonte: Lucas Fernando (2019).

E esses pavimentos-tipos, por sua vez, são sobressaltados em relação ao pavimento térreo, com avanço maior no meio de seu volume, onde as janelas são emolduradas por frisos verticais espessos (ver Figura 166) enquanto nas laterais a moldura se faz nos limites das aberturas. As aberturas são compostas por janelas retangulares e brises horizontais fixos.

Figura 166 - Detalhes da fachada.



Fonte: Maceió Antiga (2022), adaptado pelo autor.

No coroamento da edificação (FIGURA 167), há o pavimento coberto, nele são dispostas amplas aberturas que dão a um terraço descoberto. Esse pavimento não ocupa todo o andar, tendo o volume construído alinhado aos limites do avanço do pavimento-tipo. Quanto à cobertura da edificação, está é em dois volumes que seguem a forma da edificação com telhado em duas águas e, à direita, a caixa d'água.

Figura 167 - Pavimento Coberto do IAPTEC (1948).



Fonte: autor (2019).

A fachada voltada para os fundos do terreno não apresenta tantos elementos compositivos (ver Figura 168). Nela estão dispostas janelas retangulares, com abertura na sobreverga, um tipo de esquadria que permite a circulação de ventilação.

Figura 168 - Fachada posterior do IAPETEC (1948), atualmente.

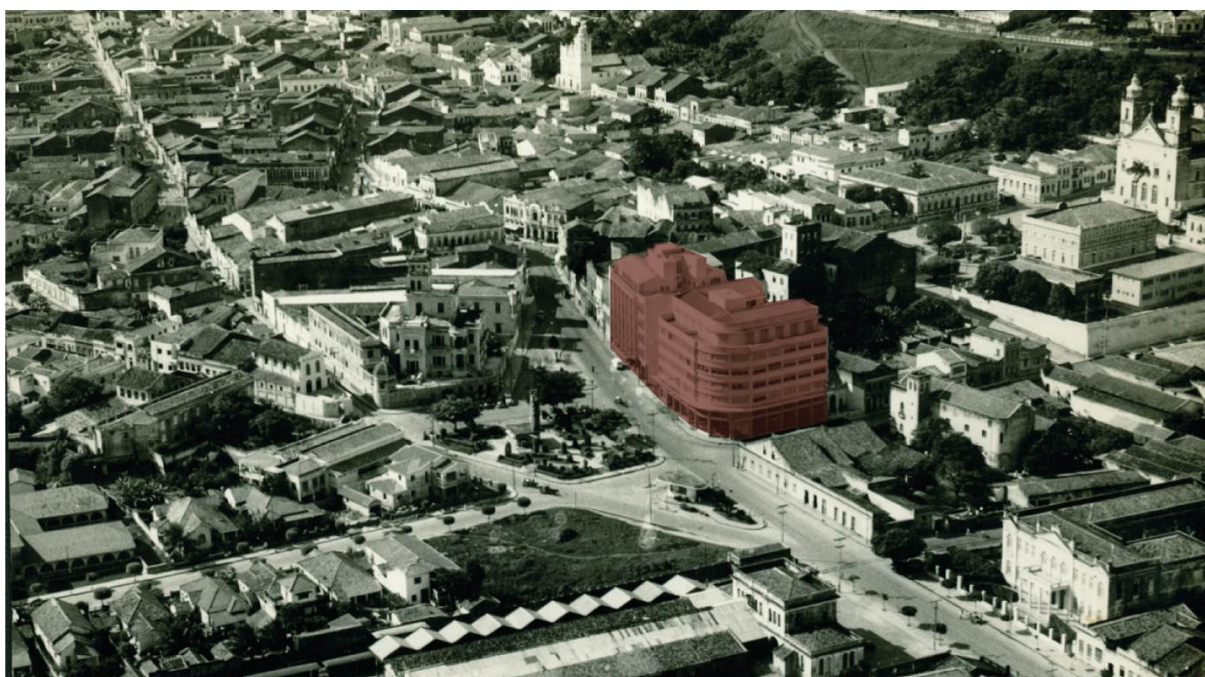


Fonte: autor (2019).

Lugar

O IAPETC (1948) está implantado em um lote irregular com afastamento apenas aos fundos (ver Figura 169). Sua fachada frontal é voltada para o poente, enquanto a posterior no sentido mais favorecido para entrada de ventilação natural. Uma outra característica dessa edificação é o uso de poços de ventilação natural para as áreas internas onde estão banheiros e circulações. No momento de construção da edificação o entorno era composto por edificações ecléticas de até quatro pavimentos predominantemente, sendo vizinho ao IPASE-AL (1948), estas foram as únicas edificações modernas na região da época.

Figura 169: IAPTEC (1948) e IPASE (1947), respectivamente, no início década de 1950.



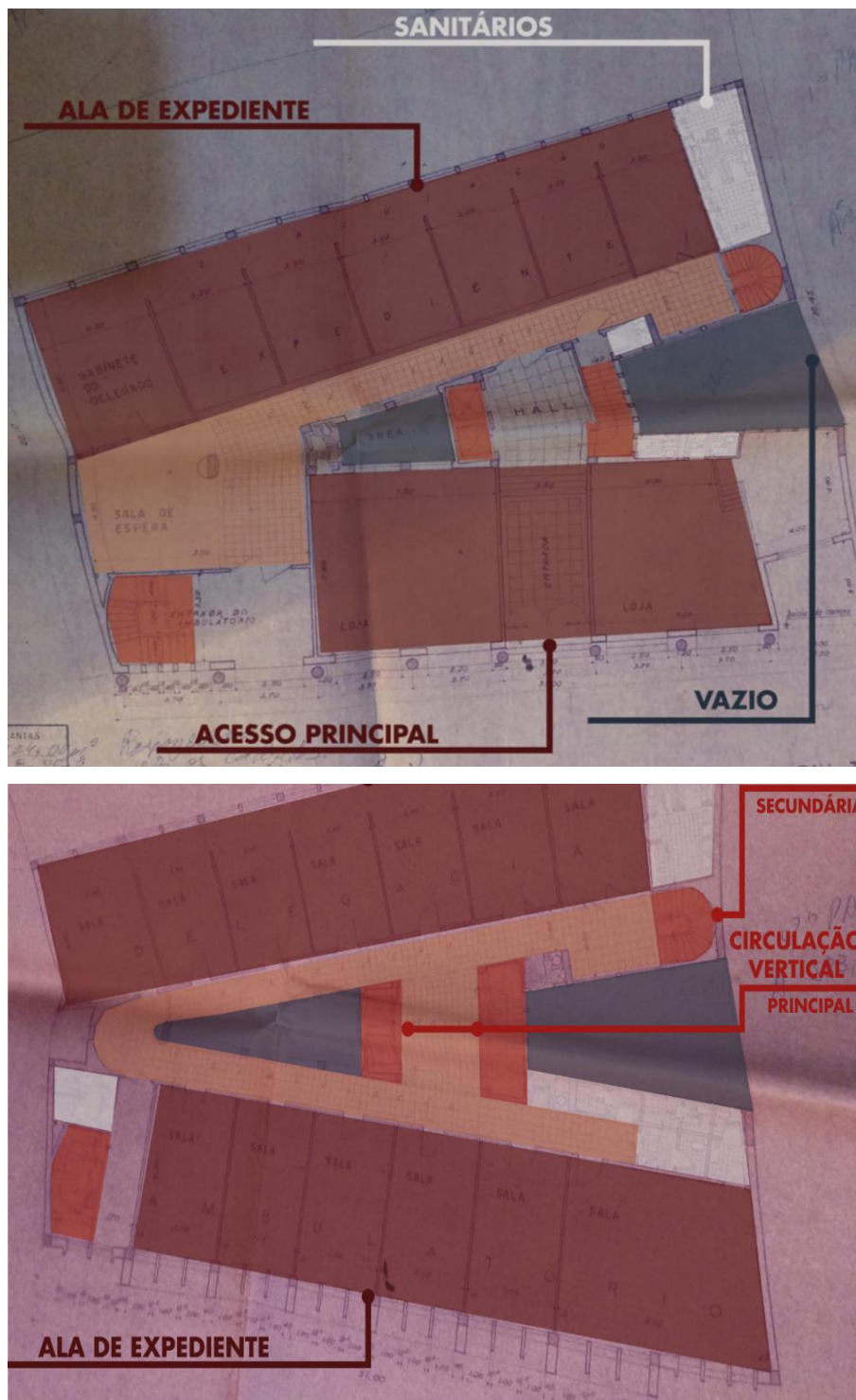
Fonte: Maceió Antiga (2019), adaptado pelo autor.

Espacialização

A edificação tinha como função abrigar as funções do IAPETC, com suas salas administrativas e ambulatórios. A setorização se deu em alas, com salas voltadas para as fachadas, seguindo a modulação dos pilares e um corredor central em forma de “V”. No pavimento térreo, há um hall principal que leva a uma área onde estão concentrados as circulações verticais, os elevadores e escada. As áreas molhadas

concentram nas extremidades de cada ala e voltadas as aberturas para os poços (ver Figura 170).

Figura 170 - Planta Térreo e do Pavimento Tipo do IPATEC (1948).



Fonte: Arquivo da Prefeitura de Maceió (2021), adaptado pelo autor.

Notam-se outras escadas secundárias na edificação, uma na ala frontal de acesso direto ao ambulatório e outra na ala posterior para os demais pavimentos. Quanto ao subsolo, este atende a função de garagem e área de serviço.

A função do último pavimento coberto é uma área de convivência, e foi uma inovação para a cidade, junto às outras duas edificações do período, tal função não foi vista em outras construções da época. Esse pavimento difere do projeto levantado na Prefeitura, que apresenta apenas a casa de máquinas e caixa-d'água como último pavimento. Em observações *in-loco* notou-se o pavimento cobertura. A possibilidade é a de que esse pavimento fora construído para atender a demanda do uso “terraço-jardim” presente em outros projetos do bairro ao longo das décadas.

4.2 PERÍODO DIVERSIDADE DE VOLUMETRIAS (1958 – 1970)

O Período Diversidade de Volumetrias (1958 – 1970) é o momento de alta da arquitetura moderna em Maceió, em relação ao número de projetos aprovados e das edificações verticais com mais de nove pavimentos, tendo como principais materiais o concreto armado, estrutura em viga e pilar. A cidade passou a ter duas construtoras responsáveis pela execução das obras verticais, a Construtora Walbreda e GIBOC, além de projetos advindos fora do estado como de Pernambuco e Rio de Janeiro. São oito exemplares que compõe esse período, o Edifício Brêda (1958), o Banco Econômico (1960), o Edifício São Carlos (1961), o Edifício Walmap (1964), o Banco do Brasil (1964), o Banco da Produção (1965), o Edifício Núbia (1967) e o Edifício Palmares (1970).

Essas edificações apresentam diferentes características nos agrupamentos Volumetria e Lugar. As volumetrias variam entre aquelas que estão condicionadas a forma do lote, outras com seu volume sobre pilotis e os que apresentam articulação entre blocos de volumes. Quanto ao lugar, são diversas formas de implantações, ocupando todo o lote ou com afastamentos e estão localizadas relativamente próximas umas das outras, entre a Praça dos Palmares, Rua do Comércio e Rua do Livramento. E a espacialidade busca atender a função estabelecida para edificação, com plantas livres, mas com setorização entre as áreas de trabalho, ou social no caso das residências multifamiliares, as áreas de serviço, áreas molhadas e concentração das circulações verticais. Destaca-se que as edificações institucionais, bancárias, comerciais e serviço apresentam seu último andar como área de convivência ou

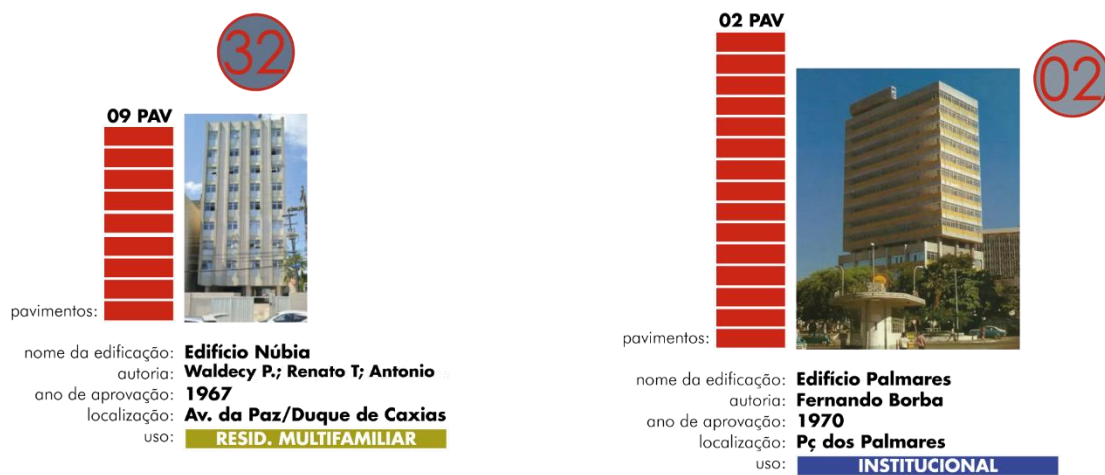
auditório, por vezes com a presença de terraços descobertos. Sendo uma tendência vista no período anterior e que continuou neste.

Figura 171 - Período diversidade de sólidos (1958 – 1970), parte 1/2.



Fonte: autor (2023).

Figura 172 - Período diversidade de sólidos (1958 – 1970), parte 2/2.



Fonte: autor (2023).

Para representar esse período e sua diversidade, foram escolhidos o Banco do Brasil (1964), o Banco da Produção (1965) e o Edifício Núbia (1967), que serão apresentados a seguir em ordem cronológica:

Informações básicas – Banco do Brasil (1964)

A sede do Banco do Brasil teve seu projeto aprovado em 1964, junto ao Edifício do Banco Econômico (1964). Essas são as “torres gêmeas” da Rua do Livramento, por serem vizinhas e pela sua altimetria que se destaca no entorno. O Banco do Brasil (1964) apresenta 13 pavimentos e uma volumetria articulada em blocos, sendo a primeira do bairro a apresentar essa forma. Os projetos são dos arquitetos F. A. Regis e A. A. Soares com escritório sediado no Rio de Janeiro. Atualmente a edificação encontra-se descaracterizada devido a alteração do seu pano de vidro com caixilhos aparente para outra, sem caixilhos aparentes e com vidro laminado reflexivo.

Figura 173 - Banco do Brasil (1964) e sua implantação.



Fonte: Google Earth (2023), adaptado pelo autor.

Volumetria

O Banco do Brasil com seus 13 pavimentos apresenta um volume com articulação em três blocos (ver FIGURA 174), o de base, mais horizontal, com dois pavimentos, acima dele um volume intermediário centralizado e com afastamento nas suas quatro fachadas e nos outros pavimentos, compondo o corpo da edificação, 10 andares. A cobertura dessa edificação é em quatro águas, com telha de fibrocimento e os volumes da caixa d'água e casa de máquinas.

Figura 174 - Volumetria do Banco do Brasil (1964), atualmente. À direita, a agência em 2012.



Fonte: autor (2023) e José Ronaldo (2012), respectivamente.

O volume de base tem seus limites alinhado ao lote, enquanto os pavimentos superiores são afastados dele. A fachada do volume base é uma parede cega; nota-se que há um espaçamento entre essa fachada e o restante de seu volume, que servem para captação de luz natural para área interna. Quanto às fachadas laterais do volume do corpo, apresentam aberturas quadradas já a posterior (ver Figura 175), uma composição entre janelas quadradas à esquerda e pano de vidro à direita. A fachada frontal é toda em pano de vidro com caixilhos à mostra, exceto o último no pavimento que apresenta um terraço descoberto (ver FIGURA 176).

Figura 175 - Vista do Mirante Santa Teresinha para o Banco do Brasil (1964), década de 1970.



Fonte: Maceió Antiga (2022), adaptado pelo autor.

Figura 176 - Pavimento Cobertura do Banco do Brasil (1964).

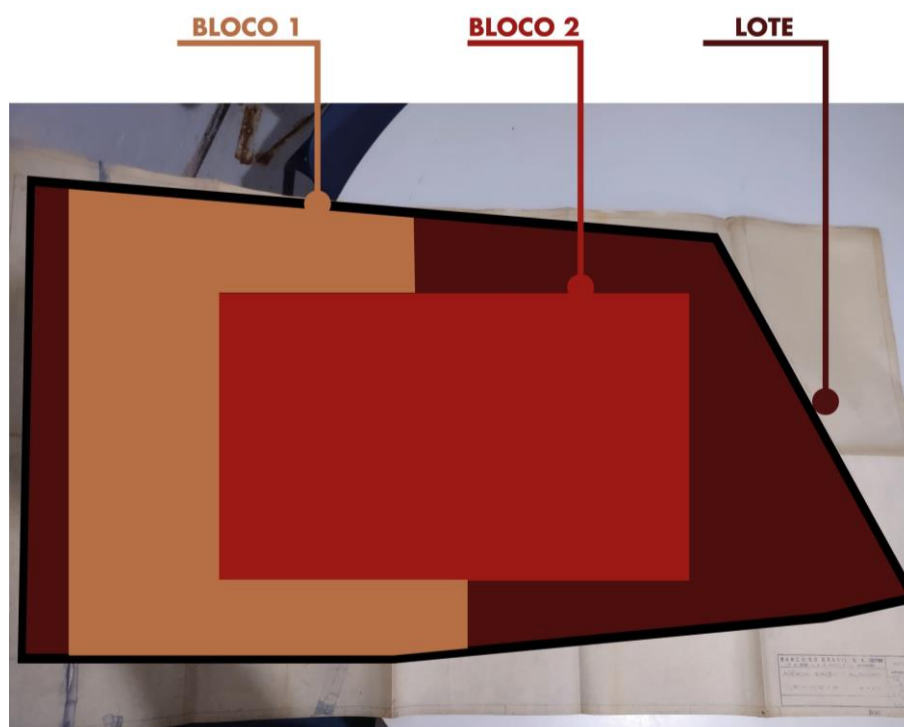


Fonte: autor (2023).

Lugar

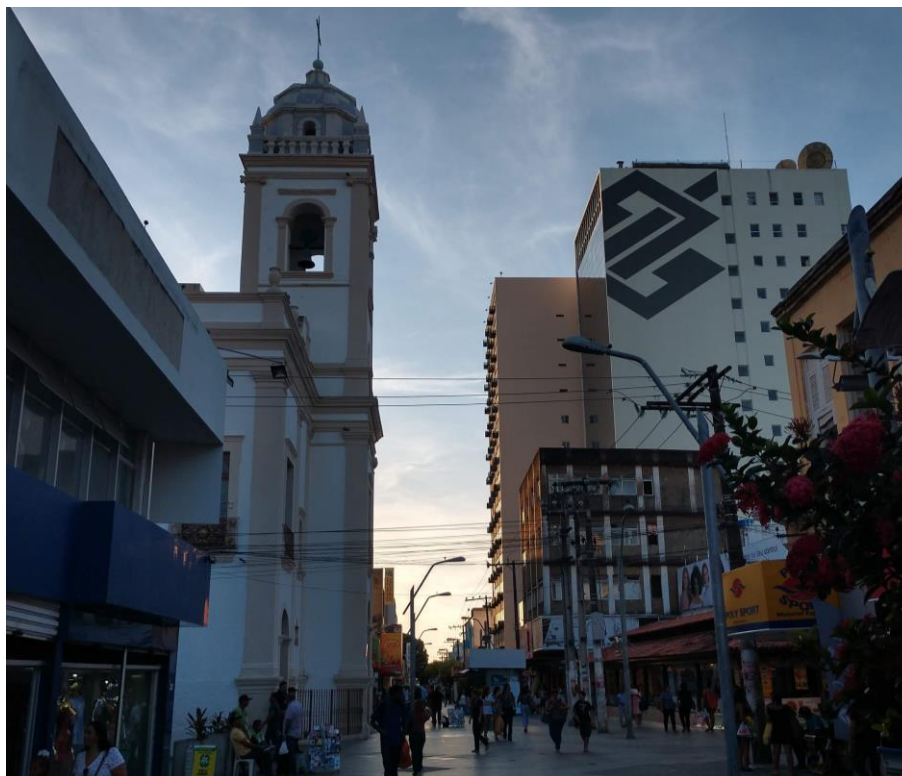
O lote de implantação do Banco do Brasil (1964) é irregular, mas apenas a sua base acompanha esse formato, pois o corpo desvinculasse dele (ver FIGURA 178). Ao longo do tempo, outras edificações foram construídas na Rua do Livramento, mas apenas o Banco Econômico (1964) acompanha a altimetria do Banco do Brasil (1964). Um outro ponto é a dualidade entre a força religiosa da Igreja do Livramento com a força do capital dos dois bancos, sendo a igreja de um lado e os bancos dos outros (ver FIGURA 178).

Figura 177 - Implantação do Banco do Brasil (1964).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Figura 178 - Vista da Rua do Livramento e à direita o Banco do Brasil (1964).



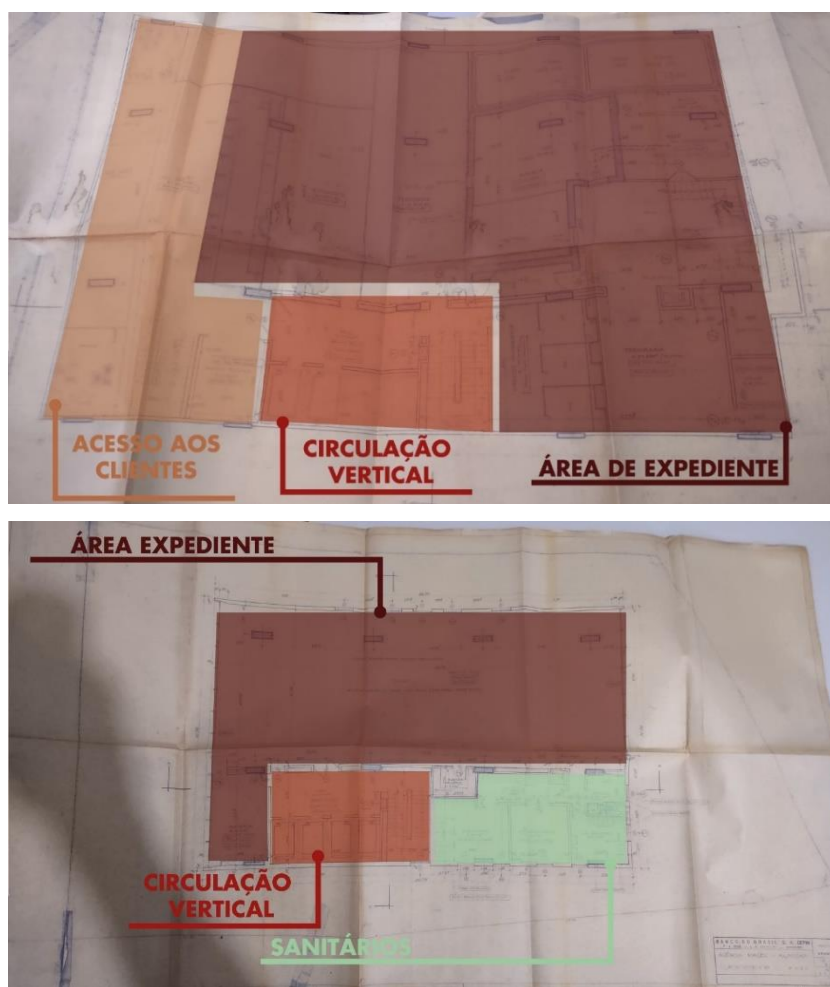
Fonte: autor (2023).

Espacialização

No quesito espacialização, o edifício apresenta subsolo, pavimento térreo com mezanino no volume base, um pavimento intermediário, 9 andares com pavimento-tipo e o pavimento coberto. A setorização consiste em duas áreas, a de trabalho voltada para a esquerda e a de serviço e circulação voltada para direita (ver Figura 179). Destaca-se que o sistema construtivo foi viga x pilar de concreto, que permite *layouts* diferentes nas áreas de trabalho que melhor atendam as funções estabelecidas. Com os panos de vidro dispostos nas fachadas frontal e posterior permite uma ampla visualização do entorno à medida que sobem os andares.

O último pavimento serve como uma área de convivência com um espaço reservado para lanchonete e terraço descoberto. Outro ponto sobre a espacialização é o terraço do pavimento intermediário proveniente do volume de base. Além disso, no volume base têm-se um mezanino, tanto nele quanto no térreo é possível observar murais em mosaicos no vão para captação de luz solar do volume base (ver Figura 180).

Figura 179 - Planta do Pavimento Térreo e Pavimento Tipo.



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Figura 180 - Corte.



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Informações básicas – Banco da Produção (1965)

O Banco da Produção teve o projeto aprovado em 1965, sendo um projeto dos arquitetos Acácio Gil Bórsoli e Vital Pessoa de Melo com escritório sediado em Pernambuco. O exemplar apresenta 11 pavimentos e foi implantando numa esquina entre a Rua do Comércio, principal via do bairro, com a Rua Oliveira e Silva. Por essa sua implantação apresenta duas fachadas frontais para cada rua. Junto a outras edificações construídas essa região entre a Praça dos Palmares, Rua do Comércio e Rua do Livramento compõe o entorno com maior número de edificações verticais. Atualmente, mantém suas características de acordo com os projetos levantados da prefeitura, porém sem uso por estar em manutenção e revitalização.

Figura 181 - Banco da Produção (1965) e sua implantação.

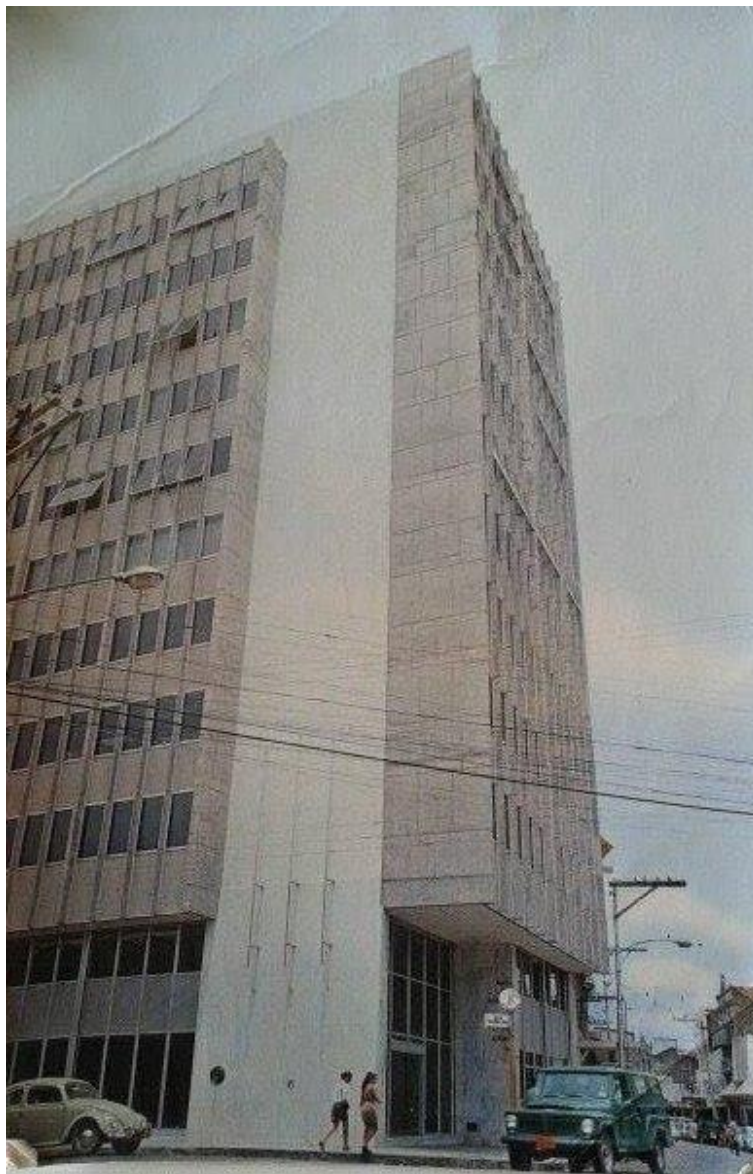


Fonte: Google Earth (2023), adaptado pelo autor.

Volumetria

A volumetria de 11 andares do Banco da Produção (1965) tem como diferencial o seu volume prismático de base triangular que segue os contornos do lote. A edificação apresenta duas fachadas frontais, uma voltada para a Rua do Comércio e outra para Rua Oliveira e Silva (ver FIGURA 182). Nessa edificação, a coberta se faz em laje plana impermeabilizada diferente dos outros exemplares que utilizaram telha de fibrocimento.

Figura 182 - Banco da Produção na década de 1960.



Fonte: História de Alagoas (2019).

Em ambas as fachadas, o térreo segue o alinhamento do passeio e nos andares superiores avançam de forma a ampliar o espaço interno, visto que a edificação apresenta uma volumetria de base triangular e estreita (ver FIGURA 183). As duas fachadas apresentam as mesmas características nos pavimentos superiores, sendo marcados por frisos horizontais que emolduram as janelas retangulares e acentuam a verticalidade do edifício. Observa-se que em sua volumetria há alguns recortes voltados para o interior do lote que formam pequenos poços de iluminação e ventilação (ver Figura 184).

Figura 183 - Volumetria do Banco da Produção (1964).



Fonte: autor (2022).

Figura 184 - Recorte na volumetria do Banco da Produção (1965).



Fonte: Google Earth (2023), adaptado pelo autor.

O que difere as fachadas são suas dimensões. A fachada voltada para Rua do Comércio é mais estreita que a da Rua Oliveira e Silva, que por ser mais larga confere um aspecto de um “paredão vertical”. E a verticalidade da volumetria tem mais força por localizar-se numa esquina, o que potencializa sua visualização no entorno.

Lugar

O lote de implantação do Banco da Produção (1965) é similar a um triângulo de arestas em diferentes tamanhos. Sua implantação numa esquina, somado a sua volumetria e altimetria lhe conferem destaque no entorno composto em sua maioria por edificações de até 5 pavimentos, exceto o Parque Hotel (1957) (ver Figura 185).

Figura 185 - Vista da Catedral Metropolitana de Maceió para o seu entorno, em destaque o Parque Hotel (1957) e o Banco da Produção (1965).



Fonte: autor (2019).

Espacialização

A espacialização da planta (ver Figura 186), também, segue setorização para concentrar banheiros e áreas de serviços, com aberturas voltadas para os poços, assim como concentrar as circulações verticais cada conjunto em um ponto da edificação. A edificação apresenta pavimento térreo, nove andares com pavimento-tipo e o pavimento coberta. Há o pavimento subsolo destinado ao almoxarifado e outras áreas de serviço como depósitos e vestiários.

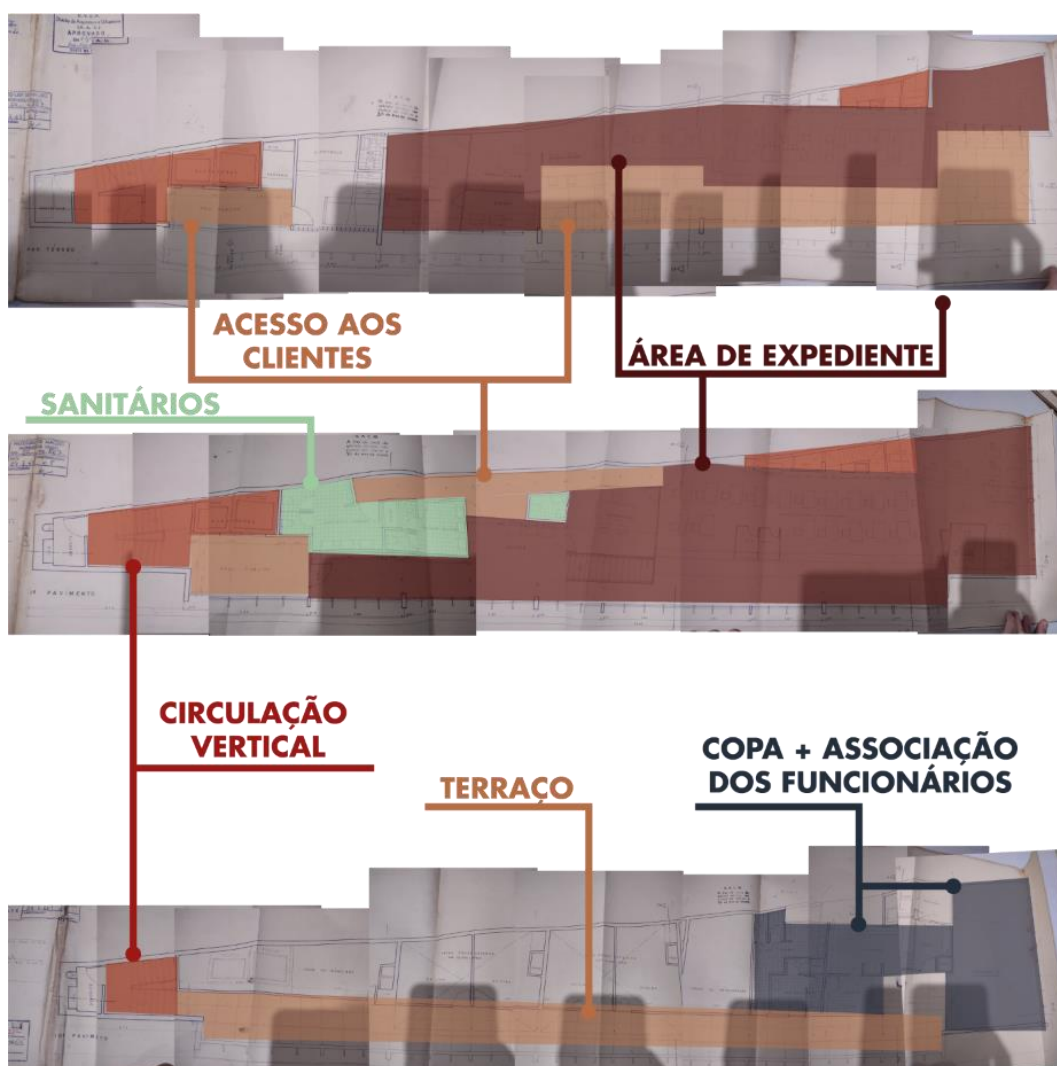
No térreo existem dois acessos, o voltado para a Rua Oliveira Silva leva a um hall público com escada e elevador para os outros andares. Enquanto o acesso da Rua do Comércio, também, atende ao público, mas leva apenas para as áreas de atendimento. O elevador disposto próximo a esse acesso é de uso dos funcionários.

Em geral em cada pavimento os pontos fixos são apenas os conjuntos de banheiros e os de circulação vertical, no mais pode-se usufruir de múltiplos layouts. A exemplo do terceiro pavimento que aproveita parte do andar para dispor seu auditório. A

circulação dos pavimentos superiores se faz por um corredor interno, visto que as salas estão dispostas para as fachadas, aproveitando-se das aberturas para iluminação e ventilação.

O último pavimento, também, é utilizado como uma área de convívio, além de conter áreas para oficina e casa de máquina. Nesse pavimento tem-se um terraço descoberto conectado com área de banheiros, cozinha, copa e lanchonete e, na esquina entre as ruas, um espaço para “associação de funcionários”.

Figura 186 - Planta térrea, pavimento tipo e pavimento coberto do Banco da Produção (1965).



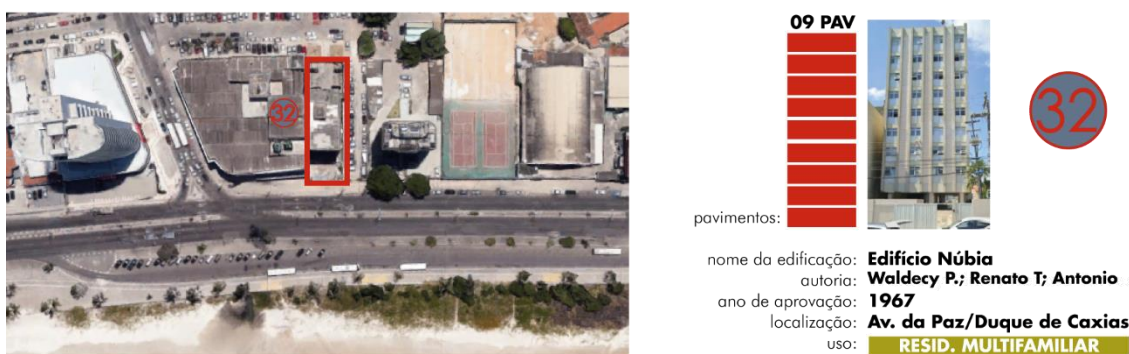
Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Informações básicas – Edifício Núbia (1967)

O Edifício Núbia teve seu projeto aprovado em 1967, de autoria dos arquitetos Waldecy F. Pinto, Renato G. Torres e Antônio P. Didier, com escritório sediado em

Pernambuco. O projeto aprovado apresentava onze pavimentos, mas foram construídos 9. Junto ao Edifício São Carlos (1961), até o final da década de 1960, foram as únicas edificações verticais e residenciais multifamiliares construídas na Av. da Paz/Duque de Caxias.

Figura 187 - Edifício Núbia (1967) e sua implantação.

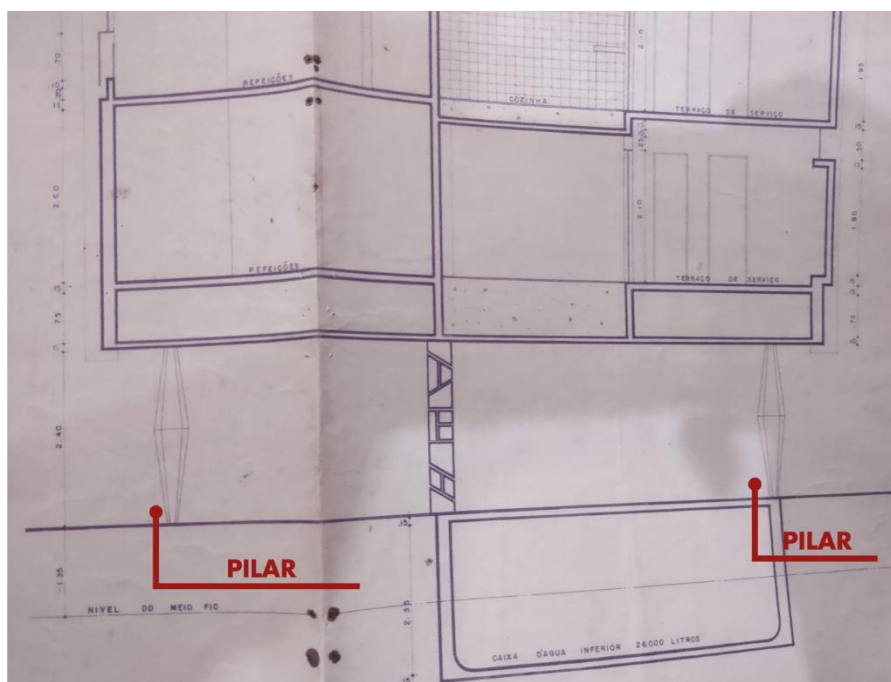


Fonte: Google Earth (2023), adaptado pelo autor.

Volumetria

O Edifício Núbia (1967) é um volume prismático sobre pilotis. O projeto indicava que as colunas do pilotis tinham forma hexagonal (ver Figura 188), atualmente, a seção é retangular. Outra alteração observada em comparação com o projeto aprovado, são as janelas das fachadas laterais que apresentavam moldura em concreto.

Figura 188 - Corte do Edifício Núbia (1967).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

O exemplar apresenta afastamentos dos limites do lote, o que lhe confere 4 fachadas, mas apenas a fachada frontal, voltada para a praia, recebe maiores detalhes. As outras fachadas são simplificadas com marcações verticais em frisos ao longo da fachada. Enquanto a frontal apresenta esses frisos verticais que emolduram as laterais das janelas e das partes sem abertura com revestimento em azulejo (ver Figura 189).

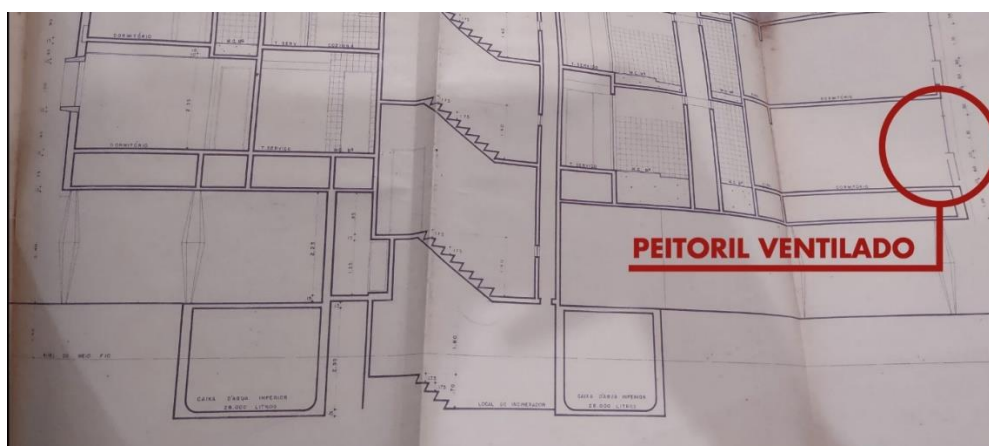
Figura 189 - Fachadas do Edifício Núbia (1967).



Fonte: Paula Louise (2023), adaptado pelo autor.

Pelos cortes do projeto aprovado, as janelas voltadas para fachada frontal apresentavam peitoril ventilado. Essa estratégia permite a circulação da ventilação, mesmo com as janelas fechadas de forma a não entrar água da chuva, por exemplo.

Figura 190 - Corte da Edifício Núbia (1967).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Lugar

O Edifício Núbia (1967) está implantado acima do nível do passeio, o acesso ao pilotis se dá por meio de rampa para veículos e escada para pessoas. Essa elevação confere maior altura para a edificação, ao mesmo tempo, quebra a conexão direta entre a edificação e o meio urbano. A edificação apresenta afastamento das laterais do lote, tendo assim quatro fachadas e se desvencilha do lote fundiário. Sua fachada frontal tem vista privilegiada para a praia (ver Figura 191).

Figura 191 - Edifício Núbia (1967) e sua implantação.



Fonte: Google Imagens (2023), Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Espacialização

A edificação apresenta três disposições de planta: o pilotis, apartamento do 1º pavimento e pavimento-tipo do segundo ao nono pavimento. O pilotis é utilizado, atualmente, como garagem. Disposto centralmente na planta, há o volume da recepção e das circulações verticais, escada e elevador.

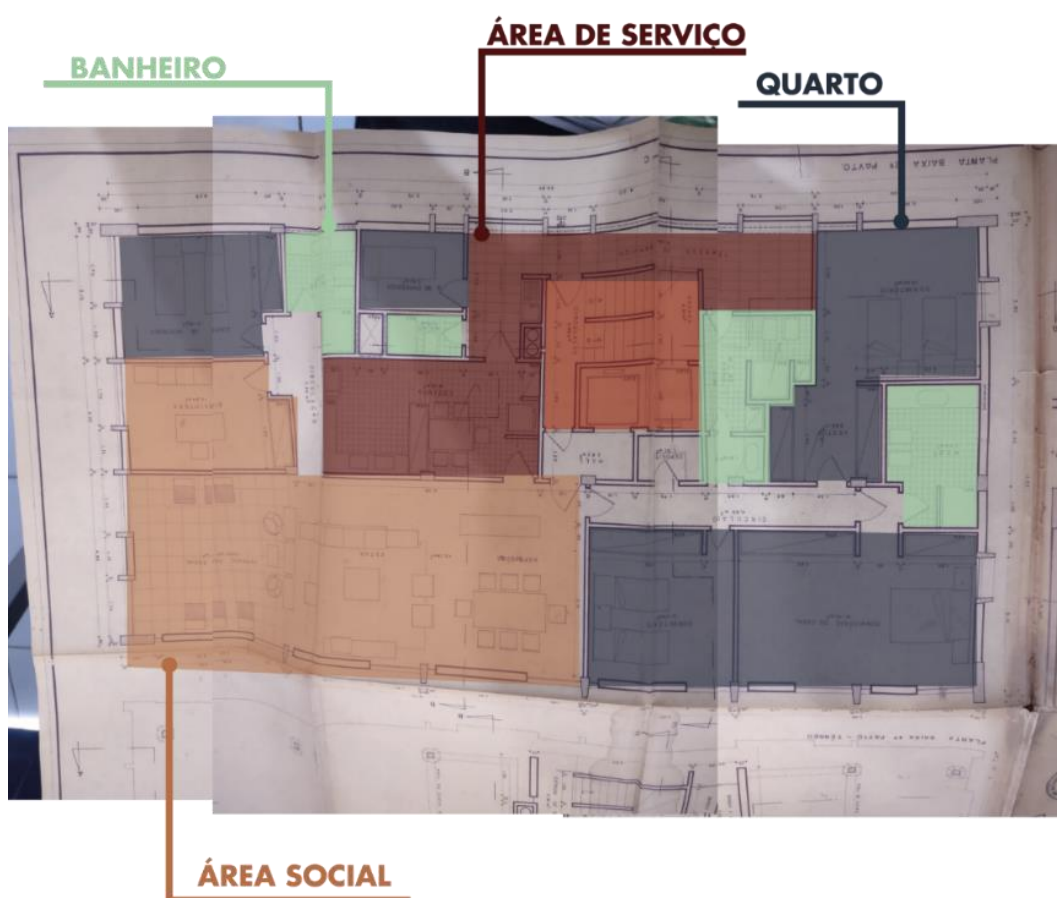
Nos pavimentos superiores têm-se uma setorização com separação entre zonas sociais (salas de estar e jantar), íntima (quartos) e de serviço (cozinha, lavanderia). A setorização dispõe as salas e quartos para a melhor vista nas fachadas frontais e

posterior, beneficiando esses espaços com melhor iluminação e ventilação, além das vistas para praia (fachada frontal) e para o bairro (fachada posterior). Enquanto as áreas de serviço estão na fachada lateral esquerda, onde o afastamento do lote é menor e, pela implantação, é menos beneficiada pelo conforto ambiental, por ser a fachada poente.

Essa setorização espacial dos apartamentos reflete, também, os resquícios do passado colonial vivenciado no Brasil. Com os quartos de empregada, de dimensões mínimas ligada apenas as áreas de serviço do apartamento, desprovida de janelas amplas e disposta na área menos favorecida.

No projeto há dois tipos de apartamento. O do primeiro andar, que ocupa toda a lâmina do andar, com salas de jantar e estar amplas e conectadas, suíte do casal e mais dois quartos, todos com vista para o mar (ver Figura 192). Na fachada posterior, mais três quartos, um banheiro e voltado para fachada lateral esquerda, a área de serviço, com cozinha, lavanderia e o “quarto de empregada”.

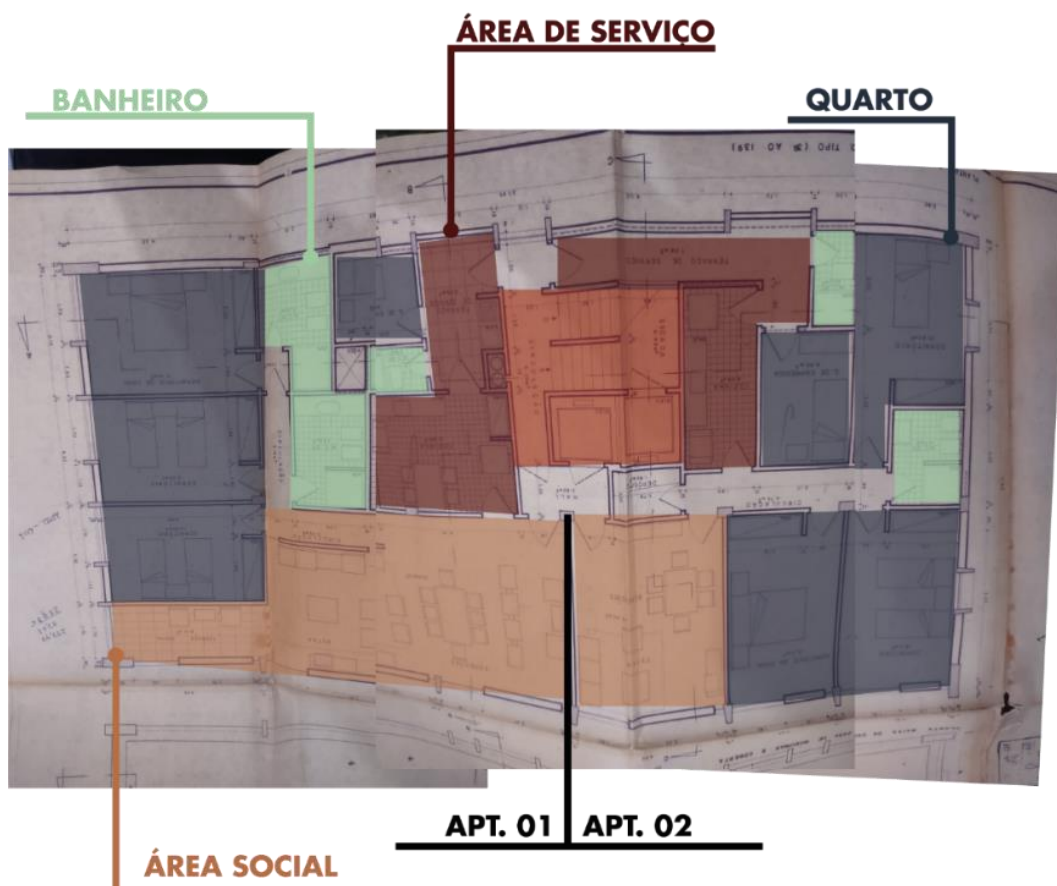
Figura 192 - Planta baixa do 1º andar.



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Do segundo ao sétimo andar é o mesmo pavimento tipo, com dois apartamentos por andar, um voltado para a fachada frontal e outro para posterior. Cada apartamento apresenta na área social: sala de estar, de jantar e um pequeno terraço conectados; na área íntima: dois quartos, um banheiro e a suíte; e na área de serviço: lavanderia, cozinha e “quarto de empregada” (ver Figura 193).

Figura 193 - Planta do Pavimento tipo.



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

4.3 Período variação e pontuação (1970 – 1988)

O Período Variação e Pontuação (1970 – 1988) representa o começo da estagnação do bairro em decorrência da discussão e consequente instalação da Brasken. O vetor de expansão é alterado e o capital movimentado para os bairros do litoral norte de Maceió. O Centro deixa de ser a única centralidade de Maceió e o número de aprovação de projetos modernos apresenta queda.

Neste período os exemplares apresentam apropriações variadas das volumetrias e implantações sem configurar grupos específicos. Outra característica variante são as

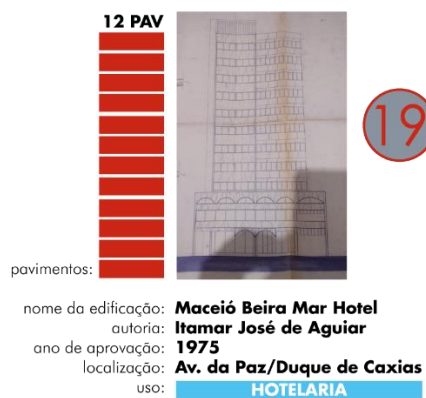
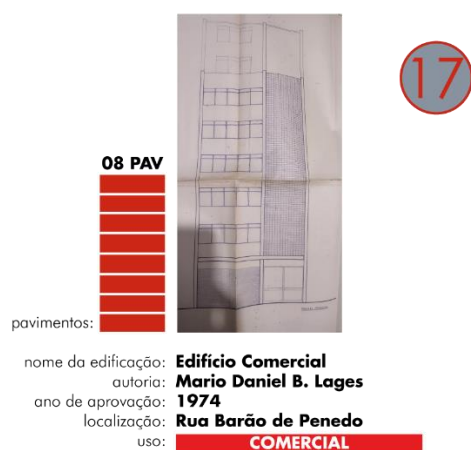
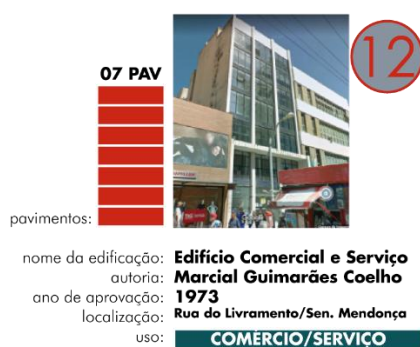
altimetrias, entre sete e quinze pavimentos. Quanto às pontuações, as edificações verticais não estão mais concentradas nas proximidades da Rua do Comércio e estendem-se para outras regiões, como a Praça dos Martírios, Praça Sinimbú, Rua Cincinato Pinto e parte da Orla da Avenida.

O concreto armado e planos de esquadrias passam a ser mais presentes nas fachadas em alguns exemplares, como o IPASE-AL (1970), Hotel Luxor (1973) e a Secretaria da Fazenda (1981). Mas, há os exemplares com revestimento cerâmico, em pastilhas como o Edifício Santa Izabel (197?), o Edifício Comercial (1974) e o TER (1976).

No geral, são doze edificações que compõem esse grupo: IPASE-AL (1970), Edifício Santa Izabel (197?), Edifício Comercial e Escritórios (1973), Hotel Luxor (1973), Edifício Comercial (1974), Maceió Beira-Mar (1974), TER (1976), Edifício Delmiro Gouveia (1977), Edifício de Escritórios (1977), Secretaria da Fazenda (1981) IPASE-AL Clínicas (1985) e Empresarial Barão de Penedo (1988).

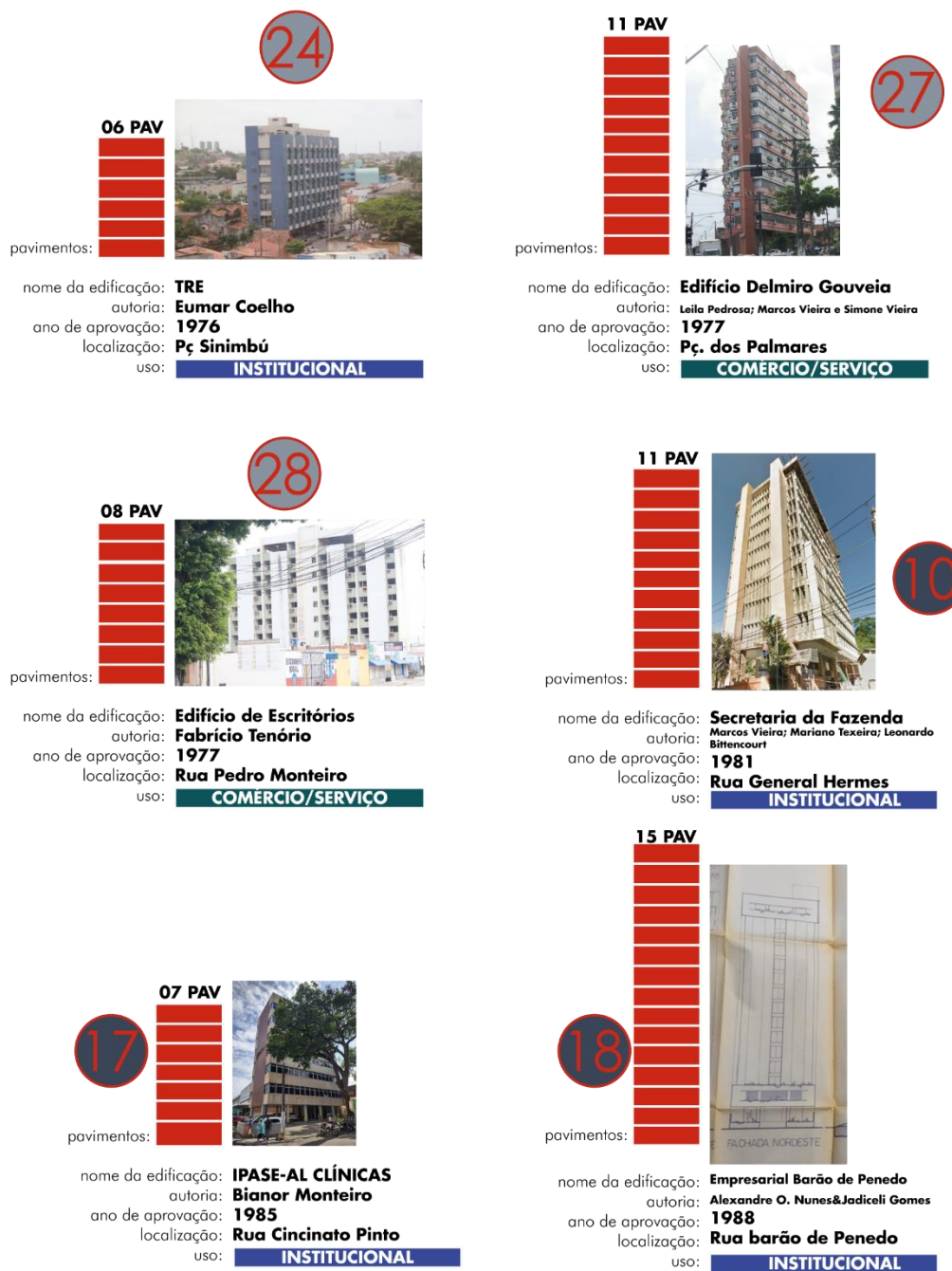
Para representar esse período e sua diversidade, foram escolhidos o IPASE-AL (1970), Secretaria da Fazenda (1981) e Empresarial Barão de Penedo (1988).

figura 194 - Período variação e pontuação (1970 – 1988), parte 1/3.



Fonte: autor (2023).

figura 195 - Período variação e pontuação (1970 – 1988), parte 2/3.



Fonte: autor (2023).

figura 196 - Período variação e pontuação (1970 – 1988), parte 3/3.

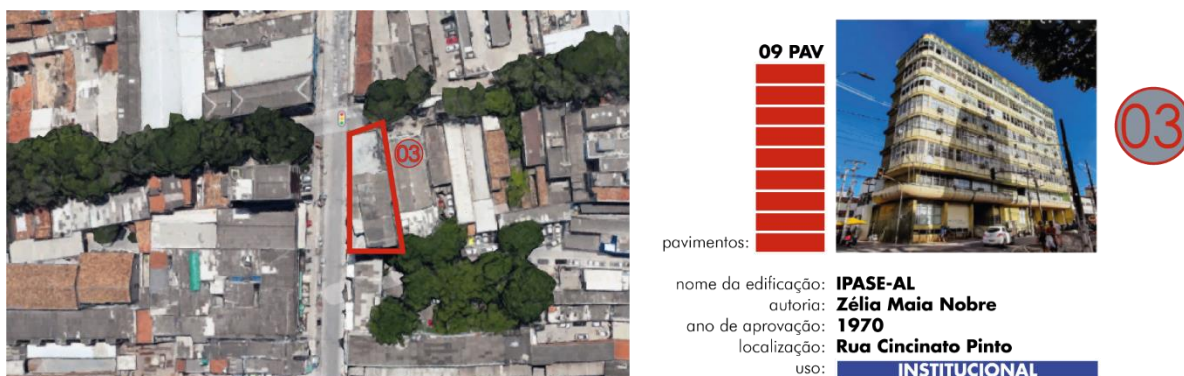


Fonte: autor (2023).

Informações básicas – IPASE-AL (1970)

A data de aprovação do IPASE-AL é de 1970, de autoria da arquiteta Zélia Maia Nobre. O projeto apresenta 9 pavimentos e o subsolo. Está localizada na esquina entre a Rua Cincinato Pinto e Rua das Árvores, numa área sem exemplares verticais. Utiliza do concreto aparente como elemento estético e estrutural, junto aos panos de vidro.

Figura 197 - IPASE-AL (19870) e sua implantação.



Fonte: Google Earth (2023), adaptado pelo autor.

Volumetria

Neste projeto há um trabalho na volumetria: o volume deriva do formato do lote, em sua base apresenta limites com arestas bem marcadas, o corpo é sobressaltado em relação a base com a esquina abaulada, e segue esse formato até o coroamento, com o terraço descoberto com o volume das circulações verticais e caixa d'água (ver FIGURA 198) Mesmo seguindo o formato do lote, a edificação não fica condicionada a ele, a fachada posterior apresenta afastamento, conferindo mais uma fachada trabalhada, além das duas voltadas para as ruas.

Figura 198 - IPASE-AL (1970), com destaque a sua volumetria.



Fonte: autor (2023).

Quanto ao tratamento da fachada ao nível do térreo, a volta para Rua das Árvores é cega, enquanto da Rua Cincinato Pinto é marcada pelos acessos da edificação por meio de uma escadaria e os robustos pilares (ver Figura 199). O 1º andar segue o alinhamento do térreo, mas há uma varanda sobressaltada com quina abaulada e revestido por concreto aparente que se estende para fachada da Rua das Árvores.

Figura 199 - Volumetria do pavimento térreo do IPASE-AL (1970).



Fonte: autor (2023).

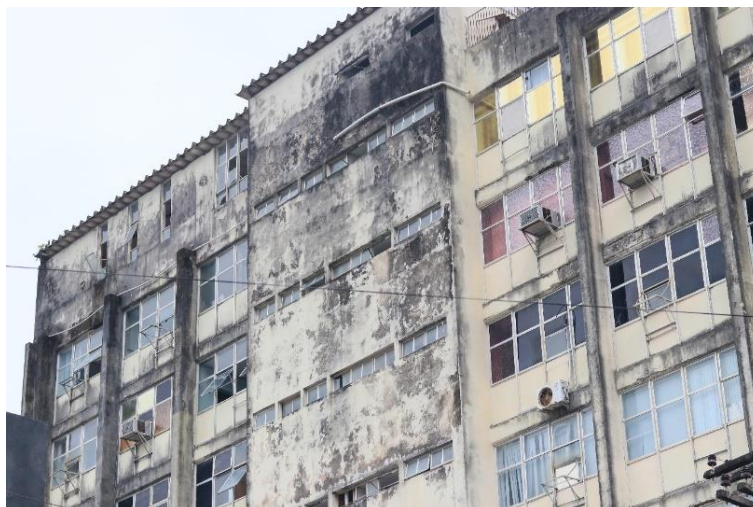
O corpo da edificação, do 3º ao 8º andar, em ambas fachadas frontais é composto por vigas em concreto que marcam cada andar e panos de vidro horizontal com caixilhos aparentes (ver Figura 200). Na esquina, a fachada é abaulada o que difere da estratégia do Banco da Produção (1965) de Borsó que tem a geometria da edificação com arestas bem marcadas. A fachada posterior é composta por janelas retangulares segmentadas pelos pilares e, próximo ao centro da fachada, uma parte sobressaltada com janelas altas retangulares (Ver FIGURA 201).

Figura 200 - Fachada dos pavimentos superiores.



Fonte: autor (2023).

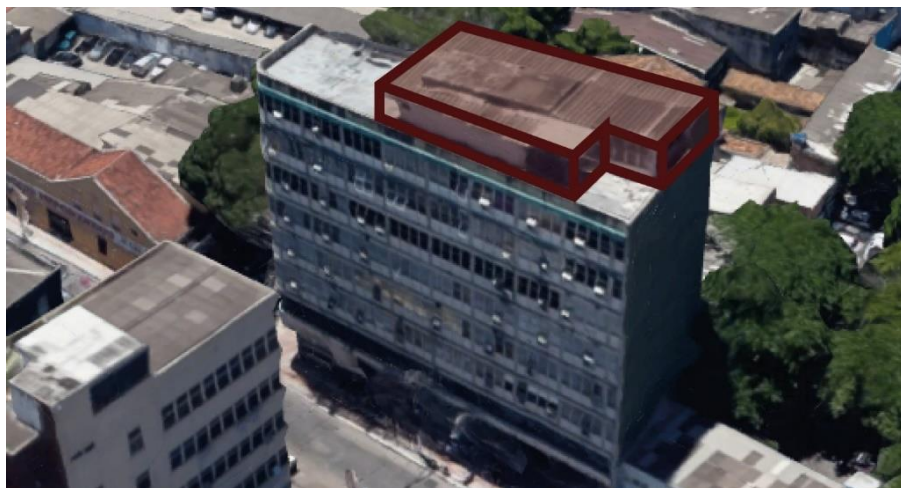
Figura 201 -Fachada posterior IPASE-AL (1970).



Fonte: Paula Louise (2023).

O coroamento, ao que indica a planta, tem uma ampla área de terraço descoberto com jardim e o volume das circulações e caixa d'água. Por imagens de satélite (Google Earth, 2023), há ampliações nesse pavimento com cobertura em telha cimento e sem a presença dos jardins (ver Figura 202).

Figura 202 - Pavimento cobertura do IPASE-AL (1970).



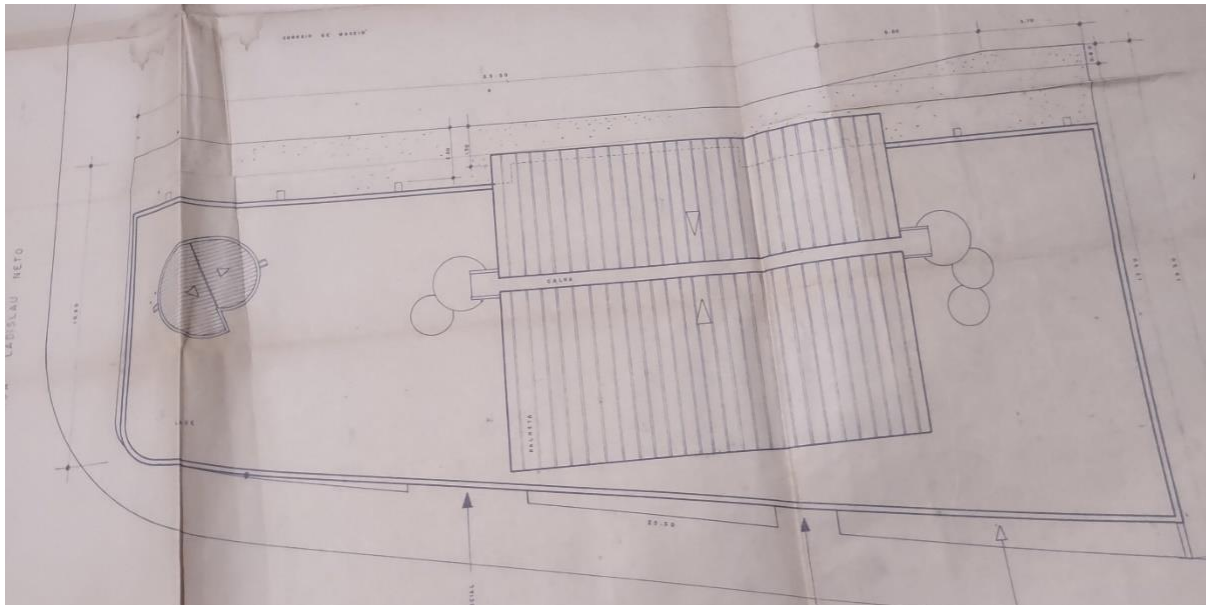
Fonte: Google Earth (2023), adaptado pelo autor.

Lugar

A edificação foi implantada em um lote de esquina entre a Rua Cincinato Pinto e Rua das Árvores (ver Figura 203). O entorno em que foi construído não apresentava edificações com mais de 5 pavimentos até a construção do IPASE-AL Clínicas (1985). Diferente de exemplares que seguem o contorno dos lotes, esse apresenta

afastamento em sua fachada posterior, como foi descrito anteriormente. Dispõe os acessos para a Rua Cincinato Pinto por essa ser a fachada mais larga.

Figura 203 - Implantação do IPASE-AL (1970).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022).

Figura 204 - Entorno da Rua Cincinato Pinto, em destaque o IPASE-AL (1970) e IPASE-AL CLÍNICAS (1985).



Fonte: Paula Louise (2023), adaptado pelo autor.

Espacialização

A setorização da planta é configurada com três zonas, duas de áreas de trabalho e, entre elas, as circulações verticais e sanitários. O sistema construtivo em concreto

armado e pilar – viga permite a aplicação de variados layouts nos andares. O térreo tem as áreas destinadas a recepção, salas para tesouraria e protocolo, além dos acessos tanto para edificação como para o subsolo, utilizado como garagem (ver Figura 205).

Figura 205 - Planta do pavimento térreo.



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

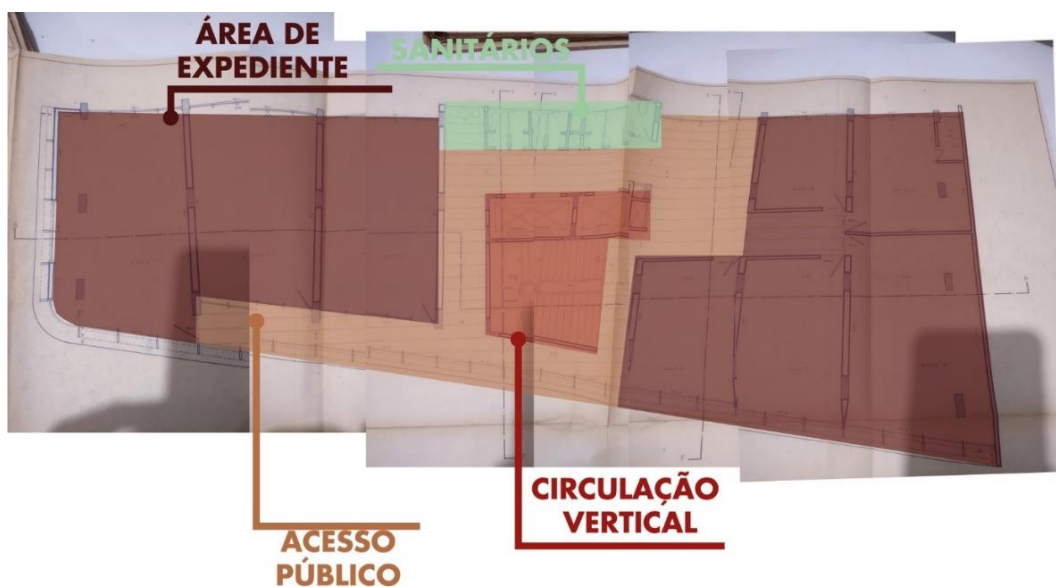
No 1º andar está a sala do presidente, salas de assessoria, contabilidade e espera. Neste pavimento há a varanda de livre acesso (ver Figura 206). 2º ao 7º andar (ver Figura 207) seguem em um pavimento tipo de layouts variados que atendam melhor a função destinada. Enquanto o 8º andar apresenta as áreas de salas na zona da direita, pois, a da esquerda tem como função um auditório (ver Figura 208). Por fim, o pavimento cobertura, com o jardim, uma área de bar, além das circulações verticais e sanitários (ver Figura 209).

Figura 206 - Corte com destaque ao terraço do primeiro andar.



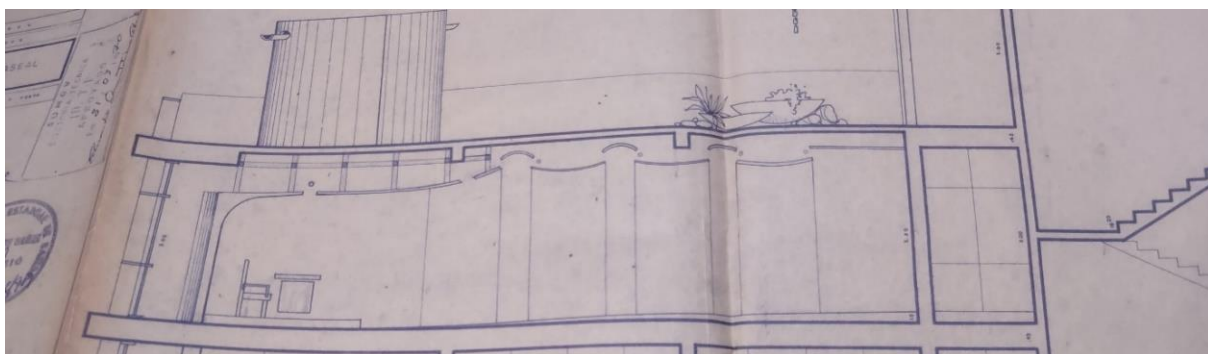
Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Figura 207 - Pavimento tipo.



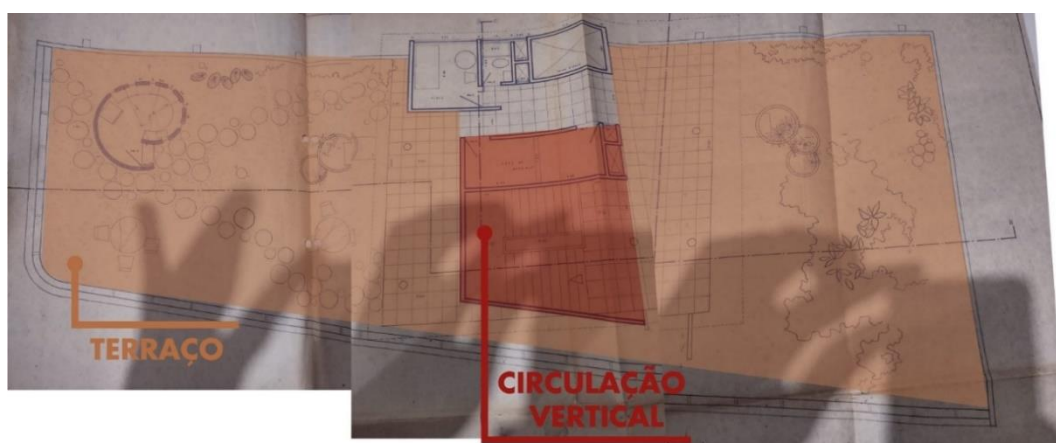
Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Figura 208 - Corte com a área do auditório no 7º andar.



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Figura 209 - Pavimento cobertura.

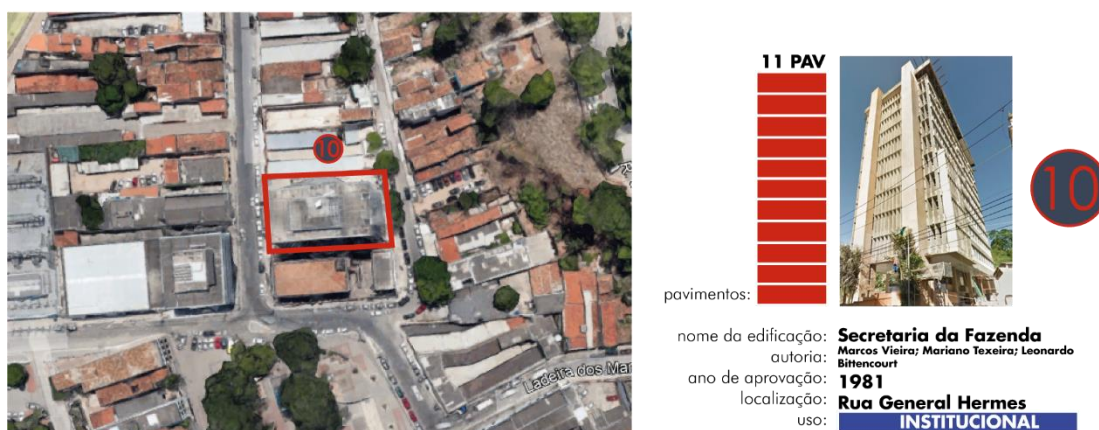


Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Informações básicas – Secretaria da Fazenda (1981)

A Secretaria da Fazenda teve seu projeto aprovado em 1981, de autoria dos arquitetos Marcos Vieira, Mariano Teixeira e Leonardo Bittencourt. A edificação foi construída na Rua General Hermes, se tornando a construção mais alta do entorno, ultrapassando as torres sineiras da Igreja dos Martírios. É uma edificação que apresenta características do brutalismo, como volumetria robusta, o uso do concreto como elemento estrutural e estético. Atualmente, a edificação foi descaracterizada com a retirada dos brises de concreto e troca do revestimento para um cerâmico.

Figura 210 - Secretaria da Fazenda (1981) e sua implantação.

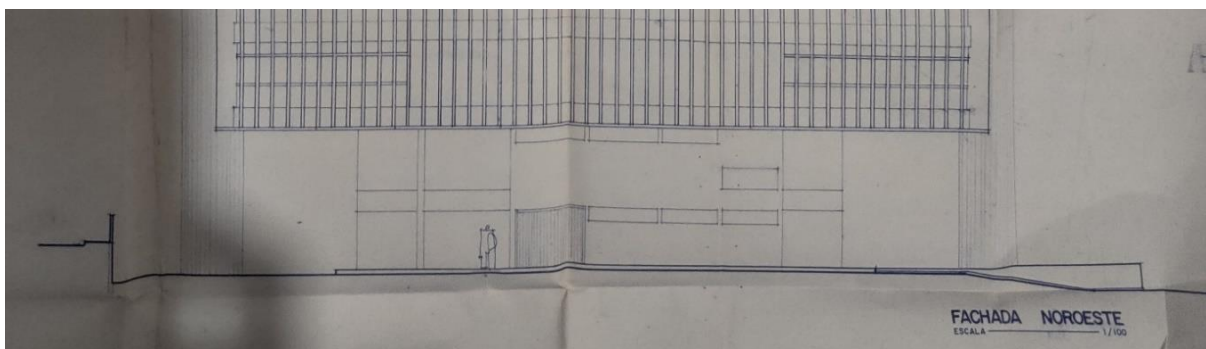


Fonte: Google Earth (2023), adaptado pelo autor.

Volumetria

A robustez da volumetria é caracterizada pelos elementos que a compõem como os brises em concreto, que cobrem todas as fachadas, e os dois volumes sobressaltados revestidos do mesmo material, que marcam as fachadas frontal e posterior (ver Figura 212). Esses quatro volumes da fachada que, também, são elementos estruturais colaboram para um pilotis mais amplo e alto (ver Figura 211). Essa característica de “vão” não foi vista em outras edificações do Centro. Como vedação, estão dispostas janelas em fita por trás dos brises em concreto. O coroamento da volumetria se faz por uma laje robusta em concreto aparente que ultrapassa os limites da construção e cria uma cobertura para a área de terraço no último andar.

Figura 211 - Fachada Noroeste da Secretaria da Fazenda (1981).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Figura 212 - Volumetria da Secretaria da Fazenda (1981).



Fonte: Google Maps (2011), adaptado pelo autor.

Lugar

A edificação foi implantada em um lote retangular, com maior dimensão no sentido longitudinal e lindeiro a encosta (ver Figura 213). A Secretaria da Fazenda (1981) segue o mesmo formato do lote e é um marco na paisagem por sua altura e volume num entorno predominante de edificações ecléticas e em baixa altimetria.

Figura 213 - Entorno da Praça dos Martírios.



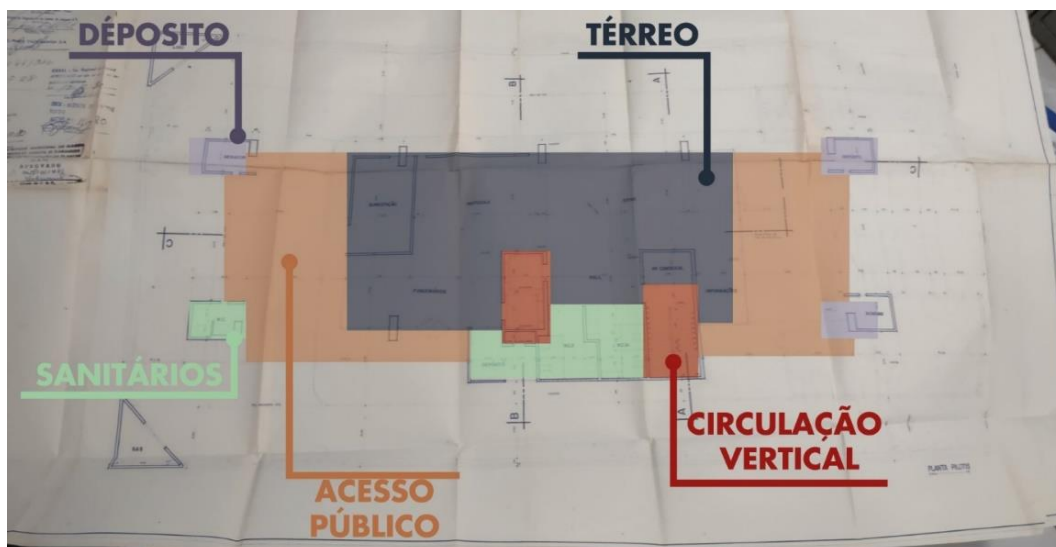
Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022).

Espacialização

O projeto da Secretaria da Fazenda (1981) tem sistema estrutural em pilar – viga em concreto, que permite maiores vãos e livre locação de paredes internas, o que resultou na característica da planta livre. A edificação apresenta onze andares e a cobertura. A setorização se dá entre a ampla área destinada a salas de expediente, as circulações verticais e os sanitários que estão localizados ao centro da lateral esquerda.

O térreo corresponde ao pilotis, composto pelos acessos à edificação e de um mezanino, que não ocupa toda a lâmina, estando concentrado mais ao centro próximo das circulações verticais e sanitários (ver FIGURA 214).

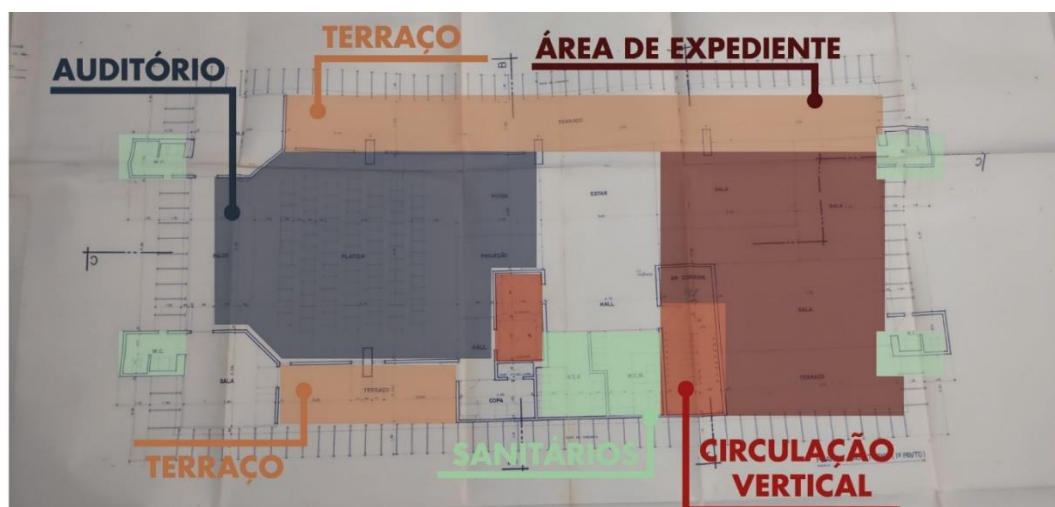
Figura 214 - Planta do pavimento térreo.



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

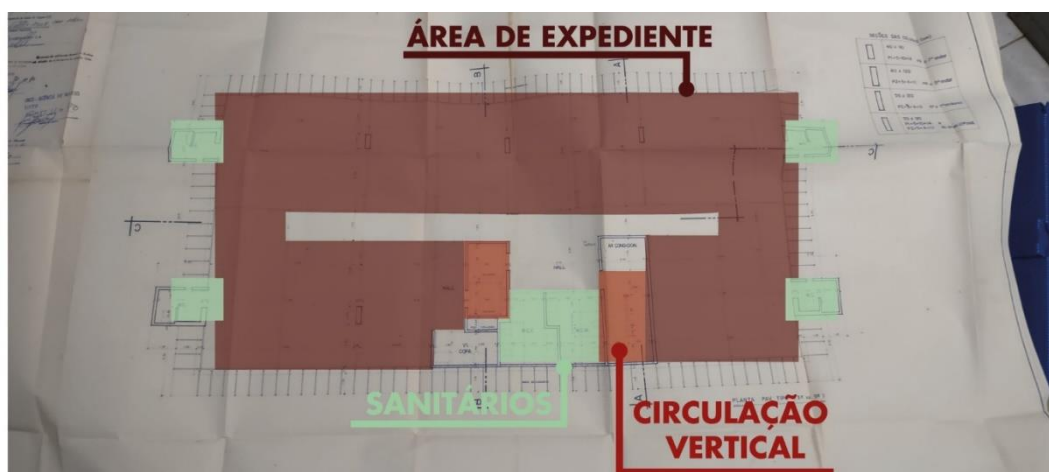
O 1º andar corresponde ao pavimento do auditório, com seu salão disposto para a fachada posterior e nas laterais esquerda e direita, áreas de terraço (ver Figura 215). O 2º ao 9º andar se faz em um pavimento tipo, com as salas dispostas para as fachadas laterais e um corredor central (FIGURA 216). Quanto ao 10º andar, é destinado ao gabinete do secretário, com as salas circundados por terraços (ver Figura 217).

Figura 215 - Planta do primeiro pavimento.



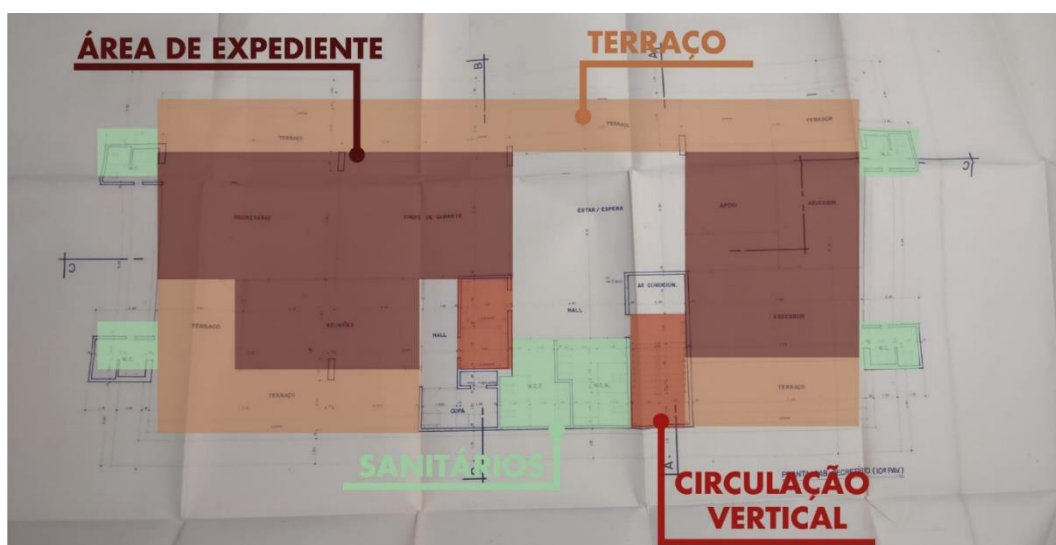
Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Figura 216 - Planta pavimento tipo.



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Figura 217 - Pavimento cobertura.

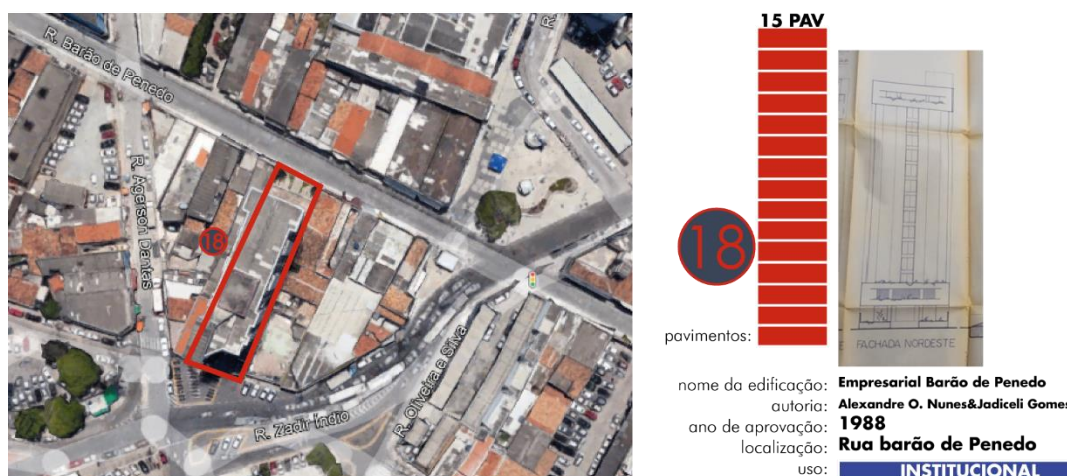


Fonte: Arquivo da Prefeitura, adaptado pelo autor.

Informações básicas – Empresarial Barão de Penedo (1988)

Com projeto dos arquitetos Alexandre O. Nunes e Jadiceli Gomes, o Empresarial Barão de Penedo (1988) foi a última edificação a ser construída no bairro do Centro, na década de 1980, tendo 15 pavimentos, além do subsolo e a coberta. É localizada próximo a outras edificações verticais, como o Edifício Brêda (1958), o Banco do Brasil, o Banco Econômico (1964), ao Banco da Produção (1965). Está situada ao meio da quadra, com uma fachada voltada para Rua Barão de Penedo e outra para Rua Zandir Índio. Passou por reformas em sua fachada, nas quais o revestimento foi alterado, antes com cores em branco, vermelho e cinza, agora preto e branco.

Figura 218 - Empresarial Barão de Penedo (1988).

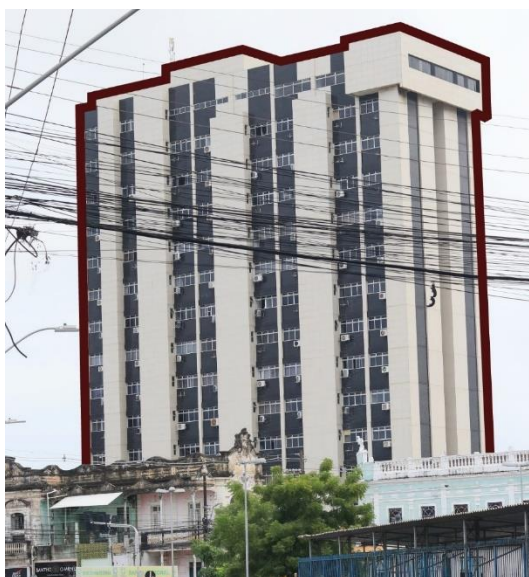


Fonte: Google Earth (2023), adaptado pelo autor.

Volumetria

O Empresarial Barão de Penedo (1988) apresenta um jogo de volume. Na base da edificação é alinhada aos limites laterais e com afastamento frontal nas duas fachadas. Enquanto os pavimentos superiores apresentam afastamentos de todos os limites, com recortes em seu volume nas laterais, formando um jogo de planos. Nas fachadas frontais, a que está voltada para a Rua Zanir Indio apresenta chanfro até o último pavimento, já a fachada voltada para a Rua Barão de Penedo, por sua vez, apresenta um único plano. No coroamento, no último andar, é onde há o destaque com um volume de base retangular sobressaltado (ver Figura 219).

Figura 219 - Volumetria do Empresarial Barão de Penedo (1988).



Fonte: Paula Louise (2023), adaptado pelo autor.

A cobertura da edificação é em telha de fibrocimento com calha central. Além disso, há os volumes da casa de máquinas e de caixa d'água. Outros elementos que compõem o volume da edificação são: as jardineiras nos volumes do térreo, primeiro andar e no coroamento voltado para a Rua Barão de Penedo. E as aberturas, se fazem em cobogó no 1º andar, em ambas as fachadas frontais, e em janelas retangulares com vidro nos pavimentos superiores. Até 2012, a fachada apresentava revestimento cerâmico nas cores branco, cinza e vermelho (ver Figura 220).

Figura 220 - Aberturas e Revestimento das Fachadas.

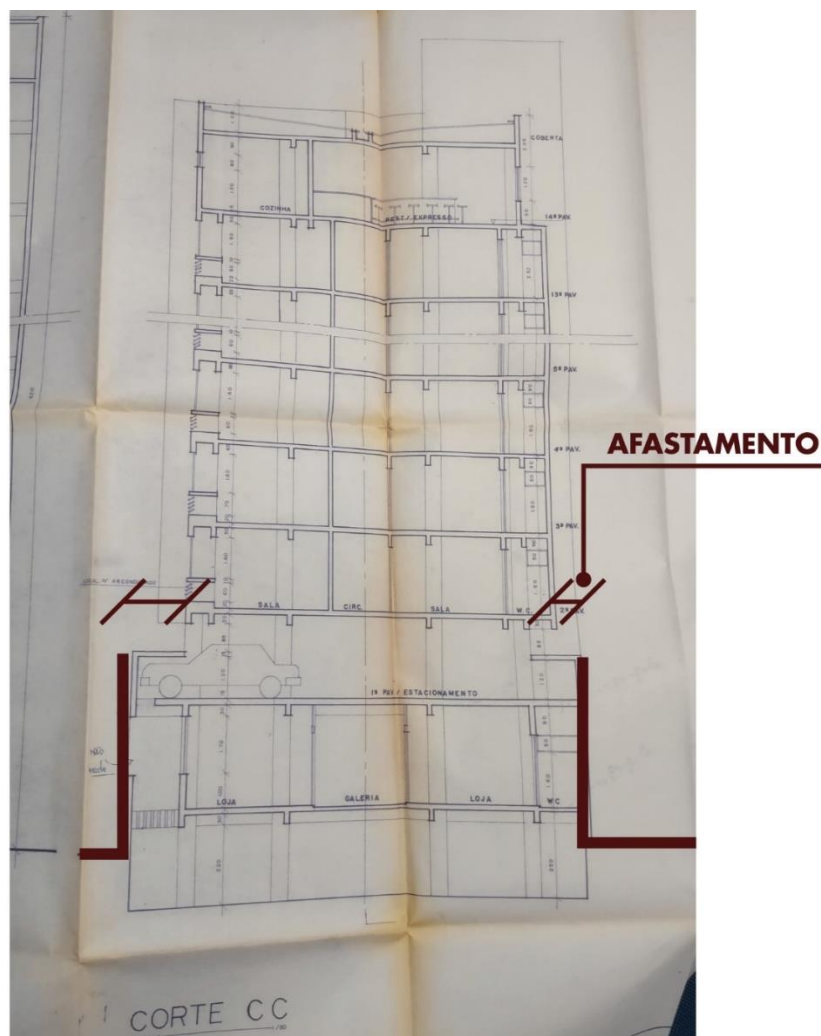


Fonte: Google Maps (2012), adaptado pelo autor.

Lugar

A edificação está localizada no meio de uma quadra, com duas fachadas frontais, uma para a Rua Barão de Penedo e outra para Rua Zanir Índio. Apresenta pequenos afastamentos em suas fachadas frontais e o mesmo acontece nas laterais, porém os afastamentos começam a partir do 2º andar (ver FIGURA 221). Isso permite que os andares superiores tenham janelas e vista para o entorno. A implantação ao meio da quadra e suas duas fachadas frontais possibilitou a edificação uma conexão com o meio urbano por meio de sua galeria interna que conectam as duas ruas.

Figura 221 - Afastamentos dos andares superiores do Barão de Penedo (1988).



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Figura 222 - Galeria interna do Barão de Penedo (1988).

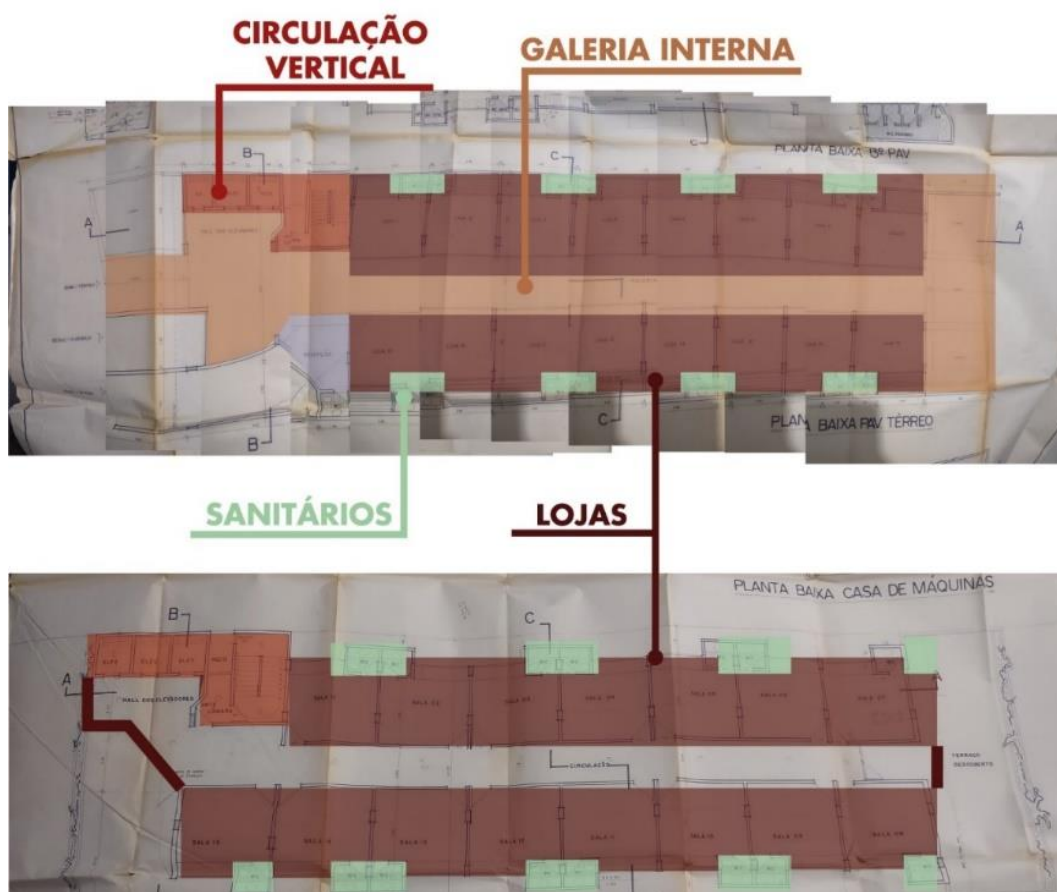


Fonte: Google Maps (2012), adaptado pelo autor.

Espacialização

A setorização da edificação segue com circulação central e as salas voltadas para as laterais, que se repetem tanto no pavimento térreo e do pavimento tipo, correspondente do 2º ao 13º andar (ver Figura 223). Destaca-se o pavimento térreo por apresentar uma solução de galeria que permite maior conexão com o meio urbano. Nessa edificação, cada sala apresenta seu próprio banheiro. Os elevadores e escada estão dispostos próximos ao acesso voltado a Rua Zandir Índio, onde também estão localizadas as rampas de acesso ao 1º andar e o subsolo que funciona como garagem e áreas de depósito.

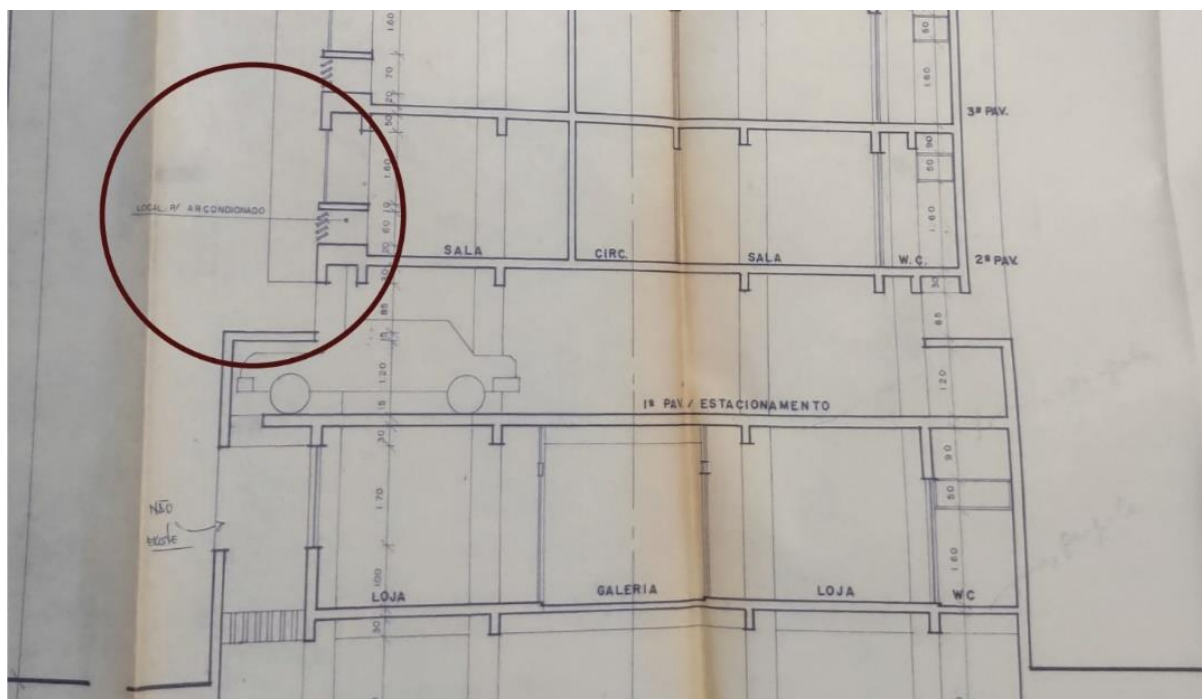
Figura 223 - Planta baixa do pavimento térreo e pavimento tipo.



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

Para cada uma das salas, o projeto indicou um volume para instalação de ar-condicionado, de forma a não ficar aparente na fachada, revestido externamente por um brise horizontal (Figura 224).

Figura 224 - Detalhe da fachada para locação de caixas de ar-condicionado.



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

No 14º andar, o último pavimento, corresponde a um salão para uso de restaurante, acompanhado de área para clientes e a cozinha. Voltada para a Rua Barão de Penedo a uma ampla abertura que possibilita uma vista ao bairro.

Figura 225 - Pavimento cobertura com salão para restaurante.



Fonte: Arquivo da Prefeitura (2022), adaptado pelo autor.

As sete edificações mencionadas anteriormente estão situadas em diversos pontos do Centro de Maceió. Conforme discutido anteriormente, a Arquitetura Moderna se manifestou de diversas formas no bairro, e isso também se aplicou aos exemplares verticais. Em cada período, foi estabelecida uma relação com o bairro e os eventos históricos vivenciados em Maceió.

O exercício de desenvolver as periodizações e os agrupamentos fortalece o processo de reconhecimento da arquitetura moderna no bairro, particularmente na verticalidade, entre as décadas de 1940 a 1980. Por meio desse processo, foi possível observar a pluralidade dos projetos e identificar semelhanças e diferenças. **Entre os pontos de semelhança, destacam-se:** a utilização do último andar como terraço-jardim, com áreas de convivência, terraços ou restaurantes; o emprego do concreto como material predominante; o uso do concreto armado como principal material de construção; viga e pilar como sistema estrutural adotado, permitindo o desenvolvimento de plantas livres, com concentração das circulações verticais e sanitários.

No que diz respeito às diferenças, observou-se volumes distintos ao longo dos anos e implantações que variam de acordo com a localização. Nas proximidades da Rua do Comércio, área consolidada historicamente, as edificações não apresentaram afastamentos, ocupando todo o lote. Já nas áreas próximas ao limite do bairro, em direção à orla, as edificações apresentaram afastamentos dos limites do lote. Em relação à altimetria, demonstrou-se diversificada, variando de 7 a 15 pavimentos.

Foi notável que o agrupamento do local desempenhou um papel crucial na implantação das edificações, com os exemplares de maior altimetria concentrados na área mais proeminente do bairro, no entorno da Rua do Comércio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção desta dissertação foi um ato de desvelar. Desvelar-me enquanto pesquisador, que imbuído de relações afetivas com o bairro, busca sempre estudá-lo e apresentá-lo para aqueles que não o conhecem. Desvelar o processo da pesquisa, suas demandas e necessidades, cujas respostas nem sempre estarão evidentes e é são obtidas no caminhar da pesquisa ou até mesmo, novos questionamentos para novas pesquisas.

E foi de um questionamento sobre arquitetura moderna em Maceió que essa pesquisa teve seu início. Vimos que a historiografia construiu uma visão canônica sobre essa produção selecionando os seus ícones, em contra partida, o Nordeste teve pouco respaldo nessa construção. E então, surge a pergunta: houve arquitetura moderna em Maceió? Com o livro da arquiteta, profa. Dra. Maria Angélica, “Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoas” (1991), vemos que sim, houve arquitetura moderna em Maceió e em Alagoas. Em seu livro, Silva (1991) destaca a produção entre os anos de 1950 a 1964, a determinando como a produção de maior destaque. E esse fato foi consolidado em referências futuras de Amaral (2009) e Cassella (2021), sem maiores ampliações.

Esta dissertação, de forma a desvelar a arquitetura moderna em Maceió, toma como base o livro de Silva (1991) reconhecendo e explorando suas lacunas não sanadas em referências posteriores. Por mais que esses trabalhos tenham deixado lacunas, esta pesquisa não visa desconstruir a historiografia e apresentar uma outra, mas objetiva preenche-las ao ampliar o recorte temporal a ser estudado, tendo como ponto de partida o bairro do Centro e a temporalidade de 1940 a 1980.

Um ponto importante para isso, foi considerar a arquitetura moderna como uma produção cultural (Andrade Junior, 2012) e temporal (Konder Netto, 2020) que corroboram para o entendimento que essa produção é permeada por contextos culturais transpostos além da década de 1960. Outro entendimento importante para o trabalho, foi o da construção do campo historiográfico por meio dos conceitos de Veyne (2008) e Waisman (2013) de que a revisão da história se faz no olhar da atualidade e perpassa por um crivo de seleções daquilo que se quer apresentar.

Para ampliar a historiografia, é necessário conhecer para desvelar, por isso a importância de levantar, identificar, sistematizar e descrever. Visto as poucas pesquisas sobre a temática, decidiu-se investigar a produção moderna nos arquivos

do setor de aprovação da Prefeitura de Maceió, e neles foram levantados 103 exemplares, sendo 84 desvelados ao longo das investigações no arquivo. São exemplares distribuídos em 11 usos (institucional, hotelaria, residencial unifamiliar e multifamiliar, hospitalar, comercial, misto, ou seja, comercial/serviço, bancário, educacional, serviço e lazer) de implantações e volumetria diversas.

Para uma melhor apresentação desses exemplares, e considerando a especificidade de Maceió, a ênfase na verticalidade do Centro como uma expressão moderna foi o primeiro passo para alcançar o que representou parte da arquitetura moderna na cidade. Eles ganham relevância por estarem situados em uma área onde a verticalização não foi um fenômeno que abrangeu todo o bairro, conferindo-lhes maior destaque na paisagem. Além disso, destacam-se como testemunhos que resistem na paisagem, por sua altimetria e volumetria, visto que o cenário de descaracterização que permeia o Centro atingiu, também, os exemplares verticais.

Mesmo que a questão do estado de conservação não seja o ponto principal deste trabalho, é importante ressaltar que muito da produção arquitetônica do bairro está desaparecendo assim como as informações dentro dos arquivos da Prefeitura. Este problema não é novo, visto que Silva o apontou ainda em 1991. Quanto aos arquivos, a riqueza de informações adquiridas neles contrasta com o seu atual estado de conservação. É um desprezo à memória da cidade. Como as plantas estão abarrotadas em caixas mau condicionadas, houve o desaparecimento de plantas e de outras fontes em geral. Quanto às edificações, os desaparecimentos continuam. Dos 23 exemplares verticais modernos listados, 11 foram descaracterizados e/ou depredados. Quanto à política de preservação, 4 deles são considerados imóveis históricos pelo Plano Diretor (Maceió, 2005), porém 3 deles estão incluídos na lista dos descaracterizados e/ou depredados. São parte constituinte da nossa cidade, tanto os arquivos como as arquiteturas, é de extrema importância sua preservação para entendermos os processos históricos da cidade e como se deu sua produção arquitetônica ao longo dos anos.

Quanto à essa produção, no caso dos edifícios verticais, apresentam uma variedade de volumetrias, implantações e usos, alinhando-se com as tendências vigentes na época. São a prova da diversidade que a arquitetura moderna obteve ao longo do tempo. Dentre os pontos observados, entre eles estão os primeiros exemplares em altura e os de maiores altimetria, por ser a área mais importante do bairro. Tem em

comum o sistema construtivo em viga-pilar e o material concreto armado, somado ao último pavimento com função de área de convivências. E nas diferenças, são os próprios volumes e implantações que variam ao longo do bairro, localizados na área mais consolidada, a Rua do Comércio e arredores, e não apresentam afastamentos, quanto nos limites do bairro, já na orla apresentam afastamento em sua implantação. É importante considerar que, ao longo da década de 1980, com a instalação da Brasken, a tendência à verticalização expandiu-se para outras regiões, como o Farol e os bairros do litoral norte.

Percebeu-se, também, que a produção moderna no Centro se deu de forma diversa e interdisciplinar, foram produzidas por desenhistas, engenheiros e arquitetos. Das pranchas que foram possíveis identificar a origem da autoria, notou-se produção de profissionais fora do estado, seja de origem ou sede do escritório, visto que Maceió obteve Faculdade de Engenharia na década de 1950 e de Arquitetura apenas na década de 1970. Além disso, foi percebido o papel do Centro como centralidade na cidade até a década de 1970, foi nesse local que foram implantados os principais projetos para agências bancárias e instituições públicas que tinham a sede de seus escritórios fora do estado. Mesmo tendo a arquiteta com maior produção moderna no bairro como fundadora, a Faculdade de Arquitetura da UFAL (1971) não originou uma geração moderna que atuou no Centro, a única exceção foi o arquiteto Bianor Monteiro e seu projeto IPASE-AL Clínicas (1985).

Portanto, é necessária e urgente uma revisão historiográfica que possa abarcar a diversidade da produção arquitetônica moderna, como por exemplo a que foi apresentada nesse trabalho referente ao Centro de Maceió/AL. É importante afirmar que este trabalho não encerra o panorama da produção moderna no Centro de Maceió/AL, é apenas uma parcela. Há muitos caminhos a serem investigados, questões que ficaram de fora do escopo da pesquisa, como a apropriação da arquitetura moderna por meio de reformas e adaptações de construções preexistentes, dos projetos não construídos, além daqueles que foram identificados na década de 1990. Demonstrando assim, que o trabalho historiográfico é sempre passível de novas análises e construções.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, A. O uso do cobogó na arquitetura moderna do nordeste brasileiro como patrimônio tecnológico construtivo. *In*: AFONSO, A. **Arquiteturas do sol: resgate da modernidade no nordeste brasileiro**. Teresina: EDUFPI, 2020. Cap. 02, p. 39-54.
- ALVES, M. E. M. **O Início da Verticalização em Maceió-AL: Um estudo Tipológico dos Edifícios Multifamiliares em Altura (1960-1970)**. 2012. 204 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.
- AMARAL, V. B. **Expressões Arquitetônicas de Modernidade em Maceió: uma perspectiva de preservação**. 2009. 174 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmica do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.
- ANDRADE JUNIOR, N. V. Diógenes Rebouças: multiplicidade e diversidade na produção de um arquiteto baiano. **Fórum Patrimônio**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 68-84, 2011.
- ANDRADE JUNIOR, N. V. **Arquitetura Moderna na Bahia, 1947-1951: Uma história a contrapelo**. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, [S.l.], 2012.
- ANDRADE, M. M. C. R.; LEÃO, M. T. P. I.; RODRIGUES, P. A. F. **A Trama Histórica da Arquitetura Moderna no Nordeste**. Maceió. 2021.
- BARBOSA, G. B. **Arquitetura Contemporânea em Maceió (1980 - 2008): uma reflexão crítica**. 2009. 169 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicos do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.
- BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2011. 432 p.
- BATISTA, A. J. S. Henrique Mindlin e seu escritório: a inserção da arquitetura na cadeia produtiva moderna. **Revista Thésis**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 2016.
- BRUAND, Y. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981. 400 p.
- CABRAL, C. C. Breve retrospectiva da historiografia dos movimentos moderno no Brasil. *In*: ZEIN, R. V. **Revisões Historiográficas: arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022.
- CARVALHO, C. P. **Formação Histórica de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2016. 358 p.
- CARVALHO, T. M. **Por entre as brechas de desenhos urbanos para o centro de Maceió/AL**. 2021. 209 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.
- CASADO, C. A. C. **A invenção da praia e o viver nas alturas em Maceió/AL**. 3 ed. Curitiba: CRV, 2022. 328 p.
- CASADO, C., C. A.; SILVA, M. A. Verticalizar é modernizar? Os primeiros edifícios de apartamentos modernos da orla marítima de Maceió-AL (1960-1980). *In*: DOCOMO NORTE E NORDESTE, 7., 2018, Manaus. **Anais...** Manaus: [s.n.], 2018. Disponível em:

https://7docomomomanaus.weebly.com/uploads/7/0/0/2/70024539/verticalizar_%C3%A9_modernizar.pdf. Acesso em: 24/07/2023

CASSELLA, T. A. **Imagens-memória: narrativas fotográficas da arquitetura moderna de Maceió**. 2021. 210 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

CAVALCANTE, M. G. **Os Edifícios de Apartamentos em Fortaleza (1935 - 1986): dos conceitos universais aos exemplos singulares**. 2015. 631 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

CAVALCANTE, M. M. P. **O Projeto: Diálogos da forma na orla de Maceió, edifícios verticais 1980-2012**. 2014. 392 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

CAVALCANTI, V. R. **La production de l'espace à Maceio (1800-1930)**. 1998. Tese (Doutorado) - Institut D'étude de Developpement Économique et Social, Université de Paris I, Sorbone, 1998.

CAVALCANTI, V. R. Idéias antigas e ainda dominantes. *In: VIII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído - ENTAC, 2000, Salvador. Modernidade e Sustentabilidade. Anais...* Salvador: EDUFBA, 2000. v.1. p.381-381.

COSTA, C. **Maceió**. 2 ed. Maceió: Sergasa, 1981. 319 p.

COSTA, C. (2012). **O pós-moderno na arquitetura nordestina (1985-2000)**. 2012. 386 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

COSTA, L. **Considerações sobre arte contemporânea (1940)**. [S.l.]: [s.n.], 1995.

COSTA, S. P. B. M. Estudo de caso: Conjunto habitacional Benedito Bentes I. *In: COSTA, S. P. B. M. Análise das Qualidades Ambientais em Conjuntos Habitacionais de Interesse Social*. [S.l.]: [s.n.], 2008.

DIEGUES JÚNIOR, M. (1981). Evolução Urbana e Social de Maceió no Período Republicano. *In: COSTA, C. Maceió*. Maceió: SERGASA, 1981. p. 200-219.

DRAIBE, S. A política social no período FHC e o sistema de proteção social. **Tempo soc.** São Paulo, v. 15, n 2, nov. 2003.

DUARTE, R. d. (2010). **Orla lagunar de Maceió: apropriação e paisagem (1960-2009)**. 2010. 190 p. Dissertação (Mestrado em em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

ESPINOZA, J. C. H. "Nordeste Selvagem e Acolhedor": O Olhar Carioca, Paulista e Mineiro sobre a Arquiteura Moderna Nordestina mediante Revistas Especializadas, 1950-1970. *In: JUCÁ NETO, C. R.; PAIVA, R. A. Projeto, obra, uso e memória: a intervenção no patrimônio modernista no Norte e Nordeste*. Fortaleza: Edições UFC, 2018.

ESPINOZA, J. C. H.; LIU, C. Arquitetura nordestina [des]conhecida: por uma ampliação da história da arquitetura moderna brasileira, 1950-1970. *In: DOCOMO NORTE/NORDESTE, 6.*, 2018, Teresina. **Anais...** Teresina: [s.n.], 2016. Disponível em: https://lab20.ufba.br/sites/lab20.ufba.br/files/atigo_docomomo_n_ne_2016.pdf. Acesso em: 04/07/2023

ESPINOZA, J. C.; VASCONCELOS, C. D. Lygia Fernandes: Uma arquiteta modernista. *In: DOCOMO BRASIL*, 13., 2019, Salvador. **Anais...** Salvador: [s.n.], 2019. Disponível em: <https://lab20.ufba.br/sites/lab20.ufba.br/files/119269.pdf>. Acesso em: 21/07/2023. p. 521 - 538.

FERRARE, J. O. P. Permanências modernistas na Praça Sinimbu - Maceió: em análise e proposta de preservação. *In: DOCOMO NORTE E NORDESTE*, 2., 2006. **Anais...** Salvador: [s.n.], 2006. Disponível em: https://silo.tips/download/permanencias-modernistas-na-praa-sinimbu-maceio-em-analise-e-proposta-de-preserv#google_vignette. Acesso em 24/07/2024.

FITZ, L. **A Obra de Eladio Dieste**. 2015. 265 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Porto Alegre, 2015.

FORTES, C. N. R. F. **Para Além do Guia dos Navegantes: O Farol de Maceió (1827 - 1951)**. 2011. 147 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2011.

FORTES, C. N. R. F. **Um porto atlântico colonial da américa portuguesa: a participação de jaraguá na formação do território alagoano e na gênese da cidade de Maceió**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

FREIRE, A. L. A. **Recepção e difusão da arquitetura moderna brasileira: uma abordagem historiográfica**. 2015. 222 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2015.

GALINDO, V. (2015). Hotel Reis Magos. **Minha Cidade**. Natal, v. 15, mar. 2015. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/15.176/5469>. Acesso em 4 nov. 2023.

GALVÃO, C. M. **Casa (moderna) brasileira: difusão da arquitetura moderna em João Pessoa 1950-60's**. 2012. 199 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2012.

GOMES, I. M. O. M.; HIDAKA, L. T. Um estudo sobre as transformações e permanências no patrimônio urbano da porção sudeste do Setor de Preservação de Entorno Cultural 1 da Zona Especial de Preservação - 2 Centro de Maceió/AL. *In: ICOMOS/BRASIL*, 3., 2019, Belo horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: [s.n.], 2019. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/processos/90d8f07e76f34dbb94dd.pdf>. Acesso em: 24/07/2023.

GOMES, I. M. O. M.; HIDAKA, L. T. Os vazios urbanos em áreas de entorno de centros históricos: estudo de caso na porção sudeste do SPE-1, Centro de Maceió/AL. *In: ICOMOS/BRASIL*, 4., 2020, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: [s.n.], 2020. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/processos/39cef9e7d0e346edab91.pdf>. Acesso em: 24/07/2023

GOMES, I. M. O. M.; SILVA, P. L. F. Do alto um olhar, pelas calçadas um flamar: a paisagem do centro de Maceió para além do tangível. *In: ICOMOS/BRASIL*, 5.,

2022, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: [s.n.], 2022. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/processos/3d2764eb9d4b4fb5a434.pdf>. Acesso em: 24/07/2023

GOODWIN, P. L. **Brazil Builds: architecture new and old, 1652-1942**. New York: MOMA, 1943. 198p.

GUEDES, F. S. Revendo 8 livros canônicos coligindo informações. *In*: ZEIN, R. V. **Revisões historiográficas: arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022. p. 196-213.

GUERRA, A. A construção de um campo historiográfico. *In*: GUERRA, A. **Textos Fundamentais sobre História da Arquitetura Moderna Brasileira – Volume 1**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

HIDAKA, L. T. F.; GOMES, I. M. O. M.; CUNHA, M. C. P. F. **Significância Cultural, Integridade e Autenticidade do Patrimônio Cultural: Estudo sobre a Zona Especial de Preservação 2 - Centro (ZEP 2) em Maceió/AL**. Maceió. 2019.

IBGE. **Cidades e Estados**. [S.l.]: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/al/maceio.html>. Acesso em 3 nov. 2023.

JAPIASSÚ, L. A. T. **Expansão urbana de Maceió, Alagoas: caracterização do processo de crescimento territorial urbano em face do plano de desenvolvimento - de 1980 a 2000**. 2015. 165 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.

KONDER NETTO, M. Setenta e cinco anos de arquitetura moderna brasileira. *In*: GUIMARÃES, C. **Arquitetura e Movimento Moderno**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2020. p. 30-39.

KRAWCTSCHUK, S. **Lógica e Poesia: a obra de Marcílio Mendes Ferreira**. 2011. 194 p. Dissertação (Mestre em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

LARA, F. L. **Excepcionalidade do modernismo brasileiro**. São Paulo: Romano Guerra, 2018. 258 p.

LIMA, A. G. Nas fronteiras de civilização: como se criam os novos cânones da arquitetura? *In*: R. V. ZEIN, **Revisões Historiográficas: arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022. p. 128-140.

MACEIÓ (AL). **Lei municipal nº 4.687** de 08 de janeiro de 1998. Dispõe sobre o perímetro urbano de Maceió, suprime divisão distrital e institui abairramento. Maceió: Câmara municipal, 1998. Diário Oficial do Município de Maceió. Disponível em: <https://central.pm.al.gov.br/sistemas/public/intranet/publico/download/id/512/param/3/set/19/get/c42f210c/dist/1568014783>. Acesso em 3 nov. 2023.

MACEIÓ. **Lei Municipal nº 5.486** de 30 de dezembro de 2005. Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de Maceió. Maceió: Prefeitura Municipal de Maceió, 2005. Disponível em: https://www.semurb.maceio.al.gov.br/servicos/pdf/plano_diretor/00_lei_municipal_5486.pdf. Acesso em: 3 mar. 2024.

MACHADO, M. L. D. C. V. **As varandas da cidade: proposta de valorização dos mirantes do centro e farol de maceió-al**. 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura

e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoa, Maceió, 2019.

MELO, A. A. Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial. **Projetar**. [S.l.]: v. 4, n. 3, p. 54-70, dez. 2019.

MENDONÇA JUNIOR, A. S. Vida Social alagana na década de vinte. *In*: AZEVEDO, J. F. **Documentário das comemorações do cinquentenário do Grêmio Literário Guimarães Passos**. Maceió: Ed. UFAL, 1979. 91 p.

MINDLIN, H. E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. São Paulo: Aeroplano Editora/IPHAN, 1956. 270 p.

MINDLIN, H. E. **Modern Architecture in Brazil**. New York: Reinhold, 1956. 256 p.

MONTEIRO, J. A. C. **"PROTORRACIONALISMO" em Maceió**: História, Discurso e Memória. Maceió: [s.n.], 2006.

MOREIRA, F. D.; NASLAVSKY, G. Valores da Arquitetura Moderna. **I Curso Latino Americano sobre a Conservação da Arquitetura Moderna (MARC/AL)**, 2009.

NASLAVSKY, G. O Nordeste na Historiografia da Arquitetura Moderna Nacional. *In*: DOCOMONO, 4., 2014, Fortaleza. **Resumos...** Fortaleza: DAU/UFC, 2014. p. 539 -556.

NOGUEIRA, A. B. **Arquitetura Bancária pelo Nordeste (1968 - 1986)**. 2018. 235 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

OLIVEIRA, M. H. A. **Meio século de arquitetura**: Um panorama da produção modernista natalense (1930-1980) em um repositório de estudos disciplinares. 2018. 208 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

OSSANI, T. C.; ZEIN, R. V. Fluxos cronológicos na historiografia da arquitetura: Como os manuais históricos guiam os acontecimentos na lógica temporal. *In*: DOCOMOMO BRASIL, 14., Belém. **Anais...** [S.l.]:[s.n.], p. 1 - 15, 2021.

PITA, A. T. C. **A gestão do patrimônio cultural do estado de Alagoas**: uma narrativa sobre o tombamento dos templos religiosos, na Maceió de 1988. 2019. 154 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Maceió, 2019.

REYNALDO, C. O. **A arquitetura de vital pessoa de melo**. 2013. 207 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SANTOS, D. T. V. **Diretrizes de Requalificação Urbana da Rua do Comércio localizada no bairro do Centro em Maceió - Alagoas**. 2022. 163 p. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

SANTOS, E. D. A. **Recepção e dispersão da arquitetura moderna em João Pessoa (1970-1985)**. 2014. 300 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SANTOS, S. L. **A Reestruturação do Centro Comercial de Maceió**. 2006. 250 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2005.

- SEGAWA, H. A. **Arquiteturas no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1998.
- SILVA, M. A. **Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana**. Maceió: SERGASA, 1991. 275 p.
- SILVA, P. M. **Conservar, uma questão de decisão: o julgamento na conservação da arquitetura moderna**. 2012. 236 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
- SOMEKH, N. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- SUZUKI, J. H. Tijolo com tijolo num desenho lógico: As CEASA e os Pavilhões de Dieste e Montañez no Brasil. *In: DOCOMO BRASIL*, 13., Salvador. **Resumos...** Salvador: [s.n.], p. 21 -34, 2019.
- TENÓRIO, D. A.; DANTAS, C. L. **Caminhos do Açúcar: engenhos e casas-grandes das Alagoas**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2009. 133 p.
- TICIANELI, E. **Mercado da Produção e o Complexo Comercial da Levada**. [S.l.]: História de Alagoas, 2017. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/mercado-da-producao-e-o-complexo-comercial-da-levada.html>. Acesso em: 4 nov. 2023.
- TICIANELI, E. **Bairro do Poço e do Senhor do Bonfim em Maceió**. [S.l.]: História de Alagoas, 2017. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/bairro-do-poco-e-do-senhor-do-bonfim-em-maceio.html>. Acesso em: 4 nov. 2023.
- TICIANELI, E. **História da Rua do Sol de Maceió**. [S.l.]: História de Alagoas, 2019. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/historia-da-rua-do-sol-de-maceio.html#:~:text=O%20primeiro%20trecho%20habitado%20da,Francisco%20de%20Mello%20e%20Povoas>. Acesso em: 4 nov. 2023.
- TINEM, N. Desafios da Preservação da arquitetura moderna: o caso da Paraíba. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, [S.l.], p. 1-24, 2010.
- UNESCO. **The HUL guidebook: managing heritage in dynamic and constantly changing urban environments**. Australia: [s.n.], 2016. 59 p.
- VEYNE, P. **Como se escreve a história**. 4 ed. Brasília: DF: Editora Universidade de Brasília, 2008. 285 p.
- WAISMAN, M. **O Interior da história: Historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2013. 224 p.
- XAVIER, A. Prefácio. *In: SILVA, M. A. D. Arquitetura Moderna: a atitude alagoana*. Maceió: SERGASA, 1988. p. 9-10.
- ZEIN, R. V. **A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista (1953 - 1973)**. 2005. 358 p. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, São Paulo e Porto Alegre, 2005.
- ZEIN, R. V. **Leituras Críticas**. São Paulo: Romano Guerra, 2018. 272 p.
- ZEIN, R. V. **Revisões Historiográficas: arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022.

ANEXOS

DÉCADA	PROJETO	ANO PROJETO (aprovação)	PROFISSÃO	AUTORIA	LOCALIZAÇÃO	USO	Nº PAVIMENTOS	PLANTAS CADASTRAIS (min. Plantas + corte + fachadas)	DISPONIBILIDADE DA PLANTA	REFERENCIADO	ESTADO ATUAL	TOMBAMENTO
1940	IPASE	1947	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Pç. Dos Palmares	INSTITUCIONAL	6	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	CITADO por Silva (1991)	DEPREDADO	TOMBADO NÍVEL MUNICIPAL
	IAPETEC	1948	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Pç. Dos Palmares	INSTITUCIONAL	6	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	CITADO por Silva (1991)	DEPREDADO	TOMBADO NÍVEL MUNICIPAL
	Escola Industrial	1950	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Rua Barão de Atalaia	EDUCACIONAL	3	NÃO	NÃO LOCALZIADO	NÃO REFERENCIADO	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
	Palácio do Trabalhador	1950	ARQUITETA/O	Jofre Saint'Yves Simon	AV. Moreira Lima	INSTITUCIONAL	2	Planta Baixa	LIVRO SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991), AMARAL (2009), CARSELLA (2021)	DESCARACTERIZADO	TOMBADO NÍVEL ESTADUAL
	Residência Unifamiliar	1953	CREA	WANDERLEY ALVES	Rua Pedro Monteiro	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	1	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
	Residência Unifamiliar	1955	ARQUITETA/O	ZÉLIA MAIA NOBRE	Rua Pedro Monteiro	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	1	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DEMOLIDO	SEM TOMBAMENTO
	Edifício Comercial	1956	ENGENHEIRA/O	RODRIGO JACINTO TENÓRIO	Rua Angerson Dantas	COMERCIAL	3	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE (ABANDONADO)	SEM TOMBAMENTO
	Residência Unifamiliar	1956	ENGENHEIRA/O	ILEGÍVEL	AV./Travessa Humberto Mendes	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA + AMARAL (2009), CARSELLA (2021)	REFERENCIADO POR AMARAL (2009), CARSELLA (2021)	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
	Residência Unifamiliar	1956	ARQUITETA/O	ANSELMO BOTELHO	SEM INFORMAÇÃO	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO

Sede da Delegacia do IBGE em Alagoas	195?	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Beco São José	INSTITUCIONAL	3	NÃO	NÃO LOCALIZADO	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE (ABANDONADO)	SEM TOMBAMENTO
Sociedade de Medicina	1956	ARQUITETA/O	LYGIA FERNANDES	Rua Barão de Anadia	INSTITUCIONAL	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA + SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991), AMARAL (2009), CARSELLA (2021)	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
Parque Hotel	1957	ARQUITETA/O	ZÉLIA MAIA NOBRE	Pç. Dom Pedro II	HOTELARIA	6	SIM	ARQUIVO PREFEITURA + SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991), AMARAL (2009), CARSELLA (2021)	DESCARACTERIZADO	TOMBADO NÍVEL MUNICIPAL
Residência Unifamiliar	1957	ENGENHEIRA/O	ILEGÍVEL	Rua Ganbino Bezouro	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	1	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DEMOLIDO	SEM TOMBAMENTO
Residência Unifamiliar	1957	ENGENHEIRA/O	ILEGÍVEL	Rua França Morel	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	1	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DEMOLIDO	SEM TOMBAMENTO
Edifício Brêda	1958	DESENHISTA	WALTER CUNHA	Rua Dr. Luís Pontes de Miranda	COMERCIAL/SERVIÇO	12	SIM	ARQUIVO PREFEITURA + SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991), AMARAL (2009), CARSELLA (2021)	EXISTENTE	TOMBADO NÍVEL MUNICIPAL
		ENGENHEIRA/O	CARLOS GAMA BRENDA								
Residência Unifamiliar	1958	ARQUITETA/O	Jofre Saint'Yves Simon	AV. da Paz/Duque de Caxias	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA + SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991), CARSELLA (2021)	EXISTENTE (ABANDONADO)	SEM TOMBAMENTO
Edifício Comercial	1959	ENGENHEIRA/O	FLÁVIO ROCHA	Rua do Comércio	COMERCIAL	3	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO

Banco Econômico da Bahia	1960	DESENHISTA	WALTER CUNHA	Rua do Comércio	BANCÁRIO	12	SIM	ARQUIVO PREFEITURA + SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991), AMARAL (2009), CARSELLA (2021)	EXISTENTE (ABANDONADO)	SEM TOMBAMENTO
		ENGENHEIRA/O	CARLOS GAMA BRENDA								
Edifício Muniz Falcão	1960	ARQUITETA/O	Jofre Saint'Yves Simon	Rua do Livramento/Senador Mendonça	INSTITUCIONAL	2	NÃO	SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991), AMARAL (2009), CARSELLA (2021)	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
Edifício Público	196(?)	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Pç. Dos Martírios	INSTITUCIONAL	3	SIM	NÃO LOCALIZADO	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE (ABANDONADO)	SEM TOMBAMENTO
Escola de Enfermagem	1960	ENGENHEIRA/O	DEMÓCRITO SARMENTO BARROCA	Rua Pedro Monteiro	EDUCACIONAL	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
Residência Unifamiliar	1960	ARQUITETA/O	ZÉLIA MAIA NOBRE	AV./Travessa Humberto Mendes	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
Residência Unifamiliar	1960	ENGENHEIRA/O	VINÍCIUS MAIA NOBRE	AV. da Paz/Duque de Caxias	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
AABB	1960	ARQUITETA/O	ISRAEL CORREIA	AV. da Paz/Duque de Caxias	LAZER	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA + SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991), CARSELLA (2021)	SILVA (1991), CARSELLA (2021)	SEM TOMBAMENTO
Rodoviária de Maceió	1960	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Rua Barão de Atalaia	SERVIÇO	2	NÃO	NÃO LOCALIZADO	NÃO REFERENCIADO	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
Banco da Lavoura	1961	ARQUITETA/O	ALVARO VITAL BRAZIL	Rua do Comércio	BANCÁRIO	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	CITADO por Silva (1991)	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
Edifício São Carlos	1961	DESENHISTA	WALTER CUNHA	AV. da Paz/Duque de Caxias	RESIDENCIAL MULTIFAMILIAR	11	SIM	ARQUIVO PREFEITURA + SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991), AMARAL (2009), CARSELLA (2021)	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
		ENGENHEIRA/O	CARLOS GAMA BRENDA								

1960	Refeitório e Alojamento da Estação	1961	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Rua Barão de Penedo	SERVIÇO	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DEMOLIDO	SEM TOMBAMENTO
	Reitoria	1961	ARQUITETA/O	ZÉLIA MAIA NOBRE	Pç. Sinimbú	INSTITUCIONAL	2	NÃO	SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991), AMARAL (2009), CARSELLA (2021)	DESCARACTERIZADO	TOMBADO NÍVEL MUNICIPAL
	Residência Unifamiliar	1961	ENGENHEIRA/O	FLÁVIO ROCHA	Ladeira da Catedral/Rosalvo Ribeiro	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	3	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
	Residência Universitária	196(?)	ARQUITETA/O	ZÉLIA MAIA NOBRE	Pç. Sinimbú	INSTITUCIONAL	2	NÃO	SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991), AMARAL (2009), CARSELLA (2021)	EXISTENTE	TOMBADO NÍVEL MUNICIPAL
	Clube do Trabalhador SESI	1962	DESENHISTA	José Nobre	AV. Francisco Menezes	LAZER	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA + SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991)	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
			ENGENHEIRA/O	DEMÓCRITO SARMENTO BARROCA								
	Escola Fernandes Lima	196(?)	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Rua do Sol/João Pessoa	EDUCACIONAL	2	NÃO	NÃO LOCALIZADO	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
	Hospital Maternidade	1962	ARQUITETA/O	ZÉLIA MAIA NOBRE	AV./Travessa Humberto Mendes	HOSPITALAR	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
	Residência Unifamiliar	1962	ARQUITETA/O	ZÉLIA MAIA NOBRE	AV./Travessa Humberto Mendes	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	2	NÃO	SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991), CARSELLA (2021)	EXISTENTE (ABANDONADO)	SEM TOMBAMENTO
Residência Unifamiliar	1962	ENGENHEIRA/O	Carlos Gilberto de Andrade Lyra	Ladeira do Brito	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO	
Residência Unifamiliar	1963	ARQUITETA/O	Jofre Saint'Yves Simon	Rua 7 de Setembro	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA + SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991), CASSELLA (2021)	EXISTENTE (ABANDONADO)	SEM TOMBAMENTO	

Residência Unifamiliar	1963	ENGENHEIRA/O	José Álvaro	AV./Travessa Humberto Mendes	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
Residência Unifamiliar	1963	ENGENHEIRA/O	FLÁVIO ROCHA	Ladeira da Catedral/Rosalvo Ribeiro	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
Edifício Walmap	1964	ARQUITETA/O	ISRAEL CORREIA	Rua do Livramento/Senador Mendonça	BANCÁRIO	14	SIM	ARQUIVO PREFEITURA + SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991), CARSELLA (2021)	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
Residência Multifamiliar	1964	DESENHISTA	ANTÔNIO IVO DE ADRADÉ LYRA	Rua Pedro Monteiro	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	2	NÃO	SILVA (1991)	REFERENCIADO SILVA (1991), CARSELLA (2021)	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
Residência Unifamiliar	1964	ENGENHEIRA/O	SEM INFORMAÇÃO	Rua Godofredo Ferro	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	1	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DEMOLIDO	SEM TOMBAMENTO
Banco do Brasil	1964	ARQUITETA/O	F.A. REGIS e A. A. SOARES	Rua do Livramento/Senador Mendonça	BANCÁRIO	13	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
PRODUBAN	1965	ARQUITETA/O	ACÁCIO GIL BORSOI & VITAL PESSOA DE MELO	Rua do Comércio	BANCÁRIO	11	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE (ABANDONADO)	SEM TOMBAMENTO
Residência Unifamiliar	1966	ENGENHEIRA/O	PAULO JORGE LOPES COSTA	Rua Alcino Casado	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	1	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
Banco de Londres	1967	ARQUITETA/O	TOMIO KIMURA	Pç. Dom Pedro II	BANCÁRIO	3	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
Banco da Paraíba	1967	ENGENHEIRA/O	JOAQUIM DE ALMEIDA MARQUES RODRIGUES	Rua do Comércio	BANCÁRIO	3	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO

Banco da Província do Rio Grande do Sul	1967	ENGENHEIRA/O	ILEGÍVEL	Rua do Comércio	BANCÁRIO	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
Edifício Núbia	1967	ARQUITETA/O	WALDECY PINTO e RENATO TORRES e ANTONIO DIDIER	AV. da Paz/Duque de Caxias	RESIDENCIAL MULTIFAMILIAR	11	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
Edifício Comercial	1968	ENGENHEIRA/O	MAURÍCIO JOSÉ PEDROSA MALTA	Rua Angerson Dantas	COMERCIAL	3	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
Residência Unifamiliar	1968	ENGENHEIRA/O	ILEGÍVEL	Ladeira da Catedral/Rosalvo Ribeiro	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
Residência Unifamiliar	1968	ENGENHEIRA/O	VINÍCIUS MAIA NOBRE	AV. da Paz/Duque de Caxias	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	1	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
Cooperativa Banco do Brasil	1969	ENGENHEIRA/O	Eudes Lima de Gusmão	Rua Zacarias de Azevedo	INSTITUCIONAL	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
Banco do Nordeste	1970	ARQUITETA/O	NEUDSON BRAGA	Rua da Alegria	BANCÁRIO	3	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	REFERENCIADO por NOGUEIRA (2018), de Fortaleza (CE)	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
Edifício Palmares	1970	ARQUITETA/O	FERNANDO BORBA	Pç. Dos Palmares	INSTITUCIONAL	15	SIM	ARQUIVO PREFEITURA + Amaral (2009); Cassella (2021)	REFERENCIADO por AMARAL (2009), CARSELLA (2021)	DEPREDADO	SEM TOMBAMENTO
IPASEAL	1970	ARQUITETA/O	ZÉLIA MAIA NOBRE	Rua Cincinato Pinto	INSTITUCIONAL	9	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
Prefeitura de Maceió	1970	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Pç. Dos Palmares	INSTITUCIONAL	2	NÃO	NÃO LOCALIZADO	NÃO REFERENCIADO	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO

CEASA	1971	ARQUITETA/O	Eládio Dieste	AV. Francisco Menezes	COMERCIAL	1	NÃO	NÃO LOCALZIADO	REFERENCIADO por FITZ (2005), de Porto Alegre (RS)	EXISTENTE (ABANDONADO)	SEM TOMBAMENTO
Banco Brasul	1972	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Rua do Comércio	BANCÁRIO	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
Residência Unifamiliar	1972	ENGENHEIRA/O	Mario Fortes Melro	Ladeira Geraldo Melo	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
Residência Unifamiliar	1972	ARQUITETA/O	ZÉLIA MAIA NOBRE	AV. Moreira Lima	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	1	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
Banco Caixa	1973	ARQUITETA/O	MARCÍLIO MENDES	Rua do Comércio	BANCÁRIO	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	REFERENCIADO por KRAWCTSCHUK (2011), de Brasília (DF)	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
Casa Comercial	1973	ENGENHEIRA/O	SEM INFORMAÇÃO	Rua Cincinato Pinto	COMERCIAL	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
Edifício Santa Izabel	197?	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	AV. da Paz/Duque de Caxias	RESIDENCIAL MULTIFAMILIAR	11	SIM	NÃO LOCALZIADO	REFERENCIADO por Casado (2022)	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
Edifício Comercial/Serviço	1973	ENGENHEIRA/O	MARCIAL GUIMARÃES COELHO	Rua do Livramento/Senador Mendonça	COMERCIAL/SERVIÇO	7	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE (ABANDONADO)	SEM TOMBAMENTO
Hotel Luxor	1973	ARQUITETA/O	PAULO CASE	AV. da Paz/Duque de Caxias	HOTELARIA	10	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
Edifício Comercial	1973	ENGENHEIRA/O	WALTER COELHO BREDA	RUA DO COMÉRCIO	COMERCIAL	5	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
Residência Unifamiliar	1973	ENGENHEIRA/O	DÊNISON FLORES	AV. da Paz/Duque de Caxias	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO

1970	Edifício Comercial	1974	ARQUITETA/O	LEILA PEDROSA&MARCOS VIEIRA&SIMONE VIEIRA	Rua do Sol/João Pessoa	COMERCIAL	3	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
	Edifício Comercial	1974	ARQUITETA/O	MARIO DANIEL BERARD LAGES	Rua Barão de Penedo	COMERCIAL	8	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
	HiperBompreço	1974	ARQUITETA/O	HEITOR MAIA NETO	Rua Buarque de Macedo	COMERCIAL	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
	Maceió Beira-Mar Hotel	1975	ARQUITETA/O	ITAMAR JOSÉ DE AGUIAR BATISTA	AV. da Paz/Duque de Caxias	HOTELARIA	12	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
	Centro de Profissionalização - SENAC	1975	ARQUITETA/O	SIMONE BENTES NORMANDE	AV. da Paz/Duque de Caxias	INSTITUCIONAL	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
	TELASA	1975	ARQUITETA/O	SERGIO TEPERMAN	Rua das Árvores	INSTITUCIONAL	3	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE (ABANDONADO)	SEM TOMBAMENTO
	INSS	197(?)	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Rua das Árvores	INSTITUCIONAL	3	NÃO	NÃO LOCALIZADO	NÃO REFERENCIADO	DEPREDADO	SEM TOMBAMENTO
	Mercado da Produção	197(?)	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	AV. Francisco Menezes	COMERCIAL/SERVIÇO	2	NÃO	NÃO LOCALIZADO	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
	TRE	1976	ENGENHEIRA/O	EUMAR GUIMARÃES COELHO	Pç. Sinimbu	INSTITUCIONAL	6	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
	Banco do Estado do Rio de Janeiro	1977	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Rua do Comércio	BANCÁRIO	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
	Banco Econômico SA	1977	ARQUITETA/O	ALEX LOMACHINSKY &EMMANUEL LINS E MELLO	Rua do Comércio	BANCÁRIO	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO

Edifício Delmiro Gouvêia	1977	ARQUITETA/O	LEILA PEDROSA&MARCOS VIEIRA&SIMONE VIEIRA	Pç. Dos Palmares	COMERCIAL/SERVIÇO	11	SIM	ARQUIVO PREFEITURA + Amaral (2009); Cassella (2021)	REFERENCIADO por AMARAL (2009), CARSELLA (2021)	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
Edifício de Escritórios	1977	ENGENHEIRA/O	FABRÍCIO TENÓRIO	Rua Pedro Monteiro	SERVIÇO	8	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE (ABANDONADO)	SEM TOMBAMENTO
Edifício Comercial	1978	ARQUITETA/O	MÁRIO ALOÍSIO	Rua Vieira Perdigão	COMERCIAL	4	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
Residência Unifamiliar	1978	ARQUITETA/O	EDY MARRETA	AV. da Paz/Duque de Caxias	RESIDENCIAL UNIFAMILIAR	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
Edifício Comercial	1979	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO	Rua do Comércio	COMERCIAL	4	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
banco BRADESCO	1980	ENGENHEIRA/O	LUIZ EDUARDO MARQUES ALVES MARTINS	Rua do Livramento/Senador Mendonça	BANCÁRIO	5	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE (ABANDONADO)	SEM TOMBAMENTO
Banco Farroupilha	1980	ARQUITETA/O	LUIZ PAULO CONDE	Rua do Imperador	BANCÁRIO	3	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
Edifício Comercial	1980	ENGENHEIRA/O	MARCIAL GUIMARÃES COELHO	Rua do Comércio	COMERCIAL	4	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
SINDICATO DOS BANCÁRIOS	1980	ENGENHEIRA/O	DANIEL FARIAS DE ALMEIDA	RUA MARECHAL ROBERTO FERREIRA	INSTITUCIONAL	4	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
Banco BAMERINDUS	1981	ARQUITETA/O	RENATO MULLER & ALDO MATSUDA	Rua do Comércio	BANCÁRIO	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
Banco BANORTE	1981	ENGENHEIRA/O	JAIR TEXEIRA	Rua do Comércio	BANCÁRIO	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
Banco Real	1981	ENGENHEIRA/O	JAIR TEXEIRA	Rua do Livramento/Senador Mendonça	BANCÁRIO	3	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO

1980	Banco BANESPA	1981	CREA	RICARDO AUGUSTO LEITE JULIÃO	Rua do Sol/João Pessoa	BANCÁRIO	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
	Lojas Pernambucanas	1981	ENGENHEIRA/O	MARCOS DE ALBUQUERQUE	AV. Moreira Lima	COMERCIAL	5	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
	Secretaria da Fazenda	1981	ARQUITETA/O	MARCOS VIEIRA; MARIANO TEXEIRA; LEONARDO BITTENCOURT	Rua General Hermes	INSTITUCIONAL	11	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
	Banco Noroeste de São Paulo	1982	ARQUITETA/O	José Eduardo Tibiriça	Rua do Sol/João Pessoa	BANCÁRIO	2	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	SEM INFORMAÇÃO	SEM TOMBAMENTO
	Banco Safra	1983	ARQUITETA/O	José Eduardo Tibiriça	Rua do Sol/João Pessoa	BANCÁRIO	3	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
	Banco Caixa	1983	ARQUITETA/O	MARCÍLIO MENDES	Pç. Dos Martírios	BANCÁRIO	4	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	REFERENCIADO por KRAWCTSCHUK (2011), de Brasília (DF)	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
	Lojas Americanas	1983	ENGENHEIRA/O	MÁRIO DE OLIVEIRA ANTÔNIO	AV. da Paz/Duque de Caxias	COMERCIAL	4	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
	Banco ITAÚ	1984	ENGENHEIRA/O	RUBEM RAMIRES MALTA FILHO	Rua do Sol/João Pessoa	BANCÁRIO	4	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
	Banco Noroeste de São Paulo	1984	ARQUITETA/O	KONIGSBERGER & VANNUCCHI	Rua do Sol/João Pessoa	BANCÁRIO	3	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
	IPASEAL – CLÍNICAS	1985	ARQUITETA/O	BIANOR MONTEIRO	Rua Cincinato Pinto	HOSPITALAR	7	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	EXISTENTE	SEM TOMBAMENTO
	Empresarial Barão de Penedo	1988	ARQUITETA/O	ALEXANDRE O. NUNES E JADICELI GOMES	Rua Barão de Penedo	COMERCIAL/SERVIÇO	15	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DESCARACTERIZADO	SEM TOMBAMENTO
	Riachuelo	1988	ENGENHEIRA/O	SALDOCK ALBUQUERQUE FILHO	Rua do Comércio	COMERCIAL	4	SIM	ARQUIVO PREFEITURA	NÃO REFERENCIADO	DEMOLIDO	SEM TOMBAMENTO